



○ APOCALIPSE  
DE  
J O Ã O ○



TRADUZIDO E COMENTADO POR JEAN-YVES LELOUP

⊙ APOCALIPSE  
DE  
J⊙Ã⊙

TRADUZIDO E COMENTADO POR JEAN-YVES LELOUP

*Tradução de Karin Andrea de Guise*

 EDITORA  
VOZES  
Petrópolis



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

O Apocalipse de João / traduzido e comentado por Jean-Yves Leloup  
; tradução de Karin Andrea de Guise. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

Título original : L'Apocalypse de Jean  
Bibliografia  
ISBN 978-85-326-5624-7 – Edição digital

1. Bíblia NT. João – Crítica e interpretação 2. Revelação  
I. Leloup, Jean-Yves.

14-05945

CDD-228.06

Índices para catálogo sistemático:

1. Apocalipse de João : Interpretação e crítica 228.06

© Éditions Albin Michel, 2011  
Título original francês: *L'Apocalypse de Jean*

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:  
2014, Editora Vozes Ltda.  
Rua Frei Luís, 100  
25689-900 Petrópolis, RJ  
[www.vozes.com.br](http://www.vozes.com.br)  
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

## CONSELHO EDITORIAL

### Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

### Editores

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Marilac Loraine Oleniki

Welder Lancieri Marchini

### Conselheiros

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

### Secretário executivo

João Batista Kreuch

---

*Editoração:* Maria da Conceição B. de Sousa

*Diagramação:* Sheilandre Desenv. Gráfico

*Capa:* WM design

*Ilustração de capa:* O apóstolo João e seu aprendiz Prokoros. Ícone: autoria desconhecida.

ISBN 978-85-326-5624-7 (edição brasileira digital)  
ISBN 978-2-226-22166-7 (edição francesa impressa)

---

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

# SUMÁRIO

## Introdução

- 1 O Apocalipse hoje em dia
- 2 Uma fenomenologia do Espírito
- 3 Yohanan
- 4 Do estilo apocalíptico
- 5 As leituras do Apocalipse
- 6 Questões de vocabulário
- 7 Uma interpretação do Apocalipse
- 8 Um messianismo do Instante

## Tradução

## Abreviações dos livros bíblicos

## Interpretação e variações sobre o Apocalipse

- 1 Primeiras revelações: “Não temeis! Eu sou / Eu serei”
- 2 Carta aos sete Chamados
- 3 O “lugar” onde aparecem as imagens
- 4 As “personagens” do Apocalipse
- 5 O Apocalipse como revelação de um inconsciente?
- 6 Experiência do Real, provação do nada: YHWH – o Abismo
- 7 “Eu sou” e seu obstáculo: Alguém, Satã
- 8 Amor e vontade de poder: o Cordeiro, o Dragão
- 9 A perversão à obra: Os quatro Videntes, os quatro Cavaleiros

- 10 A cólera do Cordeiro ou a justiça imanente: “ai, ai, ai” sete *shofars*, sete taças
- 11 A Mulher, a Criança, a Prostituta
- 12 A Besta
- 13 A comichão das asas
- 14 “Eis que faço todas as coisas novas”
- 15 As pedras da Nova Jerusalém
- 16 As últimas palavras

*Anexo* – Simbolismo de algumas cores e números no Apocalipse de João

*Referências*

# INTRODUÇÃO

# 1

## O Apocalipse hoje em dia

*Apocalypse now.* Quando falamos de apocalipse hoje em dia, evocamos um certo número de acontecimentos ou de ameaças que já aconteceram ou que estão para acontecer “em breve”: ameaças terroristas, econômicas, ecológicas, tempestades solares, erupções de vulcões, inversão magnética dos polos terrestres, guerras, esgotamento dos recursos do planeta, epidemias decorrentes de vírus, terremotos, tsunamis, explosão de estrelas, choque com outros planetas ou asteroides, dilúvios, sem falar da corrupção no nível ético, político, financeiro etc.

Assistimos a uma degradação acelerada dos diferentes planos do Real, o que fará com que alguns digam, não apenas médiuns duvidosos ou profetas autênticos, mas também rigorosos cientistas como Hubert Reeves, Albert Jacquard ou ainda Jean-Marie Pelt, que o “fim” é eminente e está próximo e que nós atravessamos uma “crise” que nosso planeta e nossa humanidade jamais conheceram. O elo entre os acontecimentos atuais e o texto do Apocalipse de João parecerá óbvio para alguns – jogando por vezes de maneira consciente com as palavras (*tchernobil* em russo quer dizer “absinto”, nome da estrela mencionada no capítulo 8,11<sup>1</sup>). Também não deixarão de nos serem propostas datas para este “fim” ou esta “morte anunciada”.

O fim do mundo já foi anunciado diversas vezes ao longo da nossa história. Se “o grande terror do ano mil” é, para muitos historiadores, um mito inventado alguns séculos mais tarde, em revanche, a fome de 1033 suscitou inquietações, sobretudo por ter coincidido com os mil anos da morte do Cristo. Em 1533, o pregador anabatista alemão Melchior Hoffmann anunciou o retorno do Cristo em Estrasburgo para o décimo quinto centenário da sua morte; ele morreu na prisão sem ter visto o reino de Deus sobre a terra. Em 1843, o pregador metodista americano William Miller anunciou o apocalipse para o dia 3 de abril, depois para o dia 7 de julho, em seguida para o dia 21 de março de 1844 e, enfim, para o dia 22 de outubro do mesmo ano. Cinquenta mil pessoas reuniram-se para aguardar a

volta do Messias. Os adeptos deram à sua não vinda o nome de “Grande Decepção”; aqueles que continuaram a acreditar formaram as diversas Igrejas adventistas, ou seja, as igrejas que fazem da volta do Cristo sobre a terra (*Advent*, em alemão) o eixo central da sua fé. Em 1910, a volta eminente do cometa Halley espalhou o pânico pelo mundo inteiro: foi anunciado que o cometa iria tocar a Terra e falaram também da presença de um gás tóxico, o cianogênio, em sua cauda. No dia esperado, o cometa mal era visível no céu... Em 1914, não tendo sido realizada sua profecia anterior (em 1874), as testemunhas de Jeová predisseram a batalha de Armagedon para o ano em curso. Esta, de certa maneira, foi uma profecia que se realizou, pois foi o início da Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, ninguém predissera coisa alguma para 1939, que viveu o início da Segunda Guerra Mundial, o acontecimento mais “apocalíptico” que o mundo conheceu no século XX. Diversas profecias predisseram o fim do mundo para o dia 11 de agosto de 1999: o erro foi atribuído ao eterno culpado, Nostradamus. Da mesma maneira, tudo tinha sido predito para a passagem ao terceiro milênio: panes monstruosas de informática levariam ao caos econômico e até mesmo a uma guerra nuclear devido a falhas dos sistemas de alerta. Tudo se passou sem deixar vestígio... Talvez, o mais sábio seja nos lembrarmos das palavras do Evangelho: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai” (Mt 24,36).

Diante dessas diversas mortes anunciadas pelos religiosos, os cientistas e um determinado número de indivíduos que pretendem ter recebido uma “revelação”, podemos reagir de diferentes maneiras: pelo fascínio ou pelo desprezo, pelo medo, a angústia ou a fobia. O medo pode ser útil: ele nos adverte contra o perigo, contra uma ameaça vinda do exterior e nos convida, se não for à fuga, à prudência ou ao combate. A angústia também pode ser útil, quando esta nos adverte de um perigo, de uma ameaça que vêm do interior: angústia na presença do desconhecido, do inconsciente, onde se originam nossas próprias pulsões, possessivas, agressivas ou destrutivas; desta maneira, ela nos convida a sermos mais conscientes e nos convida igualmente a uma possível transformação ou mutação dos nossos instintos mais sombrios. As fobias de nada servem: ameaças internas projetadas no exterior que se somam às ameaças reais; elas paralisam, inibem a ação e são fonte de doenças psíquicas mais ou menos graves. A paranoia generalizada, “mundializada” e alimentada pelas mídias diante do

aquecimento climático, do terrorismo e diante de alguns vírus, é um sintoma disto.

Esta não é a função de um apocalipse e particularmente do Apocalipse de São João. Seu papel não é o de alimentar nossas fobias, sequer de despertar um medo ou uma angústia que poderia mostrar-se salutar diante da situação em si; é, antes, a revelação de uma saída, o exercício de uma lucidez não desesperada. Alguns dirão que todas essas advertências são preparativos eficientes para um “parto” (tradução igualmente possível da palavra “apocalipse”): antecipar a dor permite que possamos enfrentá-la de uma maneira melhor. Quando aprendemos a relaxar e nos entregamos de coração à experiência devastadora, isso permite que a atravessemos, não “sem dor”, mas, ao menos, de modo menos doloroso.

A revelação daquilo que acontece, daquilo que vem, pode ser vista sob diferentes luzes e é a um olhar nem resignado nem assustado diante dos acontecimentos que o Apocalipse de João nos convida. Ver e predizer apenas catástrofes não é algo que mereça ser chamado de “Apocalipse”, é uma revelação truncada: a afirmação da noite sem a afirmação da aurora. Isso nos fecha em determinismos “daquilo que é” sem nos abrir a outras possibilidades. Há duas revelações no Livro do Apocalipse: a do diabólico e a do simbólico. Revelação do *dia-bolos*, “aquilo que se joga entre (*dia*)”, “aquilo que divide”, despedaça, devasta, destrói, esgota, consome e consome. Revelação daquilo que opõe os homens entre si, os separa do universo e da sua Origem. Junto a esta revelação, há uma revelação do *symbolon*, “aquele que mantém os dois”, “aquilo que é feito (*bla*) com (*sym*)”: a dualidade unida, arquétipo da síntese.

Algumas mídias são testemunhas de uma visão “diabólica” dos acontecimentos, elas enfatizam as guerras, catástrofes, ameaças ecológicas ou outras, o que é apenas uma parte da realidade. Raramente elas dão testemunho de uma visão simbólica dos acontecimentos, da sabedoria que o homem descobre a partir das suas provações, do amor incondicional, desinteressado que pode nascer no próprio momento onde ele tudo perde; é, no entanto, um tesouro que nada nem ninguém pode lhe tirar: a pedra preciosa ou filosofal. Falamos pouco desta nova consciência, que se situa além das atrações e das repulsas da consciência ordinária e que se revela por vezes nas mais trágicas circunstâncias. Além dos testemunhos sensoriais e audiovisuais da realidade; além do pensamento filosófico que

analisa, comenta, amplifica e reflete esses dados objetivos e por vezes os complica, devemos descobrir nosso pensamento “filosofal”, *nous poetikos*, *intellectus agens*, inteligência e imaginação criadora que “vê” a luz e transforma todas as coisas em luz e a partir da luz.

O Apocalipse é uma visão filosfal do Real, ele situa os acontecimentos do mundo na luz de Deus e na luz do Cordeiro, visão ao mesmo tempo de justiça e de misericórdia, como o são todos os olhares do verdadeiro amor. Eu chamarei, portanto, de “Apocalipse” o advento ou o acontecimento da luz na carne derribada da nossa história (pessoal, coletiva, cósmica) ou ainda o advento ou o acontecimento do Sujeito (Eu sou) na carne derribada do nosso ego (pessoal, coletivo, cósmico); eu chamo de “apocalipse” o parto do “novo” (uma consciência toda outra, um todo outro amor) no corpo dolorido do antigo, a carne derribada das nossas memórias. A sempre perturbadora vinda à luz do dia do Outro que somos, Aquele que nosso desejo convoca, Aquele cuja Presença nos dá medo: “o Ser que é o que Ele é” sobre quem nossa imaginação ou nossa angústia fazem um abismo, um abismo que nos dissolve e nos engole ao invés de ser um abismo de bondade que nos salva e nos absolve.

A questão a ser refletida é o que a nossa imaginação faz do nosso abismo ou do nosso nada: o lugar de manifestação da Vida (consciente, amorosa, livre) que se dá? Ou, então, o lugar onde nada é simples, onde tudo é engolido, o lugar de reabsorção de toda vida (consciente, amorosa, livre)? Fazemos do Apocalipse uma revelação da Realidade (e da verdade, que é a nossa adequação ou anuência a este Real manifestado)? Ou fazemos do Apocalipse uma catástrofe, uma destruição definitiva daquilo que tomávamos pela realidade? É uma perda absolutamente absurda de nossas ilusões, já que nenhum sentido, nenhuma vida verdadeira, nenhum sujeito daí emerge. Trata-se sempre de uma revelação; colocar a nu aquilo que estava oculto sob o véu das evidências. No entanto, esta é a revelação do abismo e não do “Ser que é e que faz ser tudo aquilo que é” a partir deste “nada”. A descoberta do nosso nada é uma catástrofe apenas para aquele que resiste a esta descoberta. Para aquele que a aceita e ali reconhece a sua identidade mais profunda (*non sum*), esta é uma ocasião (*kairós*) para encontrar o Outro que contém e fecunda este abismo (*Ego sum*).

Será necessário resolver um enigma através de um outro enigma? Um sonho através de um outro sonho? Um apocalipse através de um outro

apocalipse? Não devemos introduzir nas profundezas da noite as linguagens do dia: apenas o inconsciente compreende o inconsciente, as explicações conscientes e racionais o traem ao invés de o traduzirem. Da mesma maneira como só nos libertamos de um amor através de um amor ainda maior, só descobrimos a interpretação de um sonho através de um sonho ainda mais profundo. Será que antes de falarmos do Apocalipse de João deveríamos falar do Apocalipse de Jó? De fato, esses dois homens vivem o mesmo desmoronamento, um de uma maneira mais pessoal, o outro de uma maneira mais coletiva; tanto um quanto o outro suportam o despedaçamento ou o desaparecimento daquilo que lhes é mais caro, daquilo que os edificava física, psíquica e socialmente e é no coração deste desmoronamento que eles farão a experiência do Real, do Outro inassimilável, da luz que os fundamenta.

Tanto o Apocalipse de Jó quanto o Apocalipse de João são o desmoronamento de Deus como ídolo, como ideia, como “objeto” do intelecto ou da devoção. É o desmoronamento de todos os nomes que podemos lhe dar: o Justo, o Bom (a Felicidade), o Bem, o Ente... Nada pode nomeá-lo, sequer as palavras “Ser” (o Ser do Ente) ou “Essência”. E se amor e misericórdia não passam de nomes, é preciso ainda ir além. Poderíamos dar-lhes outro significado através do silêncio, de quatro consoantes impronunciáveis (YHWH) ou de um ponto de interrogação? Chamá-lo de Inominável não é ainda uma maneira de nomeá-lo? Nem a teologia negativa nem a teologia positiva resistem a um verdadeiro apocalipse que torna o homem incapaz de pensar e, portanto, de nomear aquilo que o ultrapassa por todos os lados. “*Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos. Por isso me abomino e volto ao meu pó e minhas cinzas*” (Jó 42,5-6), ou seja, volto à minha leveza, ao meu não ser, pois apenas minha vacuidade ou meu silêncio podem te compreender.

Assim, João é o “nariz no pó” (desta vez, não é mais o pó do Monte Tabor, mas o pó da Ilha de Patmos) enquanto se elabora nele uma “fenomenologia do Espírito”.

## Uma fenomenologia do Espírito

A fenomenologia está vinculada à ciência grega: ela se dá como tarefa de *sôzein ta phainomena*, “salvar os fenômenos”. O fenômeno: aquilo que se mostra, aquilo que é aparente e que na sua aparição mostra algo que só pode se revelar em si mesmo permanecendo oculto sob sua aparência. A fenomenologia, algo que se mostra nos fenômenos e nas aparências e só pode se mostrar ao ocultar-se, ela consiste em “salvar” o fenômeno, ou seja, curá-lo ou libertá-lo liberando-o ou dando um significado ao oculto, o segredo que se mostra sob este véu, este *velum* cujo apocalipse é, etimologicamente, o “levantar”, ou mais precisamente, o “desvelamento” (*revelatio*). A fenomenologia é o pressentimento do Logos no fenômeno e esta é também a Revelação; dizer o Instante eterno (*Kairós*), ver o Invisível no visível (aquilo que justamente chamamos de “visão”).

É este o próprio sentido de “apocalipse”, revelação daquilo que está oculto nos fenômenos, nas aparências que acreditávamos sólidas e reais, mas que, ao desmoronarem, dão lugar “Àquilo que era, Aquilo que é, Aquilo que virá” (o *Ôn*, o *Èn*, o *Erkomenos*). Este desvelamento (*apocalypsis*) é realmente uma fenomenologia do Espírito, pois é exatamente o Espírito que se revela neste desmoronamento ou o puro Espaço que continha a história sem que a história lhe dê atenção. O Espírito que se revela nos fenômenos ou as aparências que nós tomamos pela realidade é, segundo João de Patmos, um Espírito Santo, um Espírito de amor, o Espírito de Yeshua<sup>2</sup>, o Messias de quem ele é discípulo. Assim como ele, ele dá testemunho do Sujeito, da Fonte sempre retirada, sempre oculta, “que faz ser tudo aquilo que é” (YHWH).

Inútil precisar que a fenomenologia do Espírito segundo João de Patmos não é a mesma de Hegel. Para este último, no final da sua fenomenologia, o Espírito absoluto tomou consciência de si mesmo. Os tempos estão concluídos, a História foi realizada, seu *têlos*, seu termo final, foi alcançado, mas este advento se situa na história horizontal, nos acontecimentos “localizáveis”: a figura de Napoleão e em seguida a

monarquia prussiana. Esta não é a escatologia do Apocalipse de João, que se cumpre em um contexto e uma história completamente diferentes, a de uma *apokatastasis*, ou seja, uma restauração e reintegração finais de todas as coisas em um mundo que tornou-se Espaço-Templo, iluminado pela única luz do invencível e humilde amor (simbolizado no livro pela figura do Cordeiro). Esta história completamente outra não está fora da nossa história, assim como as aparências ou os fenômenos não estão fora do Real que eles manifestam: não se trata de um “mundo dos bastidores”<sup>3</sup>, mas do mundo real que se desvela quando desmoronam suas aparências que ocultam sua aparição. O eterno Instante foi um segredo bem guardado pelo tempo, mas o tempo não é mais, ele nem sempre foi.

O *eschaton* do Livro do Apocalipse é aquilo que dá um sentido a uma história que não possui mais sentido ou que se detém nos acontecimentos que tomamos por términos, por realizações e concretizações. O Espírito absoluto de Hegel é um Espírito finito, sua perfeição está na sua finitude e não na sua abertura. Sua fenomenologia, como aquelas que se seguirão, são revelação de um “ser-para-a-morte”, de um fim da história que é também o fim do homem.

A fenomenologia do Espírito sobre a qual o livro do filósofo e vidente de Patmos nos dão testemunho é a revelação de um Vivente que, dentre outros conhecimentos, conhece a morte, mas não se detém nela; ele não ignora nada de seu aguilhão e de sua ferida, mas ele se mantém de pé em uma luz que contém a história sem fechá-la (sem fechá-la em suas vaidades e seus poderes constantemente ameaçados de ruir), que a mantém aberta àquilo que sempre permanecerá mais vasto, sempre oculto na sua própria evidência: a evidência do pleno dia, o grande dia, “que era, que é e que virá”.

### 3

## Yohanan

Estamos nos anos 90-96. Yohanan está em Patmos... Ele foge...

Ele foge, sem dúvida, da violência de Domiciano<sup>4</sup> que desencadeou uma terrível perseguição contra os cristãos, esses “ateus” que se recusam a cultuar o imperador e chamar de “Senhor” todo ser que não fosse “Aquele que É o Ser que Ele é”. Eles preferem dar este título àquele que encarna suas qualidades: Yeshua, seu enviado, sua testemunha, sua manifestação. Yohanan o conheceu bem, de agora em diante ele não pode mais reconhecer nenhum outro *mashiah*, nenhum outro mestre, nenhum outro rei, nenhum outro mestre e senhor a não ser Ele.

Yohanan está em Patmos, ele foge. Ele não foge da violência presente de um imperador louco que se toma por Deus, por um imaginário todopoderoso que quer que tudo se submeta a ele, não apenas os corpos, mas também as almas, os pensamentos e este impulso do coração, esta fina ponta do desejo que tem sede apenas do infinito Real, sede da verdade inocente e pura. Yohanan foge de uma violência particular em uma história particular, mas foge também de todas as violências, de todos as bestialidades que estão por vir. Os ditadores, os totalitarismos receberão outros nomes ao longo da História, mas esta será sempre a mesma história: a de Yohanan em exílio numa ilha, sozinho com o seu medo, com o temor de ser visto, de ser reconhecido pelo “outro homem” que é, de agora em diante, o inimigo.

Ele foge com o medo lhe corroendo as entranhas, mas também com a certeza de que não é a morte, a violência, a bestialidade que terão a última palavra. O amor deve ser mais forte do que a morte, a justiça e a misericórdia devem sair vencedores. Ele tem certeza disto desde que ele soube que Yeshua está vivo, inacessível aos golpes, às calúnias dos seus carrascos... O que ele tem dificuldade em compreender é a sua ternura para com aqueles que o perseguem. O Cordeiro que fora conduzido ao abatedouro não se deixou abater; ele o viu ir até o fim, até suas derradeiras águas, até ter seu sangue esvaído, ele o viu capaz de dom e de perdão:

“Minha vida, ninguém a tira, sou Eu quem a dou.”, “Pai, perdoai-os, eles não sabem o que fazem” – palavras não de escravo, mas de Senhor.

Yohanan viu tudo isto e nele persiste de agora em diante uma horrível mistura de confiança e medo, de fé e interrogação diante da violência dos homens, suas pretensões, suas concupiscências insaciáveis e as misérias daí decorrentes. É tudo isto que Yohanan vem viver em Patmos. Mil e um terrores o corroem, mas também uma exigência, uma exigência absoluta: que justiça seja feita! Não é possível que o horror leve a melhor, a inocência deve vencer; para ele, ela toma a imagem do “Cordeiro degolado, mas de pé” que vem assombrar seus sonhos, sobretudo seus pesadelos, pois o Cordeiro nele está com raiva. Se ele aceita ser imolado, isto não será feito sem um grito: grito das crianças exiladas, não apenas de sua mãe, mas da própria fonte da sua vida.

Yohanan sonhará bastante em Patmos. Enquanto durar seu exílio, ele sonhará até mesmo em pleno dia e seus olhos serão incessantemente habitados por visões, como para curar-se dos crimes que eles viram e que ele levou consigo, fazendo com que as belezas da colina ou dos semblantes que ele encontrará lhe parecerem ser arrancados para sempre. Ele vive dentro de um sonho obscuro, assombrado por dragões, cavaleiros, rios de fogo, astros que caem, comerciantes e prostitutas que reinam, mas também habitado por belos anciãos, cantos de harpa, testemunhas claras e vestidas de branco.

As imagens se amontoam, em seguida, pouco a pouco vão se estruturando, o sonho torna-se visão, aquilo que ele vê torna-se palavra. Ele pode colocar em palavras o que lhe acontece, o que acontece a todo homem no momento do seu pior sofrimento e de seu mais íntimo exílio, o que acontece incessantemente ao mundo quando não há nele mais sentido e onde as imagens sucedem as palavras para mostrar uma saída. Uma fé absurda nos arrebatava e leva consigo as razões que em vão nós nos damos para não soçobrarmos.

*“Para chegarmos a ter necessidade de salvação e de fé salvadoras, para não mais encontrarmos alegria na sabedoria e na harmonia dos nossos pensamentos e tomar para nós o grande risco da fé no milagre da salvação, é preciso, primeiro, que as coisas vão mal, muito mal. É preciso ter*

*conhecido o sofrimento e a desilusão, é preciso ter vivido o amargor e o desespero, é preciso ter estado na água até o pescoço”<sup>5</sup>.*

Yohanan está “com a água no pescoço”, a própria ilha onde ele se encontra também está cercada por água e países insólitos. Nesta solidão que os exilados conhecem bem até demais, ele não consegue mais dormir, ele não conseguirá mais dormir até ver uma vitória, uma saída possível para tanto infortúnio...

E Yohanan escreve, ele escreve um pequeno livro “amargo às entranhas”. É a história do combate entre a injustiça e os justos, entre a inocência e o mal. É a história incompreensível de todos os homens, seu apocalipse, sua condenação à morte, desfecho que é desfecho. Vinte séculos mais tarde, o Apocalipse de Yohanan ainda nos fala e nos diz que, apesar dos ditadores continuarem presentes, a força, a paciência e a fé no triunfo do humilde amor também continuam presentes.

## Do estilo apocalíptico

“Apocalipse” não quer dizer “catástrofe”, mas “revelação”, “colocar a nu”, “desvelamento”. Assim como em “apócrifo”, o prefixo *apo* indica que se trata de mostrar aquilo que está “sob”, “abaixo”. “Apócrifo”: sob as escrituras; “apocalipse” sob o véu. O véu de quem, do quê? Dos acontecimentos, dos sonhos, dos encontros, da história pessoal e coletiva. Nosso futuro é um véu que bastaria erguer ou esclarecer para que o corpo do Real seja manifestado sob e no coração das aparências, mas, sem dúvida, nós só compreendemos os despedaçamentos, os ventos violentos que arrancam os véus das nossas canduras ou das nossas mais espessas hipocrisias. O homem gosta de se esconder e tem prazer em esconder, ele gosta de ocultar as evidências mais simples.

Curiosamente, o Livro do Apocalipse de Yohanan tem tanto prazer em esconder quanto em desvelar o sentido óbvio. Ele o cerca de cifras, de números, de símbolos e de mistérios, a menos que esses mistérios sejam a própria linguagem do inconsciente, aquele que está *apo*, fora, sob o consciente, as imagens escondidas por trás das palavras, imagens dos sonhos e dos mitos que, além de um inconsciente pessoal, desvelam o inconsciente coletivo. O que está claro é que o Apocalipse é um estilo, o estilo apocalíptico que as literaturas judaicas conhecem bem. Ele é tradicional na Bíblia, particularmente entre os profetas: podemos citar os capítulos 24, 34 e 35 de Isaías, redigidos na época de Alexandre; os capítulos 9 e 14 de Zacarias e o Livro de Malaquias. O gênero apocalíptico propriamente dito é, contudo, mais tardio; ele pode ser datado da época da revolta dos Macabeus contra a helenização religiosa que o rei da Síria, Antíoco Epifânio (167 a.C.) queria impor ao povo judeu. No momento em que toda esperança humana parecia perdida, um autor anônimo redigiu o Livro de Daniel. O contexto histórico era favorável a este tipo de literatura. Situando-se através do pensamento no quadro de maior perigo que o povo judeu já conhecera, o do cativo na Babilônia, o “vidente” reconfortava os crentes mostrando-lhes a certeza da vitória divina no final dos tempos que estava próximo. Este Apocalipse de Daniel foi o único a ser admitido no

cânone dos Livros santos judeus, mas ele não foi o único. As circunstâncias trágicas do momento fizeram com que outras obras nascessem; a mais famosa dentre elas é o Livro de Enoque, verdadeira coletânea de textos apocalípticos muito variados atribuídos ao grande patriarca.

O Apocalipse de João é um livro de citações bíblicas que recapitula toda a biblioteca hebraica, do Pentateuco aos evangelhos. O estilo de Yohanan, tanto neste texto quanto em seu Evangelho, não é o de um filósofo grego “racionalista”, se pudermos dizer que os filósofos gregos tenham sido racionalistas (basta ver as alegorias de Platão, a encenação da origem e do fim em *A república*). A escritura de Yohanan é a de um “vidente”, *nabi* em hebraico, *prophêtes* em grego. Ele descreve aquilo que ele vê e o que ele vê aparece na simultaneidade de um presente intemporal onde o passado e o futuro parecem entrar em colisão; os acontecimentos antigos, assim como aqueles que estão por vir, aparecem no mesmo momento, no Instante da sua visão. Assim, eu traduzi todo este texto no presente; ao invés de dizer “eu vi”, seguido de um imperfeito, eu traduzi por “eu vejo”, seguido da visão no presente, o que lhe dá um caráter realista que será reconhecido por aqueles que frequentam o inconsciente.

Alguns chegarão a dizer que a linguagem do Apocalipse é a linguagem dos psicóticos e que algumas pessoas, sob a influência de drogas iniciáticas, como os xamãs, ou de drogas selvagens, como muitos jovens que também estão em busca de visões, percebem o mesmo tipo de imagens acompanhadas por suas respectivas emoções. Será necessário dizer que Yohanan, no Apocalipse, está vivendo um momento psicótico que lhe abre as portas da percepção, conduzindo-o às visões delirantes que por vezes ouvimos em nossos hospitais psiquiátricos? Não, a coerência do texto, as incontáveis referências às Escrituras bíblicas, o pertencimento a um gênero literário preciso que o autor domina perfeitamente, nos proíbem de fazê-lo. Todavia, não está proibido pensarmos que este texto nos fala “a partir” do inconsciente religioso do autor. Aquilo que está “sob” sua espiritualidade consciente não são apenas fantasias, mas um mergulho pessoal em um inconsciente coletivo infinitamente mais rico e fecundo do que ele próprio.

Portanto, não causa surpresa se as grandes imagens ou arquétipos que estruturam este inconsciente e que se imprimem no livro de suas visões são mais “compreensíveis” hoje em dia àqueles cujos mecanismos de defesa racionais estão abalados pelas insuportáveis dores do mundo e do exílio ou

ainda pela diferença recusada. Não apenas aqueles que confinamos como sendo “loucos”, mas todos aqueles cuja sabedoria não poupa a loucura, a racionalidade não poupa o inconsciente, o inconsciente pessoal não poupa o coletivo, o inconsciente coletivo não poupa o transcendente...

## 5

### As leituras do Apocalipse

Tanto hoje como ontem, inúmeras são as leituras possíveis do Apocalipse; ainda falta contar a história dessas diferentes leituras. Junto aos comentários históricos e teológicos, alguns pretenderão descobrir, com a ajuda de cálculos eruditos e por vezes ajudados por computadores, as grandes etapas da História humana até o fim do mundo, mas à medida que a História avança, é necessário refazer os cálculos. A partir dos números do Apocalipse, para nos ater apenas às referências contemporâneas, as testemunhas de Jeová, já citadas, anunciavam o fim deste mundo ruim para 1914; os adventistas, primeiro para 1843, em seguida para o dia 22 de outubro de 1844. Antes deles, os jansenistas haviam predito a destruição de Paris – “Um fogo vai descer sobre a grande cidade” –, o retorno de Elias, a conversão dos judeus, a volta destes à sua terra, a vinda do Anticristo sob a aparência de um papa que ressuscitaria... Enfim, a consumação do Apocalipse segue a história das nossas angústias e dos nossos medos, sem, no entanto, nos ajudar a achar uma saída ou a lhe dar algum sentido. Por vezes, essas interpretações só acrescentam angústia e medo às nossas angústias e medos e cultivam o mercado da angústia para atrair adeptos a uma Igreja ou a uma “Arca” mais ou menos sectária de puros, eleitos, ou sobreviventes.

A história da ilustração do Apocalipse, tanto quanto a história da sua interpretação, também seria interessante a ser contada. Muitos artistas extraíram deste livro, como se este fosse uma fonte, as imagens capazes de vivificar sua inspiração. O Cristo em majestade, cercado pela corte celeste e vinte e quatro Anciãos, aparece sobre o arco do triunfo de Santa Maria Maggiore em Roma (430) e mais tarde na Basílica de São Paulo Extramuros (século V). O Cordeiro sentado sobre seu trono tendo o livro dos sete selos aos seus pés, cercado pelos “quatro Viventes”, também figura sobre o arco triunfal de São Cosme e São Damião (século VI).

Para executar os mosaicos, os artistas utilizaram apenas alguns temas do Apocalipse. Com o florescimento da arte da iluminura que vai reinar

durante toda a Idade Média, é o conjunto da obra que se abre à inspiração dos miniaturistas. Como ponto de partida, encontramos a Espanha, que muito cedo confere ao Apocalipse um lugar proeminente, especialmente na liturgia moçárabe (ou seja, cristãos que viviam na Andaluzia muçulmana). Todo um grupo de manuscritos reproduz o comentário do Apocalipse redigido por um monge espanhol, chamado Beatus de Liebana (776); suas iluminuras surgem como ponto de partida de uma tradição artística que conduz às esculturas de Moissac. Na França conhecemos *O Apocalipse de São Severo* (*L'Apocalypse de Saint-Sever* – Biblioteca Nacional Francesa), realizado no século XI na abadia beneditina de mesmo nome. No Oriente, especialmente na Capadócia, e no Ocidente, particularmente em São Severo, diversos afrescos pintados nas igrejas ilustram os diferentes temas apocalípticos. As esculturas romanas que ornaram os tímpanos das catedrais ou das abacias são as mais conhecidas, mas não devemos nos esquecer dos vitrais góticos (por exemplo, a rosácea da Santa Capela [Sainte Chapelle] em Paris, século XV) e das tapeçarias. As famosas peças de tapeçaria do *Apocalipse de Angers* (*l'Apocalypse d'Angers*) marcaram sua época. Elas foram encomendadas pelo Duque Luís I de Anjou, irmão do rei de França Carlos V, a Jean de Bondol, também chamado de Hennequin de Bruges, pintor da corte. Será que os dois pintores e irmãos flamengos Hubert e Jan Van Eyck, no seu retábulo da *Adoração do Cordeiro místico* (1420-1431) tiraram sua inspiração destas tapeçarias? É claro, seria necessário acrescentarmos os afrescos italianos de Fra Angelico, Benozzo Gozzoli, Luca Signorelli, Michelangelo... e sobretudo a gravura alemã. O *Apocalipse* de Dürer (1498) teve uma imensa influência: Lucas Cranach inspirou-se nele para criar *A Bíblia de Wittenberg* (1522) e não há nada – até mesmo os afrescos do Monte Athos realizados ao longo do século XVI – que não pareça ter sido inspirado por Dürer ou seus imitadores.

Seria igualmente interessante observarmos a influência do Apocalipse na literatura mundial: *A Divina Comédia* de Dante, *O Paraíso Perdido* de Milton... Indiquemos apenas dois escritores franceses, Agrippa d'Aubigné e Victor Hugo, cujas interpretações dão testemunho não apenas do texto atribuído a Yohanan, mas também da sua época. Pouco após o massacre da noite de São Bartolomeu, Agrippa d'Aubigné encontrou no Livro do Apocalipse matizes e uma convicção grandiosa para ilustrar sua concepção maniqueísta: para os católicos, os castigos prometidos pelo apóstolo; aos verdadeiros crentes (para ele, os protestantes), a esperança do “face a face”

com Deus. Desta maneira, ele escreveu em *Les tragiques* (Os trágicos) (livro VII):

*“Será realizado: Deus vem reinar: tendo chegado a este ponto, veremos todas as profecias serem cumpridas...”*

*Já o ar ressoa e soam as trombetas, tudo aquilo que fora mortal, perde-se e cai por terra. Os rios secaram, o grande mar se desnuda, foi necessário que a terra mudasse de vestimentas... Surge Deus: a nuvem entre ele e nossos olhos colocou-se de lado; ele está armado de fogos; o novo céu ressoa com o som dos seus louvores; o ar é só raios, tão semeado de anjos ele está...”*<sup>6</sup>

Influenciado por Alfred de Vigny et Byron, Victor Hugo era cada vez mais sensível ao poema do exilado de Patmos. Em *Les choses de la Bible* (As coisas da Bíblia) (1843-1851), ele traduziu o Apocalipse. Alguns terão dificuldade para ali reconhecer o estilo de Yohanan, mas ninguém terá dúvidas de que o Apocalipse é um “escrito inspirado” de Victor Hugo:

*“E eu vi uma porta aberta no céu, ouvi que diziam: Entrai – eu entrei – o espaço fremia e flamejava como um grande fogo que passa.*

*E eu vi, ó terror, assim como eu vos vejo agora, um trono cercado de velhos centenários de onde saíam trovões, relâmpagos e vozes. Quatro animais cheios de olhos, cada um com seis asas, diziam aos pés do trono cercado por fagulhas: Santo, santo, santo é o Senhor! Aquele que deve vir. Cada vez que eles pronunciavam estas palavras, o mundo tremia como se, em sua sombra profunda, por alguém invisível, ele se sentisse abençoar”*<sup>7</sup>.

Diversos são os poemas nos quais aparece a figura de Yohanan, particularmente em *Les Contemplations* (As contemplações) onde Hugo identifica-se a ele:

*“Escutai, eu sou João. Eu vi coisas sombrias. Eu vi a sombra infinita onde se perdem os números, eu vi as visões feitas pelos reprovados, aquilo que o abismo sem fundo engoliu: eu vi o céu, o éter, o caos e o espaço.*

*Viventes! Já que dali eu venho, eu sei o que ali se passa... Vendo vossas paixões, vossas fúrias, vossos amores, eu disse a Deus: Senhor, julgai onde nós estamos, considerai a terra e observai os homens, eles quebram os laços que deveriam uni-los. E Deus me respondeu: ‘Certo, eu virei’*”<sup>8</sup>.

Victor Hugo situa o autor do Apocalipse em uma lista de gênios, entre Homero e Ésquilo; para ele, os grandes poetas e artistas são visionários do mesmo calibre de Yohanan. Assim como ele, eles têm revelações de ordem supranatural; a revelação, por não ser fechada, permite com que outros poetas, como o próprio Victor Hugo, possam: “forçando a sombra onde apenas Deus é permitido, ver de perto em seu antro as enormidades da noite”<sup>9</sup>.

Sem ignorar essas “enormidades da noite” longamente exploradas por um certo número de autores contemporâneos, nós tentaremos, primeiro, ler o texto de mais perto, em uma prática de filologia que não irá se deter em cada letra, mas a respeitará para que, com confiança, ela nos transmita seu Espírito.

## 6

### Questões de vocabulário

Assim como em nossa tradução do Evangelho de João, nós podemos observar que no Apocalipse, “coexistem o grego e o hebraico, ou seja, o espaço da letra está aberto para a poesia e para o diálogo, espaço para um pensamento do Ser sem o esquecimento do Outro”<sup>10</sup>.

Consciente dessas “águas misturadas”, nossa tradução não deveria, contudo, tornar-se uma mistura de hebraico, grego, aramaico, adaptados para o francês. Assim, nós voluntariamente evitamos todo tipo de hebraísmo para que o texto permanecesse legível, sem, no entanto, perder seu sabor e seu sotaque de origem. Os nomes das pessoas e dos lugares não traduzidos têm a intenção de nos lembrar o contexto histórico, o ambiente e o sentido da língua falada por Yeshua e os primeiros cristãos.

Salvo descoberta de novos manuscritos, por hora só podemos ler o Apocalipse em grego; devemos, portanto, explorar o vocabulário grego. Sabendo que traduzir já é interpretar, o estudo da primeira linha do Apocalipse segundo Yohanan poderia constituir um primeiro e indispensável comentário.

*Apocalypsis*: a primeira palavra do Livro de Yohanan é geralmente traduzida por “apocalipse” ou “revelação” (em inglês ele é chamado de *The Book of Revelation*). A palavra “revelação” é um mero decalque do latim *revelatio*, que liga-se ao verbo *revelo*, *revelare*, que significa “tirar o véu (*velum*), descobrir”. A palavra latina *revelatio* traduz o grego *apocalypsis* que significa “ação de descobrir” e liga-se ao verbo *apokalyptô*, “descobrir, desvelar”. Em grego, a palavra *kalima* serve para cobrir, envolver, esconder: *apokalypto* designa o contrário. O verbo grego *apokalypto*, na versão grega da biblioteca hebraica<sup>11</sup>, traduz o verbo hebraico *galah* que significa também “descobrir, desvelar”. “Porque o Senhor YHWH nada faz sem revelar (*galah*) seu segredo (*sôdo*) aos profetas, seus servos” (Am 3,7).

Um apocalipse é a comunicação, feita por YHWH, “Aquele que É o Ser que Ele É”, aos humanos, de um Sopro (*Pneuma*) e de um conhecimento (*gnôsis*) por intermédio de um outro ser humano, o *nabi* em hebraico, que

os tradutores judeus alexandrinos da Bíblia hebraica traduziram em grego por *prophêtês*, em latim por *propheta*, em francês por *prophète* e em português por “profeta”. O profeta, na língua grega clássica, é o intérprete de um deus, aquele que transmite ou explica a sua vontade. Na tradição hebraica, é o homem através do qual Deus comunica sua mensagem, a informação pela qual ele continua a criar, transformar e orientar o mundo rumo ao seu fim.

Assim, um apocalipse é uma revelação, um desvelamento, é colocar a nu aquilo que está escondido “sob” o véu.

## Uma interpretação do Apocalipse

As informações comunicadas na biblioteca das Escrituras hebraicas precisam de uma interpretação; judeus e cristãos não são “povos do Livro”, mas “povos da interpretação”. Mais do que qualquer outro, o texto do Apocalipse está entregue à nossa interpretação, ou seja, à nossa liberdade. Se o homem é convidado a ser livre, é porque ele está convidado a interpretar. O Real não se revela jamais na sua nudez, mas através dos véus metafóricos ou conceituais daqueles que o interpretam. Não importa se esta interpretação é científica, poética, profética ou teológica, ela dá testemunho de um Sujeito que através de diversos instrumentos e competências, esforça-se para dar sentido àquilo que acontece ou àquilo que é. O artista, em particular, dá testemunho da subjetividade da interpretação. As notas de uma peça de Bach são as mesmas quando tocadas por um iniciante ou por um virtuose, mas o que acontece com o som e o sentido que o compositor quis transmitir? O azul ultramar é um azul único, mas ele vibra de maneira diferente em uma tela de Van Gogh e em uma de Klein.

Na tradição judaica, a arte da interpretação chama-se *midrash* ou *derash* (busca interpretativa). O *midrash*, do radical *d-r-sh*, “investigar”, tem como objeto, antes de tudo, responder às questões práticas colocadas pela vida quotidiana. Ele desemboca, portanto, nas regras precisas da conduta econômica, social, familiar, política, jurídica e moral. Nós o chamamos então de *midrash halakha*, do radical *h-l-kh* que significa “caminhar”, “conduzir-se”.

Junto ao *midrash halakha*, reflexão que procura definir praticamente uma conduta a partir de uma informação ou revelação recebida, há o *midrashaggada*, do radical *n-g-d* que significa “contar, fazer um relato”: nós contamos histórias para sonharmos, para fazermos viver; através das emoções, aquilo que é narrado, é despertado, o sentido traça um caminho.

Existe uma terceira forma de *midrash*: ao invés de tomar as palavras de um texto adaptando-as à cada situação concreta, os intérpretes ou hermeneutas dedicam-se a buscar nos acontecimentos contemporâneos a

própria realização, o cumprimento da promessa. Os rabinos chamam, então, este momento da história de “os tempos do fim”, o “fim dos dias”, o “dia do julgamento”, os “tempos messiânicos”. Esta maneira de interpretar chama-se *midrash peshet*, que encontramos não apenas nos textos descobertos em Qumran, mas também nos evangelhos de Mateus, de Marcos, de Lucas e também em João no seu Apocalipse. Ele consiste em aplicar os textos tidos como sagrados ao mundo atual para ali ver as predições bíblicas realizarem-se sob os olhos de todos. Este tipo de *midrash* também aparecerá frequentemente entre os diversos leitores do Apocalipse que ali lerão a descrição dos males da época: “Vejam, isto está escrito”, “Eis a realização daquilo que foi anunciado”. Da mesma maneira que os discípulos na época de Jesus podiam dizer: “Eis Aquele anunciado pelos profetas, o servidor Jesus, filho de Davi, é o Messias, os tempos se realizaram”.

Nossa leitura do Apocalipse não será nem *midrash halakha* nem *midrashaggada*: o Apocalipse não será para nós uma história que podemos contar à noite, após o jantar, nem uma descrição aterrorizante daquilo que vai acontecer se não formos vigilantes. Também não será um *midrash peshet*, onde os acontecimentos contemporâneos seriam colocados em ressonância com o texto; por exemplo, nós não buscaremos, através de cálculos eruditos, fazer coincidir o número 666 com o nome deste ou daquele tirano contemporâneo, assim como não iremos relacioná-lo com o nome de Nero ou César, como já foi feito. Nós leremos o Livro do Apocalipse como um livro do desvelamento, da revelação do homem e do seu mistério em todas suas dimensões, bestiais e celestes, sombrias e luminosas. Trata-se de ler o Apocalipse como um sonho significativo, no qual todas as personagens do texto fazem parte do próprio sonhador.

O Apocalipse é o eco das visões, sonhos e pesadelos, enlaces e combates que o homem deve viver para deixar nascer seu ser espiritual e criar um mundo novo. O livro dos desvelamentos é, desta maneira, um livro de iniciação. Percorrê-lo é explorar a altura, a largura, a profundidade, a espessura do Sujeito que se desvela. A coerência do encadeamento de cada um desses desvelamentos permite traduzir o Apocalipse em uma cenografia onde cada cor atravessada será como um eco dos diferentes climas que a alma em busca (*midrash*) descobre na sua apreensão cada vez mais completa do Real.

A maior parte das leituras ou interpretações do Livro do Apocalipse são “horizontais”, ou seja, elas fazem da escatologia um relato do final dos tempos como fim da história. E cada período de crise acredita ter chegado ao final: perturbações ecológicas, cataclismos, fomes, todo tipo de decadência, enfermidades etc., são os sintomas evidentes e repertoriados com precisão...

Uma leitura e uma interpretação “verticais” do Apocalipse são igualmente possíveis. Não é mais, portanto, a história do fim de um mundo, mas a revelação e a revolução vividas de um final dos tempos: o fim de uma época, assim como a morte para cada ser humano – não é isto, afinal, “o final dos tempos”? E o que é o final dos tempos se não o fim do “mental” que mede e interpreta “aquilo que é”, faz dele “todo um mundo”: um espaço-tempo? O fim deste tipo de interpretação e funcionamento não é o fim do Real, não é o fim da vida, mas o desvelamento daquilo que permanecia e continua permanecendo sob a densidade das nossas atrações e repulsas, dos nossos desejos e dos nossos medos, das nossas emoções e dos nossos conceitos... Aquilo que nos é revelado através do “despedaçamento” (*apocalypsis*) dos acontecimentos ou através da sua “transparência” (*parousia*), é o Real desvelado, a presença do “Ser que é o que Ele é” (YHWH).

O tempo, caso ele se prolongue indefinidamente, não é a eternidade, é aquilo que chamamos de “inferno” ou ainda *samsara*. O tempo, caso ele se aprofunde ou se abra ao não tempo, ele descobrirá a eternidade. O despedaçamento e a transparência são o Instante desta abertura, desta passagem, desta Páscoa: passagem de uma totalidade temporal horizontal a uma transcendência ao tempo que seria eternidade vertical. Ao escoamento fatal e fractal do tempo, o livro do visionário de Patmos opõe a revelação vertical do Instante. “Próximo é o Instante”, afirma ele. Nesta fenda do tempo, “o Ser que é o que Ele é”, “Eu sou”, está ali...

“O paradoxo do tempo torna difícil a interpretação do Apocalipse”, já dizia Nicolas Berdiaev, pois “o fim da História não é um acontecimento histórico... O fim do mundo é o fim do tempo”. O tempo é exterior àquilo que somos em profundidade, é uma espécie de desígnio às formas variáveis sobre um fundo de eternidade: este fundo é silêncio e luz... “Eu sou eternidade quando paro de me identificar ao tempo”<sup>12</sup>. A morte é o desaparecimento do não Self, do não Ser, o fim do “não”, o esvaecimento

dos dragões e dos fantasmas, o fim das ilusões. É a Boa-nova, sempre difícil de ser escutada, do Livro do Apocalipse. As situações mais catastróficas da nossa existência e da existência do mundo em geral são talvez boas ocasiões (*kairós*) para nos abirmos ao Real: de fato, nas situações de emergência, não há mais tempo para arrependimentos ou para projetos, nós somos confrontados à realidade do Instante e neste Instante revela-se o segredo.

Apenas aquilo que é mortal pode morrer: o tempo, ou seja, o mental que objetiva e mede esta realidade. Permanece o essencial: “o Vivente, o vivaz, o belo hoje”. Serão as catástrofes necessárias para nos despertarmos a isto? Podemos preferir a transparência ao despedaçamento do tempo: a prática do Apocalipse será então uma prática de vigilância ou de meditação, um esgotamento da densidade, a experiência de uma “insustentável leveza do Ser” – aquilo que o cristianismo antigo chamava de *parousia*, sinônimo de *apocalypsis*. *Parousia*: advento da pura Presença. Existem apenas dois tempos: o presente e o ausente. Morrem apenas os ausentes, os presentes vivem para sempre.

É claro, essa não passa de uma leitura dentre outras. O itinerário proposto não é o único caminho, ele tem apenas o mérito de estar orientado e não nos deixar extraviar devido a glosas demasiado eruditas nos meandros do texto. Ele busca uma síntese não exaustiva dos elementos que o homem deve integrar para tornar-se totalmente ele mesmo. Cada uma das personagens e dos acontecimentos é uma figura simbólica daquilo que pode se desvelar no instante de uma consciência viva e experimentada.

Primeira constatação notável: no texto de João, nenhuma realidade aparece sem o seu contrário e é neste combate, em seguida nesta coincidência de opostos, que o Apocalipse tira seu dinamismo e talvez também o seu segredo.

Desvelamento de quem? Do quê? Quem está oculto? Oculto onde? Aquilo que está escondido e oculto no mundo, no ser humano, no Real, tal qual nós podemos apreendê-lo, é *Iesous Christos*, em grego, *Yeshua* ou *Mashiah*, em hebraico, Jesus o Messias ou o Cristo em português. Assim, o Apocalipse é a revelação de “alguém”: “No meio de vós está alguém que vós não conheceis”, já dizia Yohanan o batista, o amigo do esposo, a testemunha do Cordeiro (Jo 1,26).

“Alguém” é um tema que voltará com frequência no livro: o Apocalipse é o desvelamento de um Sujeito, de uma hipóstase ou pessoa presente no coração do mundo e dos acontecimentos, presente particularmente no coração do sofrimento, do absurdo, da solidão e da morte, todos esses cavaleiros loucos e doentes que nos minam e nos exterminam. O Livro do Apocalipse é o livro que nos revela o advento do Sujeito no coração dos acontecimentos e das dificuldades da nossa história, um Sujeito livre no próprio coração dos nossos determinismos e das memórias que nos constituem. O Sujeito em nós que pode verdadeiramente dizer “Eu sou”, um “Eu sou” que não é mais objeto das circunstâncias, dos acontecimentos, felizes ou dramáticos, do nosso existir, mas Sujeito das circunstâncias, dos acontecimentos, felizes ou dramáticos, do nosso existir.

O Apocalipse é, desta maneira, exatamente o oposto de uma catástrofe, é a revelação do Sujeito que emerge destas catástrofes pessoais ou coletivas, que se projeta sobre elas e sobrevive a elas. Aqueles que fazem deste termo um sinônimo dos infortúnios ou dos horrores que se abatem sobre o mundo, simplesmente não leram sequer a primeira linha deste texto. Isso não quer dizer que os infortúnios e os horrores não existam, mas que o Apocalipse é o desvelamento de um Sujeito capaz de suportá-los e superá-los. Este Sujeito terá a figura simbólica do Cordeiro degolado e de pé desde a fundação do mundo e o semblante histórico de Yeshua, o Cristo, o *Mashiah*.

O verbo grego *chriô* significa “untar, besuntar com óleo, perfume ou unguento”. O *Christos* é, portanto, “aquele que recebeu a unção”. O verbo grego *chriô* é a tradução do verbo hebraico *mashah*, aquele que recebeu a unção chama-se o *Mashiah*. O *Mashiah* de YHWH é o enviado “Daquele que é o Ser que Ele é”, sua testemunha; o “Eu sou” humano que encarna e manifesta o “Eu sou” incriado, a encarnação do Sujeito “que é o que Ele é” no espaço-tempo; o “Eu”, eco do “Eu” que hipostasia, ou seja, que contém e personaliza o Ser, o Outro completamente outro, que é irreduzível ao “mesmo”; o Sujeito que não se reduz aos constituintes da sua natureza.

Seja em termos simbólicos, históricos, psicológicos ou filosóficos, trata-se de reconhecermos esta realidade que tanto no homem quanto na História, recebeu uma inspiração, um sopro, uma unção que lhe chega de um lugar além, mais longínquo, mais profundo ou mais elevado que suas memórias. Esta unção ou este “dom do Espírito (*Pneuma*)”, se utilizarmos a linguagem teológica habitual, é o que torna o homem *capax Dei*, ou seja, capaz de se

fazer “responsável por tudo e por todos” e de carregar em si mesmo a dor dos mundos, não para nela se comprazer, mas para transformá-la e conduzi-la ao lugar onde são “secadas todas as lágrimas dos nossos olhos” e ao desvelamento, em nosso tempo, que é o tempo da paciência, do Sujeito como Ser para o outro, Amor vulnerável e invencível.

A presença na nossa História de Yeshua de Nazaré, também chamado o *Mashiah* ou *Iesous Christos*, Jesus o Cristo, é o Apocalipse, o desvelamento daquilo que pode acontecer agora: a presença, no ser impermanente, do Ser “Daquele que é o que Ele é”, em hebraico YHWH, em grego o *Theos*, em francês, *Dieu*, em latim e em português, Deus. O desvelamento desta presença chama-se “parusia”<sup>13</sup>.

A parusia é o advento do Sujeito, plenitude da sua Presença, que no meio do mundo dos objetos que o irritam ou o agridem, pode ser vivida como derrota da objetividade do mundo, pois “tudo aquilo que é composto deve se decompor”. Entretanto, o Apocalipse não é apenas a história desta derrota, mesmo se alguns permanecem fixados neste ponto: é, antes, o relato simbólico de uma vitória, a vitória do Sujeito inocente e responsável, que faz de nós seres à imagem e à semelhança “Daquele que é o Ser que Ele é”, “o Ser assim”. O acesso ao Assim não será pura passividade, mas extrema resistência que tomará diferentes nomes: o Amém, o Cordeiro, a Testemunha fiel, segundo as provas que teremos a atravessar.

Yohanan, o vidente, *nabi*, profeta, atesta que aquilo que ele viu é “a Verdade”, *aletheia*, ou seja, a saída das nossas *lethé*, das nossas letargias (a própria densidão do véu), o Despertar ou a estrela de uma manhã calma, mais inteligente que nossas guerras (*polemos*) e mais suave do que nossos sonos.

## 8

### Um messianismo do Instante

Por vezes nos esquecemos, e é a etimologia quem nos lembra: o cristianismo é um messianismo (lembramos que *Christos* em grego é a tradução de *Mashiah*, “Messias” em hebraico).

O sentido habitual de “messianismo” revela uma escatologia: voltado para “aquele que deve vir” em um futuro sempre mais ou menos longínquo. É, então, considerado como messias aquele que deve realizar de maneira providencial a expectativa e a esperança de todo um povo. Em uma determinada época, pudemos até mesmo dizer que o marxismo era um messianismo: o advento aguardado de uma sociedade sem classes... Os messianismos são diversos, como são diversas as aspirações humanas a uma era de paz em um mundo incessantemente em conflito, aspirações a “amanhãs que cantam” em um hoje que grita e se lamenta. A este respeito, seria interessante analisarmos as relações mantidas por messianismos e utopias e as decepções que, por vezes, são a consequência das políticas e das ideologias que escondem sua pobreza por trás da riqueza das suas profecias e das suas promessas. É melhor esperar o inesperado ao improvável, àquilo que vem “desconstruir”, como diz Jacques Derrida, nossas certezas, nossas instituições e todas as nossas construções muito bem-estabelecidas nas evidências do absurdo e da desgraça. “Aquele que vem” deve “fazer todas as coisas de maneira nova”, o antigo mundo deve partir: talvez nossas referências, nossos conceitos e nossas imagens do conhecido, tornem-se, então, caducas ou inúteis.

No Apocalipse de João, “aquilo que vem” já está aqui: “Ele vem no Instante”. O Instante, o *Kairós* é o oposto de *Chronos*, o tempo que vai, que escoia e que na mitologia é um deus que devora seus filhos. O *Kairós* é, antes, filho de YHWH, “o Ser que é o que Ele é”, “o Ser assim”. “o Amém”, “o Alfa e o Ômega”, “o início e o fim”, são muitos nomes que o evocam no Livro do Apocalipse.

“Ele vem no Instante”: que este Instante seja glorioso ou catastrófico, “Aquele que É” está aqui. Os acontecimentos, sejam o que forem, são uma

ocasião para o seu desvelamento (*apokalypsis*) e sua manifestação (*parousia*). Este messianismo do Instante nos obriga a abrirmos os olhos de outra maneira: “Aquilo que está aqui” é tão forte que nos compele, assim como a João, a colocarmos véus para tornar suportável, aceitável ou simplesmente visível, esta presença colocada a nu.

“Aquilo que vem” nos é dado através do acúmulo de véus, ou seja, das representações e dos símbolos: Cordeiro degolado, Animal imolado, Mulher coroada de estrelas, grande Prostituta, Babilônia devastada, Jerusalém de pedras preciosas, Dragão, Cavaleiros branco, negro, vermelho, verde... toda esta mistura de sonhos e pesadelos que vem por vezes nos assombrar até durante o dia. Símbolos benévolos ou terríveis, enigmas que queimam; eles estão aqui para que sobre eles se exerça a “oração da decifração”. Esses “sinais dos Sinais” devem ser decifrados como desvelamento de um Real que vai além das nossas categorias de bem e mal, do Bom Deus ou da horrível serpente, das trevas ou da luz, exaltações mais ou menos ordenadas daquilo que faz nossa felicidade ou nossa infelicidade, pois o Real transborda e contém todas essas imagens contraditórias e seu lote de atrações e repulsões.

Este messianismo do Instante nos mostra que aquilo que há a ser descoberto não deve mais ser procurado no futuro, mas nas profundezas. Ele substitui a leitura habitual da História, horizontal, por uma leitura vertical que desemboca em abismos. Abismos irrepresentáveis: os símbolos esgotam nossos conceitos e nossas imagens, eles nos conduzem além de todas as representações e nos obrigam à abstração.

Apenas a instantaneidade pura e trabalhada dos sons e das cores pode dar testemunho daquilo que se revela no *tohu bohu* (*chaos* em grego) dos acontecimentos e do burburinho das suas interpretações, esta simplicidade trágica, esta inocência amorosa que não evoca mais de maneira suficiente a imagem do Cordeiro: a força invencível do humilde Amor.

---

1. “E o nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas.”
2. “Jesus” em hebraico [N.T.].
3. “Arrière-monde” no original em francês [N.T.].
4. Tito Flávio Domiciano (51-96 d.C.), imperador romano que perseguiu os cristãos. Ele amava as tradições romanas e passou a ver no cristianismo uma ameaça. Dois parentes de Domiciano (inclusive sua esposa) foram condenados à morte por ateísmo e devido a seus “costumes judaicos”; na época, os cristãos eram considerados ateus por adorarem um deus invisível. João era o último apóstolo ainda vivo e também foi condenado a morte da qual escapou milagrosamente. Domiciano o enviou, então, ao exílio na Ilha de Patmos, onde ele escreveu o seu Apocalipse [N.T.].
5. HESSE, H. “*O Jogo das contas de vidro*”. São Paulo: Brasiliense, 1998.
6. D’AUBIGNÉ, A. *Les tragiques*, VII.
7. VICTOR HUGO. *Oeuvres complètes*. Vol. VII. Club Français du Livre, 1967-1970, p. 421-422.
8. Ibid. Vol. IX, p. 305.
9. Ibid., p. 82.
10. LELOUP, J.-Y. *O Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes.
11. A Bíblia [N.T.].
12. SILESIUS, A. *Le pèlerin chérubinique* [O peregrino querubínico]. Le Cerf, 1994, 1, 13.
13. Crença na volta do Cristo à Terra [N.T.].

# TRADUÇÃO

# 1

1. *Apocalypsis Iesou Christou.*  
Desvelamento de Yeshua,  
Dn 2, 28.29.45;  
o Enviado Daqule que é o Ser que Ele é (*o Théos*).  
Ap 1,19; 4,1; 22,6.16  
Ele mostra a seus servos o que acontece agora (*en taxei*),  
Desvelamento transmitido pelo anjo a seu servidor  
Yohanan,
2. que atesta que sua visão é verdadeira,  
1,9; 6,9;  
19,10; 20,4  
palavra Daqule que é o Ser que Ele é (YHWH),  
marca (*marturian*) de Yeshua.
3. Feliz daquele que pode ler as palavras da profecia  
22,7.10  
e meditar sobre aquilo que está escrito,  
próximo é o Instante! (*Kairós*)
4. Yohanan aos sete invocados que estão na Ásia:  
Graça e paz vos sejam concedidas  
Ex 3,14;  
Ap 1,8; 4,8;  
11,17; 16,5;  
Es 11,2s. ;  
Ap 3,1; 4,5;  
5,6  
por parte daquele que era, que é e que virá  
(*O òn, o èn, o erkomenos*)  
por parte dos sete Sopros (*pneuma*) que envolvem o trono,
5. por parte de Yeshua,  
Sl 89,28.38;  
Es 55,4;  
Cl 1,18;  
Ap 3,14; 19,11  
a testemunha (*o martus*), o fiel (*o pistos*),  
o mais velho dentre os mortos (o primeiro a sair do túmulo)  
o Príncipe dos reis da terra.  
Ele é Aquele que nos ama (*agapanti*),  
ele nos livra do pecado (*hamartia*) pelo seu sangue.
6. Ele faz de nós um reino de sacerdotes  
Ex 19,6;  
Es 61,6;  
1Pd 2,5.9;  
Ap 5,10;  
20,6; 22,5  
em presença do Ser que é o que Ele é,  
sua Origem, seu Pai (*Patri autou*),  
a Ele, louvor (*doxa*) e força  
agora e sempre (*aïnoas tòn aïnon*). Amém.
7. Ei-lo chegado na nuvem.  
Dn 7,13;  
Mt 24,30;  
Todos os olhos o veem,  
mesmo aqueles que o trespassaram.  
Elas choram, todas as raças da terra.

Ap 14,14 Sim. Amém.  
Zc 12,10.14

8. Eu sou o Alfa e o Ômega,  
o início e o fim,  
21,6; 22,13  
1,4; 4,8; Aquele que É o Ser que Ele É (YHWH),  
11,17; 16,5 Ele era – Ele é – Ele virá,  
Pantocrator, em tudo e em todos.
9. Eu sou Yohanan, vosso irmão  
e vosso companheiro nas provações,  
1,2 o poder e a paciência estão com ele, Yeshua.  
Estou no exílio em Patmos,  
devido às palavras que vêm de YHWH  
e para dar testemunho de Yeshua.
10. No Dia do Senhor; eis que o seu Sopro me arrebatou,  
ouço por trás de mim uma voz forte,  
como a de um shofar,  
e ela diz:
11. “Aquilo que vês, coloca-o por escrito,  
faze um livro,  
envia-o aos sete que ouviram o Chamado,  
a Éfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes,  
à Filadélfia e à Laodiceia”.
12. Eu me volto para ver a voz;  
tendo-me voltado,  
vejo sete candelabros de ouro,
13. no meio dos candelabros:  
Alguém...  
Dn 7,13; Semelhante a um Ser humano (*anthropos*),  
Ap 14,14 Trajando longas vestes,  
Dn 10,5 um cinturão de ouro envolve seu peito;
14. sua cabeça e seus cabelos são brancos  
como a lã, como a neve,  
Dn 7,9 seus olhos são como puras chamas,
15. seus pés assemelham-se ao bronze precioso passado pelo cadinho,  
sua voz é como a voz das grandes águas;  
Dn 10,6
16. na sua mão direita ele segura sete estrelas,  
da sua boca sai uma espada afiada de dois gumes;

seu rosto é forte como um sol.

17. Ao vê-lo, eu tombo aos seus pés.  
Dn 8,18; 10,15,19; Ez 1,28  
Es 44,6; 48,12  
ele estende sua mão direita em minha direção e diz:  
“Não tenhas medo,  
eu sou o Primeiro (*protos*), o Último (*eskatos*),

18. Eu sou o Vivente (*o zòn*);  
Ap 1,8; 2,8; 22,13; He 7,25;  
Dn 4,31; 6,27; 12,7  
morto, eu ainda vivo e para sempre,  
eu seguro as chaves da morte e do tempo que lá passaremos,  
(*hadès, schéol*).

19. Põe por escrito o que vês,  
aquilo que era, que é, que virá.  
Dn 2,28.29.45; 1,1; 4,1;  
22,6.16

20. O indizível (*musteriòn*),  
as sete estrelas que vês à minha direita,  
os sete candelabros de ouro:  
as sete estrelas são os anjos dos sete castiçais  
que são os sete convocados”.

## 2

1. “Ao anjo dos Convocados que estão em Éfeso, escreve:  
Eis o que tem a dizer Aquele que segura as sete estrelas em sua mão direita,  
Aquele que caminha no meio dos sete castiçais de ouro:  
Dn 1,16.20;  
3,1;  
1,12
2. Conheço tuas obras, teu labor e tua perseverança,  
Tu não suportas aqueles que dão consistência ao mal (*kakous*),  
Tu colocastes à prova aqueles que se dizem enviados e que não o são,  
Tu os achastes mentirosos.
3. Tu tens consistência,  
tu não perdes a coragem  
quando sofres por causa do meu Nome.
4. No entanto, tenho contra ti  
que tenhas abandonado o ardor do teu primeiro amor.
5. Lembra-te de onde caíste e volta!  
Sede aquilo que eras no início,  
senão irei ao teu encontro  
e tirarei teu castiçal, se não retornares.
6. Mas, tu também detestas as obras  
dos pretensiosos e dos quereladores (*nikolaites*);  
isto tens a seu favor.
7. Que aquele que tem ouvidos  
escute o que o Sopro inspira  
àqueles que quiserem responder ao Chamado.  
Ao vencedor, eu darei de comer  
da árvore da vida no jardim de YHWH.”  
Gn 2,9;  
Ap 22,2
8. “Ao anjo daqueles que quiserem responder ao Chamado  
em Esmirna, escreve:  
Es 44,6;  
48,12;  
Assim fala o Primeiro e o Último,  
Aquele que foi morto e está Vivo:  
Ap 1,8.17;  
22,13;  
1,18

9. Conheço tua provação, tua miséria mas és rico.  
Conheço as blasfêmias daqueles  
que se tomam por justos (os judaicos),  
eles não o são,  
eles estão à escuta do Shatan.
10. Não tenhas medo de sofrer;  
eis que o adversário (o Inimigo, o Shatan)  
vai enviar vários dentre vós à prisão,  
para que sejais colocados à prova por no mínimo dez dias...  
Sê fiel até a morte,  
Eu te coroarei com a coroa da vida.
11. Aquele que tem ouvidos,  
que ele escute o que o Sopro inspira  
àqueles que permanecerem atentos ao Chamado.  
O vencedor nada terá a temer  
da segunda morte.”
12. “Ao anjo de Pérgamo, escreve  
e àqueles que quiserem responder ao Chamado, escreve: Assim fala Aquele que carrega a  
espada afiada de dois gumes:
13. Sei onde tu habitas,  
Ali onde é o trono do Inimigo (Shatan),  
Mas se permaneceres ligado ao meu Nome  
E não tiveres negado a tua fé,  
mesmo quando Antipas, minha fiel testemunha,  
foi condenado à morte entre vós,  
ali onde habita o Inimigo.
14. Mas eu te censuro:  
Aqueles dentre vós que se apegarem à doutrina de Balaão, aquele que ensinava a Balak  
como semear a discórdia  
entre os filhos de Israel  
para que eles comessem a carne dos sacrifícios oferecidos aos ídolos  
e como se prostituir.
15. Entres os teus também existem aqueles que se apegam à doutrina  
Dos pretensiosos e dos quereladores.
16. Volta,  
senão irei agora combater  
com a adaga da minha boca.

Quem tem ouvidos,

17. que escute o que o Sopro inspira  
Es 62,2; àqueles que quiserem responder ao Chamado.  
65,15; Ao vencedor, eu darei o maná escondido.  
Ap 3,12; Eu lhe darei uma pedra branca e gravado sobre a pedra:  
14,1 um nome novo  
que ninguém pode saber,  
salvo aquele que o recebeu.”
18. “Ao anjo de Tiatira  
Dn 10,6; e àqueles que quiserem responder ao Chamado, escreve:  
Ap 1,14- assim fala Aquele que encarna e manifesta  
15 Aquele que É o Ser que Ele É (o filho de Deus),  
Aquele cujos olhos são chamas ardentes  
e os pés parecem-se com o bronze precioso:
19. Conheço tua conduta, teu amor  
tua fé, tua dedicação, tua constância  
tuas obras cada vez mais abundantes.
20. Mas tenho contra ti:  
Nm tu deixas agir Jezebel,  
25,1-2; esta mulher que se diz profetisa e que põe a perder meus servos,  
Ap 2,14 ela lhes ensina como se prostituir  
e comer carnes sacrificadas aos ídolos.
21. Eu lhe dei um tempo para voltar,  
mas ela não quer deixar sua vida de prostituta.
22. Ela será jogada sobre uma cama de aflições,  
assim como seus companheiros de adultério,  
a menos que eles renunciem às suas obras.
23. Seus filhos terão uma morte certa.  
Sl 7,10; Todos aqueles que quiserem responder ou ouvir o Chamado  
Sl 62,13; conhecerão “Eu sou”:  
Mt 16,27 Eu sou Aquele que sonda os rins e os corações  
E darei a cada um de vós segundo as vossas obras.
24. Eu vos declaro, a vós que estais em Tiatira,  
vós que não compartilhais esta doutrina  
que não venham jamais a explorar as pretensas  
profundezas de Shatan,  
eu não vos peço nenhum outro exercício:
25. Mas o que tendes, retende-o com firmeza  
até que eu venha.

26. Ao vencedor,  
Sl 2,8  
aquele que permanece a serviço até o fim,  
eu lhe darei autoridade sobre as nações,

27. e com vara de ferro as regerá,  
Sl 2,9;  
Ap 12,5;  
19,15  
e como vasos de argila serão quebrados.

28. Aquilo que recebo do meu Pai, eu lhe dou:  
a Estrela da manhã.

29. Quem tem ouvidos,  
que escute o que o Sopro inspira  
àqueles que quiserem responder ao Chamado.”

### 3

1. “Ao anjo daqueles que ouviram o Chamado em Sardes, escreve:  
Assim fala Aquele a quem pertencem os sete Sopros de YHWH e as sete estrelas:  
Vejo teus atos,  
nós lhe damos o nome de vivente, mas tu estás morto.  
Es 11,2;  
Ap 1,4; 4,5;  
5,6;  
1,16.20; 2,1
2. Desperta!  
Reanima aquilo que te resta de vida,  
pois não encontrei realização nos teus atos  
em presença de YHWH.
3. Observa como recebes e como escutas,  
observa e muda teu espírito.  
Sê vigilante,  
eu sou um ladrão  
e tu não conheces a hora da minha vinda.  
Mt 24,42-43;  
1Tg 5,2;  
Ap 16,15
4. Em Sardes, no entanto,  
alguns não maculam suas vestes,  
eles caminham comigo, vestidos de branco  
eles são dignos de usá-lo.
5. Sim, o vencedor veste roupas brancas.  
Não posso apagar seu nome do livro da vida,  
eu afirmo seu nome diante do meu Pai e diante dos seus anjos.  
Mt 10,32
6. Quem tem ouvidos,  
ouça o que o Sopro inspira  
àqueles que permanecem atentos ao Chamado.”
7. “Ao anjo daqueles que ouviram o Chamado  
na Filadélfia, escreve:  
Assim fala o Santo, o Verdadeiro  
Aquele que tem as chaves de Davi;  
ele abre e ninguém pode fechar,  
ele fecha e ninguém pode abrir:
8. Conheço tuas obras.  
Veja, abri diante de ti uma porta

e nada poderá fechá-la;  
fraca é tua força  
mas tu guardastes a minha palavra,  
tu não negastes meu nome.

9. Eis que te dou aqueles que escutam o Inimigo (Shatan),  
aqueles que se dizem judeus, mas não o são,  
eles mentem.  
2,9  
Es 45,14;  
49,23;  
60,14; 66,23;  
SI 86,9;  
Es 43,4  
Ei-los a teus pés,  
eles reconhecem meu amor por ti.

10. Tu és fiel ao ensinamento da paciência,  
estou contigo na hora da provação,  
que virá sobre a humanidade e sobre toda terra.

11. Venho!  
Guarda o que possuis.  
Que ninguém arranque a tua coroa!

12. A quem vencer, eu o farei coluna  
na morada Daquele que é o Ser que Ele é.  
Ez 48,35;  
21,2  
Es 62,2; 65,15  
Ele não será jogado para fora,  
inscrevo nele o nome do meu Deus,  
e o nome da sua cidade, a nova Yeroushalaim,  
que desce do céu, onde estava ao lado de Deus.  
Um nome novo me é dado.

13. Quem tem ouvidos,  
Ap 2,17;  
14,1  
ouça o que o Sopro inspira  
àqueles que permanecem atentos ao Chamado.”

14. “Ao anjo daqueles que ouvem o Chamado  
na Laodiceia, escreve:  
SI 89,38;  
Ap 1,5; 19,11  
Jo 1,3;  
Cl 1,15ss.;  
He 1,2  
Assim fala Aquele que é o Amém,  
a Testemunha fiel, o Verdadeiro  
que está na origem de tudo aquilo que YHWH criou.

15. Conheço tuas obras:  
tu não és nem frio, nem quente  
quem dera foras frio ou quente!

16. Nem frio, nem quente  
Vomitare-te-ei da minha boca.

Tu dizes:

17. Eu enriqueci, sou rico, não preciso de nada;  
tu não sabes que és miserável,  
digno de pena, pobre, cego e nu.

18. Eu te aconselho a adquirires junto a mim  
ouro fundido e purificado pelo fogo  
para que sejas rico de verdade;  
vestido de branco, sem vergonha do teu nada (nudez),  
pega o óleo para ungir teus olhos  
e vê!

19. Aqueles que eu amo, eu os repreendo, eu os ergo.  
Excita teu fervor, volta!  
Pr 3,12;  
He 12,6

20. Eis que me encontro diante da tua porta e bato:  
Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta,  
entrarei em sua casa  
eu comungo com ele e ele comigo.  
Lc 22,29-30;  
Jo 14,23

21. O vencedor  
compartilha comigo meu assento e meu trono,  
como eu mesmo venci,  
eu compartilho o assento e o trono de meu pai.  
Mt 19,28;  
Lc 22,30;  
Ap 20,4

22. Quem tem ouvidos,  
ouça o que o Sopro inspira  
àqueles que escutam o Chamado!”

## 4

1. Depois disto, novamente uma visão:  
1,10 uma porta está aberta no céu  
Dn 2,29; e uma voz, como a primeira, como um shofar, diz:  
Ap 1,1-19 “Sobe! Eu te mostrarei o que vai acontecer”.
  
2. E logo fui arrebatado pelo Sopro:  
Ez 1,26; 10,1; eis que um trono está colocado nos céus  
Es 6,1 e sobre o trono: Alguém...
  
3. Aquele que estava assentado assemelha-se  
Ez 1,26-28 às pedras jaspe e sardônica;  
em volta do trono, um arco-íris  
parecido com uma esmeralda.
  
4. Vinte e quatro tronos e vinte e quatro anciãos  
Vestidos de branco, coroados de ouro, cercam o trono
  
5. de onde saem os relâmpagos, as vozes e os trovões.  
Ez 1,13; Sete lâmpadas ardentes queimam diante do trono:  
Ex 19,16 Os sete Sopros do Ser que é o Ser que Ele é.
  
6. Em volta do trono,  
Ez 1,22; há um mar límpido semelhante ao cristal  
Gn 1,7; e no centro quatro Viventes  
Ez 1,5-21 cobertos de olhos, por diante e por detrás.
  
7. o primeiro se parece com um leão,  
Ez 1,10; 10,14 o segundo com um jovem touro,  
o terceiro, o semblante de um humano  
e o quatro parece uma águia em pleno voo.
  
8. Cada um dos quatro Viventes possui seis asas  
Es 6,2; cobertas de olhos diante e detrás;  
Ez 1,18; 10,12 noite e dia, eles não param de proclamar:  
Es 6,3 “Santo, santo, santo o Senhor,  
1,4.8; 11,17; Aquele que É o que Ele É, em tudo e em todos.  
16,5 Aquele que era, que é, que virá”.

Cada vez que os Viventes entram em louvor,

9. honra e ação de graças àquele que estava assentado sobre o trono,  
Dn 4,31; 6,27 Aquele que é o Vivente, agora e sempre.

10. Os vinte e quatro Anciãos se prosternam,  
eles adoram o Vivente  
e jogam suas coroas diante do trono,  
dizendo:

11. “Tu és digno, tu que és Aquele que É,  
de receber louvores, honras e poder,  
Tu criastes todas as coisas,  
Tu queres que elas sejam e elas são”.

## 5

1. Es 29,11 Vejo na mão direita daquele que está assentado sobre o trono, um Livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos.
2. Vejo um anjo poderoso proclamando com uma voz forte: “Quem é digno de abrir o Livro e de quebrar os selos?”
3. Mas ninguém, nem no céu, nem sobre a terra, nem sob a terra é capaz de abrir o Livro e nele pousar os olhos.
4. Choro copiosamente ao ver que ninguém é digno o suficiente (*axios*) para abrir o livro e nele pousar os olhos.
5. Hb 7,14 ; Rm 15,12 Um dos Anciãos me diz então: “Não chores. Eis que o leão da tribo de Judá trouxe a vitória, Aquele que está enraizado na linhagem de Davi, ele abrirá o livro e seus sete selos”.
6. Jo 1,29 1,4 E eu vejo No meio do trono e dos quatro Viventes, No meio dos Anciãos: um Cordeiro. Ele está de pé e ele está degolado ele tem sete chifres e sete olhos que são os sete Sopros, Presença dispersada por toda a terra do Ser que é o que Ele é.
7. Ele toma o livro na mão direita daquele que está assentado sobre o trono.
8. SI 141,2 8,3; Ao tomá-lo, Os quatro Viventes e os vinte e quatro Anciãos Prosternam-se diante do Cordeiro, Cada um segurando uma harpa e cálices de ouro cheios de perfume; são as orações dos santos.

9. Eles cantam um novo canto:  
14,3; “Tu és digno de receber o  
Sl 33,3; Livro e de abrir os selos  
Es 42,10 porque foste degolado  
14,4 e tu adquires através de YHWH, em teu sangue  
dos homens de todas as raças, línguas e nações.
10. Tu o fazes por Aquele que É o Ser que Ele É  
1,6; 20,6; Um reino de sacerdotes para reinar sobre a terra”.  
Ex 19,6;  
Es 61,6
11. Vejo e ouço,  
Dn 7,10; Uma voz de numerosos anjos em torno do templo,  
He 12,22 Viventes e Anciãos,  
e seu número é miríades de miríades e milhões de milhões.
12. Proclamando com uma voz poderosa:  
Fl 2,7-9 “Ele é digno, o Cordeiro imolado,  
de receber riquezas, poder, sabedoria,  
força, honra, glória e louvor”.
13. Toda a criação que está no céu e no mar,  
5,3; Sobre a terra e sob a terra,  
Fl 2,10 Todo o universo,  
Eu os ouço cantar:  
“Àquele que está assentado sobre o trono, assim como ao  
Cordeiro,  
louvor, honra, glória e poder,  
agora e sempre!”
14. e os quatro Viventes dizem: Amém!”  
e os Anciãos se prosternam para adorá-lo.

## 6

1. Eu vejo:  
O Cordeiro abre o primeiro dos sete selos.  
Escuto um dos quatro Viventes gritar com uma voz de trovão:  
“Vem e vê!”  
Jr 15,2-4  
Ez 5,7; 14,  
13-21
2. Vejo um cavalo branco;  
aquele que o cavalga segura um arco,  
ele recebe uma coroa,  
vitorioso, ele sai para vencer.
3. Quando ele abre o segundo selo,  
Escuto o segundo Vivente dizer:  
“Vem e vê!”
4. E eis que surge um outro cavalo, vermelho;  
àquele que o cavalga  
lhe é dado tomar a paz  
para tirá-la da terra,  
e que uns e outros se degolem.  
Uma imensa espada lhe é dada.
5. Quando ele abre o terceiro selo,  
Escuto o terceiro Vivente dizer:  
“Vem e vê!”  
Vejo um cavalo negro;  
aquele que o cavalga segura uma balança em sua mão,
6. E escuto uma voz no meio dos quatro Viventes, ela diz:  
“Uma medida de trigo por um dinheiro,  
três medidas de cevada por um dinheiro.  
Quanto ao óleo e ao vinho, economiza-os”.  
Ez 4,16
7. Quando ele abre o quarto selo,  
Escuto a voz do quarto Vivente dizer:  
“Vem e vê!”
8. Vejo um cavalo verde;  
o nome daquele que o cavalga é peste,  
seu séquito (*schéol, hadès*) o acompanha.  
Ez 14,21

Lhes é dado poder para fazer perecer um quarto da terra,  
através da espada, da fome, da peste e das feras selvagens.

9. Quando ele abre o quinto selo,  
20,4 vejo sob o altar as almas (*psychés*)  
daqueles que foram degolados por amor da Palavra (Logos)  
que vem de YHWH,  
e por terem dado testemunho da Palavra;

10. Eles clamam com uma voz forte:  
Dt 32,43; “Até quando, Mestre, Santo e Verdadeiro,  
Zc 1,12; demorarás a fazer justiça,  
Lc 18,7 a vingar nosso sangue sobre os habitantes da terra?”

11. A cada um são dadas roupas brancas  
14,1-3 e lhes é pedido para terem um pouco mais de paciência,  
até completar-se o número  
dos seus companheiros de serviço e dos seus irmãos,  
que não de ser mortos como eles foram.

12. E eu vejo:  
Es 13,10; 50,3 Quando ele abre o sexto selo,  
um violento terremoto se faz sentir,  
o sol torna-se negro como um tecido de crina,  
e a lua inteira parece ser feita de sangue.

13. os astros do céu caem sobre a terra  
Es 34,4 como frutos verdes de uma figueira derrubada pela  
tempestade.

14. O céu retira-se como um livro que se enrola,  
Es 34,4; Todas as montanhas e as ilhas são desenraizadas.  
He 1,12;  
16,20; 20,11

15. Os reis da terra, os poderosos, os ricos,  
Es 2,10.19 Os chefes de guerra, os influentes, todos, escravos ou livres,  
escondem-se nas cavernas  
e nos rochedos das montanhas.

16. Eles dizem às montanhas e aos rochedos:  
Os 10,8; “Caí sobre nós e escondi-nos  
Lc 23,30 longe do semblante daquele que está assentado sobre o trono  
e longe da cólera do Cordeiro,

17. porque é vindo o dia da grande ira;

Jl 2,1.11; 3,4; quem poderá escapar?”  
Ml 3,2

## 7

1. Depois disto, vejo quatro anjos de pé  
sobre os quatro cantos da terra.  
Ez 7,2;  
Zc 6,5;  
Jr 49,36 Eles retém os quatro ventos da terra  
Para que nenhum vento sopra sobre a terra,  
sobre o mar ou sobre nenhuma árvore.
  
2. Vejo um outro anjo subir do lado do sol nascente,  
ele segura o selo de YHWH, o Vivente.  
Ele grita com uma voz forte aos quatro anjos  
que receberam o poder para danificar a terra e o mar:
  
3. “Poupem a terra, o mar, as árvores,  
até termos marcado com o selo  
Ez 9,4,6;  
Ap 3,12; 22,4 a frente dos servidores de YHWH”.
  
4. Ouço o número daqueles que foram marcados com o selo:  
14,1,3 cento e quarenta e quatro mil marcados com o selo,  
de todas as tribos dos filhos de Israel.
  
5. Da tribo de Iehouda, doze mil são marcados com o selo,  
da tribo de Rúbem, doze mil,  
da tribo de Gade, doze mil.
  
6. da tribo de Aser, doze mil,  
da tribo de Naftali, doze mil.  
da tribo de Manassés, doze mil,
  
7. da tribo de Simeão, doze mil,  
da tribo de Levi, doze mil.  
da tribo de Issacar, doze mil,
  
8. da tribo de Zebulom, doze mil,  
da tribo de Yôseph, doze mil.  
da tribo de Benjamim, doze mil,
  
9. Em seguida surge aos meus olhos uma imensa multidão  
Gn 15,5;  
Ap 15,2-5 que nada nem ninguém consegue contar,  
de todas as nações, raças, povos e línguas.  
De pé diante do trono e diante do Cordeiro,

Vestidos com vestes brancas e com palmas em suas mãos,

10. eles clamam com uma voz forte:  
“Salvação a YHWH, Aquele que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro”.
11. e todos os anjos reunidos em volta do trono, os Anciãos e os quatro Viventes, prosternam-se diante do trono, rostos voltados para o chão, eles adoram Aquele que É o Ser que Ele É.
12. Eles dizem:  
“Amém! Louvor, glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força à YHWH agora e sempre! Amém”.
13. Um dos Anciãos toma a palavra e me diz:  
“Essas pessoas vestidas de branco, quem são e de onde vêm?”
14. Eu lhe respondo:  
“YHWH sabe”.  
Ele retoma a palavra:  
“Eles vem da grande provação, eles lavaram suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro.
15. É por esta razão que eles estão diante do trono, em presença de YHWH, eles o celebram dia e noite em seu templo, e Aquele que está assentado sobre o seu trono os acolhe sob sua tenda.  
3,12; 11,1;  
Es 49,10;  
Ap 21,3-4;  
Es 4,5-6;  
Jo 1,14
16. Eles não têm mais fome, eles não têm mais sede o sol e seus fogos não podem destruí-los,  
Sl 121,6
17. pois o Cordeiro que está no meio do trono é o seu pastor. Ele os conduz às fontes de águas vivas, e Aquele que É o Ser que Ele É seca todas as lágrimas de seus olhos”.  
Es 40,11;  
Ez 34,23;  
Es 49,10;  
Sl 23,2;  
Es 25,8

## 8

1. Quando o Cordeiro abre o sétimo selo,  
Faz-se um silêncio nos céus por cerca de meia hora.  
Hab 2,20;  
Sf 1,7;  
Zc 2,17
2. E vejo os sete anjos que mantêm-se  
em presença de YHWH.  
Lhes são dados sete *shofars*.
3. Um outro anjo vem se colocar junto ao altar,  
ele carrega um incensário de ouro,  
e lhe é dado perfume em grande quantidade  
para oferecê-lo junto com as orações de todos os santos,  
sobre o altar de ouro que está diante do trono.
4. Da mão do anjo, sobe a fumaça dos perfumes  
em presença de YHWH, junto com as orações dos santos.
5. O anjo toma, então, o incensário,  
preenche-o com o fogo do altar e o joga sobre a terra.  
Lv 16,12;  
Ez 10,2  
Sobrevém, então, trovões, vozes, raios  
e terremotos.
6. Os sete anjos que seguram os sete *shofars*  
preparam-se para soá-los.
7. O primeiro o faz soar:  
Ex 9,23-26;  
Jl 3,3  
Geada e fogo misturados de sangue descem sobre a terra;  
uma terça parte da terra é consumida,  
um terço das árvores é arrancada,  
e toda a grama verde é queimada.
8. O segundo anjo faz soar o *shofar*:  
Jr 51,25  
Ex 7,20-21  
alguma coisa que se assemelha a uma montanha de fogo  
joga-se, então, ao mar;  
uma terça parte do mar torna-se sangue,
9. uma terça parte das criaturas que vivem no mar, perece,  
e um terço dos navios é destruído.

10. O terceiro anjo faz soar o seu *shofar*:  
Es 14,12 do céu desce um imenso astro,  
queimando como uma tocha,  
ele cai sobre o terço das águas.
11. Seu nome é Absinto  
Jr 9,14 e um terço das águas torna-se absinto,  
e muitos homens morrem  
por causa das águas que se tornaram amargas.
12. o *shofar* do quarto anjo ressoa:  
Ex 10,21-23 um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas são atingidos,  
a terça parte deles escurece  
e tanto o dia quanto a noite perdem a sua claridade.
13. Eu vejo e escuto uma águia que voa mais alto,  
14,6; clamando com uma voz poderosa:  
9,12; 11,14 “Ai! Ai! Ai! dos que habitam sobre a terra,  
devido à voz do último *shofar*  
que os últimos três anjos ainda vão fazer soar”.

## 9

1. O *shofar* do quinto anjo ressoa:  
Es 14,12;  
Ap 8,10  
Eu vejo um astro precipitando-se do céu sobre a terra,  
lhes é dada a chave do poço do abismo.
2. Este poço do abismo está aberto,  
Gn 19,28;  
Ex 19,18  
dali sobe uma fumaça como a de uma grande fornalha  
que escurece o sol e o ar.
3. Da fumaça saem os gafanhotos que se multiplicam,  
Jl 1-2;  
Ex 10,12.15;  
Sb 16,9  
lhes é dado um poder semelhante ao dos escorpiões.
4. Mas lhes é pedido para poupar a grama,  
7,3  
as árvores e tudo aquilo que verdeja,  
e para abaterem-se somente sobre os homens que não  
carregam sobre a fronte  
o selo de YHWH.
5. E lhes é pedido, não de fazê-los morrer,  
mas de ser o seu tormento durante cinco meses;  
seu tormento é o tormento de um homem ferido por um escorpião.
6. Durante esses dias os homens buscam a morte,  
Jó 3,21  
mas não a encontram.  
Eles desejam morrer, mas a morte foge deles.
7. Os gafanhotos têm a aparência de cavalos equipados para o combate;  
Jl 2,4  
sobre suas cabeças eles portam algo semelhante a coroas de ouro,  
e seus semblantes assemelham-se a semblantes humanos.
8. Seus cabelos são como cabeleiras de mulheres,  
Jl 1,6  
os dentes são como dentes de leão,
9. seus tórax são couraças de ferro,  
Jl 2,5  
e o barulho de suas asas,  
são como o barulho de carros puxados por muitos cavalos  
correndo em direção ao combate.

10. Eles têm caudas como as dos escorpiões, ornamentadas de setas;  
em suas caudas reside seu poder:  
fazer os homens sofrerem durante cinco meses.
11. Eles têm como Rei o anjo do abismo;  
em hebraico ele é chamado *Abaddôn* e em grego *Apolluôn*.
12. A primeira dor passou, eis que mais duas chegam.
13. O *shofar* do segundo anjo ressoa.  
Ouço uma voz que vem dos quatro cantos do altar de ouro  
e que se encontra próxima a YHWH.
14. Ela diz ao sexto anjo, aquele que segura o *shofar*:  
16,12 “Liberta os quatro anjos que estão acorrentados  
junto ao grande rio Eufrates”.
15. São libertados os quatro anjos que estão se preparando  
para a hora, o dia, o mês e o ano  
onde eles devem levar à morte um terço da humanidade.
16. Seu exército conta com miríades de miríades de cavaleiros:  
seu número é contado.
17. Assim me aparecem, na visão, os cavalos e seus cavaleiros:  
eles portam couraças de fogo, jacinto e enxofre  
as cabeças dos cavalos são como cabeças de leão,  
e suas bocas vomitam fogo, fumaça e enxofre.
18. Por esses três flagelos: o fogo, a fumaça e o enxofre  
vomitados da sua boca, um terço da humanidade perece.
19. Pois o poder dos cavalos reside em suas bocas  
assim como em suas caudas;  
suas caudas assemelham-se a serpentes,  
elas têm cabeças e é com que elas danificam.
20. Quanto ao restante dos homens,  
Es 17,8 aqueles que não foram mortos em decorrência do golpe dos flagelos,  
Dn 5,4.23; e que não se arrependeram nem se afastaram das obras das suas mãos,  
Sl 115,4; que não param de adorar os demônios,  
135,15-17 esses ídolos em ouro, prata, bronze, em pedra ou em madeira,  
incapazes de ver, ouvir e caminhar.
21. Eles não abandonam nem seus homicídios nem sua

farmacopeia (*pharmakia*)  
nem sua devassidão nem sua rapina.

## 10

1. Vejo ainda um outro anjo, poderoso, descer dos céus  
Cercado de nuvens, um arco-íris acima da sua cabeça,  
Seu rosto é um sol, suas pernas são colunas de fogo.
2. Ele segura na sua mão o livrinho aberto.  
Ele coloca o pé direito sobre o mar, o pé esquerdo sobre a terra.
3. Ele grita como se um leão rugisse, com uma voz forte.  
Depois dos gritos, sete trovões.  
Os 11,10;  
Am 1,2; 3,8;  
Sl 29,3
4. Após ter ouvido os sete trovões, eu ia escrever...  
mas ouço uma voz vinda do céu que me diz:  
“Guarda segredo da mensagem dos sete trovões, não a coloca por escrito”.  
Dn 8,26;  
12,4.9
5. E o anjo que vejo de pé sobre o mar e sobre a terra,  
levanta a mão direita para o céu;  
Dt 32,40;  
Dn 12,7
6. Ele jura por Aquele que está vivo agora e sempre,  
aquele que criou o céu e tudo que ele contém,  
que criou a terra e tudo aquilo que podemos nela encontrar,  
o mar e tudo aquilo que está no mar:  
não há mais tempo (*chronos*).
7. No dia em que ouvirmos o sétimo anjo,  
quando ele fizer o seu *shofar* ressoar,  
será o dia em que se cumprirá o mistério de YHWH,  
da maneira como Ele anunciou aos seus servos, os profetas.  
Rm 16,25;  
1Cor 2,7;  
Ef 1,9;  
3,3.9s.; 6,19;  
Cl 1,26-27;  
2,2; 4,3  
Am 3,7;  
Dn 9,6.10;  
Zc 1,6;  
Ap 11,18
8. A voz que escuto vinda do céu dirige-se a mim novamente:  
“Vai, toma o livro aberto da mão do anjo  
que está de pé sobre o mar e sobre a terra”.

9. Caminho na direção do anjo  
e lhe peço para me dar o livrinho.  
Ele me diz:  
“Toma-o e come-o, ele será amargo para tuas entranhas;  
mas na tua boca ele terá a doçura do mel”.
10. Tomo o livrinho da mão do anjo e o como.  
Ez 3,3 Na minha boca sinto a doçura do mel,  
mas após ter sido consumido, minhas entranhas tornam-se amargas.
11. Ele me diz:  
Jr 1,10 “Mais uma vez profetiza sobre os numerosos povos,  
as nações, os reis”.

# 11

1. Então, me é dado um caniço semelhante a um bastão e me é dito:  
Ez 40,3; Zc 2,5-6; Ap 21,15  
“Levanta-te e mede o templo de YHWH, o altar e os adoradores que ali se encontram.
2. O átrio externo, deixa de lado, não o meças  
Lc 21,24; Dn 7,25; 12,7  
ele está destinado às nações que pisarão a cidade santa durante quarenta meses.
3. Dou poder a minhas duas testemunhas de profetizar, vestidos com sacos,  
Ap 11,3; 12,6.14; 13,5  
durante mil duzentos e sessenta dias”.
4. São as duas oliveiras e os dois candelabros  
Zc 4,3.14  
que se mantêm em presença Daquele que é o Mestre da terra.
5. Se alguém quiser lhe fazer mal,  
2Rs 1,10.14; Jr 5,14  
um fogo sairá da sua boca e devorará seus inimigos;  
se alguém quiser lhe prejudicar, ele será condenado à morte.
6. Eles têm o poder de fechar o céu,  
1Rs 17,1; Tg 5,17; Ex 7,17; 1Sm 4,8  
não há chuva nos dias em que eles profetizam;  
eles têm o poder de transformar a água em sangue  
e de açoitar a terra com todo tipo de flagelos,  
tanto quanto eles quiserem.
7. Quando eles tiverem terminado de prestar testemunho,  
Dn 7,3.29; Ap 13,1; 17,8  
a Besta que sobe do abismo lhes declarará guerra,  
ela os vencerá e os fará perecer.
8. Seus corpos serão expostos na praça da grande cidade  
que são simbolicamente chamadas de Sodoma e Egito,  
ali onde o Mestre e Senhor foi crucificado.
9. Povos, tribos, línguas, nações  
virão ver seus corpos durante três dias e meio  
sem lhes dar uma sepultura.

10. Os habitantes da terra se regozijarão sobre eles,  
eles estarão na alegria, eles trocarão presentes,  
pois seus dois profetas lhes causavam vários tormentos.
11. Mas após esses três dias e meio,  
um Sopro de vida vindo de YHWH entrará neles e eles se levantarão,  
então um grande medo se abaterá sobre aqueles que os observam.
12. Eles ouvirão uma voz forte que do céu lhes dirá:  
“Subi aqui!”  
E as duas testemunhas subirão aos céus em uma nuvem,  
sob os olhos dos seus inimigos.
13. No mesmo instante, acontecerá um violento terremoto:  
um décimo da cidade desmoronará,  
e sete mil pessoas morrerão nessa catástrofe.  
Os sobreviventes, tomados pelo pavor, darão glória a YHWH.
14. A segunda dor passou,  
eis a terceira que chega:
15. O sétimo anjo faz o *shofar* ressoar  
e no céu há vozes fortes que dizem:  
“O reino do mundo pertence a YHWH e a seu Enviado  
(Messias),  
Ele reinará agora e sempre”.
16. Os vinte e quatro Anciãos que estão assentados sobre o trono diante de YHWH  
caem com o rosto voltado para a terra e adoram Aquele que É o Ser que Ele É.
17. Eles dizem:  
“Nós te rendemos graças  
ó Tu, que és Aquele que É, tudo em todos (*pantocrator*)  
Tu era, Tu és, Tu virás  
Tu manifestas teu grande poder,  
e Tu estabelececes teu reino.
18. As nações se enfurecem,  
mas eis que chega a tua ira e é tempo para que os mortos sejam julgados,  
é chegado o tempo para recompensar teus servidores, os profetas,  
os santos e aqueles que temem teu Nome, pequenos e grandes,  
é chegado o tempo de destruir aqueles que destroem a terra”.

19. E o templo de YHWH se abre no céu,  
Ex 25,9; a arca da aliança aparece no templo;  
2Mc 2,8; e sobrevém raios, vozes, trovões,  
Ap 15,5; um terremoto e uma forte geada.  
Ex 9,24;  
19,16;  
Ap 4,5; 16,18

## 12

1. Um grande sinal aparece no céu:  
SI 104,2 uma Mulher vestida de sol,  
Ct 6,10 e sobre a sua cabeça, uma coroa de doze estrelas.  
Gn 37,9
2. Ela está grávida e grita durante o trabalho  
e as dores do parto.  
Es 66,7-  
8;  
Mq 4,10
3. Um segundo sinal aparece no céu:  
Dn 7,7 um grande Dragão vermelho-fogo.  
Ele tem sete cabeças e dez chifres,  
e sobre suas cabeças, sete diademas.
4. Sua cauda arranca um terço das estrelas no céu  
e as joga por terra.  
Dn 8,10 Ele para diante da Mulher que vai dar à luz  
a fim de devorar a Criança tão logo ela nasça.
5. Ela coloca no mundo um filho, um homem,  
Es 66,7 aquele que conduzirá as nações com força e rigor.  
Seu Filho é criado em presença de YHWH e do seu trono.
6. A Mulher foge para o deserto,  
onde Aquele que É o Ser que Ele É lhe prepara um lugar para que ela seja alimentada  
durante mil duzentos e sessenta dias.
7. Há um combate no céu:  
Miguel e seus anjos combatem o dragão  
e o Dragão também combate com seus anjos,
8. mas a vitória não lhe é dada.  
De agora em diante, não o veremos mais no céu,
9. ele foi precipitado, o grande Dragão, a antiga Serpente,  
20,2-3; Gn 3,1-5 aquele que chamamos de diabo ou Shatan,  
aquele que engana e perverte todo o mundo,  
ele foi jogado por terra e os seus anjos junto com ele.

10. E ouço no céu uma voz forte que proclama:  
“Eis o tempo da salvação, do poder e do reino,  
de YHWH e de seu Enviado!  
Ele foi vencido, o acusador de nossos irmãos,  
aquele que os acusa dia e noite diante de Deus.
11. Eles são vencedores pelo sangue do Cordeiro  
e pela palavra da qual eles dão testemunho.  
1Jo 2,14  
Mt 16,25 Eles não se preocupam com sua alma (*psyché*),  
assim como eles também não temem a morte.
12. Alegrai-vos, ó céus e vós, seus habitantes!  
Dor a vós, terra e mar!  
Es  
44,23; O adversário desceu e chegou até vocês,  
49,13 sua fúria é grande  
20,3 sabendo que pouco tempo lhe resta”.
13. O Dragão jogado sobre a terra,  
Gn 3,15 precipita-se para perseguir a Mulher  
que colocou um filho no mundo,
14. mas as duas asas da grande águia são dadas à Mulher para que ela levante voo e vá em  
Es 40,31 direção ao deserto,  
ao lugar que lhe é reservado para que ela ali seja alimentada longe da Serpente,  
um tempo, tempos e a metade de um tempo.
15. Então, é como se a Serpente vomitasse um rio atrás da Mulher  
para que ela seja levada pelas águas,
16. mas a terra veio em socorro à Mulher,  
Nm  
16,30-34 a terra se abre e engole o rio vomitado pelo Dragão.
17. Na sua fúria contra a Mulher,  
o Dragão ataca o restante da sua descendência,  
aqueles que observam os ensinamentos de YHWH  
e permanecem como testemunhas de Yeshua.
18. Agora o Dragão repousa sobre as margens do mar.

## 13

1. Em seguida, vejo subir do mar uma Besta,  
Dn 7,3,8; ela tem dez chifres e sete cabeças,  
Ap 11,7; e sobre seus chifres, dez diademas,  
17,3,8 e sobre suas cabeças, nomes blasfemos.
  
2. A Besta que eu vejo assemelha-se ao leopardo,  
Dn 7,4-6 suas patas são como as do urso  
e sua goela, como a goela do leão.  
O Dragão lhe dá seu poder, o seu trono  
e um imenso poder.
  
3. Uma de suas cabeças está mortalmente ferida,  
mas esta chaga mortal é curada.  
Maravilhada, a terra inteira segue a Besta.
  
4. Adoramos o Dragão porque ele deu poder à Besta,  
adoramos a Besta dizendo:  
“Quem pode ser comparado à Besta e quem pode combatê-la?”
  
5. Uma boca lhe é dada para proferir  
Dn 7,8.11 arrogância e blasfêmias  
Dn 7,25; e o poder de agir durante quarenta meses.  
12,7;  
Ap 11,2-3;  
12,6.14
  
6. Ela abre a boca para blasfemar contra YHWH,  
ela insulta seu nome, seu tabernáculo  
e aqueles cuja morada está no céu.
  
7. E lhe é permitido declarar guerra aos santos e vencê-los, e lhe é dado poder sobre todas  
7,6-21 as tribos, povos, línguas e nações.
  
8. Eles adoram todos aqueles que habitam a terra  
Dn 12,1; todos aqueles cujo nome não está escrito no livro da vida  
Ap 3,5; do Cordeiro degolado, desde a fundação do mundo.  
17,8

Que aquele que tem ouvidos, escute!

9.  
20,12.15;  
21,27
10. Quem está destinado ao cativeiro, que seja cativo,  
quem está destinado a perecer pela espada, que pereça pela espada.  
Jr 15,2  
14,12 É o tempo da paciência e da fé para os santos.
11. Vejo subir da terra uma outra Besta,  
ela tem dois chifres como um cordeiro,  
Mt 7,15 mas ela fala como um dragão.
12. Ela exerce todo o poder da primeira Besta diante dela,  
e faz com que a terra e seus habitantes adorem  
a primeira Besta cuja chaga mortal está curada.
13. Ela realiza grandes prodígios,  
faz até mesmo, aos olhos de todos,  
um fogo descer do céu sobre a terra.
14. Ela seduz os habitantes da terra através dos seus prodígios  
que ela realiza diante do olhar da Besta.  
Ela os convida a fazer uma imagem  
em honra da Besta ferida que voltou à vida.
15. É dado um Sopro (*pneuma*) à imagem da Besta  
de tal maneira que ela seja capaz de tomar a palavra,  
Dn 3,5-  
7.15 e ela condena à morte qualquer um que não adore a imagem da Besta.
16. A todos, pequenos e grandes, ricos e pobres  
homens livres e escravos,  
14,9.11;  
16,2 ela impõe sua marca sobre a mão direita ou sobre a testa.
17. Ninguém poderá comprar ou vender se não carregar a marca,  
o nome da Besta ou o número do seu nome.
18. É o momento de ter discernimento:  
aquele que tem espírito (*noùs*,) que ele interprete o número da besta,  
17,9 é um número de homem e é o número da besta: 666.

## 14

1. Eu vejo:  
5,6; O Cordeiro está de pé sobre o Monte Sião,  
Sl 2,6; Jl 3,5; e junto com ele os cento e quarenta e quatro mil que  
Ab 17; carregam o seu nome  
Ez 9,4; e o nome do seu Pai escritos sobre suas testas.  
Ap 3,12; 7,4
  
2. E ouço uma voz que vem dos céus,  
como a voz das grandes águas,  
como o rugido violento do trovão.  
A voz que ouço é como a dos tocadores de harpa  
dedilhando seus instrumentos.
  
3. Eles cantam um canto novo diante do trono,  
Sl 33,2-3 diante dos quatro Viventes e dos Anciãos;  
ninguém consegue aprender este canto,  
senão os cento e quarenta e quatro mil que foram  
comprados da terra.
  
4. Eles não macularam as mulheres,  
Jr 2,3. eles não se sujaram com elas, eles são virgens.  
Eles seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá,  
dentre os humanos, eles são  
como primícias para o Cordeiro e para YHWH.
  
5. Em suas bocas, não encontramos mentiras,  
Sl 32,2; eles são irretocáveis.  
Es 53,9;  
Sf 3,13
  
6. Vejo um outro anjo voar mais alto do que todos,  
ele tem um Evangelho eterno a anunciar  
àqueles que residem sobre a terra,  
a todas as nações, tribos, línguas e povo.
  
7. Ele fala com uma voz forte:  
Ex 20,11; “Tremei em presença de YHWH e ofertai-lhe vossos louvores,  
Ne 9,6 pois é chegada a hora do seu julgamento,  
Sl 48,6; adorai o criador do céu, da terra e das fontes”.  
At 4,24;

14,15; 17,24;  
Ap 10,6

8. Um outro anjo o segue e diz:

Es 21,9;  
Dn 4,27  
Jr 25,15;  
51,7-8;  
Ez 23,32-34

“Ela caiu, ela caiu, Babilônia a grande,  
aquela que faz com que toda a terra beba um vinho de ira e de prostituição”.

9. Um outro anjo, o terceiro, os segue,

13,16; 16,2

ele diz com uma voz forte:  
“Se alguém adorar a Besta e sua imagem,  
se dela receber a marca sobre a mão ou sobre a fronte,

10. ele também conhecerá o puro vinho da ira

Es 51,17;  
Ap 15,7;  
16,19  
Gn 19,24;  
Ez 28,22

que YHWH prepara em seu cálice,  
ele conhecerá os tormentos no fogo e no enxofre,  
em presença dos santos anjos e do Cordeiro.

11. Agora e sempre ergue-se a fumaça dos seus tormentos.

Es 34,10

Eles não conhecem repouso, nem de dia, nem de noite,  
aqueles que adoram a Besta e sua imagem,  
aqueles que recebem a marca do seu nome”.

12. É chegada a hora da paciência dos santos,

13,10;  
12,17

que guardam os ensinamentos Daquele que é o Ser que Ele é  
e que se unem com seu coração e sua inteligência a Yeshua.

13. Ouço uma voz que vem dos céus,

He 4,10

ela diz:  
“Escreve: feliz daqueles que passaram  
e que estão junto Daquele que é o Ser que Ele é.  
Sim, afirma o Sopro, que eles repousem do seu trabalho,  
Suas obras os acompanham”.

14. Eis que surge diante dos meus olhos uma nuvem branca

Dn 7,13;  
Ap 1,13

e sobre a nuvem está sentado o Filho do Homem.  
Sobre a cabeça ele carrega uma coroa de ouro  
e em sua mão uma foice afiada.

15. Em seguida, um outro anjo sai do templo

Tg 4,13

e com uma voz forte grita àquele que está sobre a nuvem:  
“Lança a tua foice e colhe.  
É chegada a hora da colheita,  
pois a seara da terra está madura”.

16. Então, aquele que está assentado sobre a nuvem joga sua foice por terra e a terra é segada.
17. Em seguida, um outro anjo sai do templo, no céu, segurando igualmente uma foice afiada.  
8,3,5
18. Um anjo sai do altar, ele tem poder sobre o fogo, ele grita com uma voz forte àquele que segura a foice afiada: “Lança o gume da tua foice e vindima os cachos da vinha da terra, pois as uvas estão maduras”.
19. E o anjo joga sua foice por terra, ele vindima a vinha e atira as uvas no lagar, imenso lagar, da ira de YHWH.  
Es 83,1-6;  
Ap 19,15
20. Depois são esmagadas as uvas fora da cidade, delas correm sangue que chega até os freios dos cavalos pelo espaço de mil e seiscentos estádios.

## 15

1. Vejo no céu um outro sinal, grande e maravilhoso:  
Sete anjos seguram sete pragas, as últimas,  
já que elas devem concluir a ira de YHWH.
  
2. E vejo uma espécie de mar de cristal misturado com o fogo,  
e aqueles que triunfam sobre a Besta, sobre sua imagem  
e o número do seu nome, estão de pé, perto deste mar de cristal,  
acompanhados por harpas em presença de YHWH.
  
3. Eles cantam o canto de Moshé, o servidor  
Daquele que É, e o canto do Cordeiro:  
“Grandes e maravilhosas são as Tuas obras  
Tu que és o Ser que é em tudo e em todos.  
Justas eretas são tuas vias, ó Rei das nações!
  
4. Quem não te temeria, Senhor, e não glorificaria o teu Nome?  
pois apenas Tu és santo!  
Todas as nações vem e prosternam-se diante de ti,  
pois são desvelados teus julgamentos”.
  
5. Depois disso, tenho ainda uma outra visão:  
o templo da tenda do testemunho no céu está aberto,
  
6. e os sete anjos que seguram os sete flagelos saem do templo.  
Eles estão vestidos de linho puro e resplandecente,  
cingidos na cintura com cinturões de ouro.
  
7. Um dos quatro Viventes dá aos sete anjos  
sete cálices de ouro cheios da ira de YHWH,  
o Vivente, hoje e sempre.
  
8. E o templo enche-se de fumaça por causa da glória  
e do poder Daquele que é o Ser que Ele é,  
e ninguém pode entrar em seu templo  
até o cumprimento dos sete flagelos dos sete anjos.

## 16

1. E ouço uma voz vinda do templo,  
uma voz forte que diz aos sete anjos:  
“Ide, derramai sobre a terra os sete cálices  
da ira de YHWH”.

Sl 69,25;  
Jr 10,25;  
Sf 3,8

2. O primeiro vai derramar seu cálice sobre a terra:  
uma úlcera má e perversa atinge os homens  
que trazem a marca da Besta  
e que adoram sua imagem.

Ex 9,10

3. O segundo derrama seu cálice sobre o mar:  
ele torna-se como o sangue de um morto  
e tudo aquilo que no mar possui um sopro de vida, perece.

Ex 7,17,21;  
Ap 8,8

4. O terceiro derrama seu cálice sobre os rios e as fontes:  
eles tornam-se sangue.

Ex 7,19-24;  
Ap 8,8.10

5. E ouço o anjo das águas dizendo:  
“Tu és justo, Tu que és e que era,  
o Santo,  
assim exerces tua justiça,

1,4,8;  
4,8; 11,17

6. visto que eles fazem correr o sangue dos santos e dos profetas,  
é também sangue que tu lhes dá a beber,  
eles o merecem!”

17,6; 18,24

7. Ouço do altar uma voz que diz:  
“Sim, Tu, o Ser que é o que Ele é, em tudo e em todos,  
teus julgamentos são cheios de verdade e de justiça”.

6,9;  
8,3-4;  
14,18;  
Sl 19,10

8. O quarto derrama seu cálice sobre o sol  
e lhe é dado queimar os homens com o seu fogo,

9. e os homens são queimados por um intenso calor.  
Mas longe de se arrependem e de darem glória a YHWH,  
eles lançam blasfêmias ao Nome daquele que detém em

seu poder tais flagelos.

10. O quinto derrama seu cálice sobre o trono da Besta:  
Ex 10,21;  
Es 8,21-22 seu reino está mergulhado nas trevas,  
os homens mordem suas línguas de dor.
11. Eles blasfemam  
devido a seus sofrimentos e suas úlceras,  
mas eles não se afastam de suas obras.
12. O sexto derrama seu cálice sobre o grande Rio Eufrates:  
9,14 a água seca para preparar a via aos reis  
que vêm do Oriente.
13. Então, da boca do Dragão,  
da boca da Besta  
e da boca dos falsos profetas,  
vejo sair três sopros impuros, semelhantes a rãs.
14. São espíritos ruins, feitores de prodígios  
que vão congregam os reis do mundo inteiro  
para o último combate (*polemos*),  
o grande dia de YHWH, Ele que está em tudo e em todos.
15. “Eis que venho como um ladrão.  
1Ts 5,2;  
Ap 3,3;  
3,18 Feliz daquele que vigia e guarda suas vestes  
para não estar nu e deixar sua vaidade ser vista.”
16. Eles os congregam em um lugar que em hebraico  
chama-se *Har Maggedôn*.
17. O sétimo derrama seu cálice nos ares,  
e do templo sai uma voz forte que vem do trono, ela diz:  
“Tudo se cumpriu”.
18. Então sobrevém raios, trovões e vozes,  
Ex 9,24;  
19,16;  
Ap 4,5;  
11,19 e um terremoto tão violento,  
Dn 12,1;  
Mc 13,19 que jamais houve igual desde que o Homem está sobre a terra.
19. A grande cidade fende-se em três partes e as cidades das nações caem.  
Es 51,17;  
Ap 14,10;  
15,7 Então, YHWH lembra-se de Babilônia, a grande,  
para dar-lhe o cálice onde ferve o grito da sua ira.

20. Todas as ilhas fogem e as montanhas desaparecem.  
6,14

21. Granizos enormes – quase pesando vinte e quatro libras – precipitam-se do céu sobre os homens  
Ex 9,22 e os homens blasfemam contra YHWH devido a este flagelo do granizo, pois este flagelo é particularmente temível.

# 17

1. Um dos sete anjos que segura os sete cálices se adianta e me diz:  
Jr 51,13 “Vem, eu te mostrarei o julgamento da grande prostituta sentada às margens das grandes águas;
2. com ela os reis da terra se prostituíram  
Es 23,17; e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição”.  
Jr 51,7
3. Então, ele me transporta, em espírito, ao deserto.  
Es 21,1-2 E vejo uma mulher sentada sobre uma besta de cor  
13,1 escarlate  
coberta de nomes blasfemos,  
carregando sete cabeças e sete chifres.
4. A mulher, vestida de púrpura e de escarlate,  
Jr 51,7 brilha coberta de ouro, de pedras preciosas e pérolas.  
Ela segura em sua mão um cálice de ouro,  
repleto de abominações e das imundícies da sua prostituição.
5. Sobre sua fronte, um nome está escrito, misterioso:  
2Ts 2,7 “Babilônia, a grande, mãe das prostitutas  
e das abominações da terra”.
6. E vejo a mulher ébria do sangue dos santos  
e do sangue de Yeshua.  
Ao vê-la, fico estupefato.
7. Então, o anjo me diz: “Por que estás estupefato?  
Vou te contar o mistério da mulher  
e da Besta, com sete cabeças e dez chifres, que a carrega.
8. A Besta que vês, era, mas não é mais.  
13,1-4 Ela sobe do abismo e vai rumo à perdição.  
20,12 e os habitantes da terra cujo nome não está escrito,  
desde a fundação do mundo, no livro da vida,  
admiram-se ao ver a Besta,  
pois ela era, ela não é mais, ela voltará.

É o momento de utilizar a inteligência (noùs),

9. da sabedoria (*sophia*):  
13,18 as sete cabeças são as sete colinas onde reside a mulher:  
são também sete reis,
10. dos quais cinco já passaram,  
o sexto está reinando e o sétimo ainda não veio;  
mas quando ele chegar, ele ficará pouco tempo.
11. A Besta que é e que não é mais, é ela própria um oitavo rei,  
ela pertence ao número sete e caminha rumo à perdição.
12. Os dez chifres que tu vês são dez reis  
Dn 7,24 que ainda não receberam a realeza, mas durante uma hora, eles compartilham o poder  
real com a Besta.
13. Eles têm um único intento:  
colocar seu poder a serviço da Besta.
14. Eles combatem o Cordeiro e o Cordeiro os vencerá,  
19,19-21; pois ele é Senhor dos senhores,  
19,16; ele é o Poder dos poderosos,  
Dt 10,17; com ele estão os chamados, os eleitos e os fiéis”.  
Dn 2,47;  
1Tm 6,15
15. Em seguida, ele me diz:  
“As águas que vês, ali onde reside a Prostituta,  
são povos, multidões, nações e línguas...
16. Os dez chifres que vês, e a Besta, odiarão a Prostituta.  
Ez 16,39- eles arrancarão suas roupas e a deixarão nua,  
41; eles a queimarão no fogo e comerão sua carne.  
Es 47,8-9
17. Aquele que É o Ser que Ele É  
colocou em seus corações a realização deste intento,  
para entrarem em acordo para recuperar o poder real para a Besta,  
até o cumprimento das palavras de YHWH.
18. Esta mulher que vês é a grande cidade,  
aquela que reina sobre os reis da terra”.

## 18

1. Depois disso, vejo um outro anjo descer do céu.  
Ele tem um grande poder e a terra é iluminada pela sua glória.
  
2. Ele clama com uma voz forte:  
“Ela caiu, ela caiu, Babilônia, a grande!  
Ela tornou-se morada dos demônios,  
guarida de todos os espíritos impuros,  
domínio de todo tipo de animais e aves imundas.”  
Es 21,9;  
Ap 14,8  
Es 13,21;  
Jr 50,39
  
3. Pois ela matou a sede de todas as nações  
com o vinho da sua ira e das suas prostituições.  
Os reis da terra dormiram com ela,  
e os mercadores da terra enriqueceram e afirmaram-se em seu luxo”.  
17,2
  
4. E ouço uma outra voz que vem dos céus e diz:  
“Sai desta cidade, meu povo, para não participar das suas perversões  
e dos flagelos que lhe são destinados,  
pois suas perversões foram tantas que chegaram ao céu,  
e Aquele que É o Ser que Ele É lembrou-se de suas injustiças.”  
Es 48,20;  
52,11;  
Jr 50,8; 51,45
  
5. Paguem-na em sua própria moeda,  
devolvam-lhe em dobro o que ela fez,  
no cálice onde ela realizou suas misturas,  
misturai o dobro.  
Gn 18,20
  
6. Na mesma medida do seu fasto e do seu luxo,  
dai-lhe tormentos e desgraças,  
já que ela diz em seu coração:  
‘Estou assentada sobre o trono como rainha, eu não sou viúva, jamais verei o luto’.  
Jr 50,15,25
  
7. É por esta razão que recaem sobre ela, em um único dia,  
os flagelos que lhe são destinados:  
morte, luto, fome, e ela é consumida pelo fogo;  
pois poderoso é aquele que a julga, Ele que é o Ser que Ele É.  
Es 47,9
  
8. Então, os reis da terra,  
quando virem a fumaça do seu incêndio,  
Es 47,9

- Ez 26,16 poderão chorar e lamentar-se por ela;  
eles são aqueles que compartilharam sua prostituição e seu luxo.
10. Eles se mantêm a distância, assustados pelo seu tormento.  
Ez 26,17 Eles dizem:  
‘Ai, ai! Ó grande cidade da Babilônia, cidade poderosa,  
bastou uma hora para seres julgada!’
11. Eles choram e ficam desolados por ela  
Ez 27,36 os traficantes da terra,  
nada nem ninguém comprará sua carga.
12. Carga de ouro e de prata, de pedras preciosas e de pérolas,  
Ez 27,12-24 de linho e de púrpura, de seda e de escarlate,  
madeira odorífera, objetos de marfim, madeira preciosa,  
bronze, ferro ou mármore,
13. canela, perfumes, mirra e incenso,  
Ez 27,13 vinho e óleo, a flor da farinha e do trigo,  
os bois e as ovelhas, os cavalos e as carruagens,  
corpos e almas humanas.
14. Os frutos maduros que tua alma cobiça, afastam-se de ti  
e todo o luxo e esplendor, terminaram para sempre para ti,  
e não há volta!
15. Os mercadores, que ela enriqueceu com o seu comércio,  
mantêm-se a distância por temer seu tormento.  
Em lágrimas e em luto, eles dizem:
16. ‘Ai, ai!  
17,4 A grande cidade, vestida de linho, de púrpura e de escarlate,  
cintilante de ouro, de pedras preciosas e de pérolas,
17. bastou uma hora para ruírem todas suas riquezas’.  
Ez 27,27-29 Aqueles a quem pertencem os navios, capitães, marinheiros  
e todos aqueles que vivem do mar, mantêm-se a distância
18. e exclamam, ao ver subir a fumaça do seu incêndio:  
‘Que cidade podia se comparar à grande cidade?’
19. Eles jogam pó sobre a cabeça e clamam aos gritos,  
Ez 27,30-34 derramando lágrimas.  
Eles estão de luto e dizem:  
‘Ai, ai!  
A grande cidade que enriqueceu todos aqueles que têm

navios navegando no mar,  
uma hora bastou para que ela fosse devastada!’

20. Alegra-te com sua ruína, ó céu,  
12,12 e vós também, santos, apóstolos e profetas,  
pois Aquele que É o Ser que Ele É, ao julgá-la, vos fez justiça”.

21. Então, um anjo poderoso, toma de uma  
Jr 51,63-64 pedra como de uma pesada mó,  
e a precipita no mar dizendo:  
“Com a mesma violência foi lançada Babilônia a grande, ela não existe mais”.

22. O canto dos tocadores de harpa e dos músicos,  
Es 24,8; dos tocadores de flauta e de trombeta,  
Ez 26,13 não mais escutamos em tua casa,  
nem nenhum artífice ou artista,  
não ouvimos mais o ruído da mó,

23. não vemos mais brilhar a luz do candeeiro,  
Jr 7,34; 25,10 a voz do noivo (*numphas*) e da noiva,  
Es 23,8 não as ouvimos mais,  
pois teus mercadores são prósperos,  
através da sua medicina (*pharmakia*) foram desviadas  
todas as nações.

24. Em ti foi encontrado o sangue dos profetas, dos santos  
Mt 23,35-37; e de todos aqueles que foram degolados sobre a terra.  
Ap 16,6

## 19

1. Depois disto é como se ouvisse a voz de uma imensa multidão que no céu proclama:  
“Aleluia! A glória e o poder pertencem a YHWH!”
  
2. Seus julgamentos são justos e verdadeiros,  
Ap 16,6-7; ele julga a grande Prostituta que corrompe a terra com suas prostituições,  
18,20; e Ele vinga sobre ela o sangue dos seus servos”.  
6,10;  
11,18; 18,24
  
3. Novamente, ela proclama:  
Es 34,10; “Aleluia!”  
Ap 14,11 Que sua fumaça eleve-se agora e sempre!”
  
4. Os vinte e quatro Anciãos e os quatro Videntes se prosternam, eles adoram YHWH que está assentado sobre o trono, dizendo:  
“Amém, Aleluia!”
  
5. Então, uma voz vinda do trono diz:  
Sl 135,1; “Louvai YHWH! Vós, todos seus servos,  
115,13 vós que o temeis, pequenos e grandes”.
  
6. E ouço como se fosse o ruído de uma imensa multidão,  
11,17 rumor das grandes águas,  
e como o rugir de poderosos trovões que anunciam:  
“Aleluia! Aquele que É o Ser que Ele É, em tudo e em todos,  
Ele manifesta seu Reino.
  
7. Regozijemo-nos! Alegremo-nos! Louvemos (*doxan*)!  
21,2,9 eis as núpcias do Cordeiro;  
sua esposa embelezou-se,  
vestida de um linho de um branco cintilante”.
  
8. O linho são as obras justas dos santos.  
Es 61,10
  
9. Um anjo me diz:  
Mt 22,1-14 “Escreve: Felizes daqueles que foram convidados às bodas do Cordeiro”.  
Ele acrescenta:  
“Estas são as palavras de YHWH”.

10. Então eu me prosterno aos seus pés para adorá-lo,  
mas ele me diz:  
“Não o faças! Sou um servo como tu  
e como os irmãos que possuem o testemunho de Yeshua;  
deves adorar Aquele que É o Ser que Ele É”.  
O testemunho de Yeshua, é o próprio sopro (*pneuma*) dos profetas.
11. E vejo o céu aberto:  
um cavalo branco,  
aquele que o cavalga chama-se o Fiel, o Verdadeiro,  
ele julga e ele combate com justiça.
12. Seus olhos são chamados de fogo,  
sobre a cabeça, ele carrega diversos diademas,  
inscrito sobre ele, há um Nome que apenas ele conhece.
13. O manto que o envolve está embebido de sangue,  
ele é a Palavra Daquele que é o Ser que Ele É.
14. Os exércitos do céu o seguem montados sobre cavalos brancos,  
vestidos com linho branco e puro;
15. da sua boca sai uma espada afiada com a qual ele golpeia as nações,  
com uma vara de ferro ele os rege,  
ele preenche a cuba com a ardente ira de YHWH,  
Aquele que é em tudo e em todos.
16. Sobre seu manto e sua coxa um nome está escrito:  
Rei dos reis, Senhor dos senhores.
17. Então vejo um anjo de pé, ao sol,  
ele clama com uma voz forte a todos os pássaros que estão no zênite:  
“Vinde! Juntem-se para o grande festim de Deus,
18. para vos saciar com a carne dos reis, dos chefes, dos poderosos,  
para vos saciar com a carne dos cavalos, dos cavaleiros,  
de todos os homens, livres e escravos, pequenos ou grandes”.
19. Vejo então a Besta com os reis da terra  
e seus exércitos reunidos  
para combater o cavaleiro e seu exército.
20. A Besta é capturada e com ela, o falso profeta,

13,13-17   aquele que cumpre por ela os sinais e os prodígios  
Dn 7,11   pelos quais ele desvia aqueles que receberam a marca da  
          Besta e adoraram sua imagem.  
          Ambos são jogados vivos em um lago de fogo que arde com enxofre.

21.   Os outros perecem pela espada que sai da boca do cavaleiro,  
      e todos os pássaros se saciam com suas carnes.

## 20

1. Vejo um anjo descer do céu,  
ele segura na sua mão a chave do abismo e uma pesada corrente.
2. Ele apodera-se do Dragão, a antiga Serpente que é o diabo, o Shatan,  
12,9 ele o acorrenta por mil anos,  
3. ele o precipita no abismo que ele fecha e sela sobre o Dragão,  
2Ts 2,9-1 para que ele não mais desvie as nações  
até terem se passado mil anos;  
depois disto, ele será solto por pouco tempo.
4. Vejo tronos,  
Dn 7,9.22.27; aqueles que se assentam sobre eles, lhes é dado o poder de exercer o julgamento,  
Mt 19,28; vejo também as almas e aqueles que foram decapitados,  
1Cor 6,2 testemunhas de Yeshua e da palavra de YHWH;  
6,9 aqueles que não adoraram a Besta e sua imagem  
13,15-17 e que não receberam sua marca sobre o fronte e sobre a mão.  
5,10; Rm 5,17 Eles vivem e reinam com o Cristo durante mil anos.
5. Os outros mortos não voltarão  
antes de terem se passado mil anos;  
esta é a primeira ressurreição.
6. Felizes e santos são aqueles que participam da primeira ressurreição,  
5,10 sobre eles a segunda morte não terá influência,  
eles são os sacerdotes Daquele que é o Ser que Ele é  
e do seu Enviado (Aquele que é inspirado pelo Sopro, o Ungido, o Cristo).  
Eles reinam com ele durante mil anos.
7. Quando os mil anos tiverem passado,  
Shatan será libertado da sua prisão.
8. Ele partirá para seduzir as nações sobre os quatro cantos da terra,  
16,14.16; Gogue e Magogue,  
19,19-21 ele os reunirá para o combate;  
seu número é tão grande quanto a areia do mar.
9. Eis que eles invadem toda a extensão da terra

Lc 21,24; e investem contra o campo dos santos e a cidade bem-amada.  
Sl 78,68; 87,2; Mas um fogo desce dos céus e os devora.  
2Rs 1,10.12

10. E o diabo, aquele que os desvia de seu caminho,  
19,20 é jogado em um lago de fogo e enxofre,  
junto com a Besta e o falso profeta.  
Seu suplício vai durar agora e sempre.

11. Depois vejo um grande trono e Aquele que nele se assenta,  
longe da sua presença (*prosopon*), a terra e o céu fogem sem deixar rastro.

12. E vejo os mortos, os grandes e os pequenos, de pé diante do trono;  
livros estão abertos, em seguida outro livro é aberto, o livro da vida.  
Então, os mortos são julgados segundo o conteúdo destes livros,  
cada um segundo suas obras.

13. O mar faz surgir os mortos que ele guarda em si,  
a morte e o Hades fazem surgir os mortos que eles mantêm,  
e cada um é julgado segundo suas obras.

14. Em seguida, a morte e o Hades são lançados em um lago de fogo;  
21,4; eis a segunda morte.  
1Cor 15,26.54

15. E qualquer um que não esteja inscrito no livro da vida,  
13,8; 17,8; é lançado no lago de fogo.  
14,10

## 21

1. Então, vejo um novo céu e uma nova terra,  
pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram,  
e o mar não mais existe.  
Es  
65,17;  
66,22;  
2Pd  
3,13;  
20,11

2. A cidade santa, a nova Jerusalém,  
eu a vejo descer dos céus, junto a Deus;  
ela se fez bela, como uma esposa ornamentada para seu esposo.  
Es  
61,10;  
65,18;  
Gl 4,26;  
Ap 3,12;  
Es 52,1;  
Os 2,16  
;  
Ap  
19,17

3. E ouço, vindo do trono, uma voz forte que diz:  
“Eis a morada de YHWH entre os homens.  
ele morará com eles, eles são o seu povo,  
YHWH está com eles.”  
Ez  
37,27;  
Zc 2,14  
Ez  
37,27;  
Mt 1,23

4. Ele seca todas as lágrimas dos seus olhos,  
a morte não existe mais; nem luto, nem gritos, nem sofrimento,  
o mundo antigo desapareceu”.  
Es 25,8;  
35,10;  
65,19;  
Ap 7,17

5. Aquele que está sobre o trono proclama:  
“Eis que faço todas as coisas de maneira nova”.  
Em seguida, ele diz:  
“Escreve! Essas palavras são certas e verdadeiras”.  
Es  
43,23;  
2Cor  
5,17  
Dn 8,26;  
19,9;  
22,6

6. E ele me diz: “Tudo se realizou.  
Eu Sou (*ego eimi*) o Alfa e o Ômega,  
o início e o fim.

Es 55,1; Àquele que tem sede,  
Jo  
4,10,14; dou fontes de água viva gratuitamente.  
7,37  
7,17;  
22,17

7. O vencedor recebe sua herança  
Eu sou seu Deus, ele é o meu filho.  
2S 7,14;  
Sl  
2,7;  
89,27-  
28; Hb  
1,4-5  
2,11;  
20,6,14

8. Quanto aos covardes, aos infiéis, aos depravados, aos assassinos,  
aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras, a todos os mentirosos;  
seu lugar é no lago de fogo e de enxofre:  
a segunda morte”.

9. Então, um dos sete anjos que seguram as taças cheias dos sete derradeiros flagelos,  
vem me dirigir a palavra e diz:  
“Vem, eu vou te mostrar a Noiva, a Esposa do Cordeiro”.

10. Ele me carrega em seu sopro para o cimo de uma grande e alta montanha,  
ele me mostra Jerusalém, a cidade santa, que desce do céu, de um lugar perto de Deus.

11. Ela manifesta a glória Daquele que é o Ser que Ele é,  
seu brilho lembra as pedras preciosas, a pedra de um jaspe cristalino.

12. Ela é uma muralha grande e alta que tem doze portas, e nas portas, doze anjos.  
Nomes estão inscritos: os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

13. No Oriente, três portas,  
No Norte, três portas,  
No Sul, três portas  
e no Ocidente, três portas.

14. As muralhas da cidade repousam sobre doze fundações, cada uma carrega o nome de um  
dos doze apóstolos do Cordeiro.

15. Aquele que me fala carrega uma medida, uma cana de ouro, para medir a cidade, suas  
portas

Ez 40,3; e suas muralhas.  
Zc 2,5-  
6;  
11,1

16. A cidade é quadrada: seu comprimento é igual à sua largura.  
Ele a mede com a cana, ela conta doze mil estádios,  
comprimento, largura e altura são iguais.

17. Ele mede as muralhas: cento e quarenta côvados.  
O anjo utiliza uma medida humana.

18. Esta muralha é construída em jaspe,  
a cidade é de ouro puro, semelhante ao puro cristal.

19. As fundações das muralhas da cidade  
são ornamentadas de todo tipo de pedras preciosas:  
Es a primeira fundação é de jaspe,  
54,11- a segunda de safira,  
12 a terceira de calcedônia,  
a quarta de esmeralda,

20. A quinta de sardônica  
A sexta de sárdio,  
A sétima de crisólito,  
A oitava de berilo,  
A nona de topázio,  
A décima de crisópraso,  
A décimo primeira de jacinto,  
A décimo segunda de ametista.

21. As doze portas eram doze pérolas,  
cada uma das portas é uma única pérola;  
e o lugar da cidade é de ouro puro como um límpido cristal.

22. Não há templo na cidade, pois seu templo  
Jo 2,19- é YHWH Aquele que É, em tudo e em todos  
21; e é o Cordeiro.  
21,3;  
22,3

23. A cidade não precisa nem do sol nem da lua para iluminá-la, pois a presença Daquele que  
Es é o Ser que Ele é a ilumina e o Cordeiro é a sua tocha.  
60,1.19

24. As nações caminham à sua luz  
Es 2,2- e os reis da terra para lá levam sua glória,

4;  
25,6-8

25. suas portas estão abertas durante o dia;  
Es 60,11 à noite, não há mais portas

26. e viremos trazer-lhe a opulência e o fasto das nações.

27. Nenhuma imundície poderá ali entrar,  
nem ninguém que cometa abominação e mentira,  
Es 35,8; apenas aqueles que se inscreveram no livro da vida do Cordeiro.  
52,1;  
Zc 13,1-2  
Dn 12,1;  
3,5;  
13,8;  
17,8;  
20,12.15

1. Em seguida ele me mostra um rio de águas vivas, brilhante como o cristal,  
que brota do trono de Deus e do Cordeiro.  
Ez 47,1;  
Zc 14,8;  
Jo 7,38
2. No meio da praça da cidade e dos dois braços do rio,  
há uma árvore da vida que produz doze colheitas;  
todo mês ela dá o seu fruto,  
e sua folhagem serve para a cura das nações.  
Ez 47,12  
Gn 2,9;  
2,7; 22,14.19
3. Não existe mais maldição,  
o trono de Deus e do Cordeiro está na cidade  
e seus servos o honram,  
Gn 3,22;  
Zc 14,11;  
21,22
4. eles veem sua face (*prosopon*)  
e seu nome está inscrito sobre suas fronte.  
Sl 11,7; 17,15;  
1Jo 3,2
5. Não há mais noite,  
eles dispensam lâmpadas e sol para iluminá-los,  
pois YHWH é sua luz,  
eles reinam agora e sempre.  
Es 60,19;  
21,23-26  
Dn 7,18.27;  
5,10
6. Em seguida ele me diz:  
“Essas palavras são certas e verídicas,  
YHWH, Aquele que inspira os profetas,  
enviou seu anjo para desvelar aos seus servos  
aquilo que deve acontecer agora.  
Dn 8,26;  
19,9; 21,5  
Dn 2,28;  
1,1-19; 22,16
7. Eis que venho!  
Feliz daquele que guarda as palavras proféticas deste livro!”  
1,3; 3,11;  
22,10.12.20
8. Eu, Yohanan, eu vejo e ouço!  
Após ter ouvido e visto, eu me prosterno aos pés do anjo  
que tudo me mostrou, para adorá-lo.  
19,10

Mas ele me diz:

9. “Não, não faça isso, pois sou um servo como tu e como teus irmãos, os profetas, e aqueles que guardam as palavras deste livro; Aquele que É o Ser que Ele É deve ser adorado”.
10. Ele me diz ainda:  
10,4 “Não mantenha em segredo as palavras proféticas deste livro,  
1,3; 22,7.12 pois é chegada a hora.
11. Que o homem injusto acrescente ainda à sua injustiça,  
Dn 12,10 que o impuro acrescente ainda à sua impureza, mas que o justo pratique ainda a justiça, e que o santo continue a se santificar.
12. Eis que eu vejo!  
Es 40,10; Dou a cada um segundo suas obras,  
Mt 16,27;  
Sl 28,4; 62,13
13. eu sou o Alfa e o Ômega,  
Es 41,4; 44,6; o primeiro e o último,  
1,8.17;2,8; o princípio e o fim.  
21,6
14. Felizes daqueles que lavam suas vestes,  
7,14 eles podem saborear da árvore da vida,  
Gn 2,9; 3,22; eles passam pelas portas para entrar na cidade.  
2,7; 22,2.19
15. Do lado de fora, os cães, os feiticeiros, os idólatras,  
21,8.27; 22,19 qualquer um que ame ou pratique a mentira!
16. Eu, Yeshua, eu envio meu anjo  
1,1.11; 22,6 para dar o meu testemunho a todos aqueles que ouvirem o Chamado, estou enraizado na linhagem de Davi, eu sou a estrela radiante da manhã”.
17. A Mulher e o Sopro dizem:  
Es 55,1; “Vem!”  
Jo 7,37; Que aquele que ouve, diga: “vem!”  
21,6 Que o homem que tem sede se aproxime!  
Que o homem de desejo receba a água da vida gratuitamente!
18. Eu lhe digo,  
Dt 4,2 a qualquer um que escute as palavras proféticas deste livro: se a elas alguém acrescentar algo,

YHWH fará vir sobre ele todos os flagelos descritos neste livro,

19. E se alguém suprimir alguma das palavras deste livro profético, YHWH suprimirá sua parte da árvore da Vida e da cidade santa que estão descritas neste livro.
  
20. Aquele que atesta estas revelações afirma:  
“Sim, no Instante, Eu sou, eu venho!”  
Amém, seja, venha, *Adôn Yeshua!*  
1,3; 3,11;  
22,7.10.12;  
1Cor 16,22
  
21. Sim, o amor, a graça (*charis*) de Yeshua Está em tudo e em todos (*pantocrator*).

# ABREVIACÕES DOS LIVROS BíBlicos

## ANTIGO TESTAMENTO

|          |                       |
|----------|-----------------------|
| Gn       | Gênesis               |
| Ex       | xodo                 |
| Lv       | Levítico              |
| Nm       | Números               |
| Dt       | Deuteronômio          |
| Js       | José                  |
| Jz       | Juízes                |
| Rt       | Rute                  |
| 1Sm, 2Sm | Samuel                |
| 1Rs, 2Rs | Reis                  |
| 1Cr, 2Cr | Crnicas              |
| Esd      | Esdras                |
| Ne       | Neemias               |
| Tb       | Tobias                |
| Jt       | Judite                |
| Est      | Ester                 |
| 1Mc, 2Mc | Macabeus              |
| J       | J                    |
| Sl       | Salmos                |
| Pr       | Provrbios            |
| Ecl      | Eclesiastes (Qohélet) |
| Ct       | Cânticos              |
| Sb       | Sabedoria             |
| Eclo     | Eclesiástico          |

|        |                |
|--------|----------------|
| Es, Is | Esaiás, Isaías |
| Jr     | Jeremias       |
| Lm     | Lamentações    |
| Br     | Baruc          |
| Ez     | Ezequiel       |
| Dn     | Daniel         |
| Os     | Oseias         |
| Jl     | Joel           |
| Am     | Amós           |
| Ab     | Abdias         |
| Jn     | Jonas          |
| Mq     | Miqueias       |
| Na     | Naum           |
| Hab    | Habacuc        |
| Sf     | Sofonias       |
| Ag     | Ageu           |
| Zc     | Zacarias       |
| Ml     | Malaquias      |

#### NOVO TESTAMENTO

|            |                 |
|------------|-----------------|
| Mt         | Mateus          |
| Mc         | Marcos          |
| Lc         | Lucas           |
| Jo         | João            |
| At         | Atos            |
| Rm         | Romanos         |
| 1Cor, 2Cor | Coríntios       |
| Gl         | Gálatas         |
| Ef         | Efésios         |
| Fl         | Filipenses      |
| Cl         | Colossenses     |
| 1Ts, 2Ts   | Tessalonicenses |

1Tm, 2Tm

Tt

Fm

He

Tg

1Pd, 2Pd

1Jo, 2Jo, 3Jo

Jd

Ap

Timóteo

Tito

Filêmon

Hebreus

Tiago

Pedro

João

Judas

Apocalipse

**INTERPRETAÇÃO E VARIAÇÕES SOBRE O  
APOCALIPSE**

## Primeira leitura

O primeiro comentário deste texto é constituído pelas referências ou ressonâncias bíblicas indicadas à margem da nossa tradução. Para a hermenêutica tradicional, um versículo da escritura só pode ser compreendido quando colocado em ressonância com outros versículos desta mesma escritura. Uma coerência interna ao texto deve ser respeitada, mesmo que esta coerência ainda não encerre “todo o sentido”.

Dentro das limitações desta obra, seria vão querer comentar “todo” o Apocalipse; será preciso, portanto, fazer uma escolha. Esta escolha é obviamente orientada e marcada pelas dificuldades e os dramas que vivemos atualmente no mundo.

Buscaremos no Apocalipse uma saída e um sentido para o absurdo, o mal e o medo. O infortúnio pode transformar-se em provação? Um nos faz abaixar a cabeça, a outra a ergue.

Não estaria o Livro do Apocalipse nos anunciando a debilidade dos nossos poderes e a força da nossa fraqueza? Neste “livro sagrado” é a inocência que triunfa sobre o mal, suas bestas e seus dragões... Serão os gritos e os cantos da mulher, da criança e dos vinte e quatro anciãos armas brancas que trarão um término às nossas violências e aos nossos desesperos?

# 1

## Primeiras revelações: “Não temeis! Eu sou / Eu serei”

### Capítulo I

#### 1. *Apocalypsis Iesou Christou.*

Desvelamento de Yeshua,

o enviado Daquele que é o Ser que Ele é (*o Théos, YHWH*).

Ele mostra a seus servos o que acontece agora (*en taxei*) (Ap 1,1).

Como indicamos em nossa introdução, este Apocalipse é o oposto de uma má notícia ou ao anúncio de uma catástrofe, é a revelação ou o desvelamento de uma Presença que é Sujeito dos acontecimentos e das circunstâncias, ao invés de objeto dos acontecimentos e das circunstâncias. Este Sujeito, na História, tomou o nome e a forma de Yeshua. Um ser histórico encarna “Aquele que É o Ser que Ele É”, ser totalmente “assim” e inteiramente para o outro.

YHWH<sup>14</sup>: o nome de “Deus” em hebraico é intraduzível; em grego e em latim. Este Nome avizinha-se da “clara luz” (*Deus, Diés*: “o dia luminoso”), Ele é aquele que não podemos ver, mas que nos faz ver, aquele sobre o qual não podemos pensar, mas que nos faz pensar, aquele que não podemos amar, mas que nos faz amar... *Aquele que ama habita em Deus e Deus habita nele*. Aquele que não ama não conheceu Deus, ele permanece na morte, nos diz Yohanan em sua primeira epístola.

“Ele é Aquele que É o Ser que Ele É”.

Ele não é apenas o Ser, mas “Aquele que É”, o Sujeito em quem o Ser vive e se dá. O Sujeito que não possui o Ser como um ter. Deus não tem o Ser, Ele é *Aquele que É o Ser que Ele É*. Portanto, Ele é Aquele que pode doá-lo. O Sujeito como dom gratuito do Ser (ágape, amor incondicional): este é o desvelamento vivido e transmitido por Yeshua.

“Ele mostra a seus servos.”

Alguns traduzirão *douloi* (singular: *doulos*) por “escravos”, outros por “amigos”, referindo-se às palavras evangélicas: “*Não vos chamo mais de*

*servos, mas de amigos*”. Ele mostra “àqueles que possuem olhos para ver” e cada um vê na medida de seu interesse e de sua intimidade com o sujeito que ele observa. O Servo, título que Yeshua retomará para si mesmo: “*Eu estou no meio de vós como aquele que serve*”, lembra-nos uma das qualidades do Sujeito: “Ele vem para servir, não para ser servido”, pois “há mais amor em dar do que em receber”.

O título de servo está próximo ao de discípulo, aquele que se une ao Real – Aquele que não possui outro mestre além do Vivente; ao se colocar a serviço do Vivente nas diferentes formas de vida nas quais o encontramos, este desvela-se e mostra-se.

“Ele mostra a seus servos o que acontece agora.”

Nesta “disciplina” de atenção ao Vivente, o servo pode ver o que acontece, a Presença que vem – alguns traduzirão “que logo virá”, “que virá rápido”; nós preferimos: “que chega já, agora” (*en taxi*). É no presente que podemos apreender o Real ou o Sujeito que se desvela.

Ele está aqui desde sempre: “não é a luz que falta aos nossos olhos, são nossos olhos que faltam à luz”. Trata-se de incessantemente vermos o que acontece, “eternamente”, como a fonte que não para de chegar, agora, no curso e nos desvios do rio.

Ver “Deus que chega” naquilo que chega até nós, ou seja, ver a manifestação, a parusia do Ser em tudo aquilo que é, supõe toda uma arte da atenção, um espírito não obstruído, não velado pelo medo ou por uma expectativa qualquer. Nossa maneira de buscar ou esperar “Aquele que É o Ser que Ele É” sob uma forma particular, pode nos impedir de ver em sua presença sempre nova e “inesperada”.

“Agora” é o tempo do Apocalipse, do desvelamento e da visão. Profecia não é predição – Yohanan é profeta ou vidente (*nabi*) no sentido em que ele vê o que acontece agora. O que acontece agora é o resultado do passado e a causa do futuro. É no instante presente que ele pode conhecer o passado e o futuro. E na mais íntima atenção ao instante, mais do que ao passado, ao presente e ao futuro, é o “novo” que vai lhe aparecer, aquilo que não pertence ao espaço-tempo.

Desvelamento transmitido pelo anjo (*angelos*) a seu servo (*lormè*) Yohanan,

que atesta que sua visão é verdadeira,  
Palavra Daquela que é o Ser que Ele é (YHWH),  
marca (*marturian*) de Yeshua (Ap 1,1-2).

O anjo é este poder e esta consciência intermediária entre Yohanan e “Aquele que É o Ser que Ele É”; Ele é aquele que faz o elo entre o criado e o incriado. É neste mundo intermediário, o imaginal e não o imaginário ou o imaginável, que são produzidas as imagens silenciosas que vão inspirar a Yohanan as palavras do livro que ele mesmo irá transmitir. Ele afirma que sua visão é verdadeira, ela não é uma fantasia e ela é mais do que um sonho...

Como saber que uma visão é verdadeira? Pelos frutos que ela produz, a humildade com a qual nos conduzimos para testemunharmos e transmitirmos o eco de um Real ao mesmo tempo visível e invisível: “marca de Yeshua”. Para Yohanan, a verdade não é uma abstração, é uma pessoa, “alguém”. Uma visão é verdadeira na medida em que ela guarda em si os traços, “a marca” daquele que encarna a Presença e manifesta suas qualidades.

O critério de verdade para Yohanan, é aquilo que se assemelha a Yeshua, que possui o seu estilo, sua maneira de ser e, sem dúvida, sua maneira de amar. Yohanan viu Yeshua durante sua vida terrestre, ele dá testemunho daquilo que ele viu e ouviu dele: ele viu um homem em Deus e Deus em um homem. Para ele, a mentira e a enfermidade, são aquilo que não se assemelham a Yeshua, é aquilo que aparenta não ir bem e aparenta não amar. O que o faz viver é aquele que ama e segue em frente; eles dão testemunho (*marturion*) da presença de Yeshua.

Feliz (*makarios*) daquele que pode ler as palavras da profecia e meditar sobre aquilo que está escrito, próximo é o Instante! (*Kairós*) (Ap 1,3).

A felicidade é poder ler, ser inteligente (*intelligere*: “ler por dentro”), ler (*legere*) no Real. É não apenas a felicidade de ser, é a felicidade de ser consciente. Felicidade é quando o ser toma consciência de si mesmo. Ser consciente de ser e neste ser e nesta consciência descobrir uma palavra, uma palavra profética, uma palavra que vê, que permite ver, não apenas aquilo que é, mas aquilo que faz ser, o dom que nos acontece em cada coisa que é

vivida como uma presença. Felicidade é poder meditar a letra do livro como meditamos o ser do mundo.

A meditação nos aproxima do Instante que está sempre aqui, trata-se do instante, *Kairós* em grego e não *Chronos*. Da mesma maneira que o caos pode tornar-se um cosmos, se o Logos o informar; o *Chronos*, o tempo que devora, pode tornar-se um *Kairós*, um instante favorável e propício, se o Logos o informar. É através da nossa participação no Logos, a Informação criadora, que podemos transfigurar nosso espaço-tempo; o mundo torna-se templo, o tempo torna-se repouso (*shabbat* em hebraico). Discernir o templo e o shabbat em todos os lugares e a cada instante: isto é o Apocalipse, a revelação para onde somos conduzidos através da leitura meditativa daquilo que nos acontece.

No instante, viver no mundo como em um templo, ou seja, viver cada coisa, cada “objeto” como no interior de uma presença, viver o tempo como um tempo de repouso, como uma vacância muito elevada, livre dos remorsos ou das nostalgias e saudades do passado e das inquietações e projetos para o futuro; fazer coincidir o instante com o eterno, que é este não tempo de onde saiu o tempo e para onde ele retornará (*coincidentia oppositorum*).

Para Yohanan, isto é a felicidade: viver na proximidade e na intimidade de uma Presença que se dá a viver, a pensar e a amar no instante. Esta beatitude “apocalíptica” só é acessível àquele que meditou longamente sobre a dor como sobre um livro. O mistério não está nas letras que o constituem, mas no local que curiosamente entrelaça essas letras para delas extrair um sentido; o sentido do livro não é o autor?

O mistério do mal não está nos sofrimentos e nos infortúnios que nos acontecem, mas na consciência que curiosamente lhes atribuímos ao ponto de, por vezes, identificarmo-nos a eles e, assim, fazermos deles uma identidade. A saída para a dor não é o Sujeito que para de se identificar aos males dos quais ele sofre?

A questão não é mais: Por que existe o mal no mundo? Mas: Por que o mundo existe? Deveríamos perguntar ainda: Existe mundo no mal? Alguns responderão: não, ninguém! O Apocalipse nos diz que este “ninguém”, é “alguém”, este alguém não é o mal que existe, ele é o ser que é.

## Yohanan aos sete invocados (*ekklesia*) que estão na Ásia:

Graça (*charis*) e paz (*eirênê*) vos sejam concedidas  
por parte daquele que era, que é e que virá  
(*O Òn, o Èn, o Erchomenos*)  
por parte dos sete Sopros (*pneuma*) que envolvem o trono  
(Ap 1,4).

Yohanan dirige-se aos sete “invocados” que estão na Ásia, que normalmente traduzimos por “igrejas”. Na época de Yohanan, perto de Patmos, foram recenseadas sete igrejas ou sete comunidades de cristãos: em Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia e ainda muitas outras. Yohanan se detém no número sete, número sagrado que indica uma plenitude. Para chegar a esta plenitude, sete lugares no homem devem “escutar o chamado”...

De fato, é desta maneira que traduzimos tanto para o francês quanto para o português, a palavra grega *ekklesia*, que vem do verbo *ek-keleia*, ou seja: “convocar, chamar, invocar”. *Ekklesia* traduz a palavra hebraica *qôhal* e designa o agrupamento do povo de Israel convocado por Moisés no momento da Aliança: “*Moisés chamou os anciãos do povo, e expôs diante deles todas estas palavras, que YHWH lhe tinha ordenado*” (Ex 19,5-7). É também o que faz Yohanan com os judeus e os pagãos “que ouviram o chamado” de “Aquele que era, que é e que virá” através das palavras e dos atos de Yeshua.

Aquilo que chamamos de igreja, é a reunião de homens e mulheres que juntos colocam-se à escuta e meditam sobre aquilo que eles ouviram para colocá-lo em prática. Pois não basta “ouvir”, é preciso ainda “escutar” aquilo que o Sopro nos inspira. De todo modo, ter ouvido o chamado já é reconhecer-se como alguém que foi invocado.

Uma das descobertas ou um dos descobrimentos do Apocalipse é exatamente descobrir-se “humano” neste chamado do Ser a ser; não apenas eu sou chamado a ser, a ser consciente e a amar, mas eu sou também chamado pelo meu nome. Quando eu sou aquilo que eu sou, que é único e insubstituível enquanto único, ou seja, enquanto semblante (e não enquanto função ou funcionamento biopsíquico), que eu posso me reunir e comungar com o Ser que é o que Ele é, Aquele que É o seu Nome.

Como conhecer nosso nome se nós não formos chamados, e como descobri-lo se não respondermos ao chamado? Neste sentido, cada um de nós é uma igreja, um conjunto composto de diferentes membros chamados a vir a ser o que eles são, ou seja, seu nome e seu semblante. Não responder ao chamado do Ser que é o que Ele é, é não escutá-lo e permanecer sem nome e sem rosto.

Desta maneira, Yohanan dirige-se àqueles que ouviram o chamado, uma vez, duas vezes... sete vezes... Eles o escutaram? Para chegar a esta plenitude de nome e de semblante? De todo modo, ele deseja-lhes a graça (*charis*) e a paz (*eirênê*) por parte daquele que era, que é e que virá.

A graça é a beleza que se dá, a gratuidade. Yohanan deseja aos homens esta leveza que não se guarda para si mesma, esta leveza que se dá, que não se retém e que não retém, este amor não interessado, incondicional e gratuito que chamaremos de caridade (*charis*). A caridade não é apenas “dar esmola” ou entrar em instituições “humanitárias”, ela pode, evidentemente, começar por aí até o momento em que saímos da encenação do espetáculo da nossa generosidade e dos nossos dons e nos tornamos, então, capazes de amar sem saber que amamos. Desta maneira, conheceremos a paz daquele que está inteiramente presente ao se dar.

Na tradição hebraica, *shalom* (estar em paz), é estar “inteiro”. Nós não estamos em paz porque não estamos inteiros, há sempre uma parte de nós mesmos que está faltando, que não responde ao chamado a sermos e a amarmos.

Yohanan nos deseja a paz, ele deseja que estejamos inteiramente aqui, “assim”, graciosos da própria graça do dom. Ele nos deseja isso da parte daquele que era, que é e que virá, da parte Daquele que é o Ser que Ele é, da parte daquele que é assim, que se doa inteiramente, que se doa inteiramente para o outro em seu próprio ato de ser. Incessantemente, o Ser nos vem ao espírito, ao coração, ao corpo, como Presença.

Yohanan nos deseja também a graça e a paz por parte “dos sete sopros (*pneuma*) que envolvem o trono”. Novamente, o número sete indica uma plenitude, um estado onde “o ar não nos falta” (*pneuma*). Os sete sopros se tornarão os sete dons do Santo Espírito, todas as qualidades divinas (sabedoria, bondade, justiça, misericórdia, força, prudência, discernimento etc.) que brilham ou envolvem a Presença pousada, repousada (o trono) Daquele que é o Ser que Ele é em cada um de nós.

Trata-se, realmente, de guardarmos o sentido de “sopro” na palavra *pneuma*, pois nem sempre a palavra “espírito” consegue traduzi-lo inteiramente. O Espírito Santo é o ar pleno, o bom vento em cada um de nós; para um hebreu, ser salvo é “respirar ao largo”, o ser que sai dos limites do seu ser pelo poder do dom, poder que é também “libertação”, outro sinônimo para a palavra “liberação”, “saúde” e “salvação” (*soteria* em grego).

por parte de Yeshua,  
a testemunha (*martus*),  
o fiel (*pistos*),  
o primeiro a nascer (*prôtotokos*) entre os mortos (*tôn nekrôn*)  
o Príncipe (*archôn*) dos reis (*basileôn*) da terra (*gês*) (Ap 1,5).

A graça e a paz (em hebraico: *ha-hesed we-ha-shalom*) nos são transmitidas através de Yohanan, por parte de Yeshua.

Para o Livro do Apocalipse, quem é Yeshua?

Primeiro, a testemunha, *martus* em grego, que dará origem à palavra “mártir”; testemunha da Palavra que se diz nele, testemunha do Outro que o fundamenta, o envia e o inspira e que, em seu Evangelho, Ele chamará de “seu Pai”, a Fonte, a Origem de tudo aquilo que existe. A testemunha interioriza o acontecimento externo, o Outro; ele faz dele sua própria carne e quando ele fala dele, ele se compromete por inteiro. Ele não pode negar o Outro que ele vê e ouve em suas próprias palavras, ele dará testemunho disto até em seu sangue, até a medula dos seus ossos, até o Vivente da sua vida...

Ele é fiel (*pistos*). *Pistis* em grego é “a fé”, a adesão àquilo que temos como certo, sólido, seguro. Yeshua não irá desdizer suas palavras, aquilo que se afirma nele é mais forte do que ele, ele dirá “o Pai é maior do que eu”. Ele veio para dar testemunho da verdade, ele diz as palavras como se elas não viessem dele mesmo... Nesta adesão, nesta incessante fidelidade Àquele que é nele, o Ser que Ele é, seus olhos, como um céu descoberto, dão testemunho do mais claro, assim como seus atos, saturados de inteligência e amor, dão testemunho de uma adequação possível ao Real que o envolve.

Desta maneira, ele não se submete à realidade da morte, ele a assume, a contém e a supera, “ninguém toma a minha vida, sou eu quem a dou”.

Apenas morre a vida que eu tenho, não a Vida que eu sou; o sujeito que morre é mais vasto do que a própria morte. Podemos cortar-lhe a cabeça, mas não lhe arrancaremos aquilo que ele conseguiu dar com o brilho do seu rosto; podemos cortar-lhe o som e até mesmo a palavra, mas não o pensamento, nem os grãos do sentido para sempre semeados. Largar ou colher o fruto é tornar as raízes mais fecundas.

Yeshua é o mais velho, o primeiro a nascer dentre os mortos, literalmente “o primeiro a sair do túmulo” (*prôtotokos tôn nekrôn*). *Prôtotokos* (em hebraico, *bekhôr*) é aquele que não se deixa fechar pela fatalidade e que no dom de si, transgride os limites do ser. São Paulo dirá que ele é o primeiro a nascer de uma multidão de irmãos (*prototokon en pollois adelphois*, Rm 8,29<sup>15</sup>), protótipo ou arquétipo do homem inacabado pela morte, sempre vindo a ser através dos túmulos. Seria necessário nos lembrarmos aqui das palavras dos sábios: “Aquilo que alguns chamam de a morte da lagarta, outros chamam de o nascimento da borboleta”. Ao homem em larva, Yeshua revela seu vir-a-ser. É novamente um apocalipse: uma velha pele, um velho homem, uma velha programação, uma máscara, mais do que um véu, que devemos deixar cair para que apareça o invisível semblante.

Yeshua é também o primeiro dentre os reis da terra (*o archôn tôn basileôn tês gês*), literalmente, o “princípio ou o início daquilo que poderá reinar sobre a terra. O *principium*, em latim, e o *arché*, em grego, são o *re'shit* hebraico, etimologicamente ligado à *ro'shi*: “cabeça, chefe, começo, início”; reencontramos este termo como primeira palavra do Gênesis (*bereshit*) e do prólogo de São João (*en arché*).

Em Yeshua, há o germe e a gênese daquilo que deveria reinar sobre a terra: o amor. Se não for o amor a reinar, não falemos de reis, mas de déspotas ou de ditadores; o amor reina quando um não domina o outro, a autoridade do amor é uma autoridade que autoriza e que dá força para cumprir e realizar aquilo que é autorizado. O rei é aqui um pai que, para poupar o sofrimento ao seu filho, paga sua dívida, sofre por ele, conduz-se como culpado para libertá-lo da sua culpa; isto nos introduz às palavras que vêm em seguida:

Ele é Aquele que nos ama (*agapônti*),  
ele nos livra do pecado (*hamartia*) pelo seu sangue (*haimati*).

Eis aqui um novo nome divino, não apenas “Ele é Aquele que É” e que dá o Ser a tudo aquilo que é, ele é também “Aquele que nos ama”. Se nós somos, é porque somos amados; nós não somos nada, nós não temos a existência por nós mesmos, nós só existimos devido a um ato de ser e de amor. Seria necessário podermos dizer isto sem emoção, sem palavrorio e sem *pathos* para darmos à palavra ágape – “amor gratuito e criador” – toda sua dimensão ontológica. Ser é “ser amado”, quer acreditemos nisto ou não, Deus “está conosco” (Emmanuel em hebraico). Ele está conosco, mesmo se não estivermos com Ele. O Ser pode engendrar outros seres segundo a lei de causa e efeito, o Amor pode apenas engendrar liberdades. O Amor é o Ser capaz de criar no outro ser uma liberdade que o acolhe, o desposa, ou que o recusa e o rejeita.

Esta possibilidade está inscrita na origem e é simbolicamente descrita como “Cordeiro degolado” desde o início do mundo. O Amor gratuito e inocente que é o “coração” do Ser aceita esta recusa: o amor pode ser ignorado, sufocado, degolado em cada um de nós, mas isso não o impede de ser o que ele é. “Ele foi degolado, mas está de pé”, a luz brilha em nossas trevas, nossas trevas não podem apagá-la<sup>16</sup>.

Saber e saborear: este lugar onde se inscreve em nós o puro e virgem amor que nos faz ser, respirar com a garganta aberta ou com a garganta fechada, permitindo que nos aproximemos daquilo que, na teologia cristã, chamamos de “redenção”.

“Ele nos liberta do pecado pelo seu sangue.”

Alguns filósofos aproximam-se desta afirmação quando eles fazem da ética a razão pela qual o homem “sente cada vez mais obrigação para com o outro, sentindo-se obrigado até a substituí-lo como refém, uma expiação...”<sup>17</sup>. A ética da qual nos fala Lévinas é participação à realidade simbolizada pelo Cordeiro no Livro do Apocalipse: o Sujeito inocente e responsável, capaz de tomar para si a dor do outro, quer esta dor seja física (doença), psíquica (loucura) ou espiritual (pecado – recusa de amor).

Onde podemos ir buscar os fundamentos ontológicos de tal ética se não no mistério do próprio Ser pensado como amor, capaz de acolher em seu Ser não apenas nossa concórdia, mas também nossa recusa?

*Hamartia* em grego, geralmente traduzido por “pecado”, quer literalmente dizer “errar o alvo”. O pecado é um erro de alvo, uma desorientação do desejo; é mirar ao lado do amor, é dar à nossa vida um

outro sentido, um outro alvo que não o do amor; é não mais estarmos dispostos a amar. No entanto, qualquer que seja a direção da nossa mira, o objetivo é sempre o Ser; mesmo se estivermos longe do seu centro ou se nossas flechas se perderem, o Ser é sempre o lugar onde elas serão recebidas. Um lugar em nós que não diz “não” ao amor, mas diz um “sim” original, mais antigo que o não, mais jovem do que o pecado. Este “sim” inarticulado é o próprio espaço da liberdade no emaranhado dos nossos determinismos; o acesso a este espaço nos liberta agora da angústia e do medo engendrados pelas nossas recusas, nossos desvios ou nossos erros de mira.

“Ele nos liberta dos nossos pecados pelo seu sangue.” Seria necessário sabermos o que é o sangue e o que corre nele para ousarmos falar do “sangue que nos liberta”: a água viva do sangue. Na biblioteca hebraica, o sangue simboliza a essência da vida, particularmente da vida humana. Em nosso sangue, há o sangue do Outro que não é sangue azul ou “sangue bom que não poderia mentir”, mas dom que não necessariamente passa pelo sangue vertido; esta capacidade de dom que permite ao Ser sair de si mesmo, salvar-se de si mesmo. Aí está a chave da nossa redenção: o menor ato de amor nos recentra no Ser e restabelece nossa mira na exatidão e na justiça.

“Seus pecados, seus numerosos pecados, lhe são perdoados, pois ela mostrou muito amor” (Lc 7,47) disse Yeshua a respeito de Miriam de Magdala.

Se é o amor quem nos salva, falta ainda perguntarmos: Ainda somos capazes de amar? O que é o amor? O versículo 6 talvez nos dê algumas indicações: o Amor nos faz sacerdotes, celebrantes do universo, o amor devolve ao homem sua capacidade de louvor. O primeiro motivo pelo qual o homem está sobre a terra não é para pensar, mas para cantar; o homem não é apenas o lugar do universo onde o universo toma consciência de si mesmo, ele é o lugar onde o universo ora. O homem é a ponte entre o criado e o incriado, o tempo e o eterno, o finito e o infinito... ele é um soberano pontífice, a ponte lançada entre tudo aquilo que possui margens...

Ele faz de nós um reino de sacerdotes (*basileian heireis; mamlekhet kohanim*)  
em presença do Ser que é o que Ele É (*Théos – YHWH*),  
sua Origem, seu Pai (*Patri autou*),  
a Ele, louvor (*doxa*) e força (*krato*)

agora e sempre (*aïônas tôn aïônôn*). Amém (Ap 1,6).

Aquele que É o Ser que Ele É, não é uma abstração para Yeshua, Ele é o seu Pai. Ele não tem uma relação com a Origem como a do efeito com a sua causa – a experiência de filiação é útil para pressentir esta nova qualidade atribuída ao Ser.

Quando esta existência retorna (*techuvá*) ao seu ser, é como se o filho pródigo retornasse ao seu Pai. Yeshua pôde dizer: “Tudo aquilo que o pai tem, pertence a mim; tudo aquilo que eu tenho, pertence ao meu pai”. “É preciso que o mundo saiba que eu amo meu pai”, “Meu pai e vosso pai”.

Yeshua nos lembra esta relação filial que podemos ter com a Origem; é possível amar a Fonte que nos “existensifica”. Quando não há ninguém a amar, é bom sabermos que o próprio Ser é um Outro infinitamente amoroso e que Ele é o semblante oculto de todos aqueles que nós amamos, o Invisível de todos os visíveis que nós vemos.

“A ele, louvor e força, agora e sempre.”

É agora que nós podemos apreender o sempre. O louvor, como toda oração, é uma atenção extrema ao presente, celebração da Presença no presente, adoração voltada para aquilo que nos dá sinais no Instante (*Kairós*).

Ei-lo chegado na nuvem (*nephelôm*).

Todos os olhos o veem,

mesmo aqueles que o trespassaram.

Elas choram, todas as raças da terra.

Sim. Amém (Ap 1,7).

Aquele que É o que Ele É, Aquele que nos ama, chega em uma nuvem (*nephelôm*). As nuvens fazem parte do cenário de todas as teofanias (cf. Ex 24,16<sup>18</sup>; Lc 21,27<sup>19</sup>; Mc 9,7<sup>20</sup>; At 1,9<sup>21</sup> e sobretudo Dn 31,15<sup>22</sup>). Não podemos ver Deus sem morrer, claridade demais nos cega, as margens do Real são difusas, o olhar pisca; quer esta apreensão seja externa ou interna, algo no ser recusa-se a compreendê-la, esta “nuvem” nos lembra que o Ser é um Outro. Se nem todos o “compreendem”, ao menos todos o veem, até mesmo aqueles que o trespassaram.

E se não pudermos conceber o que é o amor, podemos, contudo, compreender que o machucamos, que o esquecemos, que, por vezes, até

mesmo o desfiguramos, o pervertemos, o esvaziamos da sua substância; ele será, então, como uma casca sem amêndoa, palavras sem coração. O Amor sobre o qual ele nos fala não é a frequência na qual vivemos. Quando vemos o Amor “como ele é” e não mais como o sonhamos, é difícil deixarmos de chorar; já que, como Francisco de Assis, nós “vemos” o quanto o Amor não é amado...

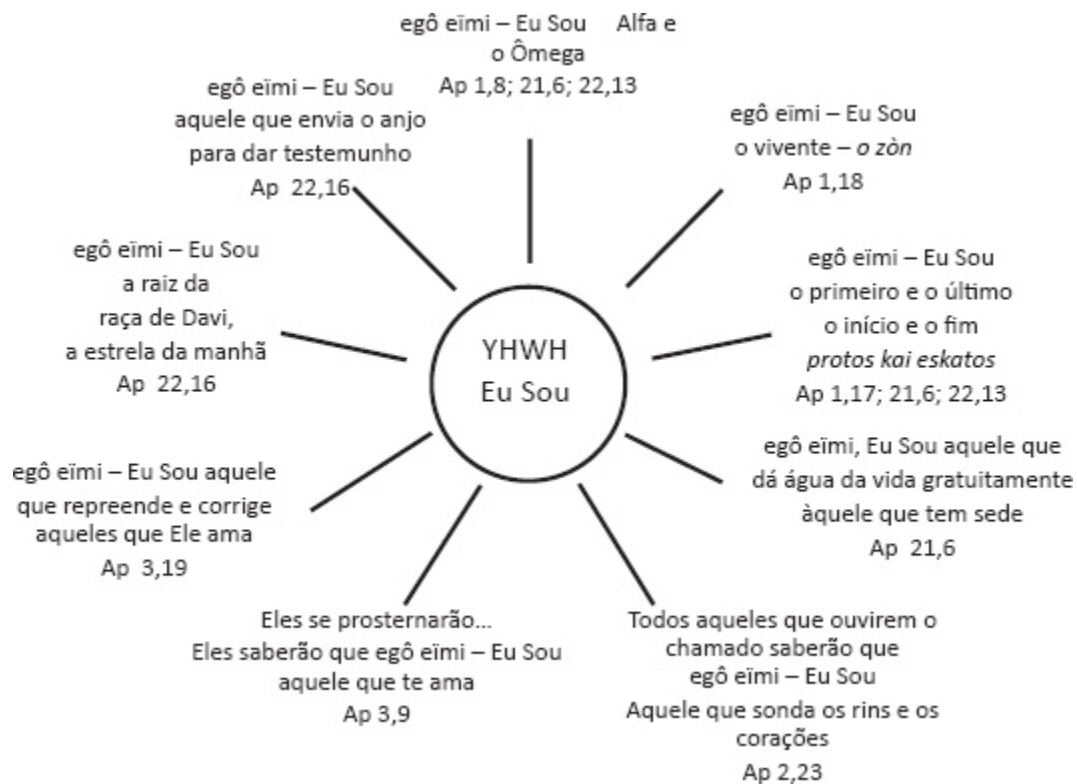
Eu sou (*Ego eimi*) o Alfa e o Ômega,  
o início e o fim,  
Aquele que É o Ser que Ele É (YHWH),  
Ele era – Ele é – Ele virá,  
Pantocrator, em tudo e em todos (Ap 1,8).

Quando fizemos nosso estudo sobre o Evangelho de João, nós já analisamos os diferentes momentos onde Yeshua diz “Eu sou”, lembrando que ali está o nome divino (YHWH) revelado a Moisés. Quando Yeshua o pronuncia, ele afirma sua comunhão e sua identidade com Aquele que É o Ser que Ele É<sup>23</sup>. O prólogo do Apocalipse revela e desenvolve a profundidade deste nome divino. Em Yeshua, o Ser se desdobra em todas suas dimensões espaçotemporais, ele é o Alfa e o Ômega, o Início e o Fim, Aquele que Era, que É e que Virá; o espaço e o tempo estão preenchidos pela sua presença. Ele é “o Pantocrator”, Aquele que É em tudo e em todos, criador de tudo e de todos.

Esta onipresença de Yeshua nos lembra que tudo aquilo que fizemos “ao menor dentre nós” é a Ele que fazemos; o Apocalipse vai ainda mais longe, é “nele” que nós vivemos.

Yohanan não nos lembra os mandamentos da Torá, mas, através desta repetição do “Eu sou”, ele confirma a presença de Yeshua como Presença Daquele que é o Ser que Ele é. O desvelamento desta Presença nos salva e nos pacifica.

Os *ego eimi* (ἐγώ εἰμι) de Yeshua no Apocalipse, Sujeito cósmico e radiante do Ser, da Justiça e da Misericórdia.



De um ponto de vista cristológico, essas palavras do Apocalipse seriam interessantes a serem estudadas e meditadas, pois aqui, para Yohanan, o que importa não é mais o julgamento dos outros sobre Yeshua: que ele seja o Cordeiro, a testemunha fiel, o Amém, o *Meschiah*, o Salvador, Aquele que tem as palavras da Vida Eterna etc. Esses julgamentos, apesar de inspirados, são externos a Ele – agora é ele próprio quem afirma o que ele é, é o Sujeito que se anuncia na primeira pessoa. *Ego*, é a resposta à antiga questão: “O que tens a dizer a teu próprio respeito?”

“Eu sou”

“Eu sou o que Eu sou”

Aquele que É o Ser que Ele É

O Alfa e o Ômega

O Vivente

O Início e o Fim

O primeiro e o último

Aquele que envia

Aquele que repreende e corrige

Aquele que sonda os rins e o coração  
A raiz da raça de Davi  
A estrela da manhã  
Aquele que dá água da vida gratuitamente  
Aquele que te ama  
Eu sou.

Se fosse necessário resumir o Apocalipse, nós ousaríamos dizer:  
“Nada tens a temer, atenção! Eu Sou”.

É nesta clareza que devemos compreender todo o texto. Estas palavras são ditas a todos aqueles que ouviram o chamado sob forma de exortação à vigilância, estas palavras são ditas a todos aqueles que são testemunha das dificuldades e das dores que se abatem sobre a terra: “Parem (de correr, de ter medo, de fugir, de temer, de esperar...) e conheçam Eu Sou: Eu Sou/eu serei”.

Eu sou Yohanan, vosso irmão (*adelphos*)  
e vosso companheiro (*synkoinomos*) nas provações,  
o poder e a paciência estão com ele, Yeshua.  
Estou no exílio em Patmos,  
devido às palavras que vêm de YHWH  
e para dar testemunho de Yeshua (Ap 1,9).

Yohanan, testemunha de Yeshua, torna-se capaz, ele também, de dizer “Eu”, precisando que ele é irmão (*adelphos*), companheiro (*synkoinomos*); a palavra grega sugere a comunhão, tanto nas provações quanto no poder (*basileia*), mais exatamente na realeza, no domínio de si mesmo e na paciência (*apomonè*). Yohanan vive estas qualidades com Ele, nele, Yeshua, e é pelo fato de ser sua testemunha, que ele se encontra exilado em Patmos, longe de Jerusalém, sua cidade de adoção, e da Galileia, seu país natal.

Na época, a Ilha de Patmos certamente não tinha o aspecto encantador de hoje em dia, mas o céu é o mesmo, sua luz é propícia às visões. A beleza nos dispõe ao Instante, seu silêncio nos permite ouvir mais profundo do que os gritos e as queixas que o exilado leva consigo: a palavra “Daquele que é o Ser que Ele é”.

No Dia do Senhor (*Kuriakê Hêmera*) eis que o seu Sopro me arrebatou (*en pneumati*), ouço por trás de mim uma voz forte, como a de um *shofar* (Ap 1,10).

A expressão “Dia do Senhor” aparece frequentemente na biblioteca hebraica; ela designa a Presença Daquela que é o Ser que Ele é, dentre os homens do seu tempo. É em um dia de *parusia*, plenitude da presença, que Yohanan é arrebatado pelo Sopro. Ele não está apenas “deleitado em espírito” como sugerem algumas traduções de *en pneumati*, já que aqui não se trata de um êxtase, mas de uma participação ao Sopro (*pneuma* em grego; *ruah* em hebraico) que faz ser e anima todas as coisas.

A voz e a palavra que o inspiram assemelham-se ao som do *shofar* que alguns traduzirão por “trombeta” (*salpinga*); ora, uma trombeta possui um som agudo enquanto o *shofar*, pelo contrário, possui um som grave. O *shofar* é uma trompa feita de chifre de carneiro, que aparece em todos os livros bíblicos quando se trata de anunciar uma novidade ou de fazer soar para reunir as pessoas: “*E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de shofar mui forte...*” (Ex 19,16).

“Aquilo que vês, coloca-o por escrito, faze um livro, envia-o aos sete que ouviram o Chamado [...]” (Ap 1,11).

Yohanan inspirado pelo Sopro, levado pela voz, torna-se capaz de “ver” e lhe é pedido para escrever, colocar por escrito, “fazer um livro” desta irrupção de sons, de tempestades e de relâmpagos. Escrever um livro, reduzir em palavras seu grande lampejo, as visões noturnas do seu exílio, o enlace ardente da sua *parusia*, um livro (*biblion*) que é necessário enviar aos sete que ouviram o chamado, sete comunidades que se reuniram em torno do chamado da Presença que quer conduzi-los das trevas à luz, da guerra à paz; aqueles que estão em Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, e por todos os lugares.

Se, de Patmos, as sete igrejas aparecem como um candelabro de sete braços que ilumina aquilo que era chamado na época de Ásia, existem muitas outras igrejas. O número “sete” indica uma plenitude relativa aos sete lugares do mundo, mas também sete lugares do corpo capazes de ouvir

e esquecer o Chamado e a Presença Daquela que é o Ser que Ele é. A palavra inspirada a Yohanan relembra: “Não esqueçais! Olhai! No meio de vós há Alguém”.

Eu me volto para ver a voz;  
tendo-me voltado,  
vejo sete candelabros de ouro,  
no meio dos candelabros:  
Alguém...  
Semelhante a um Ser humano (*anthropos*),  
Trajando longas vestes,  
um cinturão de ouro envolve seu peito;

sua cabeça e seus cabelos são brancos  
como a lã, como a neve,  
seus olhos são como puras chamas,

seus pés assemelham-se ao bronze precioso passado pelo  
cadinho, sua voz é como a voz das grandes águas (Ap 1,12-15).

“Alguém” surge a Yohanan, semelhante a um ser humano (*Anthropos*). Yohanan compartilha aqui, junto com Miriam de Magdala, a visão do Anthropos, arquétipo da síntese, que congrega o céu e a terra, o finito e o infinito, o criado e o incriado, o eterno e o tempo; ao mesmo tempo verdadeiramente humano e verdadeiramente divino. O Profeta Daniel já tinha sido visitado por esta visão:

*“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem (em aramaico, bar enash; em hebraico, ben adam)”* (Dn 7,13).

*“Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã”* (Dn 7,9).

Essas diferentes visões do Anthropos nos lembra a presença, no coração dos universos, desta grande imagem onde o humano e o divino podem se encontrar; o arquétipo encarnado por Yeshua opera secreta e soberanamente.

O texto nos diz que ele está vestido com longas vestes, como os sacerdotes, que um cinturão de ouro cinge sua cintura, assim como os reis,

seus cabelos são brancos como a lã, como a neve. O branco simboliza aqui a eternidade, o filho do homem é, ao mesmo tempo, o mais jovem e o mais velho, o Amor não tem idade, ele pertence a todas as idades. Seus olhos são chamas puras como a sarça ardente. Ela queima sem se consumir. Não falta água à Fonte onde vamos beber. Seus pés assemelham-se ao bronze precioso passado no cadinho... tantas imagens para tentarmos colocar em palavras aquilo que jamais chegaremos a expressar ou dizer: a Presença do inominável no um, do inalterável na fugacidade do instante, do mais sólido no mais vulnerável, bronze com pés de orvalho, o mais silencioso tem aqui, para nós, a voz das grandes águas.

Na sua mão direita ele segura sete estrelas,  
da sua boca sai uma espada afiada de dois gumes;  
seu rosto é forte como um sol (Ap 1,16).

As sete estrelas, como saberemos mais tarde, são “os sete” que ouviram o chamado. O Anthropos os conduz com sua mão direita, mão da razão e do rigor; da sua boca sai uma espada afiada de duplo gume.

A espada, para Yohanan, assim como para Paulo de Tarso, é o símbolo do discernimento e da palavra que ausculta, distingue e diferencia. Como a faca do cirurgião, a palavra tem dois gumes, ela corta, por vezes ela fere para curar e salvar. Os nós e os emaranhados de certas situações não podem ser desatados através de cantos ou carícias, é necessário o gume da espada, a dor de um instante é uma das condições necessárias para que se atualize uma felicidade mais vasta ou mais autêntica.

O rosto da verdade é forte como o sol, ele nos convida a vermos a evidência do nosso nada; não devemos ter medo, conhecer-se como nada é o espaço para acolher o Presente do Ser que é o que Ele é.

O primeiro – o último.

O Vivente (*o zòn*).

Sem dúvida, é necessário perder os sentidos, como Yohanan, para admirar-se com esta presença do Ser em nós como Vivente. O mínimo sopro é sagrado, ele participa do próprio mistério da vida. Reconhecer que o Vivente das nossas vidas tem um semblante; não apenas “há” vida em nós, mas esta vida é um Vivente.

Ao vê-lo, eu tombo aos seus pés.

ele estende sua mão direita em minha direção e diz:

“Não tenhas medo,  
eu sou o Primeiro (*prôtos*), o Último (*eschatos*),

Eu sou o Vivente (*o Zòn*);  
morto, eu ainda vivo e para sempre,  
eu seguro as chaves da morte e do tempo que lá passaremos”  
(*hadès, schéol*) (Ap 1,17-18).

Qualquer que seja o nome que demos à estadia dentre os mortos (*hadès* para os gregos, *schéol* para os hebreus), o Livro do Apocalipse nos revela que o Vivente detém as chaves. Ele pode ser considerado como morto, mas ele permanece Vivente e para sempre. Podemos matar ou crucificar no homem apenas aquilo que é mortal; o não nascido, não feito, não criado que São João chama, em outro momento, de vida eterna, não pode ser destruído; a eternidade não é o espaço-tempo, ela não pode passar com tudo aquilo que passa, nasce, torna-se e realiza-se.

Qual é, então, o acesso a esta vida eterna, a este Vivente, para sempre? Curiosamente, a própria morte, seja “a bela morte” (falamos desta maneira da morte física?) ou a morte simbólica ou iniciática, morte daquele que se crê vivente ao identificar-se ao seu ser mortal. A chave é a Páscoa, a passagem do mundo criado ao mundo incriado, a passagem da nossa consciência ordinária a uma consciência completamente outra; a chave é o aniquilamento de todas nossas ilusões. O que não é ilusão, se não estiver nele? Nós tomamos nossa vida mortal pela Vida, pelo Vivente, esta é a ilusão que nossos apocalipses pessoais ou coletivos pedem que experimentemos, é o nosso medo de morrermos para nós mesmos e para nossas identificações que nos impede de conhecermos nossa identidade e de vermos o Vivente, o “Eu Sou” que é.

Põe por escrito o que vês,  
aquilo que era, que é, que virá.

Não há nada mais a ser dito ou escrito fora isto, o mundo se move no ser enquanto nômade, a presença Daquela que é o Ser que Ele é faz fremir este mundo, assim como a presença de uma pessoa faz fremir o véu que a envolve; levantar o véu é revelar (*apocalypsis*) o corpo inalcançável do Vivente...

Nenhum enlace o conhece; então, como falar sobre o segredo destas bodas silenciosas, sobre a eternidade no tempo, o tempo na eternidade?

Sete portas devem ser abertas, sete estrelas devem iluminar a noite, sete palavras são dirigidas àqueles que ouviram o chamado.

## 2

### Carta aos sete Chamados

Ao anjo dos Chamados que estão em Éfeso, escreve:

“Eis o que tem a dizer Aquele que segura as sete estrelas na sua mão direita,  
Aquele que caminha no meio dos sete castiçais de ouro:

Conheço tuas obras, teu labor e tua perseverança,  
Tu não suportas aqueles que dão consistência ao mal (*kakous*),  
Tu colocastes à prova aqueles que se dizem enviados (*apostolous*) e que não o são,  
Tu os achastes mentirosos.

Tu tens consistência,  
tu não perdes a coragem  
quando sofres por causa do meu Nome” (Ap 2,1-3).

Éfeso era a cidade mais importante da Ásia e o centro da administração desta província. Falsos profetas, que se dizem enviados de Deus, são denunciados como mentirosos. Seriam eles os mesmos sobre os quais nos falam os Atos dos Apóstolos (At 15,1<sup>24</sup>), aqueles que ensinam a seus irmãos que, caso eles não se façam circuncidar segundo o costume de Moisés, eles não poderão ser salvos?

Sua mentira consiste na maneira como eles impõem seus ritos e leis como se estes viessem de Deus; são práticas humanas, por vezes úteis, mas que podem também entrar a liberdade do Vivente e serem utilizadas como meios de servidão e poder por parte daqueles que os impõem.

Éfeso é a consciência que “provou” isso e sabe discernir o acessório do necessário – isso demanda coragem e resistência diante daqueles que querem dar consistência ao mal, à culpa e ao medo através da imposição de leis.

No entanto, tenho contra ti  
que tenhas abandonado o ardor do teu primeiro amor.

Lembra-te de onde caíste e volta (*metanoêson*)!  
Sede aquilo que eras no início,  
senão irei ao teu encontro  
e tirarei teu castiçal, se não retornares (Ap 2,4-5).

Resistir ao mal não significa fazer o bem; o pecado não é tanto o mal que fazemos, mas todo o bem que deixamos de fazer. Para “fazer o bem” é necessário o ardor, o entusiasmo e a confiança do primeiro amor.

Éfeso é esta consciência já gasta e fatigada, que faz as coisas mais por dever do que por amor. É-lhe pedido para lembrar-se dos seus inícios, do seu frescor, do seu deslumbramento, da sua vivacidade para bem viver; no amor, é proibido envelhecer, caso contrário o coração ficará ressecado, ele perderá sua luz, seu candelabro de ouro.

O Apocalipse nos pede para voltarmos incessantemente à claridade dos nossos inícios, manter esta consciência de “iniciantes” se quisermos permanecer viventes; contudo, Éfeso mantém em si o gosto pela verdade, ela detesta as querelas e a pretensão que são encarnadas pelos *nikolaites* sobre os quais nos fala o versículo seguinte.

Mas, tu também detestas as obras  
dos pretensiosos e dos quereladores (*nikolaites*);  
isto tens a seu favor.

Que aquele que tem ouvidos  
escute o que o Sopro inspira  
àqueles que quiserem responder ao Chamado.  
Ao vencedor, eu darei de comer  
da árvore da vida no jardim (paraíso) de YHWH (Ap 2,6-7).

Supõe-se que os *nikolaites* tenham sido discípulos de Nicolau de Antioquia (At 6,5<sup>25</sup>), outros acham que se trata de pretensiosos “supostos gnósticos” que buscam a dissensão. Na palavra *nikolaos*, há a raiz *nikaô*, “vencer”, e *nikos*, “a querela”. Os “santos” são opostos aos partidários do *nikolaos* ou aos *nikolaitoi*, aqueles que trazem a discórdia.

Trata-se de aprendermos a vencer sem querelas, desenvolvendo as qualidades e a autoridade do nosso ser ao invés de um desdobramento das nossas forças e veleidades. Pode ser que haja também um jogo de palavras com *phagein*, “comer”. Em hebraico, a palavra *bala* significa “engolir”, “devorar”, “deglutir”; daí a expressão “conduzir à sua perda”. Quando dizemos *nikolaites*, discípulos de Balaam, estamos nomeando aqueles que devoram o povo e o conduzem à sua perdição.

Àquele que consegue vencer este espírito de briga, querela e pretensão, é dado saborear o fruto da árvore da vida, no jardim Daquele que é o Ser que

Ele é. Este jardim, *gan* (em hebraico), *paradeison* (em grego) que vem do iraniano *pairé – doeza*, é o lugar onde se cultiva a presença Daquele que É. O homem pode ali habitar enquanto não sair da consciência teocentrada simbolizada pela árvore da vida, ou seja, enquanto ele vir todas as coisas, agradáveis ou desagradáveis, a partir do Ser que as faz ser. Deixar esta consciência é o que chamaremos de queda, simbolizada pela árvore do bem e do mal, ou da felicidade e da infelicidade, é “cair” na consciência egocentrada; eu chamo de “bom” aquilo que me agrada e eu chamo de “mau” aquilo que não me agrada.

Sair das querelas e das pretensões do ego que se toma por Deus, é novamente saborear da árvore da vida, da presença do Real tal qual ele é. A questão não é mais se o Real nos agrada ou não, daí a equanimidade dos jardineiros da Presença. Que aquele que tem orelhas, escute! *Shemá* Israel! “Escuta, Israel!” O grande conselho que permeia toda a biblioteca hebraica é aqui retomado por Yohanan. Não basta ouvir, é preciso ouvir ainda o que o Sopro inspira (*pneuma*) àqueles que querem responder ao Chamado (*ekklesia*). É nesta escuta, nesta receptividade contemplativa, que uma consciência assim centrada, tendo reencontrado seu eixo (a árvore da vida), pode dar o seu fruto.

“Ao anjo daqueles que quiserem responder ao Chamado em Esmirna, escreve:  
assim fala o Primeiro e o Último,  
Aquele que foi morto e está Vivo:

Conheço tua provação, tua miséria,  
mas és rico.  
Conheço as blasfêmias (*blasphemion*) daqueles  
que se tomam por justos (os judaicos),  
eles não o são,  
eles estão à escuta do Shatan (Ap 2,8-9).

Esmirna era uma das cidades mais prósperas da Ásia menor, de onde ela pretendia ser a metrópole. Aquele que é o primeiro e o último, Aquele que morreu e está Vivo, conhece sua provação, sua miséria, mas também sua riqueza. É preciso mais uma vez assumir todos esses paradoxos: a vida, a morte, a miséria, a riqueza, esta coincidência entre os opostos, premissas de serenidade.

“Conheço as blasfêmias daqueles que se tomam por justos...” Tomar-se por justo já é uma blasfêmia, pois não podemos ser “justos” no sentido de “perfeitos”, já que não há atitude justa, há apenas atitudes que se ajustam, tentativas de melhoramento, de aperfeiçoamento. O homem não é perfeito, ele é perfectível; a blasfêmia é insultar o Outro, humano e divino, com nossa suficiência e presunção.

Os blasfemadores, no Apocalipse de Yohanan, são também mentirosos, eles se apresentam como aquilo que eles não são, querendo passar uma ilusão através de seus títulos, suas referências, seu pertencimento a uma cultura, a uma religião ou a um estado. Eles estão à escuta do *diabolos* (em grego), aquele que “despedaça”, que “divide”, ou do *Shatan* (em hebraico), aquele que acusa, que culpa e faz “obstáculo” (sentido literal da palavra *shatan*) à relação do homem consigo mesmo, com os outros, com Aquele que É o Ser que Ele É.

O contrário do sopro de comunhão que inspira aqueles que querem responder ao Chamado, é um sopro de divisão, de oposição, de fechamento nas afirmações aprendidas que são jogadas na cara do outro. O Satã/Shatan é este canto negro das águas cheias de resíduos da noite que têm a pretensão de ser fontes vivas da aurora. Ele faz sofrer, ele joga na prisão, ele coloca à prova nossa fidelidade àquilo que em nós é maior do que nós, fidelidade que nos liberta de toda pretensão e nos coroa de clareza.

Não tenhas medo de sofrer;  
eis que o adversário (o Inimigo, o Satã, o *Diabolos*)  
vai enviar vários dentre vós à prisão,  
para que sejais colocado à prova por no mínimo dez dias...  
Sê fiel até a morte,  
Eu te coroarei com a coroa da vida.

Aquele que tem ouvidos,  
que ele escute o que o Sopro inspira  
àqueles que permanecerem atentos ao Chamado.  
O vencedor nada terá a temer  
da segunda morte” (Ap 2,10-11).

O Satã/*Shatan* ainda é este ruído que nos impede de ouvir, de escutar e responder ao chamado da Presença; ele nem sempre é o barulho do mundo exterior; ele é, sobretudo, o barulho do nosso próprio mental, das nossas

emoções. Aquele que vence este barulho não apenas encontra seu coração de silêncio, como também não tem nada a temer da segunda morte.

A primeira morte, a morte física, empírica, não deveria ser objeto de terror nem de horror, é a nossa morte natural, “tudo aquilo que é composto será decomposto”. A segunda morte é mais grave; ela não apenas é a morte daquilo que é mortal, ela é também a morte daquilo que em nós está aberto ao Eterno. É por esta razão que Yeshua diz:

*“E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”* (Mt 10, 28).

Este Satã/*Shatan*, esta dúvida e estes discursos em nós, impedem a escuta e o acesso ao “Assim”, o Ser que é o que Ele é, Aquele que, através da nossa adesão a Ele, pode nos fazer permanecer neste Real além daquilo que chamamos “vida” e “morte”.

“Ao anjo de Pérgamo, escreve  
e àqueles que quiserem responder ao Chamado, escreve:  
Assim fala Aquele que carrega a espada afiada de dois gumes:

Sei onde tu habitas,  
Ali onde é o trono do Inimigo (*Shatan*),  
Mas se permaneceres ligado ao meu Nome  
E se não tiveres negado a tua fé,  
mesmo quando Antipas, minha fiel testemunha,  
foi condenado à morte entre vós,  
ali onde habita o Inimigo” (Ap 2,12-13).

Pérgamo, situada no vale de Laicos, é, dentre as sete cidades, aquela que fica mais ao norte. No século III antes da era cristã, ela tornou-se a capital do Reino Atálida. No ano 29 a.C., Augusto autorizou a edificação de um templo consagrado à deusa Roma e à sua própria pessoa divinizada, daí a alusão à presença do *Shatan*. Por tomar-se por Deus e por querer tomar o seu lugar no coração e na devoção dos homens, o imperador é visto como encarnação de Satã/*Shatan*.

O grande obstáculo à presença do Ser é a idolatria, tomar a parte pelo todo, o reflexo pela luz, tomar um homem, uma ideologia, uma propriedade, por Deus: a absolutização do relativo, a relativização do Absoluto... A espada afiada de dois gumes é esta consciência lúcida que nos

permite discernir, distinguir o relativo do Absoluto, não para colocá-los em oposição, mas para não confundi-los e, assim, parar de pedir às realidades relativas aquilo que apenas o Absoluto pode nos dar...

Mas eu te censuro:

Aqueles dentre vós que se apegarem à doutrina de Balaão, aquele que ensinava a Balak como semear a discórdia entre os filhos de Israel para que eles comessem a carne dos sacrifícios oferecidos aos ídolos e como se prostituir.

Entres os teus também existem aqueles que se apegam à doutrina dos pretensiosos e dos quereladores (*nikolaites*) (Ap 2,14-15).

Na época do êxodo, Balak, rei de Moab, assustado pela chegada dos hebreus, quis amaldiçoá-los pela boca do divino Balaão. Mas este último, constrangido por YHWH, só pôde profetizar bênçãos. Contudo, Ele sugerirá a Balak, como indica uma tradição judaica atestada por Philon e Josefo<sup>26</sup>, a perda dos Israelitas atraindo-os à idolatria graças ao charme das filhas de Moab (Nm 25,-3; 31,16)<sup>27</sup>.

Para os antigos hebreus, prostituir-se é ceder às seduções da idolatria, acreditar que podemos “ter” o Ser, possuir a verdade, fazer de alguém ou de alguma coisa, um absoluto.

Volta,  
senão irei agora combater  
com a adaga da minha boca.

Quem tem ouvidos,  
que escute o que o Sopro inspira  
àqueles que quiserem responder ao Chamado.  
Ao vencedor, eu darei o maná escondido.  
Eu lhe darei uma pedra branca  
e gravado sobre a pedra:  
um nome novo  
que ninguém pode saber,  
salvo aquele que o recebeu” (Ap 2,16-17).

Volta! Em grego, *metanoiènon*, de *méta-noia*: “ir além do *noùs*”; em hebraico, *techuvá*: “voltar, retornar”, retornar a si, ao Self, retornar à sua terra. São as grandes palavras de João Batista e também de Yeshua nos evangelhos, que geralmente traduzimos por “convertei-vos”. Para os

antigos, converter-se ou “fazer penitência” é “retornar daquilo que é contrário à natureza àquilo que lhe é próprio” (João Damasceno). Trata-se realmente de retornar, mudar de direção, voltar à Realidade, deixar a ilusão, a dispersão. Estamos todos em exílio, somos exilados da presença, estamos no “esquecimento do Ser” e no “esquecimento do outro”.

Cada um deve encontrar seu próprio caminho de volta, caminho mais ou menos longo através de terras mais ou menos hostis. Mas toda *metanoia* demanda um passo a mais, um passo além dos nossos limites e das formas com as quais identificamos nosso eu, um passo além do conhecido, rumo ao Desconhecido familiar que nos chama e nos fundamenta.

Àquele que venceu seu medo e se deixa carregar pelo Sopro do seu mais elevado desejo, lhe será dado o maná. “Maná”, em hebraico *man’hou* quer dizer “o quê?” É a questão que se perguntaram os nômades, ao descobrirem pela manhã, após a dissipação do orvalho, um alimento com gosto de mel (Ex 16,13-15.31<sup>28</sup>).

O quê?

O que é?

O que é realmente?

É a questão que a cada dia pode nos colocar no caminho do retorno. Aquele que incessantemente se coloca esta questão oculta em todas as outras questões – “o que é realmente?” será certamente conduzido à presença Daquele que é o Ser que Ele é, o Sujeito inalcançável e incompreensível que pode estancar nossa sede porque ele próprio é a Fonte.

Àquele que venceu seu apego ao conhecido, também lhe será dado um novo nome (*onomakainon*). “Novo”: este termo volta com frequência no Livro de Yohanan; o apocalipse é a irrupção do novo, a presença do Desconhecido.

“Nada de novo sob o sol! Ele que foi, será”, diz o Eclesiastes (Ecle 1,9<sup>29</sup>), é a lei da repetição, o movimento cíclico de um eterno retorno. Não é deste tipo de retorno que nos fala o Apocalipse; isso não passaria de um fechamento em nossos determinismos ou nossos hábitos, esta segunda natureza que mascara nossa verdadeira natureza.

O novo é o incrível, o inesperado ouvido por aquele que escuta com uma orelha que está aberta a algo além daquilo que ela pode compreender. O que é eternamente novo e jamais se repete é o Instante, o *Kairós* da nossa

adequação total ao Real. Neste Instante, “Eu Sou” é nosso nome, um nome novo que jamais será gravado na pedra cinza das nossas memórias, mas que se inscreve em letras de luz sobre a pedra branca do coração silencioso. O Instante, na sua novidade e intensidade, ultrapassa o tempo; ninguém pode conhecer o Nome que ele dá, apenas aquele que o recebe. “Eu sou” só pode ser conhecido por aquele que o é.

“Ao anjo de Tiatira  
e àqueles que quiserem responder ao Chamado, escreve:  
assim fala Aquele que encarna e manifesta  
Aquele que É o Ser que Ele É (o Filho de Deus),  
Aquele cujos olhos são chamados ardentes  
e os pés assemelham-se ao bronze precioso:

Conheço tua conduta, teu amor  
tua fé, tua dedicação, tua constância  
tuas obras sempre mais abundantes.

Mas tenho contra ti:  
tu deixas agir Jezabel,  
esta mulher que se diz profetisa e que põe a perder meus servos,  
ela lhes ensina como se prostituir  
e comer carnes sacrificadas aos ídolos.

Eu lhe dei um tempo para voltar,  
mas ela não quer deixar sua vida de prostituta.

Ela será jogada sobre uma cama de aflições,  
assim como seus companheiros de adultério,  
a menos que eles renunciem às suas obras” (Ap 2,18-22).

Tiatira era uma cidade de importância mediana, situada na estrada que ligava Pérgamo a Sardes. Ela deve ter tido uma pequena comunidade judaica e um santuário dedicado à sibila oriental Sambeth Jezabel (cujo nome é utilizado em 1Rs 16,31<sup>30</sup>) designando provavelmente esta sibila que convidava os crentes a sincretismos que os exilavam, os dispersavam e os afastavam da Realidade Daquele que é o Ser que Ele é. Foi lhe dado um tempo para “retornar”, mas ninguém pode forçar ninguém, sobretudo um “Ser” que é “Amor”.

Jezabel, como toda alma, pode se contentar daquilo que ela possui e tomar aquilo que ela possui pelo todo. Ela pode continuar a levar sua vida de prostituta no sentido bíblico do termo (idolatria): preferir aquilo que se pode vender ou comprar àquilo que não se pode receber ou dar, mas ela

colherá aquilo que ela semeou. Nada de novo para ela; ela suportará as consequências dos seus atos. Todos aqueles que permanecerem nesta lógica de fechamento e não se aventurarem e se arriscarem a encontrar uma saída, serão submetidos, pelos mecanismos de repetição, às leis que alienam e matam.

Seus filhos terão uma morte certa.

Todos aqueles que querem responder ou ouvir o Chamado conhecerão “Eu sou”:

Eu sou Aquele que sonda os rins e os corações

E darei a cada um de vós segundo as vossas obras.

Eu vos declaro, a vós que estais em Tiatira, vós que não compartilhais esta doutrina e que não venham jamais a explorar as pretensas profundezas do *Shatan/Satã*, eu não vos peço nenhum outro exercício:

Mas o que tendes, retende-o com firmeza até que eu venha.

Ao vencedor, aquele que permanece a serviço até o fim, eu lhe darei autoridade sobre as nações,

e com vara de ferro as regerá, e como vasos de argila serão quebrados (Ap 2,23-27).

Uma nova qualidade Daquele que é o Ser que Ele é revela-se aqui. Ele é “Aquele que sonda os rins e os corações”. Em hebraico, *leb*, o coração, é o órgão da inteligência, do pensamento e da liberdade, os segredos do coração são as secretas opções da liberdade e da inteligência; os rins são os órgãos da paixão e do desejo. Assim, o Ser habita os segredos dos rins e do coração, ou seja, nossas intenções, nossas paixões e nossas vontades mais secretas. Ele conhece e contém o consciente e o inconsciente – isso equivale a dizer que existe em nós um Sujeito testemunha capaz de exercer um julgamento sobre as intenções conscientes e inconscientes que estão na origem dos nossos atos. O que quer que façamos, existe uma outra medida e uma outra justiça além das nossas justças humanas.

A consciência que está em Tiatira não explora as pretensas profundezas do *Shatan/Satã*, ela não se interessa pelo mal em si, assim como um bom médico não se interessa pela doença em si, mas em libertar o sujeito que

dela padece. Tiatira interessa-se menos pelo obstáculo (*Shatan/Satã*) que se encontra no caminho do que pelo caminho que falta a ser percorrido.

A noite só existe para nos mostrar as estrelas; o sentido do esterco é a rosa que pode nele florescer. Nossos determinismos só existem para a liberdade que pode, no próprio sentido do termo, “sair” dela. As profundezas do *Shatan/Satã*, de tudo aquilo que nos testa, nos acusa e faz obstáculo ao nosso ser verdadeiro e ao nosso vir-a-ser, não tem outro objetivo além o de nos tornar mais conscientes e mais fortes. Demorar-se no inventário e na exploração de nossas provações, é dar oportunidades em demasia para sermos vencidos.

Em Tiatira, não é pedido nenhum outro exercício além deste exercício de paciência; manter-se firme até conseguir cavar uma saída dentre nossos sulcos – que o Sujeito possa emergir livre e poderoso no próprio coração de tudo aquilo que o condiciona. Então, lhe é dada uma vara de ferro, uma autoridade sólida diante daquilo que nos coloca à prova tanto no exterior quanto no interior, nações ou emoções – tudo que quer nos quebrar acaba se quebrando, medos ou culpas; o vencedor é novamente a segurança de “Eu sou” face às supostas forças ou profundezas daquilo que “não é”.

“Aquilo que recebo do meu Pai, eu lhe dou:  
a Estrela da manhã.

Quem tem ouvidos,  
que escute o que o Sopro inspira  
àqueles que quiserem responder ao Chamado” (Ap 2,28-29).

É a estrela da manhã oriunda da fonte de todas as luzes, esta Fonte, este Princípio que Yeshua chama de seu Pai. Discernimento matinal que faz com que passemos da vida sonhada ao Vivente adorável e nu.

“Ao anjo daqueles que ouviram o Chamado em Sardes, escreve:  
Assim fala Aquele a quem pertencem os sete Sopros  
de YHWH e as sete estrelas:  
Vejo teus atos,  
nós lhe damos o nome de vivente, mas tu estás morto” (Ap 3,1).

Sardes situa-se a 48km a sudeste de Tiatira. Ela fora construída sobre os confins norte do Monte Turolus, diante do vale de Hermes. Destruída no

ano 17 por Tibério, a cidade construíra um templo em honra do imperador e de sua mulher Lívia. Ela adorava igualmente Zeus e era conhecida por seu culto orgíaco da grande deusa da natureza, Cibele.

Aqueles que ouviram o chamado nesta cidade de Sardes têm boa reputação, vemos seus atos e, segundo seus atos, nós acreditamos que eles estão vivos, mas estes atos estão vazios, vazios da Presença: ações – reações de máquinas de desejo e não de sujeitos.

Nossos atos aparentam ter vida, nós nos agitamos em interação com os acontecimentos que nos cercam, mas “Eu sou” está morto, literalmente *nekros*: “enterrado”, “embalsamado”. É ele quem devemos despertar e, a partir desta brasa de identidade soberana, reanimar a chama.

Desperta!

Reanima aquilo que te resta de vida,  
pois não encontrei realização nos teus atos  
em presença de YHWH (Ap 3,2).

Em presença Daquela que é o Ser que Ele é, teus atos têm um sabor de incompletude, de inacabamento, são “atos inacabados”, atos sem sujeito. Tu não estás inteiramente ali naquilo que fazes, és o fantasma do teu ser verdadeiro e o mundo se desencarna, ele torna-se coisa vã devido à tua ausência.

Observa como recebes e como escutas,  
observa e muda teu espírito (*métanoèson*).  
Sê vigilante,  
eu sou um ladrão  
e tu não conheces a hora da minha vinda (Ap 3,3).

Estamos distraídos ou ocupados demais, não sabemos receber, sobretudo se o dom que nos é feito permanecer invisível. Como receber no corpo que nós somos a visita da Vida, como escutar a palavra, a informação que nos estrutura e nos fundamenta? A prática que nos é proposta aqui é a da atenção, que começa pela observação; a observação do sujeito que recebe e escuta. Antes de falarmos dos “objetos” do conhecimento, devemos observar aquele que conhece, “como” ele percebe o Real, observar o observador, pois de sua maneira de observar dependem suas representações do real que jamais são o Real.

A atenção vai operar uma *metanoia*, uma mudança de espírito ou literalmente uma passagem além do funcionamento habitual do nosso mental. A adesão, instante após instante, àquilo que é, torna-nos livres para com o mental, esses pacotes de memórias que constituem nosso ego ou nosso eu e que se projetam incessantemente sobre tudo aquilo que acontece. Observar esses mecanismos de projeção pode fazer com que saíamos deles, “Aquilo que é” aparecerá, então, na claridade do olhar vigilante, na sua força e na sua inocência.

Se a vigilância faltar, não apenas o mecanismo das projeções vai começar a oscilar, a obscurecer o Real de todas suas memórias e fazer obstáculo à realização do “Eu sou um com aquilo que é”, que é o estado não mental (ou não ego-centrado) da inteligência inspirada, como também Aquele que É o Ser que Ele É vai se deixar apreender como “ladrão”, como aquele que surpreende.

A boa surpresa da sua vinda, para um coração e um espírito não preparados, não imantados por aquilo que vem, pode ser vivida como uma experiência desagradável. Um entrevero que, por vezes, pode nos despertar melhor do que aquilo que acreditamos ser previsível ou agradável. É por esta razão que nos evangelhos a metáfora de um “Deus ladrão” é surpreendente e surge com frequência:

*“Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa”* (Mt 24,42-43).

*“Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã. Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai”* (Mc 13,35-37).

*“Sabei, porém, isto: que, se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa. Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais”* (Lc 12,39-40).

Se Deus é um ladrão, o que Ele poderia nos tomar que já não lhe pertença? Toda realidade pertence ao Real. Devemos estar atentos a “como” nós recebemos e escutamos... sem nos apropriarmos de nada, devemos nos tornar “prontos” para o desvelamento daquilo que permanece na hora de nossa morte.

Em Sardes, no entanto,  
alguns não maculam suas vestes,  
eles caminham comigo, vestidos de branco  
eles são dignos de usá-lo (Ap 3,4).

As vestes simbolizam nossa encarnação, a forma na qual nós manifestamos o Vivente, o corpo que nós somos. Macular este corpo é macular o Vivente que o habita, pois o corpo é o seu templo.

O que é macular um corpo?

É entregar-se ao desprezo mais do que ao amor, é torná-lo enfermo por falta de cuidado ou higiene, faltar-lhe com respeito. O corpo que somos é o lugar onde o Amor pode se encarnar, trata-se de termos Deus na pele, já que é o Amor que purifica, é o Amor que pode torná-lo branco como a neve, fazer deste corpo de matéria um corpo de luz...

Maculá-lo é entregá-lo à violência do instinto e da paixão, reduzi-lo ao jogo de seus funcionamentos e seus mecanismos, reduzir este corpo aos seus componentes de nervos, glândulas e átomos.

Aqueles que não maculam seu corpo são aqueles que não o tratam como um objeto. O corpo torna-se, então, sujeito, ele caminha “comigo”, ele envolve e manifesta “Eu sou”; a dignidade do *pneuma*, Sopro – Espírito, o habita, ele torna-se branco. Sua opacidade se faz mais leve, não são as suas falhas, mas a sua transparência que dão testemunho do relâmpago.

Sim, o vencedor veste roupas brancas.  
Não posso apagar seu nome do livro da vida,  
eu afirmo seu nome diante do meu Pai e diante dos seus  
anjos (Ap 3,5).

Aquele que venceu seu sono e sua lassidão, que permanece atento “àquilo que é”, cujo corpo respeitado permanece vivo e transparente às visitas imprevisíveis do Vivente, terá seu nome escrito para sempre no livro da vida, sua palavra será o eco purificado do Sopro Criador. Seu “Eu sou”

se afirma em presença de outros “Eu sou”, incorpóreos: os anjos com vestes de luz (tão brancos que são invisíveis) e em presença Daquele que é a Fonte de todos os entes.

Quem tem ouvidos,  
ouça o que o Sopro inspira  
àqueles que permanecem atentos ao Chamado.

Ao anjo daqueles que ouviram o Chamado  
na Filadélfia, escreve:  
Assim fala o Santo, o Verdadeiro  
Aquele que tem as chaves de Davi;  
ele abre e ninguém pode fechar,  
ele fecha e ninguém pode abrir (Ap 3,6-7).

É na cidade “que ama os golfinhos” (*phila – delphia*<sup>31</sup>) que são manifestados os nomes importantes do real inefável: o Santo – o Verdadeiro.

O Santo (*Hagios* em grego; *Kadosh* em hebraico) nos lembra sua alteridade, sua transcendência, sua não redutibilidade ao conhecido. Aquilo que conhecemos é sempre a realidade, a manifestação do Real e não o próprio Real. A palavra “santo” atesta a presença em recuo do Real por trás de toda realidade. Ele permanece oculto em tudo aquilo que ele permite que seja visto – o invisível permanece invisível qualquer que seja a espessura do visível que dele dá testemunho. Ele é também o Verdadeiro (*Alêthinos; Emet*): o Real é aquilo que “resiste” a toda tentativa de compreensão ou captura, aquilo que existe de mais sólido e de mais inalcançável e incompreensível. Seu desvelamento (*aletheia*) nos lembra a transcendência, a santidade. Ser “verdadeiramente”, estar “de verdade” aqui, é brilhar a partir de uma dada forma ou de um dado visível, todo invisível de que esta forma ou este visível são “capazes”.

“Ele tem a chave de Davi”, ou seja, as chaves da compreensão “messiânica” das coisas e dos acontecimentos. Davi é o rei messias, aquele que recebeu “a unção” – *mashiah*; esta unção é o Espírito Santo ou a toda Outra consciência que lhe permitirá guiar seu povo na fidelidade a YHWH.

A compreensão messiânica é a visão daquilo que vem, daquilo que está chegando – o acontecimento da Presença do Real (*Parusia*) no desabamento das realidades que o manifestam temporariamente, a visão do

“final dos tempos” e do início daquilo que não podemos imaginar enquanto estivermos no tempo.

Qualquer que seja a precisão ou a amplitude de um instrumento para tirar medidas, ele só poderá medir aquilo que é mensurável, ele não possui “a chave” para pressentir aquilo que não tem medida.

Conheço tuas obras.

Veja, abri diante de ti uma porta  
e nada poderá fechá-la;  
fraca é tua força,  
mas tu guardastes a minha palavra,  
tu não negastes meu nome (Ap 3,8).

O Real santo e verdadeiro é ele próprio a chave que abre em nós as portas da percepção (sensorial – afetiva – intelectual – imaginativa – espiritual...). A qualidade da nossa escuta e da nossa abertura é a graça que nós é ofertada para entrarmos no pressentimento da sua Presença e daquilo que ela “abre” em nós, nada nem ninguém pode fechá-la; esta vacuidade, nada nem ninguém pode preenchê-la, apenas “Aquele que É o Ser que Ele É”.

Quando o desejo está infinitamente aberto, apenas o infinito pode preenchê-lo. Talvez, devido a isto, “fraca é tua força”, mas basta que mantendas a palavra, a inspiração que vem dos teus fundamentos, da tua Fonte (YHWH) e que não negues seu Nome, o Santo e o Verdadeiro, que não te deixes submergir pelas aparências, esquecendo Aquele que surge através delas.

Tu és fiel ao ensinamento da paciência,  
estou contigo na hora da provação,  
que virá sobre a humanidade e sobre toda terra (Ap 3,10).

O que existe no fundo da paciência? Ainda mais paciência – este é o grande ensinamento, aquele mais nos faz falta: aceitar que não sabemos tudo, que não podemos provar tudo de uma só vez. “Conhecer a verdade, mas não toda!” Provar o Real, mas não todo.

A paciência é também a paixão do Cristo. Sua paixão é a maior das paciências: a do Amor que não desespera, que persevera no próprio momento onde ele é renegado. A paciência é a arma branca de todos aqueles que amam, ela vai ao fundo de tudo, é a única força que conduz à vitória sem fazer mortos ou vencidos.

É “Eu sou” em ti que prova o deboche dos maus, a violência dos brutos, a injustiça dos poderosos, é a sua paciência, é o seu amor que crescem em ti através dessas provações. É diante do assalto dos demônios que tua divindade (a presença de “Eu sou/Eu serei” em ti) pode se revelar.

Venho!

Guarda o que possuis.

Que ninguém arranque a tua coroa!

O vencedor, farei dele uma coluna  
na morada Daquele que é o Ser que Ele é (Ap 3,11-12).

Trata-se de aguentar firme e, então, tornar-se “uma coluna na morada Daquele que é o Ser que é. Trata-se de manter-se ereto entre o céu e a terra, habitado pelo Sopro (o Espírito) do Vivente, coluna de fogo, de consciência viva, coroada de paz, esta paz que testemunha que nós estamos realmente em nosso lugar onde quer que estejamos quando estamos enraizados no centro, o coração que ama em nós.

Ele não será jogado para fora,  
inscrevo nele o nome do meu Deus,  
e o nome da sua cidade, a nova *Yeroushalaim*,  
que desce do céu, onde estava ao lado de Deus.  
Um nome novo me é dado.

Quem tem ouvidos,  
ouça o que o Sopro inspira  
àqueles que permanecem atentos ao Chamado.

Ao anjo daqueles que ouvem o Chamado  
na Laodiceia, escreve:  
Assim fala Aquele que é o Amém,  
a Testemunha fiel, o Verdadeiro  
que está na origem de tudo aquilo que YHWH criou  
(Ap 3,12-14).

Aquele que fala se apresenta como o Amém – o verdadeiro primeiro sem o qual YHWH nada criou – o sim verdadeiro e fiel àquilo que o Ser é. São Paulo em sua segunda carta aos Coríntios nos lembra que:

*“Porque o Filho de Deus, Jesus Cristo, [...] não foi sim e não; mas nele houve sim.*

*Porque todas quantas promessas há de Deus, são nele sim, e por ele o Amém, para glória de Deus por nós” (2Cor 1,19-20).*

Amém: do verbo hebraico *aman*, quer literalmente dizer: “sim”, com certeza, é claro, isso resiste, isso é sólido. Yeshua no Evangelho abria suas afirmações dizendo: “*Amém, eu vos digo...*” (mais de cinquenta vezes nos sinópticos). O Evangelho de João dobra esse número para significar o poder da afirmação e da certeza que Yeshua transmite em suas palavras: “*Amém, Amém, eu vos digo...*”

No Livro do Apocalipse não são apenas suas palavras que são certas, que dizem aquilo que humanamente “em verdade” podemos dizer do Real, é a sua pessoa: ele é o Amém, a aquiescência, a adequação íntima e duradoura ao Real, ele faz apenas um com aquilo que é e com o Ser que faz ser tudo aquilo que é.

O sim é o início de tudo, sem ele nada é possível, nada existe. Encontraremos um eco deste “sim” – *Amém* – no *fiat* de Maria que abre sua matriz, sua matéria ao germe da luz que vem nascer nela. Dizer sim “àquilo que vem” sem saber onde isso irá nos conduzir, a qual forma de encarnação isso irá nos conduzir, será igualmente a expressão da fé, da confiança e da fidelidade daqueles que se dizem cristãos: “todo sim” à imagem e à semelhança do Amém.

Yeshua, Miriam<sup>32</sup> e os cristãos após eles, dão testemunho deste sim original, mais profundo do que o seu primeiro não, sua primeira dúvida ou sua primeira recusa. Nós conhecemos mais facilmente nosso “não original”, que será a causa da nossa queda ou da nossa separação do Real, do que nosso sim original. O paraíso perdido é a confiança perdida; o sim primeiro. O Amém é a nossa volta (*teshuvá*) ao paraíso. Isso equivale a dizer que nossa unidade ou não dualidade com o Real passa por este sim, este Amém àquilo que é, tal qual isto é, agradável ou desagradável; este “sim àquilo que é assim” sem o qual nenhuma transformação ou criação é possível.

Conheço tuas obras:

tu não és nem frio, nem quente  
quem dera foras frio ou quente!

Nem frio, nem quente

Vomitar-te-ei da minha boca (Ap 3,15-16).

Quando não somos nem sim nem não, nossa adesão “àquilo que é” é débil, ela traduz a tepidez e a debilidade do nosso coração, sua falta de energia e amor.

Nem sim nem não, nós perdemos “contato” com o Real, nós nos exilamos da Presença, nossa falta de intensidade faz de nós meras sombras de nós mesmos, como um alimento não integrado ao corpo que o contém, nós nos colocamos fora do Ser (como um vômito), mas é possível existir desta maneira, “separado” do Ser?

Tu dizes:

Eu enriqueci, sou rico, não preciso de nada;  
tu não sabes que és miserável,  
digno de pena, pobre, cego e nu (Ap 3,17).

Como pode esta existência, separada do Ser ou da consciência de Ser, subsistir? Tomar seus excrementos ou seus vômitos pela sua identidade mais elevada, sua maior riqueza – não seria este o absurdo dos absurdos?

A água, mesmo a mais pura, quando cortada da sua fonte, não demora a secar e a estagnar. O Livro do Apocalipse qualifica esta água que não é mais viva, esta humanidade cortada da Fonte, de “miserável”, “digna de pena”.

Eu te aconselho a adquirires junto a mim  
ouro fundido e purificado pelo fogo  
para que sejas rico de verdade;  
vestido de branco, sem vergonha do teu nada (nudez),  
pega o óleo para ungir teus olhos  
e vê! (Ap 3,18).

Aquele que é o Amém nos pede para entrarmos na luz (“*or*” em hebraico), uma luz purificada e habitada pelo amor (o fogo do amor), para que nós sejamos ricos em verdade e não apenas em aparência – sendo que a única riqueza é aquilo que damos e não aquilo que nos é arrancado ou que vomitamos.

Também nos é dito para não termos vergonha do nosso nada. O homem é um ser a quem falta o Ser. João Batista reconhece sua identidade quando ele se apresenta como *non sum* – “eu não sou”, um outro é *Ego eimi*, “eu sou”, “ele vem depois de mim” (Jo 1,27-30<sup>33</sup>) depois de ter reconhecido meu não

ser; ao reconhecer o meu nada, “Eu sou” pode vir. Existe aí, sem dúvida, um jogo de palavras em hebraico entre *any* (eu) e *ayn* (nada).

*Non sum ergo sum* – “Eu não sou logo eu sou”! Esta poderia ser a fórmula secreta para tornar-se “santo”, ou seja, outro. “Morra e torne-se!” dirão mais tarde os iniciados.

Ali onde os gregos falam de nudez, os hebreus falam do nada (cf. o Livro do Gênesis: “*eles viram que estavam nus*”, deveríamos traduzir literalmente por: “eles viram então que eram ‘nada’, que eles não tinham o Ser em si mesmos, que eles não eram o Ser”. Não ter vergonha do seu nada é fazer a vacuidade, a matriz onde a verdadeira Vida é engendrada.

“Pegue o óleo para ungir teus olhos e veja.” O óleo do Espírito, a unção da graça pode devolver a luz a teus olhos, sem esta luz, sem esta consciência, teus olhos não veem, eles não passam de globos cegos. É na luz e pela luz que vemos, esta luz, no entanto, permanecerá para sempre invisível, o que nos torna capazes de ver escapa à nossa visão.

Aqueles que eu amo, eu os repreendo, eu os ergo.  
Excita teu fervor, volta! (Ap 3,19).

O sinal de que somos amados ou de que o amor nos habita é que não permanecemos “caídos” no fundo das nossas dúvidas que incessantemente retomamos, nós nos reerguemos, nossos fracassos não extinguem, mas alimentam nosso “fervor de viver”. Através de tudo aquilo que nos acontece nós “voltamos” ao essencial, nós voltamos ao nosso coração. “Ocasão, tudo é ocasião” para crescermos em consciência e em amor.

Volta e vai! São as duas grandes palavras dos sábios e dos profetas: Volta ao teu coração, ao teu centro, na tua luz, ou seja, volta ao teu lugar de contato ou de adesão ao Real, em seguida “vai”, “vai onde teu coração te levar”, “ama e faz o que quiseres”, mas antes é preciso voltar à Fonte de toda vida, de toda consciência e de todo amor.

Eis que me encontro diante da tua porta e bato:  
Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta,  
entrarei em sua casa  
eu comungo com ele e ele comigo (Ap 3,20).

O grande “momento” da nossa existência é quando nós descobrimos que não somos nós quem buscamos Deus, é Deus quem nos busca. Não somos

nós quem buscamos o Real, é o Real que incessantemente nos envolve sem que atentemos para a sua presença. Ele bate à porta, à porta dos sentidos através da beleza das paisagens e dos semblantes, assim como através das músicas, perfumes, sabores que tocam nosso paladar, nossos ouvidos... Todo nosso corpo parece ser tocado pela beleza que vem, que se mostra por fora, mas é no interior que ela ressoa e se abre. Uma abertura se faz em nós, as portas da percepção são abertas, qualquer que seja a solidez dos nossos fechamentos e das nossos clausuras, a beleza nos pega de surpresa, ela vem contra toda expectativa.

O Real também bate à porta do nosso intelecto, ele nem sempre responde a suas questões; pelo contrário, ele interroga incessantemente suas equações e suas explicações quando, de repente, surge uma luz que nada explica, uma luz na qual desaparecem os pensamentos densos e diversos; resta apenas a consciência una, que ilumina todas as coisas e lhes dá uma forma para que elas sejam “possíveis”.

O Real bate, enfim, à porta do coração, por vezes muito bem fechada, pois diversas feridas ensinaram-lhe a desconfiar, os amores tomados pelo Amor deixaram diversas marcas dolorosas; acreditávamos no fogo e colhemos apenas cinzas. Este amor bate à porta do coração como a asa de uma pomba. Sem dúvida, é necessário uma boa escuta ou uma grande sede para ouvi-lo. O murmúrio da fonte, assim como o canto da rolinha falam apenas aos apaixonados. Isso quer dizer que aquele que bate à porta já entrou? E que é o amor que abre a porta ao amor... Sem dúvida:

“Se alguém ouvir minha voz é porque já lhe dei meus ouvidos”.

A escuta chama a palavra,  
A palavra cria a Escuta,  
Os dois são Um.

E é a comunhão prometida, mais preciosa do que toda promessa. A relação permitida entre o homem e seu Deus, “Ele em mim, eu nele”, *non sum, ego sum*, ser e não ser, criado e incriado, não são mais contrários, mas Um desde sempre. O Livro do Apocalipse falará das bodas do Cordeiro, as núpcias de *ayn* (nada) com *any* (eu – Eu sou). Bem-aventurados os convidados a estas bodas!

O vencedor,  
compartilha comigo meu assento e meu trono,

como eu mesmo venci,  
eu compartilho o assento e o trono de meu pai (Ap 3,21).

Eles estão centrados, assim como “Eu sou” compartilha o assento e o trono do seu Pai, assim como “Eu sou” faz apenas um com a fonte do seu ser.

*“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”*  
(Jo 17,21).

Essa foi a última oração de Yeshua antes de entrar em sua paixão, sua oração que continua a bater às portas do céu e da terra.

Que aquele que tem ouvidos,  
ouça o que o Sopro inspira  
àqueles que escutam o Chamado! (Ap 3,22).

Em Laodiceia, na Filadélfia, em Sardes ou em qualquer outro lugar... o chamado a ser, a viver, a amar, a conhecer, a fazer apenas um com Aquele que faz ser, viver, amar, conhecer.

### 3

## O “lugar” onde aparecem as imagens

[...] uma porta está aberta no céu (*ourano*)  
e uma voz, como a primeira, como a de um *shofar*, diz:  
“Eleva-te! (Sobe)! (*Anaba*) Eu te mostrarei o que vai acontecer”.

(Ap 4,1)

Nos é pedido, a João e sem dúvida a nós também, que nos elevemos. O imperativo *Anaba!* não deixa de invocar a palavra *anastasis* que será traduzida por “ressurreição”, que quer literalmente dizer: “elevar-se (*ana*), colocar-se (*stasis*) em elevação”. Poderíamos igualmente evocar a palavra “aná-lise”: dissolver ou desatar os nós voltados para o alto; esta orientação é por vezes esquecida na psicanálise ou na História.

Esta elevação não é um movimento físico, mas um alargamento da alma, uma entrada no mundo do Espírito, simbolizado aqui pela palavra “céu” (*ourano*). As visões significantes que João vai receber, não são recebidas em um estado de consciência ordinária, que poderíamos chamar de “terrena”, mas em um estado de consciência, um clima de conhecimento que é “celeste”. Trata-se do céu das ideias sobre o qual falam os filósofos? Ou do céu das imagens do qual falam os profetas? Ou ainda de um céu mais elevado, vazio de todas as ideias e de todas as imagens? Pura consciência antes de ser “consciência de” algo sensível, inteligível ou passível de ser representado por uma imagem.

Trata-se, sem nenhuma dúvida, do céu das imagens que dão testemunho deste céu mais elevado de onde lhe vêm essas informações; as imagens, mais do que os conceitos, convém à linguagem das relações, suas presenças transmitem àqueles que as recebem uma energia que engendra mais profetas do que filósofos. No entanto, quer se trate de imagens ou de ideias, é sempre o Sentido que tenta se comunicar a nós através delas.

Não encontramos o sentido da história na história, é preciso elevar-se ao céu destas ideias ou destas imagens para descobri-lo, assim como não encontramos o sentido do mundo no mundo, é preciso elevar-se até o céu

destas ideias ou destas imagens para descobri-lo, caso contrário nós permaneceremos na história e no mundo do “ser para a morte” com o encadeamento inelutável das causas e dos efeitos às quais somos conduzidos.

Podemos recordar a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, lida por João Hipólito: o Espírito nada mais é do que a razão que, com um impiedoso determinismo, modela nossa História. A dialética do Mestre e do Escravo fundamentam a existência humana na sua busca pela supremacia, pela mestria. Ela nasce no medo da morte e no desejo de reconhecimento. Ela chega ao fim no triunfo do Espírito objetivo, tomado pela verdade e o Estado imposto como única justiça.

A fenomenologia do Espírito ou o desvelamento do Espírito que se revela a João é completamente outro, não é mais o relato da vinda de um mestre que obriga (o Dragão), mas de um servidor (o Cordeiro) que liberta e ilumina. O fim da história não é o Estado (simbolizado aqui por Babilônia, a grande), mas uma comunhão de liberdade no amor (simbolizada pela Nova Jerusalém).

A questão não é apenas saber se o Espírito nos fala através das ideias, dos arquétipos e das imagens, mas de saber qual Espírito nos fala: qual é a Fonte da nossa interpretação do mundo e dos seus acontecimentos?

O Espírito que fala a Yohanan (João) na Ilha de Patmos, não é o mesmo que inspira Hegel e sua dialética, é o Espírito de YHWH transmitido por Yeshua que Yohanan reconhece como sendo o Messias, aquele que fora anunciado pelos profetas, o Espírito daquele que está Ressuscitado (elevado nas alturas). E é através da elevação do seu próprio espírito que ele se une neste “lugar elevado” que ainda não é o céu sem ideias e sem imagens, mas este céu que fala ao homem através de imagens e símbolos.

Alguns identificarão este céu ao *mundus imaginalis*, mundo imaginal, caro a Henry Corbin<sup>34</sup>, mundo intermediário entre o mundo sensível e o mundo do puro Espírito, mundo da alma por excelência, mas também mundo dos corpos ressuscitados (elevados), ali onde o invisível se torna visível, não aos olhos carnis, mas aos olhos da fé (*pistis*) ou do conhecimento contemplativo (*noésis*).

Outros identificarão este céu ao inconsciente coletivo e reconhecerão nas grandes imagens do Apocalipse esses arquétipos que estruturam o inconsciente do homem e das sociedades. O Livro de João descreveria,

então, seu confronto com o inconsciente como uma etapa em seu caminho de individuação, de onde ele voltaria carregado de sentidos a serem transmitidos às comunidades que ele cuida.

O mundo imaginal e o mundo do inconsciente coletivo não são, sem dúvida, os mesmos mundos; o clima da “altura” não é o clima da “profundidade” (alpinistas e espeleólogos possuem, mesmo estando sobre a mesma terra, caracteres bem diferentes), mas isso seria motivo para colocá-los em lados opostos? O discernimento se faz graças à qualidade das informações que nos são transmitidas e à sua eficiência em produzir sentido. Talvez o sentido do Apocalipse ultrapasse e escape às interpretações da imaginação e às interpretações da psicologia profunda, assim como sua dialética ultrapassa e escapa a dos filósofos.

Antes de qualquer interpretação, convém apresentarmos as grandes imagens do livro... Imagens que são, por assim dizer, personagens, tendo a imagem esta faculdade não apenas de representar, mas de tornar presente aquilo que o conceito ou a ideia apenas indicam. Para João, trata-se de um conhecimento “presencial” daquilo que se revela a ele e não um conhecimento especulativo. Ele não se autoproclama erudito, filósofo ou sábio, mas testemunha; ele atesta a realidade das suas visões, uma realidade nem sensível nem intelectual, mas, mais poderosa que a dos sonhos...

Isso faz com que nos lembremos de Miriam de Magdala, ao se encontrar em presença do Ressuscitado:

*“Senhor, no Instante, aquele que contempla*

*Tua aparição,*

*É pela psique (a alma) que ele vê?*

*Ou pelo Pneuma (o Espírito, o Sopro)?”*

*O Mestre e Senhor responde:*

*“Nem pela psique nem pelo Pneuma:*

*mas o nous estando entre ambos*

*é ele quem vê e é ele quem [...]”<sup>35</sup>.*

## 4

### As “personagens” do Apocalipse

Podemos representar as diversas personagens do Apocalipse através de duas colunas que se encaram em uma relação óbvia de combate e de oposição mais do que de diálogo ou dialética. Alguns aqui verão duas vontades de poder que se afrontam, as forças do bem e as forças do mal, as forças da vida e as forças da morte, o imemorial combate entre a luz e as trevas, entre a carne e o espírito, o dualismo original na fonte de todas as dualidades e todas as guerras.

Será tão simples assim?

Poderíamos imaginar uma terceira coluna, que se situaria entre as duas, um “terceiro incluso” que transformaria estes opostos em complementares e onde o acesso a uma verdade mais elevada, a uma Realidade que contenha os contrários – *coincidentia oppositorum* – seria a saída aos conflitos e às dialéticas mais dolorosas? Mas o acesso a esta visão mais elevada, sem dúvida o “terceiro olho”, além dos conceitos e das imagens, só é possível através do reconhecimento da dualidade que despedaça o homem e o mundo. Aquilo que não é aceito não é transformado; aquilo que não é assumido não é salvo.

Esses adágios dos antigos padres podem nos conduzir a uma compreensão do Apocalipse que dá ao Real o direito de ser reconhecido em sua inteireza. É uma outra imagem do último que nos é, então, revelada: nem apenas sombra, nem apenas luz, os dois e além dos dois, os “deuses” e além dos “deuses”, o “grande céu” como espaço que “deixa ser” Tudo; “o início e o fim de tudo”, “trevas supraluminosas” (Dionísio o Areopagita), o obscuro e luminoso Silêncio.

|                   |                    |
|-------------------|--------------------|
| Trevas            | Luz                |
| O Abismo          | YHWH               |
| Satã              | Alguém             |
| o Dragão          | O Cordeiro         |
| quatro Cavaleiros | os quatro Viventes |
| a Prostituta      | a Mulher           |

|                    |  |                   |
|--------------------|--|-------------------|
| a Besta            |  | A Criança         |
| Babilônia          |  | Jerusalém         |
| <i>non serviam</i> |  | <i>fiat</i> [sim] |

## YHWH / O ABISMO

Desvelamento de YHWH, “o Ser que é o que ele é”, “Eu sou” inefável que nada nem ninguém pode conceber ou nomear, Ele não é “Nada do Tudo de quem Ele é a causa”. É a vacuidade incriada e criadora cuja caricatura é o mau nada, o Abismo, o vazio que aniquila e sufoca; o Apocalipse descreve o mais íntimo combate do homem: o Aberto contra o Inferno, um “Eu Sou” doado, contra um “Eu Sou” enclausurado, fechado sobre si mesmo.

## ALGUÉM / SATÃ

O “Eu Sou” inefável permanece irrepresentável. É o Sujeito puro, antes de toda e qualquer identidade ou identificação possíveis.

Na visão de João, YHWH revela-se como “Alguém”. É apenas nesta revelação ou manifestação que ele adquire o *status* de sujeito no sentido metafísico do termo. Na fonte de nossos “Eu Sou” há este “Eu Sou” primeiro, fundador de nossas identidades e de nossas diferenciações.

A oposição “Alguém/Satã” (“o obstáculo” em hebraico) poderia resumir-se filosoficamente à oposição, em língua grega, entre as palavras *hypostasis* e *prosopon*.

*Hypostasis* é a pessoa, o Sujeito enquanto ele se dá, a forma através da qual a vida se comunica. *Prosopon* é a pessoa no sentido de indivíduo fechado sobre si mesmo, o que mascara ou impede a própria circulação da vida. Satã/*Shatan* é o obstáculo ao vir-a-ser do Sujeito, é o que nos retém incessantemente no estado de objeto: objeto das circunstâncias, dos acontecimentos, dos sintomas; novamente, é aquilo que nos fecha, “a parada sobre a imagem” ou a perda da imaginação criadora, a vida fica parada.

Comprendemos que este “Alguém”, tal qual João o conheceu em sua encarnação, tinha essa palavra por Evangelho: “Vá!” ou “Em marcha!”...

O Apocalipse é essencialmente esta revelação do Sujeito maior do que os absurdos e as injustiças que lhe acontecem, esta possibilidade dada à argila (*Adamah*, de onde é feito Adão) de transformar o infortúnio em provação, a fatalidade em ocasião de consciência e, portanto, de liberdade. Liberdade

incessantemente ameaçada pelas forças da negação e do desespero. “Pulsão de morte” e “lei da entropia” são ainda outros nomes dados à esta realidade que o Apocalipse chama de Satã/*Shatan*, o Adversário, o Acusador. É no coração da provação que Satã/*Shatan* é integrado (de outra maneira, ele jamais será vencido). É sujeito aquele que pode viver com uma pulsão de morte forte e suplantada.

## O CORDEIRO / O DRAGÃO

YHWH revela-se como Sujeito, este Sujeito possui um coração. No Apocalipse, o coração do Sujeito é simbolizado pelo Cordeiro, símbolo da inocência, mas também da força, já que ele deve fazer frente ao Dragão.

O cordeiro do Apocalipse não é um carneiro deitado, ele se levanta; mesmo degolado, ele mantém-se de pé. Esta é a imagem central inspirada a João, esta imagem é fundamentada sobre a experiência que ele viveu junto a Yeshua, seu mestre e senhor que não se conduziu como vítima diante de seus carrascos, ele os perdoa, “*pois eles não sabem o que fazem*”. Sua vida, ninguém a tira, é Ele quem a dá.

O Cordeiro do Apocalipse não é uma vítima. Assim como Yeshua, ele está ferido, degolado, crucificado pela injustiça, a bestialidade, a violência dos homens, mas ele mantém-se ereto. A palavra *stavra*, a “cruz” em grego, está na raiz do verbo *to stand* em inglês: ficar de pé. Quando o Cristo nos convida a carregarmos nossa cruz, ele nos convida a nos mantermos de pé, a permanecermos Sujeitos no momento da adversidade e do inelutável.

Diante desta força invencível do humilde amor, vencedor que não faz vencidos, a força do Dragão pode parecer ridícula. No entanto, é preciso conhecê-la bem. O Dragão literalmente é “aquele que devora”, aquele que leva o outro ao mesmo, aquele que digere e dissolve a alteridade, a consome e a consume. Ele reduz tudo a matéria, a objetos contáveis e comestíveis.

O Cordeiro em face a este espírito devorador é o espírito do respeito, respeito até mesmo pelo mal. Há talvez aí uma solução para o “problema do mal”; ao invés de fortalecê-lo lutando contra ele, devemos integrá-lo através da compaixão (o coração do sujeito), suplantá-lo através da consciência e do amor, isto é simbolizado pela imagem do Cordeiro degolado e de pé. Esta atitude é uma das únicas que não acrescentam violência à violência, mal ao mal, sofrimento ao sofrimento. Não existe aí nem complacência, nem masoquismo, mas esta pureza e esta inocência que nos mostram algumas

crianças e também alguns animais (a metáfora animal do cordeiro não é apenas uma figura de estilo) capazes de tomar para si a dor ou a injustiça do outro que chamamos de “mal do mundo”. Ali onde alguns veem apenas vítimas, outros pressentem a força redentora desses inocentes.

Aliás, o texto do Apocalipse nos lembra “a cólera do Cordeiro”, pois não existe misericórdia ou compaixão sem que haja exigência de justiça. Novamente, é da sua violência integrada (o Dragão) e transformada que os mansos vão tirar a força de um amor que se mantém de pé quando tudo indica que eles se inclinariam e se deitariam.

### OS QUATRO VIVENTES / OS QUATRO CAVALEIROS

Esta força do Cordeiro expressa-se através dos quatro Viventes que simbolizam as quatro funções através das quais o Self se manifesta.

O texto do Apocalipse também é encenado no pórtico de nossas catedrais:

|                     |               |
|---------------------|---------------|
| Homemalado [Mateus] | Águia [João]  |
| O Cristo antocrator |               |
| Touro [Lucas]       | Leão [Marcos] |

O Cristo no centro (ou o Cordeiro) simboliza a integração das quatro funções. Na terminologia junguiana ou platônica, poderíamos dizer que ele é o arquétipo do Self ou da inteireza do homem, “o Anthropos” mencionado nos evangelhos de Tomé e Maria.

|          |            |
|----------|------------|
| Razão    | Intuição   |
| O Self   |            |
| Sensação | Sentimento |

O Self é a “quinta essência”, o lugar do encontro e da síntese das quatro funções. Segundo Jung, a falta de integração dessas quatro funções estaria na origem de todos os desequilíbrios e enfermidades que atomizam o homem e o dispersam.

Os quatro cavaleiros do Livro do Apocalipse simbolizam esta força de dispersão e atomização que impede a integração e a realização do Self. As quatro funções não ligadas ao centro ou ao Cordeiro, pervertem o homem e o

destroem. Os quatro cavaleiros são os quatro Videntes pervertidos ou as quatro funções separadas da sua orientação original; em sua reivindicação por autonomia, elas destroem a unidade do homem e do mundo.

Nos é dito, sobre o Cavaleiro branco, que ele carrega uma coroa e que ele saiu para vencer. A intuição separada do coração expressa apenas a vontade de poder, o desejo de vencer. O Cavaleiro não é um vencedor sem vítimas ou sem vencidos como é o caso do Cordeiro. Ele afirma seu domínio através do poder de uma inteligência por vezes mais do que racional, órgão privilegiado de um Satã/*Shatan* ou de um Dragão cujo objetivo não é o de servir e construir o homem, mas escravizá-lo e destruí-lo.

Nos é dito sobre o Cavaleiro vermelho que ele conduz à guerra (*polemos*) ou ao conflito. O sentimento que não se liga ao coração do Sujeito, pode também fazer com que ele leve uma vida autônoma e torne-se paixão, ciúme, instinto de posse. É esta apropriação do ser e do outro que vai levar à guerra (aquilo que é meu não é seu, aquilo que é seu deve tornar-se meu); então, é o ego, o Dragão que dirige o sentimento afastando-o cada vez mais do seu centro que é o amor.

Nos é dito sobre o Cavaleiro negro que ele leva à fome. A vontade de domínio conduz à guerra que conduz à fome...

É a lógica dos diversos desvelamentos provocados pela abertura dos sete selos. Domínio por uma inteligência perversa, apropriação por um sentimento pervertido; eis que surge agora um apetite de consumo que expressa a mesma vontade de poder. Este consumo conduz ao esgotamento dos solos e à fome, da mesma maneira que um consumo externo de bens sensíveis esgota uma autêntica sensorialidade e resseca o coração.

O quarto Cavaleiro é verde, cor da decomposição, ele conduz à peste. É o termo do encadeamento, vontade de poder-guerra, fome-morte. Ao chegar aos Estados Unidos, Freud disse a seu amigo Jung: “Nós lhes trazemos a peste”. Isso não quer dizer que a análise seja um instrumento de morte e destruição e que ela conduza necessariamente ao suicídio, mas é verdade que a perversão da função analítica pode conduzir à decomposição, à dissolução do homem e impedir todo movimento espontâneo vindo do coração (Cordeiro).

A razão, assim como a intuição, como o sentimento, como a sensação, quando está separada do amor, pode tornar-se uma das marionetes do Dragão,

um dos Cavaleiros do ego, e, com isto, perverter o sujeito, fazer da *hypostasis* um *prosopon*, fechar o homem em si mesmo e destruir o mundo.

Cavaleiro verde [peste]      Cavaleiro branco (vencer]

perversão de razão      Perversão da intuição

Shatan – o Dragão – a Besta

Cavaleiro negro (fome]      Cavaleiro vermelho (guerra]

Perversão da sensação      Perversão do sentimento

### A MULHER / A PROSTITUTA

Para que “Eu Sou” / YHWH inefável torne-se “Alguém”, uma pessoa que possui um coração, Sujeito das quatro funções a serviço do amor, é preciso uma mulher; sem ela nenhuma encarnação é possível.

O Apocalipse não é apenas o desvelamento da sombra, do Satã, do Dragão e da perversão no coração do sujeito, é também o desvelamento do feminino. Não há acesso ao espiritual sem que este passe pela reconciliação com a dimensão feminina e contemplativa do ser...

Teríamos ainda que definir quais são os valores do feminino em oposição aos valores do masculino que ainda parecem reger o mundo de hoje: produtividade, palavra, sucesso, ação. O mundo contemporâneo ainda não está pronto para reconhecer os valores do não agir, do silêncio, de uma presença fecunda pelo seu simples ato de ser.

O Dragão persegue a Mulher; ela só encontra refúgio no deserto onde o Nada permanece à disposição da luz e onde a vacuidade se faz matriz de uma nova consciência.

Mas diante da Mulher encontra-se também a Prostituta. Se é próprio do Dragão fazer do outro um objeto e reduzir “o outro” ao “mesmo”, é próprio da prostituta fazer-se de objeto, fundir seu desejo ao desejo do outro e reduzir-se a ele. Prostituir-se é, de certa maneira, abrir mão do seu estado de Sujeito, contentar-se em ser matéria; então, o espírito passa a ser nada mais além do preço pelo qual podemos nos vender.

O Dragão e a Prostituta são cúmplices, é a lei da oferta e da procura. Comprar e vender, comprar-se e vender-se, não há relação possível, apenas comércio. A Prostituta abstrai-se destes atos, ela nem se oferece nem se doa, seus gestos estão vazios de todo sujeito, ela se faz carne oferta aos apetites vorazes do Dragão e da Besta.

Ser mulher é não ser prostituta, é não ser passiva, é não submeter-se ao Real. Ser mulher é ser esposa, escolher o Real, fazer apenas um com ele, colocá-lo novamente no mundo, na consciência e com consciência: dar à luz.

### A CRIANÇA / A BESTA

A Criança nasce da Mulher, a Prostituta cavalga a Besta, o paralelo é novamente significativo: a inocência da Criança, testemunha do Cordeiro, não é a brutalidade da Besta, testemunha do Satã/*Shatan*.

A bestialidade é uma das formas mais temerosas do demoníaco, sobretudo quando ela se dá ares de infância, sinceridade e boa vontade. Muitas vezes, a boa consciência nada mais é do que a “besta” da consciência. A Criança divina que deve nascer da Mulher, da matéria virgem, é o oposto da Besta, ela atualiza a inteligência do Sujeito e o coração do Cordeiro.

### JERUSALÉM / BABILÔNIA

Jerusalém e Babilônia são os dois nomes emblemáticos de dois modos de vida em sociedade.

Jerusalém simboliza uma cidade constituída de sujeitos inteligentes, amorosos e respeitadores das suas diferenças; nesta cidade não há templo, o Cordeiro é a luz que guia e inspira todos os atos. Os homens têm um coração inteligente e isso basta para que a vida seja bela e possível.

Babilônia simboliza a cidade onde “o obstáculo” reina entre os seres: incompreensão, vontade de poder e dominação, ciúme e rivalidade; cada um é objeto do outro, engrenagem de uma grande máquina anônima que exclui os sujeitos livres, pensantes e autônomos. Um mundo onde não há relação de pessoa a pessoa, de liberdade à liberdade, mas apenas relação de causa a efeito, relação de escravidão e servidão.

O Livro do Apocalipse descreve da seguinte maneira os antagonismos que se afrontam em nós, no nível metafísico (YHWH / o Abismo), antropológico (Alguém / Satã), psicológico (o Cordeiro / o Dragão), os quatro Videntes / os

quatro Cavaleiros, a Mulher / a Prostituta e social (a Criança / a Besta; Jerusalém / Babilônia).

Mas sua perspectiva não é dualista, não se trata de um combate entre dois príncipes, o da luz e o das trevas. Trata-se de uma passagem, de uma iniciação, além dos contrários, através da provação que nos faz verdadeiramente humanos (*Anthropos*), a provação da nossa liberdade.

Liberdade que pode fazer do abismo o próprio lugar da revelação de um além de tudo: YHWH, vacuidade incriada e criadora;

Liberdade que se serve do obstáculo para tornar-se “Alguém”, Sujeito das circunstâncias e não objeto das circunstâncias;

Liberdade que pode transformar as forças de agressividade e violência do Dragão em força domada e suave do Cordeiro, força criadora e não mais destruidora;

Liberdade para orientar de maneira não perversa as forças do Vivente que nos habitam: intuição, sentimento, sensação, razão, colocadas a serviço do bem-estar de todos ao invés de serem colocadas a serviço da tirania de um ego sempre insatisfeito;

Liberdade para experimentar de maneira não passiva os valores do feminino, sujeito de relações mais ricas e não objeto de seduções redutoras;

Liberdade de ser uma criança no grande jogo da vida e não um animal, joguete dos acasos.

Uma cidade habitada por tais sujeitos só pode ser a Jerusalém sonhada por São João. A Jerusalém que desce de seu lugar junto a Deus, a esposa do Cordeiro, ali onde cada um vela com amor a liberdade do outro. Isso supõe que cada um esteja em paz com seu tirano em potencial, sua brutalidade sempre pronta a bestializar tudo que ela encontra, seus apetites sempre prontos a morder e a devorar. O Inferno e o Aberto estão em cada um de nós; Apocalipse é colocar a nu, é o desvelamento da nossa liberdade. Nós vamos para o lugar onde queremos estar; que “o homem de desejo” dê um passo à frente, que ele escolha...

## 5

### **O Apocalipse como revelação de um inconsciente?**

A simples apresentação das grandes imagens (ou personagens) do Apocalipse de João nos deixa pressentir a riqueza das informações que nos são transmitidas através delas e a revelação de um sentido ou de uma saída possíveis à nossa história (pessoal, coletiva e cósmica).

Mas a linguagem do imaginal, assim como a linguagem dos sonhos, ainda precisa ser decifrada. Sabendo que aquilo que nos é dito sempre excede aquilo que podemos ouvir, é preciso nos entregarmos ao exercício da interpretação que é o próprio exercício da nossa liberdade. Talvez o texto, assim como a vida, assim como a história, não possua um sentido *a priori*, é a nossa interpretação que lhe dá um sentido. Nossa interpretação é uma participação à Imaginação criadora que se expressa nessas palavras, sonhos e imagens, mas também nesses acontecimentos, provações, sintomas e catástrofes cujo eco encontramos no texto.

Seguindo esse caminho, nós descobriremos, talvez, que não somos nós que lemos o texto e que o interpretamos, é o texto que nos lê e nos revela a nós mesmos. Portanto, exercemos nossa liberdade através do ato de interpretar, de assistir ao nosso desvelamento, ao nosso “apocalipse” no sentido literal do termo e dele tirar as consequências práticas quanto à nossa ética e aos nossos comportamentos.

O conteúdo do texto revela-se à medida que ele nos revela a nós mesmos, assim como uma partitura musical revela a música “oculta” em suas notas, seus baixos e agudos. Ela revela também a alma do compositor, as qualidades do intérprete e a escuta daqueles que assistem ao concerto.

Através de um único escrito temos múltiplas revelações. Talvez tenhamos que escolher, privilegiar uma leitura particular sem nos esquecermos das outras possíveis. Será que podemos ler o Livro de João como um livro de sonhos onde, através de um inconsciente pessoal, nos é revelado o inconsciente coletivo? Ele dirá respeito, então, não apenas da própria história do apóstolo, mas da história da comunidade na qual ele viveu há mais de vinte séculos e, além desta história passada, a história da nossa

humanidade sempre presente, como dão testemunho as diversas leituras e interpretações que continuam anunciando sua “atualidade”.

Cada parte do sonho é uma revelação do sonhador. “Todo sonho é o sonhador.” A questão é sabermos quem é aquele que sonha e “imagina” o Livro de João. Trata-se, sem dúvida, da identidade inconsciente da humanidade de quem João é o porta-voz ou o nome, e podemos ir mais além, porta-voz do “Real inconsciente” que através destas imagens, mitos e símbolos, tenta se fazer reconhecer.

O Real<sup>36</sup> não é um mito. O mito é uma das linguagens do Real.

Um Real inesperado, inaudito, nos fala através destas imagens e símbolos. Ele nos revela aquilo que somos, aquilo que nos tornaremos: “aquilo que era – aquilo que é – aquilo que virá”. Eu sou/ Eu serei é o sonhador, ele é também aquele que escuta aquilo que este sonho diz aos “leitores”.

Se retomarmos agora as duas colunas de personagens presentes no Livro, devemos nos perguntar qual experiência interior poderemos ter, antes de reconhecermos a presença e a ação destas imagens no mundo externo.

Os conflitos que se manifestam na história do mundo são, primeiro, conflitos vividos no interior de cada um. A aceitação e a transformação destes, no momento do nosso confronto com o Real inconsciente, podem não apenas mudar, mas influenciar o futuro do mundo que é constituído apenas pelo essencial, pela projeção destes mundos interiores, múltiplos e contraditórios.

## Experiência do Real, provação do nada: YHWH – o Abismo

Podemos falar da experiência de YHWH, o Ser que é o que Ele é, o Ser Assim, o Real absoluto? Jamais conhecemos o Real, apenas a Realidade e as realidades que se manifestam a partir dele. Se Deus é uma realidade, Ele é manifestação deste Real. O Real permanece retraído, recolhido, como o Ser no Ente, como a deidade naquilo que chamamos “Deus”, a causa, o princípio de todas as coisas. A experiência seria, então, experiência daquilo que sempre nos “escapa”, daquilo que resiste a todo tipo de “compreensão” ou “captura”, seja mental, afetiva ou sensorial.

Nele entramos por um total “desprendimento” do intelecto, do coração e dos sentidos, aquilo que alguns, como Mestre Eckhart, chamarão de *Gelassenheit*: “deixar ser” ou “entrega”. É através da nossa “abertura” que entramos no Aberto. Se para o espírito isso parece uma evidência, tudo em nós parece se opor a isso, pois esta abertura é também a perda dos nossos limites, a perda do conhecido, o aniquilamento do eu que quer fazer a experiência do infinito sem renunciar à sua finitude.

“Não podemos ver Deus sem morrer”, não podemos ser o Infinito sem perdermos nossos limites, não podemos ser o Absoluto sem dissolução ou absoluta relativização do relativo. Quaisquer que sejam os termos empregados, estamos falando de uma experiência onde não há mais alguém para fazer a experiência. O melhor é, então, calar-se a respeito e contentar-se com a realidade que manifesta este Real e que permanecerá, pela sua própria natureza, sempre desconhecido e inefável.

“Sobre aquilo que não podemos falar, devemos nos calar”: Wittgenstein termina desta maneira seu *Tractatus lógico philosophicus*, segundo a prática da apófase dos primeiros teólogos do cristianismo (particularmente Dionísio que recapitula bem esta abordagem).

Este pressentimento de um Real que nenhuma realidade saberia conter, é fonte de grande liberdade. Ele indica que somos feitos para o amplo, para o espaço. O Espírito é mais profundo que nossas mais profundas profundezas, mais elevado que o mais elevado dos nossos “cumes”. O claro silêncio está

em nós como eco da sua vastidão e da sua presença, mas este silêncio dá medo; ele pode ser sentido como uma ameaça e ele o é realmente.

O maior medo do homem é ser nada, medo do aniquilamento, do abismo, não ser nada para os outros, nada para si mesmo, medo de ser este “nada” que é, no entanto, nossa verdadeira natureza.

“O homem é um ser a quem falta o Ser”, isso não é metafísica, é bom-senso ou observação acurada: não precisamos falar de tsunamis ou terremotos, nem de atentados ou bombas atômicas, basta uma simples espinha de peixe presa na garganta para nos sufocar e nos aniquilar. Aqueles que desconfiam das espinhas de peixe, dos escapamentos de gás, das cascas de banana largadas no chão e das derrapagens, morrerão, talvez, em seu sono. Serão eles pegos de surpresa no meio do seu sonho ou talvez eles acharão que a morte é um sonho? Ou eles acordarão no meio do seu sonho? Qualquer que seja a maneira, todos morrerão. Essa é, aparentemente, nossa única e pobre certeza. A vida, a morte, o amor, tudo existe para nos iniciar ao nada que somos; ter medo ou recusá-lo em nada modifica o Nada, só o torna doloroso e é esta dor que nós tomamos por existência.

Podemos, então, opor a experiência do Real (YHWH) e a provação do nada (o abismo)? Não é o mesmo Real vivido de maneira aberta ou retrátil? Seria a aceitação do nosso nada ou do caráter relativo de toda realidade a chave de acesso ao Real? É isso que imaginam os sábios, santos e místicos de todas as grandes tradições espirituais da humanidade. Eles nos aparecem como homens e mulheres livres, conscientes de todos os “perigos”. No entanto, eles não têm medo de nada, pois eles não têm medo do Nada e de ser Nada (cf. em hebraico o jogo de palavras entre ANY – AYIN, “eu-nada”, já evocado).

Aqueles que têm medo de ser nada conhecem bem a angústia, a maldição e “o abismo” sobre o qual fala o Livro do Apocalipse: é a angústia do ser finito fechado em sua finitude que ele sabe estar votada à morte. Sua finitude lhe aparece, então, como um poço sem fundo, sem esperança e sem vastidão. Cada dia o aproxima cada vez mais da hora da sua sufocação, da sua asfixia, do seu sopro que se recusa a abrir-se a um outro sopro. O eu pode construir todas as muralhas que ele quiser diante da morte, serão como muralhas de areia diante do mar.

O Livro do Apocalipse evoca pouco este combate derrisório, ele permanece subjacente em todos os outros combates: é a oposição “insensata” e impossível do Ser e do nada, do Real e do irreal. Quem poderia “opor” o nada ao Ser? Quem poderia “opor” o irreal ao Real? Se houvesse a menor “oposição”, não haveria mais nada, nem irreal.

Apenas o Ser é, o Real é fonte de toda realidade. Poderíamos dizer, então, que toda “oposição”, toda angústia, toda recusa, fazem parte das manifestações do Real. Temos medo de ser nada porque não temos consciência de ser tudo ou “de sermos” simplesmente. Nada ser em particular não nos dá o acesso ao nada, mas ao infinito Real. Não somos seres “para” a morte, mas seres “pela” morte. A pulsão de morte que acreditávamos “fatal” revela-se “pascal”, ela nos conduz a uma “passagem”<sup>37</sup>, a um outro nível de realidade, mas jamais entramos ou saímos do Real.

O *Livro do Qohélet* (ou *Eclesiastes*) é uma boa testemunha desta passagem de uma consciência que nos “abisma” ou nos engole a uma consciência que nos salva, nos amplia ou ainda nos “desperta”: a afirmação, cem vezes repetida, de que tudo é vaidade, lama da lama, corrida atrás de ventos, não faz Qohélet duvidar sequer um único momento da presença de YHWH. A própria experiência deste *havel* (em hebraico) que é maltraduzido por vaidade, evanescência, ilusão, vapor, é a condição necessária para a revelação do único Ser que é e este Ser não é alguma coisa, ele é *no-thing*, Nada (literalmente: “não coisa”).

Esta é também a experiência dos sábios do Oriente (particularmente o Buda) que fazem da experiência da vacuidade de todas as coisas (do seu não eu ou existência independente) a condição para o Despertar, a condição para acessar o Espírito desperto. Podemos falar aqui novamente de “fenomenologia do Espírito”, ou aparição do Espírito no desmoronar das matérias que o manifestam. Nós estamos no coração do Apocalipse: revelação de YHWH no próprio momento onde se revela a não existência na duração de todos aqueles que existem.

Devemos chorar no momento em que desmoronam todas nossas ilusões, onde arrebentam todos nossos elos, vínculos e apegos? Ou devemos nos alegrar, junto com os Viventes, da presença do Santo, do Real que resiste, “Aquele que era, que é e que virá”?

Antes de entrarmos nestes festejos, neste júbilo e neste deslumbramento, devemos fazer a distinção entre dois Nadas: o *Absconditus*, YHWH, o Inefável (a deidade mencionada pela teologia apofática), o Real de onde nasce a Realidade (o Deus mencionado pela teologia catafática) e todas as realidades que expressam em diferentes níveis de intensidade a sua manifestação e o Nada dos filósofos niilistas de onde nada nasce nem sai e que, pelo contrário, fecha tudo e impede de nascer ou de sair do absurdo e da morte. Existe um *nihila quo omnia fiunt*, um “nada ou vacuidade a partir do qual todas as coisas acontecem”, e um *nihil a quo nihil fit*, um “nada de onde nada procede” e onde tudo tende a recair e a se deteriorar.

Um nos conduz ao caminho da individuação e do despertar, o outro ao caminho da despersonalização e da depressão. É isto que tentam nos significar essas duas imagens sem imagem, sem representação possível, duas vacuidades que devemos diferenciar: YHWH e o Abismo, presentes por todo Livro do Apocalipse.

## “Eu sou” e seu obstáculo: Alguém, Satã

Vamos lembrar que, caso o Real inefável e irrepresentável deseje ser conhecido, ele deve manifestar-se tornando-se Realidade. O Absoluto indeterminado deve tomar uma forma, uma determinação que o torne pensável, amável, acessível. Esta determinação do Real, ao tornar-se conhecido ou manifestado, dá nascimento à Realidade.

Da mesma maneira, nós poderíamos dizer que a manifestação do “Deus oculto”, *Deus absconditus*, YHWH, o Incognoscível, é o Deus pessoal, o Deus Criador, o Sujeito na origem de todos os sujeitos.

É importante mantermos esta distinção entre o Real manifestado e o Real não manifestado. O Deus manifestado (da teologia catafática) e o Deus não manifestado ou oculto (da teologia apofática) evitará que façamos do Deus pessoal um ídolo metafísico e que possamos reconhecê-lo como um ícone ou imagem metafísica que não obstrui a inteligência e o amor na sua representação, mas os abre ao Incognoscível que permanece recuado e retraído na sua própria manifestação.

João vê o Real na mais bela das suas formas: o Absoluto na forma de “Alguém”. Deus é este Real que se quer alcançar, é o Real que toma um rosto para encontrar o rosto do ser humano. É o Absoluto impessoal, indeterminado que torna-se alguém: “Eu sou”.

O Deus pessoal não deve ser reabsorvido no Absoluto impessoal, ele deve ser celebrado como um dom, nascido de uma vacuidade fecunda e não estéril (vacuidade que seria incapaz de produzir a forma de todas as formas, o semblante de todos os semblantes, o Ser sujeito de todos os sujeitos).

O eu, então, não deve mais ser considerado como uma limitação ou uma negação do Absoluto, mas como uma expressão, uma “teofania”, uma manifestação do Absoluto. O objetivo da vida humana não é renunciar ao seu eu ou deixá-lo ser reabsorvido no Absoluto, mas fazer dele uma testemunha deste Absoluto, uma expressão, a mais transparente e a mais perfeita possível. Esta é a própria definição de hipóstase: a pessoa através da qual o som do Ser, o som do Real, se dá a ouvir em oposição ao

*prosopon*, o indivíduo que “fecha” o som do Ser ou do Real em sua forma. A hipóstase é o eu não fechado em seus limites, podemos, então, chamá-lo de Self; o *prosopon* é o eu identificado e fechado em seus limites, podemos, então, chamá-lo de “ego”.

Satã/*Shatan*, tal qual nos é apresentado pelo Livro do Apocalipse, é esta força obscura que impede o indivíduo (*prosopon*) de tornar-se alguém (hipóstase) dissolvendo-o (se ele tiver tendências místicas) no Absoluto indeterminado e indiferenciado ou enclausurando-o nos determinismos da sua individualidade sem comunicação possível com o Outro ou com os outros.

Ele não suporta que “alguém” possa dizer “Eu sou”, pois existe aí um eco do “Eu sou quem Eu sou”, o Nome divino.

Mais uma vez, não se trata de fazer deste “Eu sou” humano ou divino, um ídolo, mas um ícone do Inefável por ele manifestado. O “*Deus revelatus*” é e não é o “*Deus absconditus*”, assim como o brilho do sol é o sol, mas não é “todo o sol”. Esta é uma outra armadilha do Satã/*Shatan*: fazer com que tomemos o Deus pessoal, determinado, manifestado, como “o único Deus” e fazer dele um dogma, uma determinação absoluta, ou seja, um ídolo.

A pessoa (a hipóstase divina ou humana) é uma abertura, uma transparência: é através dela que o Dom do Absoluto é possível. O Satã/*Shatan* gostaria de nos privar desta “possibilidade”. Ele odeia os semblantes múltiplos do Um, os deuses pessoais que falam a cada um de nós para que cada um descubra-se, revele-se (apocalipse) também como um ser diferenciado e único: “Eu sou” por inteiro, à imagem e semelhança do Real capaz de dizer “Eu”.

Quando dizemos: “Não há outro Deus além de Deus”, não estamos dizendo: “Não há outro Deus além “deste” Deus”. “Este Deus” é este Deus pessoal que fala às pessoas, não é o Deus oculto, silencioso por essência, que não fala com ninguém. Nada é real fora do Real, esta “Realidade”, este Deus, este “alguém” é a manifestação, a presença do Real. Nós só conhecemos o Real através das teofanias e cada teofania é singular, pois é próprio das teofanias serem uma relação, um “vínculo” entre dois sujeitos.

Como indica sua própria etimologia (em grego, “aquilo que é jogado entre”; em hebraico, “o obstáculo”) o Diabo ou o Satã/ *Shatan* é o que impede ou prejudica esta relação. Na Bíblia, ele é também uma manifestação de Deus, um “filho de Deus” (prólogo do Livro de Jó). Ele tem uma função, pois é um “funcionário” do Real. Sua função é a de nos colocar à prova, colocar à prova nossa qualidade de relação, a autenticidade do “Eu sou” que somos, é o testador ou o tentador. A vida não para de nos colocar à prova para que se revele aquilo que temos na cabeça, no coração, no ventre, para vermos se “Eu sou” ali está.

Com isto estamos dizendo que não existe oposição entre YHWH e Satã/*Shatan*, já que Satã/*Shatan* é uma de suas criaturas, uma de suas manifestações, mas existe oposição entre o Espírito que me convoca a tornar-me alguém e o Espírito que gostaria que eu permanecesse em minha indiferenciação com a natureza, a sociedade ou o próprio Absoluto, que eu ali permaneça ou que eu regrida incessantemente à “grande mãe” e seus abismos.

Falamos anteriormente sobre a perda dos nossos limites ou nossa finitude como sendo uma bênção, bênção que é concedida a todo ser no momento da sua morte.

Podemos nos perder no sentido de nos darmos a algo maior, mais consciente, mais amoroso; esta perda ou este dom é a realização da pessoa e não a sua destruição.

Podemos nos perder no sentido de virmos a faltar a nós mesmos; esta é uma volta ao informe, anterior à toda determinação, a toda consciência, é uma regressão ao pré-pessoal. Seria mentira ou ilusão apresentar isso como “transpessoal”. Resistir a esta “mentira piedosa” é resistir à tentação e ao tentador.

Nossos semblantes não ficaram abatidos<sup>38</sup>, mas foram transfigurados<sup>39</sup>. A “amorfose” (volta ao amorfo, literalmente ao informe, ao sem forma) é o oposto da metamorfose (passagem ao além da forma). Este é o termo grego empregado para falar da “transfiguração” de Yeshua no Monte Tabor e da “transformação” operada pelo Espírito nas “pessoas” que o acolheram.

Seria interessante observarmos todos os nomes que a Biblioteca hebraica dá a este “mau Espírito” que despersonaliza os humanos “à imagem e semelhança de Eu sou” para reduzi-los ao estado de coisas ou objeto. Hoje em dia, nós sabemos melhor onde a negação do semblante, o não

reconhecimento da presença de “alguém” em um corpo humano pode conduzir. Os Nazistas, antes de conduzir suas vítimas ao crematório, afirmavam que não se tratava de seres humanos, mas de “ratos”, de “vírus”, “imundícies” cujo contágio deveria ser evitado; apenas o fogo poderia libertá-los de tais “vermes”.

Hoje em dia sabemos melhor onde nos conduz o ateísmo, o não reconhecimento de Deus em pessoa (do Real em pessoa) em tudo aquilo que vive e respira. O não reconhecimento do Criador em toda criatura nos leva a considerar o homem e o universo como simples “matéria” maleável ao seu bel-prazer, redutível de acordo a seus caprichos, para tornar-se um produto para o seu gozo ou poder.

Satã/*Shatan* é a força da cegueira, da ilusão ou da mentira (o Evangelho nos diz que ele é o pai da mentira) que nos impede de “vermos” Deus em tudo e em todos.

Diante do que aconteceu em Auschwitz não devemos nos perguntar: “Onde estava Deus?” – esta não é a boa pergunta. É evidente que Deus estava ali, assim como ele está em todo lugar (Existe algum lugar real onde a Realidade não esteja?) Ele estava particularmente ali, na boca e no coração daqueles que apesar do horror confessavam e celebravam seu Nome.

A questão a ser colocada seria, antes: “Onde estava o ser humano?”, Onde estava a consciência? Esta capacidade de reconhecer a presença do Ser que é em um outro? Havia ali “alguém” que não queríamos ver e este “alguém” tinha o semblante de cada um, os olhos abertos diante dos olhos cegos. Sem nenhuma dúvida, havia “alguém que morria”, mas havia “alguém que matava”? O assassino continuava a ser uma pessoa capaz de dizer “Eu”? Se não vemos mais o “Você”, como é possível ainda haver um “Eu”?

As análises de Hannah Arendt vêm unir-se às imagens do Apocalipse quando ela diz: “Não, não havia ‘quase’ ninguém, apenas máquinas que obedeciam às ordens, funcionários de segunda, soldados de segunda que renunciaram a ser ‘Eu’, absorvidos e manipulados por um inconsciente coletivo do qual eles não querem se diferenciar”.

“Mas onde estava o ser humano?” Um dos nomes de *Shatan* antes de ser o “*Antichristus*” (de onde deriva “Antecristo”), poderia ser o “Anti-humano”.

O Livro do Apocalipse o apresenta como “o Acusador dos nossos irmãos”, o “mau Espírito” ou o “lado ruim” como dizem os rabinos. É um espírito de acusação, de condenação, de culpa. “Não fui eu, foi minha irmã” – isso começa no Livro do Gênesis. “Não fui eu, foi a mulher que você me deu que me fez cair”, diz o homem. “Não fui eu, foi a serpente”, diz a mulher. “Não fui eu, foi Deus quem me criou assim”, diz a serpente. E o que dirá Deus que fez ser tudo aquilo que é? Ele nada pode dizer já que não há mais “alguém” a ser acusado; resta apenas acusar o Real Desconhecido por ser aquilo que ele é...

Acusar a realidade de ser o que ela é, nada muda; nossa própria acusação é um elemento desta realidade, no entanto, o clima de queixa e de acusação perpétua é o clima no qual vivemos constantemente. Parar de acusar o outro, a sua infância, as marcas transgeracionais ou coletivas, “a sociedade podre”, os “tempos podres”: parar de acusar Deus, a grande causa primeira de todos os males que assolam a terra; parar de nos acusarmos, porque sempre nos sentimos, com ou sem razão, “culpados” de algo – esta parece ser uma “tarefa” impossível.

Parar de acusar, de se acusar, de se queixar, equivale a uma parada do “mental”, caso nos lembremos que “mental”, “mentira” e “mentiroso” possuem a mesma raiz. Poderíamos dizer que esta é uma raiz “satânica”, pois entre nós e nós, entre nós e os outros, entre nós e Deus, há sempre o muro do mental, uma montanha de projeções, um “obstáculo”.

“Ele foi vencido, o acusador de nossos irmãos” (Ap 12,10) nos diz o Livro do Apocalipse. Quem pode vencer em nós a força desmesurada da queixa e da acusação, a onipresença do mental?

A linguagem das imagens nos diz que é o “Cordeiro”, símbolo do coração e da compaixão. Não há coração se não houver “alguém” para carregá-lo e fazer dele um “centro”.

É interessante observarmos que quando Satã conduz Yeshua ao deserto para tentá-lo, para testá-lo, para ver que tipo de Messias ele pode ser, ele encontra-se realmente diante de “alguém”; alguém que lhe resiste com toda a presença do seu ser e da sua verdade e que não se deixa levar pelos caminhos de poder que lhe são propostos:

Poder econômico (transformar as pedras em pão),

Poder político (dominar sobre todas as nações unidas em uma unidade “global”),

Poder mágico (jogar-se do alto do templo sem se machucar).

Para ele, não se trata de ter mais, de poder mais, de saber mais e, assim, subjugar o mental dos povos, mas trata-se de ser mais, ser mais “alguém” que desperta, através da sua presença, a identidade e a liberdade de cada um.

Ele não vem anunciar um estado totalitário que “para a felicidade de todos” tome conta dos homens e, assim, os dispense do “fardo da sua liberdade” (cf. a lenda de “O grande inquisidor” em *Os Irmãos Karamazov*, de F. Dostoievski), mas um “reino” onde ninguém jamais será a engrenagem impecável de uma grande máquina coletiva que só busca produzir. Produzir o quê? Cada vez mais riqueza e cada vez menos consciência? Para quê? A longo prazo, tudo isto é falso. Nós sabemos que mais riqueza sem consciência engendra mais miséria.

Seu “reino” não é “este mundo”, não é Babilônia, mas um “outro mundo” onde cada um cuida do outro tendo consciência da sua grandeza e da sua fragilidade, um mundo onde respeito, justiça, amizade, celebração não são apenas palavras, mas o clima de uma terra “aberta ao céu” que jamais deixará de oferecer-lhe a multiplicidade de seus dons.

Sem dúvida, ainda não é hora para que se realize esta “nova Jerusalém”. Nós ainda estamos na hora do conflito, do combate entre “Alguém” e Satã, entre “Eu sou no meio de vós como aquele que serve” e “Eu não servirei” (*non serviam*).

O Cordeiro e o Dragão serão as duas personagens ou as duas imagens que, no Livro do Apocalipse, simbolizam essas duas atitudes fundamentais e antagônicas.

## Amor e vontade de poder: o Cordeiro, o Dragão

A luz do Apocalipse é a luz de um desvelamento, desvelamento do Real em suas múltiplas intensidades. O Real velado, ocultado, ignorado: ei-lo de repente colocado a nu sob o olhar visionário de João, manifestado como o Inalcançável, o Incompreensível, o Incognoscível, o Irrepresentável, YHWH, o Ser que é o que Ele é. Eis que ele é reconhecido como Desconhecido, mas este Desconhecido, este tesouro oculto aspira tornar-se cognoscível.

Ele vai dar uma determinada imagem de si mesmo. O não manifestado torna-se manifestado, ele “dá as caras” a outras “caras”. Ele se faz “alguém” e este alguém revela a invencibilidade e a vulnerabilidade do seu coração (centro). João o representa como um Cordeiro degolado e de pé, como um mortal que atravessou a morte, um morto ressuscitado. Desta maneira, ele dá testemunho de que “o Amor é mais forte do que a morte”, ele é quatro vezes vivente e esta Vida quer tomar um corpo no corpo da mulher, tornar-se criança. Esta criança será o filho mais velho de uma multidão de irmãos, esta criança se tornará um povo inteiro, não apenas um corpo cósmico, mas um corpo social cujo arquétipo é a Jerusalém celeste.

Mas o Apocalipse é também desvelamento que se opõe ao Real, que dele se afasta, que dele zomba, o nega ou o perverte. Ocorre então a revelação do abismo, do Satã/*Shatan*, do Dragão, da Prostituta, da Besta e de todos os arquétipos da vontade de poder ou dos prejuízos que dominam e manipulam, consciente ou inconscientemente, os habitantes de “Babilônia a grande”, a “triste e dolorosa Humanidade”.

Se podemos provar com uma certa facilidade as diferentes intensidades do Real, ou seja, as diferentes intensidades (qualidades) de amor e de luz, como poderemos provar as diferentes intensidades do nada e do irreal? Sem dúvida, trata-se antes de tudo da intensidade de uma falta que nos engole, nos entristece e nos angustia, falta do Ser (abismo), falta de identidade e de semblante (*Shatan*), falta de Amor e de consciência (Dragão, Besta, Prostituta).

Às diferentes intensidades da falta e da carência, será preciso acrescentar as intensidades perversas do ódio, do ciúme, do medo, da violência e da mentira, todas elas perversões da Vida, do Amor e da Consciência. Mas estas são intensidades do irreal, ou seja, falsas intensidades que se revelam como ilusórias, derrisórias e impermanentes graças ao trabalho e à bênção do Apocalipse.

O Real pode ser pervertido em suas manifestações, mas não em sua essência. A morte (assim como o mal) não tem nenhum poder contra a Vida já que ela faz parte da Vida, ela é apenas ocasião (*Kairos*) para sua manifestação, abertura àquilo que ela nega!

“Morte, onde está a tua vitória?” (1Cor 15,55).

O Apocalipse é a revelação deste Dia em que o Dragão deverá se submeter ao Cordeiro, onde a força e a violência se inclinarão diante da inocência que jamais foi uma fraqueza. O Dia em que a vontade de poder será derrubada pela vontade de servir e pelo desejo da presença. Qual é, portanto, este amor que não se permite ser engolido pela morte? Este Cordeiro que não se deixa devorar pelo Dragão?

E eu vejo  
No meio do trono e dos quatro Viventes,  
No meio dos Anciãos:  
um Cordeiro.  
Ele está de pé e ele está degolado,  
[...]  
Os quatro Viventes e os vinte e quatro Anciãos  
Prosternam-se diante do Cordeiro,  
Cada um segura uma harpa  
e cálices de ouro cheios de perfume;  
são as orações dos santos.

Eles cantam um novo canto:  
“Tu és digno de receber o Livro  
e de abrir os selos  
porque foste degolado e estás de pé [...]” (Ap 5,6-8-9).

Quem pode abrir o livro? O livro que nós somos, o livro do mundo? Ele está selado com sete selos. Quem pode nos ajudar a lhe dar um sentido? Quem abrirá os sete nós que apertam nosso corpo e o corpo do mundo impedindo a Energia de “circular”? Quem fará girar a roda dos nossos sete centros vitais para que a Vida se encarne e se dê? O Apocalipse de João nos

diz que é o “Cordeiro”, símbolo da inocência e da Bondade, “a força invencível do humilde amor” que pode abrir os selos.

Viver a partir desta clareza e desta Bondade primordiais é o que transfigurará nosso olhar e dará sentido a tudo aquilo que ele encontrar. Nós já sabemos disso – existe no olhar dos poetas e no olhar dos apaixonados a luz necessária para que se revele o segredo daquilo que existe.

Apenas um olhar poético e amoroso pousado sobre o mundo pode nos revelar o seu sabor. Apenas um olhar de luz e de compaixão pode nos revelar seu sentido. Apenas o olhar do Cordeiro pode nos revelar para quais “núpcias”, para qual não dualidade ou união com tudo aquilo que vive e respira, nós nascemos.

O Cordeiro é o coração do nosso ser, a pedra angular do nosso edifício<sup>40</sup>, a chave que abre o sentido do livro das nossas vidas. O conhecimento não basta; se não despertarmos esta inocência e esta bondade primordiais, nós não conheceremos nada ou só conheceremos as coisas pelo seu lado externo.

Para termos acesso a este conhecimento superior não devemos ter medo de sermos feridos, pois não existe neste conhecimento nenhuma violência para responder à violência, existe apenas consciência e compaixão para responder à violência do Dragão. Se estas, segundo as aparências, parecem ter sido vencidas, pois as aparências mostram apenas a ferida, o degolamento e a cruz, a aparição vista por João é a aparição do Amor vencedor através das feridas, do degolamento e da cruz, este Amor mais forte do que a morte.

De fato, apenas ele é digno e capaz de abrir o livro que não se abre pelo uso da violência e não cede à influência dos poderosos e desta toda poderosa conhecida de todos: a morte.

A visão do Cordeiro degolado de pé, é a visão do Ressuscitado que guarda sobre seu corpo de luz as marcas do seu corpo de carne, esquadrejada por aqueles que queriam e ainda querem reduzi-lo à inexistência; a clareza e a bondade terão a última palavra: nossa verdadeira natureza, nosso ser eterno, não são o Dragão, mas o Cordeiro.

“Vemos bem apenas com o coração”, diz a raposa ao *Pequeno Príncipe*. Apenas os apaixonados e os poetas não são cegos neste mundo. Nos é dito que na Nova Jerusalém não haverá nem templo, nem lua, nem sol; todos

viverão na luz do Cordeiro. É apenas com este olhar que poderemos decifrar o enigma do mundo. Mas este olhar, mesmo não sendo um olhar de perplexidade, nem por isso deixa de ser menos paradoxal. O Cordeiro do Apocalipse é também descrito como um leão, “o leão de Judá”, da linhagem de Davi. Ele está ao mesmo tempo degolado e de pé: força, fraqueza, invencibilidade, vulnerabilidade – é desta *coincidentia oppositorum* que nasce o ato justo e apropriado, o ato do *Anthropos*: humano – divino – mortal – eterno.

Como diz João Batista ao designar Yeshua aos seus próprios discípulos: “É ele o cordeiro de Deus que eleva e transfigura a miséria do mundo”; geralmente traduzimos estas palavras por: “É ele quem carrega o pecado do mundo” (Jo 1,29). Mas *saval*, em hebraico, evoca o ato de elevar (“*Eis que o meu servo procederá com prudência; será exaltado, e elevado, e mui sublime*” (Is 52,13)). Desta maneira, Yeshua é o Olhar no qual nada é vil, mau ou inútil, é ele “o olho do coração” que salva, ilumina e desperta o mundo.

Seria interessante seguirmos o tema bíblico do Cordeiro, começando pelo “cordeiro pascal” do Livro do Êxodo até o “cordeiro que não abre a boca” do Livro de Isaías. A diferença destes cordeiros para o Cordeiro do Apocalipse é que este último não é vítima, mas vencedor: nem vítima, nem carrasco, ele saiu da dialética do mestre e do escravo; como cantam os anjos, os viventes, os anciãos e os mártires: “Ele é Senhor”. Mesmo sendo paciente, ele não é passivo e as catástrofes descritas no Livro do Apocalipse serão atribuídas à “cólera do Cordeiro”.

Se Deus é misericórdia, ele é também justiça. Se o perdão tem a última palavra, é preciso primeiro suportar as consequências dos nossos atos. Na linguagem bíblica, quando falamos da cólera de Deus ou do Cordeiro estamos evocando aquilo que hoje em dia chamamos de “justiça imanente”. Nós colhemos aquilo que semeamos, é isto que os orientais chamam de lei do *karma*.

Quer ele seja pacífico ou esteja encolerizado, ainda é preciso que nos perguntemos: “Como o Cordeiro saiu vitorioso diante do Dragão?” As imagens do Livro do Apocalipse podem nos inspirar uma atitude justa diante da violência e do mal?

A atitude do Cordeiro degolado de pé, ou seja, a atitude de Yeshua esfolado/vivo, morto/ressuscitado, aquilo que ele ensina e transmite em seus

evangelhos seria a melhor ou a única solução?

Como salvar a humanidade diante da violência, mas também diante do sofrimento, da bestialidade, da perversidade, diante de todos os poderes da morte simbolizados pelo Satã/*Shatan*, o Dragão e as bestas imundas? Como salvar o humano, o divino que está em cada ser vivo, sem acrescentar violência à violência, sofrimento ao sofrimento, mal ao mal? Como ser vencedor sem fazer vencidos?

“Não podemos fazer uma omelete sem quebrar os ovos” dizem de bom grado os ditadores e chefes de estado para justificar certos danos colaterais quando se trata de impor sua ambição, sua religião, sua visão de mundo “pacificado” ou “sua” democracia. Justamente, não se trata de fazer “homem-letes”, mas seres humanos de verdade.

Seria interessante vermos as diferentes soluções propostas ao problema da violência:

1. Podemos responder à violência através de uma violência ainda maior: “você destrói minhas tendas com dez dos meus homens, eu arraso um dos seus vilarejos ou uma cidade do teu país”. Segue-se um encadeamento, uma escalada da violência que até agora só foi interrompida pelo uso de uma ou duas bombas atômicas. Nada nos diz que, caso haja uma guerra, os chefes de estado parariam por aí, “o apetite do Dragão” é insaciável, ele deseja a destruição total da humanidade.
2. Podemos responder à violência através de uma violência equânime: “olho por olho, dente por dente”. Esta era a sabedoria e a Lei de Moisés, uma maneira de colocar limites à violência, mas não deixa de ser violência. A atitude de Israel e dos países que dizem compartilhar esta ética, mostram o quanto ela é difícil de ser mantida, os excessos são dificilmente evitados. Se você arrancar o meu olho, há uma grande probabilidade que eu venha a arrancar sua cabeça. “Legítima defesa”, dirá mais tarde aquele que se deixou levar pela raiva. Como fazer com que a reação não seja pior do que a ação?
3. Responder à violência através da fuga ou da indiferença: “não se molhar”, deixar com que o crime seja feito: “eu não quero saber”. Conhecemos o resultado desta covardia; muitas vezes, sob pretexto da não violência, tornamo-nos cúmplices de uma violência que pode se

desenvolver sem entraves. “Se fosse necessário escolher entre a covardia e a violência, eu escolheria a violência”, disse Gandhi.

4. Responder à violência pela consciência; é a via preconizada pelo Evangelho e a não violência:

*“Àquele que te bate numa face, oferece-lhe também a outra”.*

Não se trata de oferecer “a mesma face”: “querido, me machuque”, “de novo...” Isto seria responder à violência com masoquismo, de maneira patológica. Também não se trata de complacência; “a outra face” simboliza uma “alternativa”, uma outra solução que não é nem a fuga nem uma resposta violenta à violência. Oferecer a outra face quer dizer que não somos levados pelos mecanismos de reação, há um momento onde paramos e nos dirigimos à consciência: “Por que você está me batendo? O que eu fiz? Você sabe o que está fazendo? Qual é o seu problema? E o meu diante do seu?”

É dado um espaço à palavra e na palavra nós nos mantemos distantes, nós vemos melhor, nós podemos expressar nossas intenções de maneira diferente ao invés de usar os punhos ou as armas, é o espaço dado à diplomacia. Isso só vai funcionar se tivermos diante de nós um inimigo “sensato” e “razoável”, mas geralmente o inimigo, caso não tenha perdido completamente a razão, também não age totalmente movido por ela. Alguma vez houve uma guerra “razoável”?

Responder à violência pela consciência é um imenso progresso, ao menos não estamos acrescentando violência à violência, mas será que isso significa que estamos detendo a violência? Transformando-a?

O que a nossa palavra e a nossa consciência podem fazer diante de um perverso sanguinário, com sede de poder e que perdeu exatamente toda consciência dos seus atos e das suas consequências?

5. Existe alguma outra via, que não seja nem a da violência equânime, nem a da covardia, e que possa ir além dos fracassos da lei de Moisés e do Evangelho da não violência?

Esta é a via que o Apocalipse parece querer nos propor com a figura do Cordeiro. É a via dos heróis, dos santos e dos mártires que opõem à violência não apenas a firmeza da sua consciência, mas também a força da sua compaixão. Trata-se, portanto, de tomarmos para nós a violência do inimigo, não para guardá-la, mas para transformá-la; este

é um trabalho de alquimista – quem é capaz de fazê-lo? De todo modo, esta é a única solução que não apenas não acrescenta violência à violência, mas também é suscetível de transformá-la.

É isto que afirma a visão do Cordeiro degolado e de pé: apenas o Amor pode dar conta da violência. É isso que estamos dizendo quando dizemos que o Cristo ressuscitou. No entanto, segundo os critérios de uma visão externa, é a cruz que teve a última palavra, é o fracasso do amor após o fracasso da consciência. Aos olhos da consciência ordinária, aos olhos do mundo, apenas o Dragão pode ser vencedor.

É isso que dizem alguns: o Apocalipse não passa de um sonho, ele não é uma revelação. Outros dirão que não é um sonho, que se trata realmente de uma revelação e eles irão ainda mais longe: que se trata de uma verdadeira revolução, um total questionamento das nossas escalas de valores:

“É no momento em que somos fracos que somos mais fortes”.

A invencibilidade caminha junto com a humildade e a inocência. O Cordeiro é como o rosto mencionado por Lévinas: “A resistência daquilo que não oferece resistência, a resistência ética”. Existe aqui uma presença infinita que nenhuma violência pode destruir:

*“Um outro que pode soberanamente me dizer ‘não’ se oferece à ponta da espada ou à bala do revólver. Através do seu ‘não’ intransigente com o qual ele se opõe, toda a dureza inabalável do seu ‘para si’ apaga-se pelo fato de que a espada ou a bala tenham tocado os ventrículos ou as aurículas do seu coração. No contexto do mundo, ele é quase nada.*

*Mas ele pode opor-me uma luta, ou seja, opor à força que o açoita não uma força de resistência, mas a própria imprevisibilidade da sua reação. Desta maneira, ele me opõe não uma força maior – uma energia avaliável que conseqüentemente apresenta-se como se fizesse parte de um todo –, mas a própria transcendência do seu ser para com este todo; não um superlativo qualquer de poder, mas precisamente o infinito da sua transcendência. Este infinito, mais forte do que o assassinato, nos resiste já no seu semblante e seu semblante é a expressão original, a primeira palavra: ‘Não matarás’. O infinito paralisa o poder pela sua resistência infinita ao assassinato que, duro e insuperável, brilha no rosto de um outro, na nudez total dos seus olhos, sem defesa, na nudez da abertura absoluta do Transcendente. Existe aqui uma relação, não com uma resistência muito*

*grande, mas com algo completamente outro: a resistência daquilo que não resiste, a resistência ética. A epifania do semblante suscita esta possibilidade de medirmos o infinito pela tentação do assassinato, não apenas como uma tentação de destruição total, mas como impossibilidade – puramente ética – desta tentação e tentativa”<sup>41</sup>.*

Podemos matar o Cordeiro, apagar seu rosto, mas ele sempre estará vivo. Aqueles que destroem seu corpo (pessoal – social – cósmico), não sabem que o seu ser ou sua essência não podem ser destruídos por aquilo que o mata? Ele é morto, suas chagas expostas são as portas abertas pelas quais se expressa sua compaixão.

“Minha vida, ninguém a tira, sou eu quem a dou.”

“Pai, perdoai-os, eles não sabem o que fazem.”

Essas não são palavras de escravos, vítimas, de carneiros adormecidos, mas palavras do Cordeiro, do Degolado que se mantém de pé, palavras de Senhor, mas não são palavras de poder, pois como diz Jung: “O contrário do amor é a vontade de poder. Ali onde reina o amor, a vontade de dominação está ausente e ali onde a vontade de poder prima, o amor falta”. Poderíamos dizer que o amor e a vontade de poder são a sombra um do outro, pois segundo as leis da enantiodromia, onde cada coisa se transforma em seu contrário, diríamos: “Ali onde reina a violência e o poder, se revelará o amor que era sua sombra de luz”.

É desta maneira que Babilônia se tornará Jerusalém. O Dragão prepara inconscientemente a vitória do Cordeiro. Segundo as leis da enantiodromia, o Livro do Apocalipse está nos dizendo que o pior daquilo que vivemos anuncia o melhor. Todos nós morreremos para conhecermos a ressurreição. Existe um outro caminho?

“Dragão, pulsão de morte, onde está tua vitória?”

## A perversão à obra: Os quatro Viventes e os quatro Cavaleiros

Entrar na visão da vitória do Cordeiro, acreditar que no final “tudo ficará bem” é não dispensar o conhecimento dos mecanismos pelos quais a humanidade pode se destruir. O Apocalipse nos descreve simbolicamente, mas de maneira precisa, os funcionamentos da perversidade. Sermos advertidos a respeito pode nos ser útil para compreendermos aquilo que está à obra no mundo hoje em dia. A perversão das faculdades e das qualidades do homem é descrita no Apocalipse através do antagonismo entre os quatro Viventes e os quatro Cavaleiros.

Quem são esses quatro Viventes?

Em volta do trono,  
há um mar límpido semelhante ao cristal  
e no centro quatro Viventes  
cobertos de olhos, por diante e por detrás.

O primeiro se parece com um leão,  
o segundo com um jovem touro,  
o terceiro, o semblante de um humano  
e o quatro parece uma águia em pleno voo.

Cada um dos quatro Viventes (*Zoa*) possui seis asas  
cobertas de olhos por diante e por detrás;  
noite e dia, eles não param de proclamar:  
*Hagios, hagios, hagios Kyrios, o*  
*Theos pantocrator,*

*O Èn, o Ôn, o Erchomenos,*  
“Santo, santo, santo o Senhor,  
Aquele que É o que Ele É, em tudo e em todos.  
Aquele que era, que é, que virá”.

Cada vez que os Viventes entram em louvor,  
honra e ação de graças Àquele que estava assentado sobre o trono,  
Aquele que é o Vivente, agora e sempre.

Os vinte e quatro Anciãos se prosternam,  
eles adoram o Vivente

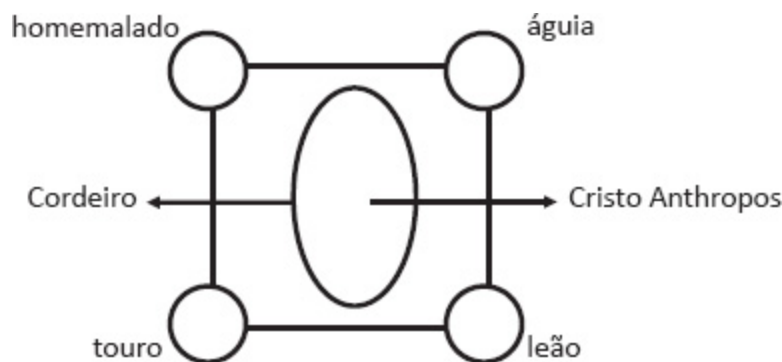
e jogam suas coroas diante do trono,  
dizendo:

“Tu és digno, Tu que és Aquele que É,  
de receber louvores (*doxan*), honras (*timên*) e poder  
(*dynamis*),  
Tu criastes todas as coisas,  
Tu queres que elas sejam e elas são” (Ap 4,6-11).

Os quatro Viventes surgem desta maneira ao vidente de Patmos: são quatro manifestações e quatro maneiras de encarnar o único Vivente, o Todo Outro (*agios* – “santo”), a vida (*kurios*), a luz (*theos*) soberana (*pantocrator*) que era, que é e que virá (*o èn, o ôn, o erchomenos*).

A função destes Viventes, como a dos anjos, como a dos vinte e quatro anciãos (2 x 12), como a das vinte e quatro horas do dia, é a de louvar e celebrar o Real Presente, por todo lugar e sempre, em todas as realidades. É neste louvor e nesta adoração que toda vida encontra o sentido daquilo que a coroa e a realiza.

O “tetramorfo” representa o quaterno dos Viventes já evocados por Ezequiel e frequentemente representados no pórtico das catedrais em torno do Cristo e do Cordeiro.



Aqui estão recapituladas uma vastidão de tetralogias, que simbolizarão:

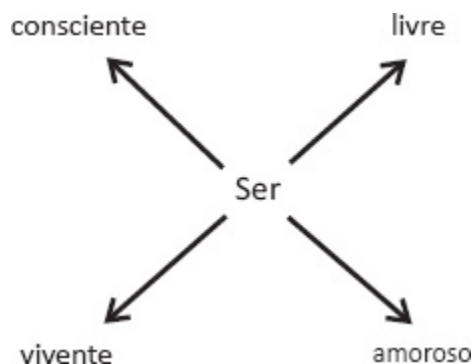
- os quatro evangelistas (Mateus, João, Lucas, Marcos)
- os quatro arcanjos (Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel)
- os quatro grandes profetas (Isaías, Ezequiel, Jeremias, Daniel)
- os quatro campos dos filhos de Jacó (Efraim, Judá, Dan, Rubens)
- as quatro alianças (Noé, Abraão, Moisés, Jesus)

mas também:

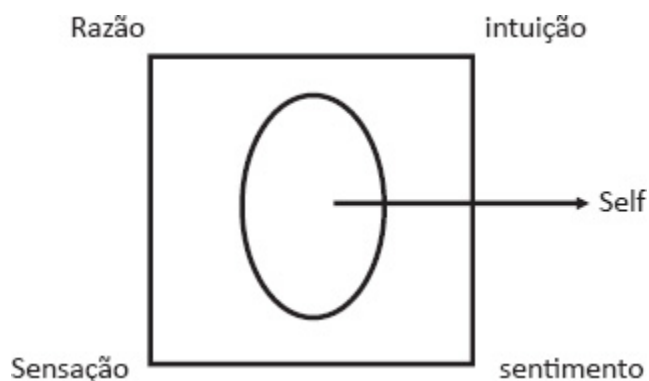
- os quatro rios do paraíso,
- as quatro estações,
- os quatro elementos,
- as quatro idades da vida humana,
- os quatro pontos cardinais,
- as quatro virtudes cardinais (prudência, força, justiça, temperança),
- as quatro idades da humanidade (idade do ouro, da prata, do bronze, do ferro),
- as quatro dinâmicas da energia (a geração, a entropia, a negentropia, a regeneração),
- as quatro bases químicas do DNA (adenina, timina, citosina e guanina),
- os quatro grupos sanguíneos (O, A, B, AB),
- os quatro estados da matéria (sólido, líquido, gasoso, ígneo),
- as quatro partículas estáveis (o elétron, o próton, o nêutron e o fóton),
- os quatro elementos minerais que constituem a matéria viva (hidrogênio, oxigênio, azoto e carbono),
- os quatro elementos minerais da energética intracelular (potássio, sódio, magnésio, cálcio) etc.

Esta estrutura quaterna de tudo aquilo que aparece como vivente nos faz evidentemente pensar na cruz que, a partir do seu centro (seu coração), desdobra-se nas quatro direções.

Para tentarmos compreender o antagonismo das duas tetralogias do Apocalipse (quatro Cavaleiros – quatro Viventes), eu convocarei duas outras que ainda não foram evocadas, mas que me parecem fundamentais para explicitar o desdobramento do Ser ou sua manifestação:

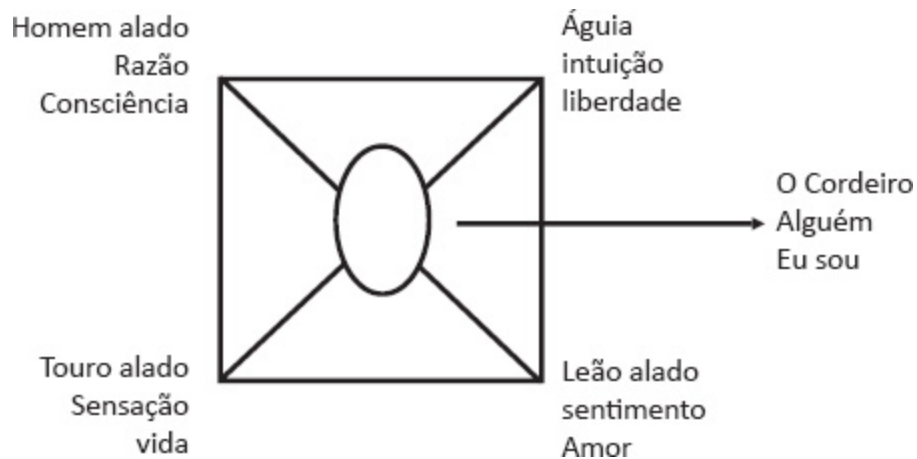


A vida, a consciência, a liberdade e o Amor são os quatro grandes “nomes” do “Ser que é o que Ele é” (YHWH); eles são acessíveis ou perceptíveis ao Ser humano graças às suas quatro faculdades ou funções:



A integração ou a harmonização dessas quatro funções dão origem àquilo que Jung, em sua terminologia, chama de Self. Poderíamos nos perguntar: É a integração dessas quatro funções que “cria” o Self, ou é o dom do Self presente nestas quatro funções que cria a integração e a harmonização?

No Livro do Apocalipse é evidente que a presença do Vivente (o Cordeiro – Alguém) traz alegria e faz existir os quatro Viventes; estes expressam e celebram “o Ser que Ele é”.

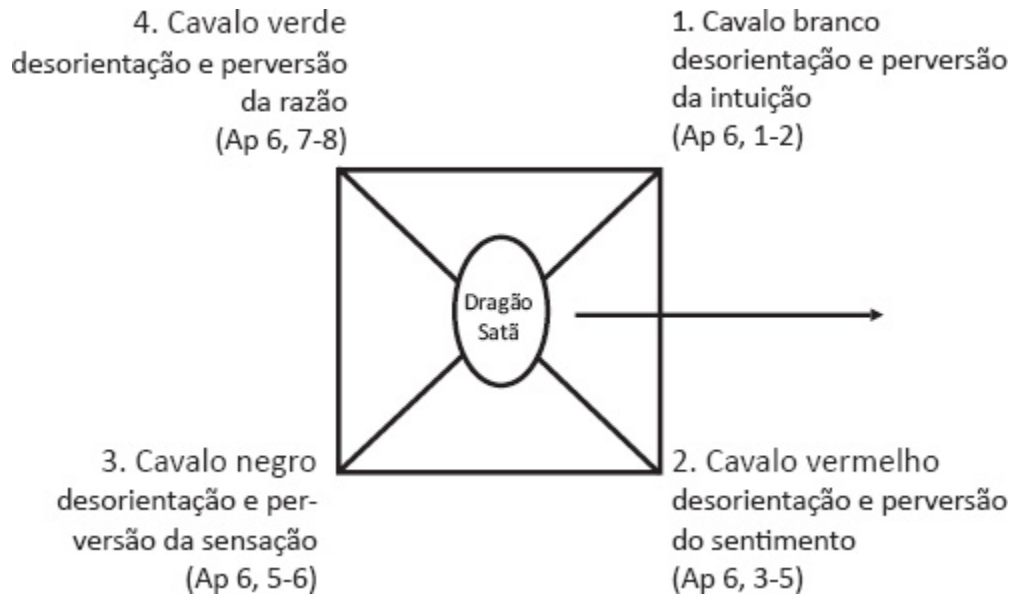


Quando os Viventes expressam através da sua função as qualidades do Cordeiro (consciência – amor – vida – liberdade), ou seja, as qualidades do Vivente, Aquele que É Alguém em nós, o Self do nosso eu, o “Eu sou o que Eu sou”, daríamos a impressão de estarmos em paz conosco, com a natureza, com os outros e com a origem de tudo aquilo que vive e respira.

Contudo, o que acontece quando não é mais o Cordeiro que reina em nós, mas o Dragão? Quando não é mais a clara luz que ilumina nossas razões, nossas imaginações, nossas intuições? Quando não é mais a força do humilde amor que anima nossa vida e nossos sentimentos?

O que acontece quando é a vontade de poder, a vontade de vencer, de dominar, de se apropriar que toma conta da nossa inteligência, dos nossos sentidos, do nosso coração?

Os quatro Viventes tornam-se, então, os quatro Cavaleiros; o Livro do Apocalipse descreve as consequências deste predomínio da vontade de poder (Dragão) sobre as funções humanas e as consequências para o homem e para o mundo (a natureza) desta “perversão” do Vivente e dos Viventes.



Vejo um cavalo branco;  
aquele que o cavala segura um arco,  
ele recebe uma coroa,  
vitorioso, ele sai para vencer (Ap 6,2).

A primeira etapa da desorientação e da perversão do homem que vai conduzir à destruição do mundo, situa-se no nível da inteligência intuitiva, o *nòs* da antropologia grega. A função desta consciência contemplativa, quando ela é orientada e animada pela luz do Amor (o Cordeiro), é a de celebrar e louvar o Real visível e invisível. O exercício desta função é o que dá ao ser humano sua alegria e o faz participar da Presença real e beatificante daquilo que ele contempla.

Quando o homem se desvia da contemplação do Real transcendente que o fundamenta (na linguagem de João: o Santo), ele fica desorientado, seu *nòs* perde seu oriente e sua luz, o homem perde também suas asas, ele não é mais a águia que olha o sol de frente. Ao não olhar mais para o Outro, para a Alteridade transcendente inscrita em toda aparição do Real, ele faz de si mesmo seu próprio objeto de desejo; ele recebe então uma coroa que, à diferença de coroas antigos evocados mais acima, não é mais “jogada em direção ao Outro”, mas servirá para confirmar seu próprio poder.

De agora em diante, ele deve provar que só tira de si mesmo este poder que ele recebia de um Outro; ele deve, então, pegar seu arco e expressar qual é o seu alvo – ele “sai para vencer”. Seguindo o exemplo de Satã/*Shatan*, ele pode dizer a seu Príncipe: *non serviam*, “eu não te

servirei”, eu não te adorarei, eu não me alegrarei com tua presença real apesar de invisível e oculta (como a luz, como a própria vida, como a consciência)...

A inteligência e a energia destinadas ao louvor serão, de agora em diante, utilizadas para a afirmação contra o Outro e o outrem, para dominá-los e vencê-los.

Desviado da sua orientação voltada para o céu, a inteligência intuitiva vai se voltar contra a terra e utilizar seus poderes para manipular, dirigir, subjugar o ser humano e a natureza a seu próprio serviço. Neste caso, o homem torna-se, então, um deus para o homem, caricatura esbranquiçada do homem de luz: o *Anthropos*, o Deus-homem todo inteiro, *pros ton théon*, voltado para o Pai<sup>42</sup>.

E eis que surge um outro cavalo, vermelho;  
àquele que o cavalga  
lhe é dado tomar a paz  
para tirá-la da terra,  
e que uns e outros se degolem.  
Uma imensa espada lhe foi dada (Ap 6,4).

Tendo sido pervertida a intuição do ser humano, ela se volta para a afetividade para, por sua vez, pervertê-la e desorientá-la. Na linguagem da antropologia grega, diríamos que uma vez que o *nous* não esteja mais voltado para o *Pneuma* o *Theos*, o Espírito-Deus, ele “cai” na psique e torna-se psíquico. Ele perde suas asas (seu anjo), falta apenas perder seu coração.

Quando o espírito torna-se insensível à Alteridade da transcendência, o coração ou o psiquismo vai tornar-se, por sua vez, insensível à alteridade do outro humano.

“O próximo nada significa para mim, não há a menor relação entre ele e eu”, disse o marquês de Sade.

O coração de carne tornou-se um coração de ferro. Quando a inteligência e a afetividade pervertidas não estão mais voltadas para o Outro e o outrem para reconhecê-los, celebrá-los, servi-los e amá-los, toda paz, toda harmonia, serão tiradas da terra. O outro não passa de um objeto e de uma coisa da qual eu me sirvo para afirmar meu poder e meu gozo. A ética do dragão é submeter o outro a seus desejos, um outro que, de agora em diante,

não terá alteridade e não possuirá um semblante (é o coração amoroso que dá a tudo aquilo que é, um rosto).

De agora em diante, é a guerra. O enfrentamento dos “egos” e das suas vontades de poder, de dominação, de apropriação e de posse são a lei que rege a cidade. A grande espada não é mais a do discernimento e da diferenciação (a palavra), mas o instrumento da destruição, da redução do outro e dos seus bens ao “eu mesmo” tornado “todo poderoso”.

O branco, cor da luz, quando pervertido, torna-se “esbranquiçado”.

O vermelho, cor do amor, quando pervertido, torna-se “avermelhado”, fogo devastador, como o fogo da paixão, que deixa atrás de si apenas o preto borralhento das suas cinzas.

Quando ele abre o terceiro selo,  
Escuto o terceiro Vivente dizer:  
“Vem e vê!”

Vejo um cavalo negro;  
aquele que o cavalga segura uma balança em sua mão,

E escuto uma voz no meio dos quatro Viventes,  
ela diz:

“Uma medida de trigo por um dinheiro,  
três medidas de cevada por um dinheiro.  
Quanto ao óleo e ao vinho, economiza-os” (Ap 6,5-6).

A perversão do intelecto conduz à perversão do coração, que se torna incapaz de reconhecer o outro como um sujeito, reduzindo-o ao estado de objeto. Esta perversão vai agora voltar-se contra o corpo: os sentidos também vão tornar-se insensíveis ao semblante, o corpo do outro não passa de uma coisa a ser consumida e consumada, o mesmo acontecerá com o corpo da terra que devemos explorar ao máximo, até o esgotamento.

“O trigo e a cevada”, as matérias-primas necessárias à subsistência do maior número possível de pessoas, tem o preço aumentado (um dinheiro era, mais ou menos, o salário de um mês, o que é caro para uma medida de trigo ou três medidas de cevada).

O óleo e o vinho são poupados, geralmente são os ricos que deles desfrutam; o abismo entre eles e os pobres se tornará mais profundo a cada dia, sabendo que o homem que se alimenta apenas de óleo e vinho não demorará a ficar doente.

Os pobres morrerão de fome, os ricos morrerão de produtos demasiado refinados, o necessário faltará tanto a uns quanto aos outros.

O encadeamento lógico dos três primeiros selos parece óbvio. A vontade de vencer conduzirá à guerra que conduzirá à fome; o esquecimento ou o desprezo da alteridade do Outro conduzirá à sua dominação e, em seguida, à sua consumação. A consumação do outro, em seguida da terra e dos seus dons, conduz ao seu esgotamento e ao seu desaparecimento.

Vejo um cavalo verde;  
o nome daquele que o cavalga é peste,  
seu séquito (*schéol, hadès*) o acompanha (Ap 6,8).

O cumprimento deste processo de perversão dos diferentes componente ou funções do ser humano – a intuição, a afetividade, os sentidos (*noùs, psyché soma*: espírito, alma, corpo) – é, após a guerra e a fome, a decomposição, ou seja, a morte. A cor esverdeada é a cor daqueles que já estão mortos, a cor dos cadáveres.

Em hebraico *deber* – “a peste” – é o contrário de *dabar*: “a palavra” que em grego traduzimos por “*logos*”. Todo ser humano é uma palavra encarnada, um “verbo que se tornou carne” à imagem do Deus que se fez homem. A vontade de poder, a redução do outro ao mesmo, o consumo e a consumação do meio ambiente, dissolveram o *logos* no homem, ele tornou-se *a-logos*: sem inteligência, sem vida, sem amor. De agora em diante, seu “verdor”, seu “viço” tornou-se esverdeado, ele perdeu sua cor, pois ele só defende as cores da morte.

O ciclo está completo; poderíamos dizer que o ser humano se serve do seu “*logos*” – sua palavra, sua razão – não para iluminar o coração e o corpo, mas para analisar, no sentido negativo do termo: decompor, dissolver. Ele esqueceu-se da etimologia da palavra análise: dissolver (*lise*), desfazer os nós e orientá-los para o alto (*ana*).

Novamente ele está desorientado, ele não se eleva mais para “alguém”, ele está só consigo mesmo, com seu apetite de Dragão que, após ter devorado o outro, só lhe resta devorar a si mesmo. Ele é um abismo no coração de um outro abismo.

Foi lhes<sup>43</sup> dado poder para fazer perecer um quarto da terra, através da espada, da fome, da peste e das feras selvagens (Ap 6,8).

Um quarto da terra!

O todo-poderoso Dragão tem limites.

São João nos lembra que aqueles que se tomam por Deus não são Deus, eles podem semear seus milhares de flagelos sobre a terra, mas eles não podem destruir esta luz que é a essência dos viventes. Podemos fechar-lhe todas nossas faculdades, todas nossas “portas da percepção”, nem por isso essa luz brilha menos. Podemos negar o Amor, mas não somos menos amados. Nossos limites têm limites; o Infinito não conhece limites. A alegria será a mais forte.

O Real não é destruído, mesmo quando as realidades que o manifestam “envenenam a vida” ao recusá-lo.

Resta apenas o Mal à obra, revelando-se nos acontecimentos da História. Segundo o Livro de João, o Mal revela-se não como *privatio boni*, ausência ou falta do Bem (assim como a doença seria a ausência da saúde); trata-se, antes, de uma *crucifixio boni*, uma perversão do Bem, perversão de nossas faculdades feitas para o Bem. Esta perversão conduziu à crucifixão o “mais belo filho dos homens”, aquele que encarnou a inteligência, a vida, o amor, a liberdade “voltados para” seu princípio (*pros ton theon*). Esta *crucifixio boni* está sempre à obra em nós e no mundo.

O filme de Pasolini, *Saló ou os 120 dias de Sodoma* (1975) é uma forte ilustração do que acabamos de dizer. Em sua progressão, ele parece ser construído sobre os desvelamentos sucessivos dos quatro cavaleiros e das quatro perversões que nós acabamos de evocar:

1. Apropriação do poder por quatro homens de estado “fascistas” italianos que levam para um castelo jovens homens e mulheres para abusar deles segundo seus caprichos. A afirmação da sua liberdade como arbitrária se quer separada de toda referência a um ser, uma ordem, uma natureza, ou uma lei. Eles só empregarão sua inteligência para melhor subjugar o outro a seus apetites insaciáveis de poder e gozo; com esta decisão, eles inauguram sua cavalgada “demente” (o cavalo esbranquiçado e tudo aquilo que ele simboliza).
2. Em seguida vem a perversão do amor reduzido ao sexo, com uma “objetivação” do outro tornado objeto disponível para o exutório das suas fantasias e a “descarga” das suas tensões. Pasolini chama esta etapa do seu filme de *girona dele manie* – “ciclo das paixões” –

deixando pressentir, através da atração dos protagonistas pelo ânus da sua vítima, qual será a etapa seguinte.

3. Nesta nova etapa, a montaria será o “cavalo negro”: o corpo do outro será reduzido não apenas a uma parte dele próprio e à sua expressão-ejaculação, mas também aos seus dejetos e excrementos. Jovens rapazes e moças são obrigados a fazer das suas matérias fecais o seu único alimento e, desta maneira, entram naquilo que Pasolini chama de *girona de La merda*: “o ciclo da merda”. A matéria come a matéria. Ela se come e se dissolve em si mesma. Não existe mais nada.
4. Mas antes de voltar ao nada, esta matéria deve ainda suportar outras sevícias e esta é a parte mais insuportável do filme: “o ciclo de sangue” onde os quatro perversos são mostrados em deleite diante das torturas mais refinadas e intoleráveis (arrancamento dos olhos, da pele etc.). Depois disto, só resta a morte, véu esverdeado que se despedaça sobre o abismo.

Pasolini não faz uma referência explícita ao Livro do Apocalipse e aos quatro Cavaleiros, mas o desenrolar do seu filme ilustra bem os mecanismos e a lógica de perversão cuja “demonstração” é, de certa maneira, a obra de Sade<sup>44</sup> (que lhe serviu de inspiração).

Podemos verificar isto desde o seu primeiro texto, escrito em 1782: “*Diálogo entre um padre e um moribundo*”, onde ele afirma que o ateísmo é a única atitude “sensata” e “razoável” que se harmoniza com uma explicação do universo através do materialismo. Para Sade, assim como para o barão de Holbach<sup>45</sup> (1723-1789), tudo não passa de matéria em movimento e o mundo se move por si próprio. Toda ideia de um ser reconhecido como princípio ou origem desta “matéria que se move por si mesmo” deve ser rejeitada. Podemos, então, fazer o que quisermos, e Sade descobrirá através de sucessivas etapas (esta será a educação de Juliette<sup>46</sup>) que não existe prazer maior do que o estupro e o crime. Como a natureza é ruim, ela só consegue desabrochar completamente fazendo o mal. Para Sade, “o princípio do prazer” jamais mascarou “a pulsão de morte”.

Se não houvesse entre nós pessoas que dão testemunho da presença do Espírito na sua natureza, se o Cristo não tivesse ressuscitado... nós poderíamos nos submeter aos infortúnios engendrados pelo perverso (*ponerou*), o Inocente em nós seria, então, vítima, ele não seria vitorioso.

Mas Yohanan, nesta visão que vem visitá-lo no momento das suas mais sombrias trevas, afirma: o Cordeiro está de pé, o Cristo ressuscitou, a Vida, a Consciência, o Amor são mais fortes do que a morte.

Em seguida surge aos meus olhos uma imensa multidão  
que nada nem ninguém consegue contar,  
de todas as nações, raças, povos e línguas.  
De pé diante do trono e diante do Cordeiro,  
Vestidos com vestes brancas e com palmas em suas mãos,

eles clamam com uma voz forte:

“Salvação a YHWH, Aquele que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro”.

E todos os anjos reunidos em volta do trono,  
os Anciãos e os quatro Viventes,  
prosternam-se diante do trono, rostos voltados para o chão,  
eles adoram Aquele que É o Ser que Ele É.

Eles dizem:

“Amém! Louvor, glória, sabedoria,  
ação de graças, honra, poder e força  
à YHWH agora e sempre!  
Amém” (Ap 7,6-9).

## 10

### **A cólera do Cordeiro ou a justiça imanente: “ai, ai, ai”, sete *shofars*, sete taças**

“... Um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas são atingidas, eles escurecem um terço e tanto o dia quanto a noite perdem a sua claridade.

Eu vejo e escuto uma águia que voa mais alto, clamando com uma voz poderosa:  
‘Ai! Ai! Ai! dos que habitam sobre a terra, devido à voz dos últimos *shofars* que os últimos três anjos ainda vão fazer soar’” (Ap 8,12-13).

Mesmo que isso não nos impeça de ficar com raiva, “alguém” que diz “Ai” não é uma pessoa ruim, ela não sente prazer no sofrimento do outro e nas catástrofes que ele deve suportar, mesmos que estas sejam justificadas como consequências dos seus atos.

O Livro do Apocalipse (e também o Evangelho) nos fala de um Deus que diz “Ai” (literalmente em grego: *ouai*), este não pode ser um “Deus ruim”... Mas “maus tradutores” poderiam nos fazer acreditar nisso, quando eles traduzem o “Ai” do texto por: “Maldito, maldito, maldito” ou, menos grave, por: “Infortúnio, infortúnio, infortúnio” ou ainda: “infeliz, infeliz, infeliz”. Poderíamos imaginar, então, um Deus justiceiro que “maldiz” os homens e seus atos ou lhes anuncia os infortúnios que eles terão que suportar como justa retribuição pelos seus erros. Isso não deixará de ter consequências para as pessoas e as situações onde estas palavras foram pronunciadas.

Por que fazer daquilo que foi ouvido como uma queixa, uma maldição? Como poderia Aquele que disse: “Abençoai, não maldizei” (Lc 6,28), começar a maldizer, a falar mal daqueles que Ele criou?

Qual foi a atitude de Yeshua para com Judas que o entregou? Ele o amaldiçoou ou ele “sofreu” por aquilo que ele tinha feito “para que as Escrituras se cumprissem”?

*“O que põe comigo a mão no prato, esse me há de trair. Em verdade o Filho do homem vai, como acerca dele está escrito, mas ai (ouai) daquele homem (anthropos) por quem o Filho do homem (anthropon) é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido (egenèté)” (Mt 26,23-24).*

*“Na verdade o Filho do homem vai, como dele está escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do homem é traído! Bom seria para o tal homem não haver nascido” (Mc 14,21).*

Alguns traduzirão por “maldito seja o homem”, ou “infortúnio ao homem” ou ainda “desafortunado o homem pelo qual o filho do homem deve ser entregue”. Segundo as traduções, a imagem que faremos do Cristo será diferente. Será que ele sente compaixão por este discípulo a quem ele confiou uma missão particularmente difícil e incompreensível para a compreensão humana? “Ai” será então uma expressão de dor de sua parte. Ou será que ele sente raiva (maldito) ou talvez pena (desafortunado) daquele que “deve” traí-lo para que as Escrituras se cumpram?

Da mesma maneira, será que no Evangelho de Lucas, Yeshua amaldiçoa os ricos, aqueles que riem e todos aqueles que são benquistos? Será que ele trata todas essas pessoas “felizes” aos olhos do mundo como pessoas desafortunadas? Ou será que ele expressa compaixão para com elas devido a suas riquezas e todos seus bens – materiais, afetivos, intelectuais – pois eles podem desaparecer de um momento para o outro? Sua abundância pode se transformar em falta e em carência, seus risos em lágrimas, seus sucessos em esquecimento ou desprezo. É a lei da enantiodromia<sup>47</sup> sobre a qual o velho Heráclito já falava, ou ainda o Qohelet<sup>48</sup> e Lao Tsé, que lembram que tudo é impermanência e alternância e que cada coisa se transforma em seu contrário. “Ai, ai, ai” para aqueles que creem que nada muda e que se apegam àquilo que passa. “Ai, ai, ai” para aqueles que colocam sua segurança e sua felicidade em bens transitórios.

*“Mas ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação.*

*Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome.*

*Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis.*

*Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas” (Lc 6,24-26).*

Em nenhum lugar está escrito que a riqueza, a abundância, o riso, a boa reputação sejam ruins ou malditas em si mesmas, mas que tudo isto nada é com relação à plenitude, a alegria, a paz (mesmo no meio das tormentas e das calúnias) que conhecem aqueles que vivem na presença “Daquele que É”, “Eu Sou”.

O mundo não é ruim, mas ele pode tornar-se ruim se acharmos que o mundo é o reino. As realidades agradáveis não são, evidentemente, malditas ou ruins, elas podem tornar-se malditas e ruins se as tomarmos pelo “Real”, se fizermos delas absolutos, ou seja, ídolos. Ai! Isso seria tomar a sombra ou o reflexo pelo Real e isso só pode ser fonte de inconveniências, decepções, desilusões.

O Livro do Apocalipse é mais dramático; ele vai descrever a sorte daqueles que tomam “aquilo que não é” por “aquilo que é” e mostrar como o apego a suas riquezas, a seu poder, a suas pretensões, a sua autonomia, vai conduzir à sua perda. Ai, ai, ai – quanto maior o orgulho, maior será a humilhação, quanto mais forte for o apego aos bens do mundo, maior será o desmoronamento e a dor quando tudo se revelar como vaidade e ilusão.

O Livro de João nos diz igualmente que YHWH não sente prazer em nossas desilusões e sofrimentos. “Ai” – poderíamos até mesmo dizer que ele sofre conosco e isso confirma a imagem de Deus, a figura do Cordeiro como Ternura e Misericórdia.

Isso não impede que Deus seja também “Justiça” e qualquer que seja a misericórdia, ele não pode nos poupar das consequências dos nossos atos. É isso que chamaremos de “a cólera do Cordeiro”. Ela responde à oração dos santos e dos mártires que reclamam que “a justiça seja feita”, que seja colocado um limite à violência e ao delírio destrutivo dos egoístas e dos poderosos!

“Vejo sob o altar as almas (*psychés*)  
daqueles que foram degolados por amor da Palavra (Logos)  
que vem de YHWH,  
e por terem dado testemunho da Palavra;

Eles clamam com uma voz forte:  
“Até quando, Mestre, Santo e Verdadeiro,

demorarás a fazer justiça,  
a vingar nosso sangue sobre os habitantes da terra?” (Ap 6,9-10).

O Cordeiro responderá à oração do sangue desses inocentes massacrados, eles têm razão em clamarem por “justiça”.

E eu vejo:  
Quando ele abre o sexto selo,  
um violento terremoto se faz sentir,  
o sol tornou-se negro como um tecido de crina,  
e a lua inteira parecia ser feita de sangue.  
os astros do céu caíram sobre a terra  
como frutos verdes de uma figueira derrubada pela tempestade.

O céu retirou-se como um livro que se enrola,  
Todas as montanhas e as ilhas foram desenraizadas.

Os reis da terra, os poderosos, os ricos,  
Os chefes de guerra, os influentes, todos, escravos ou livres,  
escondem-se nas cavernas  
e nos rochedos das montanhas.

Eles dizem às montanhas e aos rochedos:  
“Caí sobre nós e escondi-nos  
longe do semblante daquele que está assentado sobre o trono  
e longe da cólera do Cordeiro,

porque é vindo o dia da grande ira;  
quem poderá escapar?” (Ap 6,12-17).

Ao estilo dos grandes profetas e seguindo os passos de Ezequiel<sup>49</sup> e de Sofonias<sup>50</sup>, João anuncia o grande dia do Julgamento do qual ninguém poderá escapar. A Misericórdia não impedirá que a justiça seja feita; mesmo tendo sido perdoado, cada um deve assumir as consequências dos seus atos. É isto que o Livro do Apocalipse, como já dissemos, chama, de maneira imagética, “a cólera do Cordeiro”.

Este termo – “cólera” – atribuído a Deus, parece, para muitos, um antropomorfismo inútil ou ruim; sobretudo porque a biblioteca hebraica condena no homem o uso da cólera, seja ele ciumento como Caim (Gn 4,5<sup>51</sup>), furioso como Esaú (Gn 27,41<sup>52</sup>) ou como Simeão e Levi, que vingam com exagero o ultraje feito à sua irmã (Gn 49,5-7<sup>53</sup>), pois a cólera leva geralmente ao homicídio e está escrito: “Não matarás”.

Os livros sapienciais desaprovam a estupidez e a bestialidade daquele que se deixa levar (Pr 29,11<sup>54</sup>) ou melhor, que é “levado” pela cólera. Ele não pertence mais a si mesmo, ele não “domina o sopro das suas narinas”. Ele tem o sopro curto em oposição ao sábio “que possui o sopro longo e tranquilo” (Pr 14,29<sup>55</sup>; 15,18<sup>56</sup>). Paradoxalmente, na Bíblia poderíamos dizer que apenas Deus tem o direito de ficar com raiva. No Antigo Testamento, os termos que se referem à cólera são empregados por Deus cerca de cinco vezes mais do que pelo ser humano. Paulo de Tarso chegará à seguinte conclusão:

*“Não vos vingueis uns aos outros, caríssimos, mas deixai agir a ira de Deus, porque está escrito: ‘A mim a vingança; a mim exercer a justiça, diz o Senhor’”* (Rm 12,19).

A cólera não é assunto para os seres humanos, mas para Deus! Contudo, talvez seja também para os “homens de Deus”. A cólera de Moisés, “o mais doce e mais humilde dentre os seres humanos” contra os hebreus que preferem adorar um bezerro de ouro à contemplar o Ser invisível; a de Yeshua quando ele expulsa os mercadores do Templo (Mt 21,12<sup>57</sup>), e parece estar “fora de si” diante da astúcia diabólica dos homens (Jo 8,44<sup>58</sup>).

Aquele que é frequentemente representado “doce e humilde de coração”, sabe ficar irado como o Cordeiro do Apocalipse, particularmente contra os fariseus “que dizem, mas não fazem”, “que não entram (no conhecimento Daquele que É) e impedem outros de entrarem (Mt 12,34<sup>59</sup>). São eles que matam os profetas (Mt 23,33<sup>60</sup>), “raças de víboras, sepulcros caiados”. Yeshua não escolhe palavras para denunciar os hipócritas (Mt 15,7-8<sup>61</sup>) que têm “bela aparência”, mas cujo coração está cheio de assassinatos e cobiças.

Podemos compreender melhor que a cólera do Cordeiro seja a cólera do Amor que não tolera a opressão dos poderosos sobre os mais fracos. O Amor verdadeiro é o contrário da tolerância e da complacência. Se Yeshua encarna a ternura e a misericórdia de Deus, assim como o Cordeiro, ele encarna também a justiça. Suas diversas cóleras ao longo do Evangelho dão testemunho disto. É a cólera de um coração ferido pela maldade, a covardia, a vileza dos seres humanos. “O Amor não é amado”, a humanidade não é feliz, Yeshua não quer se habituar à normalização do medíocre e do pior.

Para João também não é “normal” que um ser humano domine um outro ser humano, que um imperador reduza homens livres à escravidão, que sacerdotes manipulem as consciências e que os cristãos briguem entre si em nome do Cristo, travestindo suas palavras e servindo-se delas para confirmar seu próprio poder. Não podemos nos habituar ao assassinato de inocentes, à exploração cúpida da terra e das suas riquezas. Não podemos fazer o que quisermos com quem quisermos – é isto que nos lembra o Livro do Apocalipse. Existe uma justiça e, mais cedo ou mais tarde, colheremos aquilo que semeamos.

O dia do julgamento é o dia onde colheremos as consequências dos nossos atos e João de Patmos vê que os atos acumulados ao longo das gerações precedentes tem um peso enorme, e é esta enormidade de consequências que vai se revelar. Alguns chamarão isto de “o castigo de Deus”; outro antropomorfismo para dizer aquilo que outros, de maneira mais abstrata, chamarão de “justiça imanente” ou “a lei do encadeamento das causas e efeitos”, o “*karma*”.

O Livro do Apocalipse nos diz em termos imagéticos aquilo que certos eruditos nos dizem hoje em dia em termos científicos: “Se continuarmos a viver da maneira como estamos acostumados, nós veremos a catástrofe. Não há ninguém a acusar, além da nossa recusa em vermos, compreendermos e mudarmos...” As catástrofes preditas nada deixam a desejar às catástrofes mencionadas pelo Livro do Apocalipse e alguns sentirão um prazer “sádico” em fazê-las coincidir<sup>62</sup>.

Não é necessário fazer o inventário de todas os infortúnios que assolam o globo terrestre hoje em dia para reconhecermos os males vertidos pelos anjos nas “taças da cólera”. Basta dizermos que há uma justiça, que nenhuma causa deixa de produzir algum efeito (positivo, negativo ou neutro) e que um dia ou outro nós colheremos as consequências dos nossos atos. Este dia não é um “dia ruim” já que é um dia de verdade, um dia sem ilusão onde desmoronarão não apenas todas nossas construções mentirosas, mas também tudo aquilo que tomávamos pelo Real, é o dia onde deverá morrer tudo aquilo que é mortal.

Podemos nos interrogar: Após a “passagem” da verdade e da justiça, o que restará? Ou, na linguagem do Apocalipse, o que restará da cólera de Deus?

Nos é dito que os justos nada têm a temer da justiça, os vivos nada têm a temer da morte. Os despertos e aqueles que velam nada têm a temer da grande treva que virá, aqueles que amam nada têm a temer do Amor. Os inocentes e os puros nada têm a temer da cólera do Cordeiro.

Mas o Apocalipse não se apressa para nos dizer que são a misericórdia e o perdão que terão a palavra final. O Livro insiste sobre a justiça como se ele quisesse nos tornar atentos às consequências dos nossos atos, ou seja, nos tornar responsáveis para que possamos sair da nossa passividade diante dos dragões e das bestas que regem o mundo. O livro denuncia nossa complacência para com os egoísmos, as perversões, as veleidades de poder que nos dividem interina ou externamente.

Se não encontramos no Livro do Apocalipse as premissas de uma teologia da Apocatastase<sup>63</sup>, podemos acreditar e esperar, junto com João de Patmos e Paulo de Tarso, que o desígnio de Deus é um desígnio de compaixão e que os “vasos da cólera” podem converter-se em “vasos de misericórdia” (Rm 9,23<sup>64</sup>) e isto pode acontecer independente dos atos que tenham sido cometidos: *“Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia”* (Rm 11,32).

A cólera de Deus não é como a cólera dos homens:

*“Não executarei o furor da minha ira; não voltarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; eu não entrarei na cidade”* (Os 11,9).

O que existe de Real no homem não pode ser destruído, a Vida é eterna ou ela não é. Podem ainda soar os *shofars*, desmoronar as cidades e as montanhas, apenas morrerão a morte e o medo, sombra daquilo que não existe

## A Mulher, a Criança, a Prostituta

As visões se sucedem. João recebe através de cada uma dessas “aberturas” a revelação “daquilo que era, daquilo que é, daquilo que virá”. Antes de tudo, em seu caráter inefável, não manifestado, só podemos falar e cantar “o Ser que é o que Ele é” (YHWH) através das palavras “santo, santo, santo” e adorá-lo; adoração que é desfalecimento (e não morte) do nosso ser finito no infinito.

Neste nível, não há nada a dizer, nada a transmitir, mas João recupera-se do seu estupor, do seu alienamento ou êxtase em presença daquilo que o ultrapassa por todo lado; ele contempla, então, o aspecto manifesto do irrepresentável: “Alguém”, “o Ser que é o que Ele é”.

Quando ele se volta para nós, este Alguém pode tornar-se “sensível ao coração”. Para João, ele toma, então, a figura do “Cordeiro degolado e de pé”. Isso quer dizer que YHWH é Amor e mesmo que o Amor não seja amado (degolado), nem por isso ele amará menos (ele permanecerá de pé). Com isso também estamos dizendo que aquilo que mais se assemelhará a Deus no mundo terá esta figura do inocente humilhado e esfolado, mas não vencido por aqueles que o excluem e o oprimem. Aquilo que mais se assemelha a Deus em nós é esta pobreza, esta nudez, este “nada” mais rico que todas as riquezas (*non sum, ergo sum*).

Após ter “colocado a nu” os mecanismos da perversão que procuram destruir o inocente (os quatro Cavaleiros), João “vê” que, contra todas as aparências, não é a força e a violência que triunfam. O Apocalipse é justamente o desmoronamento destas aparências. As visões, as catástrofes que se sucedem (os sete *shofars* e as sete taças nos lembram as sete pragas do Egito) descrevem este desmoronamento.

No meio destas visões cheias de cores que incendiaram a imaginação de uma multidão durante mais de dois milênios, no meio desta bagunça inextricável de anjos, demônios, cavalos, escorpiões, gafanhotos, eis que surge uma mulher. Ela está coroada de estrelas, ela carrega uma criança que excita a cobiça e o furor do Dragão.

O Apocalipse nos diz mais uma vez que a vinda ao mundo de uma nova consciência e de um todo outro amor não é algo evidente para os poderosos. Será que algum dia eles pararão de combater e de recusar aquilo que, todavia, quer apenas a sua salvação? Aquilo que ameaça o ego não é também aquilo que o salva? Aquilo que destrói nossa autossuficiência não é também aquilo que nos revela em nossa verdade?

Um grande sinal aparece no céu:  
uma Mulher vestida de sol,  
e sobre a sua cabeça, uma coroa de doze estrelas.

Ela está grávida e grita durante o trabalho  
e as dores do parto.

Um segundo sinal aparece no céu:  
um grande Dragão vermelho-fogo  
[...]  
Ele para diante da Mulher que vai dar à luz  
A fim de devorar a Criança tão logo ela nasça.

Ela coloca no mundo um filho, um homem,  
aquele que conduzirá as nações com força e rigor.  
Seu Filho é criado em presença de YHWH e do seu trono.

(Ap 12,1-5)

Sobre esta “visão” de João foram projetadas muitas interpretações e comentários. A maior parte remete ao Livro do Gênesis (Gn 3,15<sup>65</sup>) onde é prometido à posteridade da mulher (o Messias) de alcançar a vitória sobre a serpente (Satã/*Shatan*). Nesta passagem do Apocalipse, o Dragão também é chamado de “antiga serpente” e ele é vencido não pela mulher, mas por Mickael e seus anjos que tomam a sua defesa.

Alguns verão na mulher uma figura de Sião, o povo de Israel, outros verão a Igreja, “o povo de Deus”, para outros, trata-se ainda de Maria, a mãe do Messias, apesar do Evangelho não nos apresentá-la “gritando nas dores do parto”. Simplesmente está escrito:

*“E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz.*

*E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem” (Lc*

2,6-7).

O texto não menciona nem asno nem boi, eles serão imaginados mais tarde. Por outro lado, os pastores e os anjos estão presentes e eles cantam:

*“Glória a Deus nas alturas, Paz na terra, boa vontade para com os homens”* (Lc 2,14).

Não é o próprio Dragão quem virá ameaçar a mulher e a criança, mas um representante da vontade de poder do qual o Dragão é a imagem: o Rei Herodes que, acreditando-se “ameaçado” por este “cordeiro” que acaba de nascer, desencadeará o “massacre dos inocentes” (cf. Mt 2,16: *“Então Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito, e mandou matar todos os meninos que havia em Belém, e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos”*).

Sem perder de vista o contexto histórico e o contexto literário no qual foi escrito o Livro do Apocalipse, podemos imaginar igualmente que “a mulher vista no céu” simboliza a sabedoria, a *Shekinah*, ou seja, a própria presença “Daquele que é o Ser que Ele é” no espaço e no tempo, sua Existência (*Ek-istência*, aquilo que está fora da essência). A mulher é, então, a vida (Eva), a “matéria” ou a matriz sem a qual não há encarnação possível.

Em um nível mais psicológico, perceberemos a importância do feminino sem o qual não há novo nascimento possível. O feminino é tomado aqui como a dimensão, a função silenciosa e contemplativa do Ser humano. “É preciso ser virgem para tornar-se mãe”, dizia Mestre Eckhart. É preciso tornar-se puro silêncio para que seja concebido em nós o inconcebível (falaremos mais tarde de “Imaculada Concepção”).

A isto opõem-se os poderes mais “masculinos” de objetivação do Real pelo pensamento, a palavra e os atos que provocarão, sem dúvida, os “gritos e as dores” do parto. Mas quaisquer que sejam nossos medos, nossa vontade de tudo dominar (o homem é um dragão para o homem), isso não impede a criança de nascer, a vida de se encarnar, a consciência de tomar corpo no corpo da História. Não paramos a vida objetivando-a, ela é suficientemente

“forte e rigorosa” para frustrar todos os nossos “planos”; não somos nós que a conduzimos, é ela quem nos conduz.

Face a Mickael (o intelecto agente), o Dragão (o mental ou a psique) descobrirá que “ele não é como Deus”, ele não é “o Ser que é o que Ele é”, ele não é mais do que um abismo. A criança que ele ameaça não conhece a vertigem, tudo é tirado dele. O texto indica de maneira precisa: “Ele é criado em presença de YHWH e do seu trono”. Quem poderá derrubar aquele que tem, desta maneira, o seu assento no infinito? Ele erguerá todos aqueles que “aderem” a ele, ele será a redenção de todas nossas quedas.

Os Padres do Deserto frequentemente pensavam em Satã como neste Dragão que quer impedir o nascimento do humilde Amor em nós, o nascimento do Cordeiro. Inspirados pela Sabedoria, virgem e mãe, eles mantinham seu espírito em silêncio para que se elevasse das profundezas da matéria a imensa clareza que abre e cura.

O Apocalipse também chamará esta mulher de “A Esposa do Cordeiro”. Não se deve ver aí nenhuma espécie de “incesto” com o seu filho, mas o símbolo da nova Jerusalém, uma sociedade que “desposa” as inspirações do humilde Amor (o Cordeiro) e não conhece nenhuma outra lei. Poderíamos também falar de uma matéria (matriz) que, pela sua transparência, desposa secretamente a luz que ela é no mais íntimo dos seus átomos.

As bodas do Cordeiro não seriam, então, apenas as bodas do Cristo e da Igreja, mas a Unidade reencontrada do Espírito e da matéria, do Eterno e do tempo, do finito e do infinito, da palavra e do seu corpo, do Amor e do seu ato, o *unus mundus* reencontrado na fulgurância do Instante.

Se “a Criança divina” em cada um de nós for criada junto a Deus, isso quer dizer que ela será à imagem e semelhança do Invisível – *Homo absconditus* à imagem do *Deus absconditus* – ela não se deixará objetivar, o homem permanecerá sendo uma questão para o homem. Sua identidade é ser desconhecido, ele não permite ser “feito”<sup>66</sup>, ele não se deixa reduzir àquilo que “fazem” dele: um “feito” médico, social, econômico etc. “Aquilo que está feito está feito”, dizemos, “não podemos negar os fatos”.

O Apocalipse nega essas falsas evidências porque justamente os feitos estão feitos, ou seja, construídos, fabricados pelo mental que os objetiva e que toma aquilo que ele “compreende” da realidade por toda a Realidade.

Se por um lado a Mulher e a Criança “não se deixam fazer”, ou seja, não se deixam reduzir àquilo que o olho do Dragão, o olhar objetivante “faz” delas, seja uma imagem, um pensamento etc., por outro lado, a Prostituta se “deixa fazer” e ela própria adora se fazer “objeto do outro”, um produto, uma mercadoria que lhe será agradável. É isto que diferencia a mulher da prostituta. Uma se coloca como sujeito; qualquer que seja o deserto e a solidão que ela tenha que atravessar, ela não se deixará devorar pelo apetite do Dragão (o pensamento ou o desejo objetivante).

A prostituta abre mão do seu *status* de sujeito, ela entra em um circuito de mercadoria, o mundo onde não reina mais “o dar e o receber”, mas “o comprar e o vender”. Para São João, ela simbolizaria, em oposição à mulher (a nova Jerusalém), Babilônia a grande, o Império Romano e, além disso, todo regime totalitário que impõe sua lei e seu mercado:

E vejo uma mulher sentada sobre uma besta de cor escarlate  
coberta de nomes blasfemos,  
[...]

Ela segura em sua mão um cálice de ouro,  
repleto de abominações e das imundícies da sua prostituição.

Sobre seu fronte, um nome está escrito, misterioso:  
“Babilônia, a grande mãe das prostitutas  
e das abominações da terra” (Ap 17,3-5).

Cada um pode imaginar as abominações e as imundícies que contém o cálice de ouro segurado pela prostituta. Talvez haja apenas uma abominação e uma imundície: tratar o outro como um objeto, como um produto... tratar a terra (que é também uma mulher) como uma coisa não viva, inerte, que podemos explorar segundo nossos caprichos e nossa vontade de poder.

A prostituta é esta consciência pervertida que gostaria de nos fazer acreditar que tudo se compra e tudo se vende, até mesmo o prazer, até mesmo o amor. Não há nada além disso, não podemos dar nada “gratuitamente”, nada receber com “gratidão”, isso não entra na lei do mercado. Nossa complacência para com esta lei tornada universal faz de nós “prostitutas” no sentido bíblico do termo, ou seja, idólatras do “valor de mercado” que atribuímos aos seres e às coisas.

O *homo oeconomicus* “vendeu” sua alma ao poder do dinheiro. Hoje em dia não construímos mais igrejas, construímos bancos. Encontramos o

mármore dos antigos altares no balcão dos especuladores. As obras de arte não são mais mostradas nos templos, elas são expostas nas sedes das multinacionais.

Quem poderia pretender escapar ao domínio e do império da Besta? Quem seria forte o suficiente para resistir a todo poder da economia e do Estado?

Sem dúvida, os mais pobres dentre os pobres, aqueles cujo trabalho sequer podemos comprar, aqueles que não têm nenhum óleo, nenhum prazer a dar às engrenagens da grande Máquina. Por vezes os poetas, todos os inutilizáveis, os improstituíveis, inúteis e necessários, como a graça, como a Criança inacreditavelmente pura, educada (em todos os sentidos do termo) no estábulo, de ouro ou de lixo, pouco importa, que a viu nascer.

## 12

### A Besta

Então o anjo me diz: “Por que estás estupefato?  
Vou te contar o mistério da mulher  
E da Besta com sete cabeças e dez chifres que a carrega.

[...]

É o momento de utilizar a inteligência (*noûs*),  
da sabedoria (*sophia*):  
as sete cabeças são as sete colinas onde reside a mulher:  
são também sete reis” (Ap 17,7-9).

Talvez seja este também o momento de lembrarmos o contexto histórico no qual se situa o Apocalipse de João, pois nem todos os detalhes do livro devem ser interpretados de maneira simbólica ou alegórica, eles remetem a acontecimentos e situações que os leitores deveriam conhecer.

Se é óbvio que as sete cabeças da Besta cavalgada pela Prostituta são as sete colinas de Roma, a capital do Império, é mais difícil determinar quem são os dez chifres e os sete reis. Até mesmo nossas “cronologias” são reconstituições e interpretações da História.

Dentre as várias cronologias, poderíamos propor uma que seria interessante para situarmos as diferentes bestas, cabeças e chifres na corrente dos acontecimentos do século I.

## CRONOLOGIA DO SÉCULO I

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| Cerca de 5 antes da nossa era | Nascimento de Jesus.<br>Palestina: Herodes o Grande [37 a 4 a.C.]; Roma: Augusto.  |
| Cerca de 4 antes da nossa era | Morte de Herodes dito o Grande em Jericó, sucedido pelos seus filhos Arquelau [4 a.C.-6] etnarca da Judeia e da Samaria, Herodes Antipas [4 a.C.-39] tetrarca da Galileia e Pereia e Felipe [4 a.C.-34].<br>José e Maria deixam o Egito.   |
| Cerca de 5                    | Nascimento de João, filho de Zebedeu e de Salomé, irmão de Tiago Maior.  |
| 6 a 41                        | Judeia província procuratoriana (Cesareia, capital).   |
| 14                            | AUGUSTO, <b>a primeira cabeça da primeira Besta</b> , morreu envenenado pelas sua esposa Lívia [27 a.C.-14].<br>TIBÉRIO, imperador de Roma [14-37].  |
| 26                            | Pôncio Pilatos, procurador da Judeia [26 a 36].  |
| Cerca de 27                   | Herodes Antipas desposa Herodias, mulher de Herodes seu irmão.   |
| 27                            | Prédica de João-Batista [27 a 28].<br>Início do ministério de Jesus.   |
| 28                            | Herodes Antipas, ordena a decapitação de João Batista.   |
| 27 a 30                       | Prédica de Jesus.  |
| 30                            | Crucifixão de Jesus durante a Páscoa [7 abril].<br>Ressurreição.<br>Nascimento da primeira igreja sob a direção de Pedro, de Tiago Menor e de João (Pentecostes).  |
| 34                            | Missão de Pedro e de João na Samaria.  |
| 36-37 (?)                     | Martírio de Estêvão. Conversão de Paulo.   |
| 37                            | TIBÉRIO, <b>a segunda cabeça da primeira Besta</b> , é sufocado com almofadas por Macron.<br>Caius CALÍGULA é imperador de Roma [37-41].   |
| 38                            | Por instigação de Herodias, Herodes Antipas pede a Calígula o título de rei. Um ano mais tarde, o louco imperador o destitui e o exila em Lyon.<br>Insurreição dos judeus de Alexandria a quem as autoridades romanas pretendiam impor o culto do imperador divino, no caso, Calígula. |
| Cerca de 39                   | Morte de Pilatos, caído em desgraça e exilado em Viena (Gália).  |
| 41                            | Assassinato de CALÍGULA, <b>a terceira cabeça</b> . CLÁUDIO imperador [41-54], dá a Herodes Agrippa I, criado em Roma, o reino da Judeia [41-44].  |

- 44 Herodes Agrippa manda prender Pedro e decapita Tiago Maior, irmão de João. Pedro se refugia em Antioquia e João, acompanhado de Maria, em Éfeso. Com a morte de Herodes Agrippa I, a Judeia volta a ser província procuratoriana (44-66).
- 46-48 Primeira viagem missionária de Paulo: Chipre e Galácia do Sul.
- 48 Concílio de Jerusalém: Pedro, Tiago Menor e João, colônias da Igreja.
- 49 Cláudio expulsa de Roma judeus e cristãos. Eles são acusados de fomentar desordens *Christo impulsore*.
- 49-52 Segunda viagem de Paulo: Galácia do Sul, Troas, Filipos, Tessalônica, Atenas, Corinto onde ele fica durante 18 meses.
- Cerca de 50 Maria falece em um lugar conhecido hoje em dia por *Meryem Ana*.
- 50-55 Primeiro Evangelho escrito. Evangelho aramaico de Mateus.
- 53-58 Terceira viagem de Paulo. Estadia em Éfeso até os distúrbios provocados por Demetrius.
- 54 CLÁUDIO, a **quarta cabeça**, morre envenenado pela sua esposa Agripina. NERO imperador [54 a 58].
- 55 Nero acrescenta ao reino de Agripina uma parte da Galileia e da Pereia.
- 55-62 Evangelho grego de Marcos.
- 57-58 Paulo em Corinto escreve a Epístola aos Romanos.
- 58 Jerusalém, prisão de Paulo no Templo. Preso em Cesareia, (58-60) ele apela a César e é conduzido a Roma, por Malta (60-61). Em Roma, sob guarda militar, ele pode dar prosseguimento à sua prédica (61-63).
- Cerca de 62 João vai a Jerusalém nomear um sucessor para Tiago Menor que o alto sacerdote Anan ordenara ser apedrejado. Simão o sucede.
- Cerca de 63 Evangelho grego de Lucas.
- 63-67 Viagem de Paulo a Nicópolis.
- 63-64 Os Atos dos Apóstolos, segundo escrito de Lucas.
- 63-68 Pedro escreve de Roma às comunidades da Ásia Menor que estão na fornalha da provação, pois a perseguição aos cristãos chegou às províncias.
- Cerca de 64 Estadia de João em Roma-Babilônia. Os acontecimentos passados ali de 64 a 69 dão impulso à primeira redação do Apocalipse.
- 64 Incêndio de Roma que dura nove dias (julho) e perseguição dos cristãos. Noite das tochas vivas (agosto).
- Cerca de 65 Timóteo torna-se bispo de Éfeso.
- 66 Revolta dos Judeus na Palestina. Em Jerusalém, Florus manda crucificar Judeus. Problemas em Cesareia e em todo o país.
- 66-67 Martírio de Pedro e de Paulo em Roma.
- 67 Nero designa VESPASIANO e seu filho TITO para reprimir a revolta na Palestina. Os cristãos se refugiam em Pella.

- 68 Destruição do monastério essênio de Qumran.  
Revolta de Vindex na Gália; de Galba na Espanha e de Salvius Otho na Lusitânia (Portugal).  
Suicídio de Nero, **a quinta cabeça**.  
GALBA, **a sexta cabeça** é assassinado,  
OTHON, **a sétima cabeça** se suicida.  
VITELLIUS, **a oitava cabeça** que faz parte dos sete é linchado.  
VESPASIANO, **a segunda Besta**, proclamado imperador [69-79] restabelece a ordem no Império. Ele confia a Tito o cerco a Jerusalém.
- 70 Cerco e destruição de Jerusalém por Tito. Incêndio do Templo. A Judeia é província imperial e a Cesareia, colônia romana.
- 73 Cerco a Massada por Lucius Flavius Silva. Eleazar e seus sicários preferem matar-se a entregar-se.
- 78 A “Guerra Judaica” do historiador Flávio Josefo.
- 79 Apocalipse natural: erupção do Vesúvio: Herculano e Pompeia são engolidas por torrentes de lava e chuvas de cinza.  
Vespasiano, a Besta subida da Terra, morre de uma longa doença. Seu filho mais velho, Tito, o sucede.
- 79 TITO imperador [79 a 81].
- 81 Tito, **o primeiro chifre da segunda Besta**, morre envenenado por seu irmão Domiciano [81 a 96] que o sucede.
- 86 DOMICIANO, **o segundo chifre da segunda Besta**, exige ser chamado *Dominus et Deus*. Ele institui sacrifícios diante das suas estátuas (88). Ele persegue os cristãos que seu pai e seu irmão haviam deixado em paz (94).
- 94 Através de uma consulta ao Senado, Domiciano bane da Itália todos os “filósofos”. Epíteto se retira a Nicópolis; Dion e Crisóstomo, no norte do Danúbio, e o Apóstolo João em Patmos.  
Domiciano também procede com rigor contra os cristãos que se encontram em sua corte: Flavius Clemens, Flavia Domitilla.
- 95-96 João termina seu Apocalipse pelas Cartas às igrejas e as visões da cidade celeste.
- 96 Assassinato de Domiciano, **o segundo chifre da segunda Besta**, por um alforriado sob ordem da imperatriz.  
NERVA [96 a 98], primeiro imperador humano, sobe ao trono. Benevolente e liberal, ele chama de volta os banidos, restitui-lhes seus bens e coloca um término às perseguições contra os cristãos. João de volta à Éfeso.
- 97 Apolônio de Tiana, o apóstolo da reencarnação, morre em Creta. Segundo a tradição, Timóteo é apedrejado por opor-se a uma festa em honra da deusa Diana.
- 98 Morte de Nerva; Trajano (imperador), seu filho adotivo, lhe sucede. Este segundo imperador humano será, entretanto, um perseguidor.
- 97-100 João escreve seu Evangelho e suas epístolas.
- Cerca 105 Morte do Apóstolo João em Éfeso, o último dentre aqueles que conheceram Jesus.

Conhecemos, portanto, a lista dos imperadores romanos que João e seus contemporâneos deveriam conhecer<sup>67</sup>:

Júlio César: morto em 44 a.C.

Augusto: 44 a.C.-14 d.C.

Tibério: 14-37

Calígula: 37-41

Cláudio: 41-54

Nero: 54-68

|           |                            |
|-----------|----------------------------|
| Galba: 69 | } ano dos três imperadores |
| Othon: 69 |                            |

Vitellius: 69

Vespasiano: 69-79

Tito: 79-81

Domiciano: 81-96

Nerva: 96-98

Trajano: 98-117

Adriano: 117-138.

Os exegetas que consideram que o Apocalipse foi composto na época de Nero chegam à seguinte reconstituição:

César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano.

Aqueles que pensam que João teria utilizado uma fonte que faz com que o império comece a partir de Augusto e que omite os três sucessores de Nero, chegam à seguinte conclusão:

Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano, Tito.

Outros ainda partem do princípio de que João escreveu sob o reinado de Domiciano e propõem:

Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano, Tito, Domiciano. O sétimo rei ainda está por vir (*Nerva*) e em seguida haverá a volta de Nero (podemos observar que em hebraico escreve-se o nome *Nerva* com as mesmas consoantes que “*Nero*”: *Noun Reish Vav*).

Todas essas reconstituições são plausíveis e existem muitas outras. Seria conveniente citarmos esta cronologia e algumas das suas interpretações para

nos lembrarmos que a chave da leitura “histórica” não nos abre os “selos” do Apocalipse mais do que as outras.

João não é um historiador, assim como ele não é um filósofo, ele é um vidente e seu estilo é o estilo dos profetas. Talvez estejamos cometendo um erro ao buscarmos nesta avalanche de imagens que o engolfaram um sentido lógico, uma coesão, uma racionalidade que ele não quis dar. É como se quiséssemos traduzir na linguagem do dia a palavra que vem da noite; não estaríamos traindo e reduzindo o inconsciente quando tentamos torná-lo consciente? O inconsciente só pode ser compreendido por um outro inconsciente, um sonho não pode ser explicado por uma interpretação em particular, mas por um outro sonho.

Sem dúvida, o Apocalipse dá menos a pensar do que a imaginar. Não falaria ele mais aos poetas ou à inteligência imaginal do que aos exegetas e à inteligência dedutiva e analítica?

É como se, com o Apocalipse, estivéssemos em presença de um poema que buscamos ler e traduzir como se ele fosse apenas um relato em prosa. Baudrillard, em *L'Échange symbolique* (“A troca impossível”) faz algumas observações pertinentes a este respeito:

*“Por todo lado vemos a mesma tentativa de reduzir a poética a um querer dizer, de conduzi-la à sombra de um sentido, de quebrar a utopia da linguagem para levá-la de volta ao tópico do discurso. O pensamento ocidental não suporta, e no fundo jamais suportou, o vazio de significado, o não lugar e o não valor, lhe é necessário um tópico”*<sup>68</sup>.

Uma cronologia não é a História, mas isso não é razão para negarmos esses pontos de referência históricos, nem para entrarmos em um vazio de significado, mas para aceitarmos, pelo contrário, “um excesso de significado” que é próprio da palavra poética. Há um portal onde o falar se mantém em segundo plano para dar passagem “àquilo que enunciamos em palavras, que não é, em nenhuma língua, aquilo que dizemos. O dizer do pensamento só ficaria apaziguado e encontraria seu ser se ele se tornasse impotente para dizer aquilo que deve permanecer além das palavras. Uma tal impotência conduziria o pensamento diante da coisa”<sup>69</sup>.

A impotência em dizer aquilo que vemos, apesar das imagens escritas, ou interpretar aquilo que é visto, não nos conduz diante da coisa, mas diante da presença, se não do inacessível, ao menos do inabordável. Hölderlin, no primeiro verso do seu poema *Patmos*, expressa isso bem:

*Nah ist  
und schwer zu fassen  
der Gott*  
“Perto está  
e difícil de compreender  
o Deus”.

Aquilo que está mais próximo de nós se dá em uma proximidade incompreensível. Nós não saberíamos atá-lo, atá-lo às palavras ou às imagens para nos apropriarmos dele.

A visão de João não busca nos dar “coisas a ver”, elas querem nos tornar “videntes”.

## A comichão das asas

A presença dos anjos no Apocalipse é essencial: são eles que transmitem as mensagens e celebram a glória daquele que está sobre o trono, assim como a glória do Cordeiro. Também são eles que manifestam a justiça de YHWH e derramam sobre os seres humanos as consequências dos seus atos. Estamos querendo dizer que, para compreendermos o “clima” do Apocalipse, nós precisamos de seres “elevados” ou “alados – levantados...”

Diante de certas situações, temos não apenas necessidade de sermos “ajudados”, mas também de sermos “alados”. Nós nos lembramos então daquilo que perdemos ou esquecemos; nós provamos esta saudade que poderíamos chamar de “comichão das asas”, aspiração ao desenvolvimento no Espaço, desejo pelo infinito onde todas as coisas finitas encontrarão seu lugar. Esta comichão das asas é uma maneira imagética de falar sobre o despertar do espírito humano à sua dimensão contemplativa; a relativização do psiquismo ou da psique para entrar no campo das luzes que apenas o *noùs* é capaz de apreender.

O anjo e a pedra do moinho do famoso Beatus de Liébana<sup>70</sup> são, para mim, a imagem surpreendente, a ilustração trágica da terra “largada” pelo seu anjo e que com isso mergulha na escuridão do abismo.

A perda do anjo é o drama atual do ser humano. De fato, não é a perda de Deus, já que Deus está sempre aqui, mas a perda da consciência de Deus, da consciência de ser; ou seja, a perda do *noùs*, esta consciência contemplativa, o intelecto agente, o anjo da alma, aquilo que em nós é “*capax Dei*”, aquele que porta o Santo Espírito. O Real está sempre aqui, mas a consciência de ser o Real, de ser sua manifestação (teofania), a consciência que nos permite reconhecer em todos os seres esta manifestação, perdeu-se, foi esquecida ou recalçada.

O *noùs* (ou o “coração” na linguagem semita) é a saudade em nós da luz natal, o mais íntimo e secreto desejo. O infortúnio do ser humano não é tanto “o esquecimento do Ser” (a morte de Deus, a vida sem luz), mas o esquecimento daquilo que conhece o Ser em nós (o *noùs*, o coração, o anjo)

e este esquecimento é a morte do homem. O drama de uma vida que não é mais vivida como luz e que se satisfaz com as sombras e os reflexos desta luz.

Os sintomas desta perda são vários. O Livro do Apocalipse os descreve como sendo a vida considerada normal ou natural dos habitantes de Babilônia, a perversão tendo se tornado a norma da sua ética. Os habitantes “deste mundo” não têm mais gosto pela luz, nem pelo silêncio. O silêncio e a luz são, contudo, nosso céu e nossa terra natais.

Nós perdemos a visão da luz; etimologicamente, ser “ateu” é perder a visão: *a-théos* (de *théoria*), visão contemplativa, o abrir das asas. Desta maneira, nós perdemos o gosto pelo silêncio, ou seja, o gosto pela Fonte de onde nasce tudo aquilo que vive e respira. Nós não discernimos mais a luz nas coisas que nos aparecem, nós não discernimos mais o silêncio nos pensamentos, nas palavras, nos sons que nos são dirigidos.

Entre os antigos, o *noùs* é esta atenção, esta escuta, esta orientação de todo nosso ser para “aquilo que é, aquilo que virá”. O Livro do Apocalipse, como toda a biblioteca hebraica, é um convite a reencontrarmos esta qualidade de escuta e de discernimento: o Anjo que em nós permanece atento às maravilhas...

“Quando, pois, virdes que a abominação da desolação está no lugar santo...” (Mt 24,15). Não é apenas o fim de Israel que está anunciado, é também “o fim do homem”. Não se trata apenas da estátua do imperador romano, símbolo da vontade de poder que ocupa o lugar vazio e livre de YHWH, o Irrepresentável, no Templo de Jerusalém, trata-se também de pensamentos, de desejos violentos (abomináveis) ou desoladores (tristeza, depressão) que invadem o *noùs* ou o coração.

Existe em nós um lugar santo, um lugar de luz e silêncio, uma porosidade à Transcendência que devemos manter livre e aberto se não quisermos deixar de ser seres humanos. Este espaço puro de todos os conceitos ou representações é o próprio espaço da nossa identidade, do desvelamento da pura presença de “Eu Sou” que nós não devemos entulhar nem disto nem daquilo (eu sou isto ou aquilo).

Compreendemos a cólera de Yeshua diante dos mercadores que “ocupam o Templo”. Não se trata apenas dos mercadores de ovelhas e veados preocupados com sua mercadoria e seu enriquecimento, trata-se de todos os pensamentos calculistas e mercantis, todos os julgamentos, todos os

pensamentos de atração ou repulsa que “ocupam” e entulham (o *noùs*) o coração; o lugar santo torna-se, então, uma “caverna de ladrões” no lugar de ser uma casa de oração.

Os pensamentos abomináveis e desoladores nos privam, nos roubam ou nos arrancam o silêncio e a luz pelas quais a consciência e a vida nos foram dadas. Eles destroem e despedaçam a presença do anjo em nós e nos deixam sós com uma consciência instintiva (animal) e racional, que não passa de semiconsciência, humanidade truncada e castrada da sua dimensão espiritual.

Quem nos dará nossos “olhos de brasas”? Esta visão penetrante que nos permitirá ver em tudo aquilo que vem o “Vivente que faz todas as coisas novas”?

Cada um é digno ou tem o direito de invocar ou reconhecer o Anjo que devolverá suas asas à “besta humana”. É uma grande honra ou uma grande felicidade estarmos insatisfeitos. A comichão das asas nos salva das nossas tendências ao retraimento, ao acanhamento, à restrição.

Todos os nossos apocalipses são sacudidelas vitais que nos despertam à alegria daquilo que não podemos nem obter, nem guardar e que está além de todas as alegrias barulhentas ou artificiais: a alegria silenciosa de estar Vivo, de ser Vivente.

**“Eis que faço todas as coisas novas”**

Vejo uma mesa, uma cadeira,  
O sentido desta mesa, desta cadeira  
É aquele que vem sentar-se sobre ela.  
Aquele que vem sentar-se sobre ela  
Ninguém sonharia em dizer  
Que ele é esta mesa ou esta cadeira  
Que ele é sua substância imanente...

Vejo o mundo,  
O sentido deste mundo  
É aquele que nele vem habitar (o ser humano).  
Aquele que nele vem habitar (o sujeito)  
Que pode nele sentar-se ou caminhar,  
Ninguém sonharia em dizer que ele é “este mundo”,  
Que ele é a sua substância imanente.  
Aquele que prova, pensa, sofre ou ama  
O mundo não é o mundo  
Mas uma consciência testemunha, “outra”:  
Transcendente a este mundo...

Vejo o ser humano,  
O sentido do ser humano  
É a consciência e o Amor  
Que vem se manifestar,  
É “Aquele que vem” que vem nele se encarnar...  
Ninguém sonharia em dizer e todos o dizem,  
Que esta consciência e este Amor  
São a substância imanente do ser humano.  
Todavia o Sujeito que se manifesta e se encarna  
No sujeito humano é “Outro”, transcendente...  
O “Eu Sou” que se encarna no “eu sou” humano  
Não é apenas o sujeito humano,  
Ele não está inscrito em sua natureza;  
Ele é aquilo que chamamos “a graça”,  
A graça irreduzível à substância imanente do mundo  
E à substância imanente do ser humano...

Provar esta graça de ser “Eu sou”,  
É o que chamamos de “Natividade” ou “Novo Nascimento”.

O nascimento do “novo” na alma é o nascimento do Outro, daquilo que transcende nossa natureza. Ou seja, o nascimento de um ser que não morre (um não tempo – um não espaço) no coração de um ser mortal (todo espaço e todo tempo que têm um início e um fim: a natureza humana “mundana” e cósmica).

*Eis que faço todas as coisas novas!* Não se trata da criação ou da manifestação de uma novidade qualquer, sempre passível de desaparecer, mas da irrupção do novo, ou seja, do Incriado naquilo que é “criado, feito, nascido, composto”.

O surgimento deste “não mortal” é também o surgimento do não pensável, ou seja, o *Anastasis*: a aparição, o surgimento do Ressuscitado. Em um grau menos explícito, mas por vezes tão fulgurante quanto, temos a aparição do recém-nascido ou ainda a aparição de uma realidade recebida como um dom (a gratuidade e a gratidão são talvez duas presenças reais cossustanciais à graça).

“Nada de novo sob o sol” dizia o sempre velho e sempre atual Eclesiastes (Qohelet); ele tinha razão: sob o sol surgem apenas novidades que envelhecem rápido, nada mais do que o tempo que passa. Mas trata-se agora daquilo que não está sob o sol, sob o sol da natureza ou o “sol de Satã” (cf. Bernanos), esses dois sóis da morte, tranquila ou angustiada, pouco importa, sol que queima e consome tudo aquilo que ele ilumina e aquece.

*“Eis que faço todas as coisas novas”*. Trata-se de um sol completamente outro, *“que brilha sobre os bons e os ruins, os justos e os injustos”* e que ilumina aquilo que não pode ser consumido e consumado neles, sua parte divina, sua participação à vida incriada.

O Anjo do Apocalipse não transmite profecias relativas ao fim do mundo externo, como lembra um outro anjo àqueles que logo irão conhecer o crematório:

“O novo está sempre dentro  
e jamais fora.  
Tudo está em ti –  
E não fora de ti”<sup>71</sup> (118).

“O julgamento não é o final –  
mas o início.  
Se vires algo cair e virar pó

Saiba que a luz está próxima”<sup>72</sup> (223).

“O Novo ilumina tudo aquilo que é antigo.

[...]

a luz não nasce das trevas,

mas as trevas morrem

da luz”<sup>73</sup> (159).

O problema é quando queremos compreender e explicar o novo a partir do antigo; é como se quiséssemos explicar a física quântica utilizando os instrumentos da física newtoniana ou explicar a vida espiritual (noética e pneumática) a partir dos pressupostos e das possibilidades da vida psíquica.

O novo só pode ser vivenciado e experimentado por um não saber que os teólogos dos primeiros séculos desenvolverão em teologia apofática. Gregório de Nissa e Dionísio, dentre muitos outros, nos ensinam:

*“Conhecer aquilo que é incognoscível – este é o verdadeiro conhecimento. Os conceitos criam os ídolos de Deus – apenas o assombro ou o deslumbramento conseguem falar algo a respeito”.*

Nós só temos acesso aos ídolos do Novo, ou seja, às novidades, as vaidades. “O que me importa aquilo que não é eterno” dizia um jovem em busca de sabedoria. O que pode ser eterno se não o eterno Novo da Vida que se engendra a si própria em cada ser vivo?

“O despertar do Vivente” é o despertar da subjetividade que se experimenta a si mesma como ser consciente e amoroso (dando-se); esta “experimentação” é um novo nascimento, o nascimento do novo, da Vida que se autoengendra a cada instante.

Antes, havia a Vida, pois do nada, nada pode nascer.

Depois, haverá a vida, pois nada detém a vida, a vida não poderia deter a si mesma; apenas as formas fugazes desmoronam, aquelas nas quais a vida diverte-se a brincar e aparecer. O nascimento é a inscrição da minha vida no infinito da Vida, o novo nascimento é “experimentá-la” tendo consciência desta inscrição.

A morte é a volta da minha vida ao Infinito da Vida. O *Anastasis*, a Ressurreição, é “a experimentação consciente deste retorno...”

Devemos ainda falar do Amor como advento do Novo? O Amor é a realização e a superação da Vida, sua autotranscendência, a inscrição do novo na vida. Se não basta existir, basta estar vivo, se estar vivo significar ser consciente e amoroso. Através da consciência, a Vida experimenta a si mesma, através do amor, a Vida suplanta a si própria sem deixar de ser ela mesma, ela se dá, ou seja, ela se transcende.

Esta transcendência é a realização da sua imanência, essência paradoxal que não exclui nem o humano nem o divino e é esta experiência paradoxal, este “impossível” que Tomé “toca” e prova (e sem dúvida também Miriam de Magdala e São João) quando Aquele que foi crucificado e embalsamado se mostra a ele, vivo<sup>74</sup>. O Vivente não apagou as marcas do seu assassinato, elas dão testemunho de que ele está bem morto e não fingiu sofrer, elas também dão testemunho de que a morte faz parte da Vida e de que o mortal e o eterno estão reconciliados. Tocar ou experimentar a Vida em si não significa negar o sofrimento ou a morte, mas tocar e experimentar aquilo que os contém.

*Eis que faço todas as coisas novas.* A Vida só faz nascer o novo, aquilo que passou, passou, é pelo mental e não pela vida que nós nos apegamos ao passado. A questão não é “ser ou não ser” já que nós somos (nem que fosse para nos colocarmos essa questão), a questão é nascer ou não nascer. Temos a escolha: nascer ao novo (de novo), à Vida infinita ou não nascer, permanecer “fechados” em nossas memórias.

A Vida só existe sob forma individual, a Vida só pode ser conhecida por um “Eu” que se experimenta a si mesmo como Vivente. Antes do “Eu” há a grande Vida silenciosa; após “Eu” há a grande vida que passa, que fala, que faz, que sofre: a Vida viva!

Só conhecemos a Vida através da nossa própria afirmação da Vida. Devemos torná-la “evidente” através da nossa afirmação, esta é a missão do homem e o sentido da sua encarnação. A Vida não quer a morte (pulsão de morte), mas a transformação, a metamorfose da vida, um aumento de vida ou uma vida mais elevada, mais real, ela quer a Vida absoluta pela relativização da vida relativa.

Toda morte (pessoal – coletiva – cósmica) é esta “passagem”, este apocalipse rumo a uma vida mais vasta: tudo desmorona, salvo a Vida.

## 15

### As pedras da Nova Jerusalém

*Se YHWH (Aquele que É) não edificar a casa,  
em vão trabalham os que a edificam;  
se YHWH não guardar a cidade,  
em vão vigia a sentinela.  
Inútil vos será levantar de madrugada,  
repousar tarde,  
comer o pão de dores,  
pois assim dá ele aos seus amados o sono.  
(Sl 127,1-2)*

Se YHWH não edificar a paz,  
Em vão trabalham os artesãos da paz.  
Se YHWH não despertar a paz,  
Em vão serão nossas pesquisas, nossos discursos, nossos esforços.  
Ele cumula seus amados que dormem  
Os amados que não falam de paz  
Que não se batem pela paz  
Mas que estão simplesmente em repouso, em paz...

Esta é a atitude daqueles que dizem “é a graça de Deus que dá a paz”, apenas Ele pode edificar um mundo de paz, Ele é o Arquiteto e o Trabalhador!...

Se Deus é o arquiteto e o trabalhador, apenas as mãos, as palavras, as vozes dos homens ou da terra, dos astros, dos oceanos, entram em cólera...

Devemos manter ambos unidos: não existe Deus sem homem nem homem sem Deus; não existe paz sem que recorramos à Transcendência e sem trabalho de imanência. A Paz é o fruto desta sinergia entre “o esforço e a graça”.

Quem é o Ser que é e por quem são todas as coisas?

Onde está Ele?

Ele está em nós e é em nós que ele pode edificar a casa.

Na linguagem da psicologia contemporânea, poderíamos traduzir: “Se o Self não edificar a casa, em vão trabalhará o eu”. Trata-se de edificarmos a

partir do Self...

Quem é o Self, o que é o Self em nós? A força do humilde amor, diria Dostoiévski ou “o poder do Cordeiro” sobre o qual fala o Livro do Apocalipse.

Vimos que o Dragão e o Cordeiro são símbolos do eu e do Self. O Dragão: construtor de Babilônia devotada à destruição; o Cordeiro: inspirador da Nova Jerusalém, morada do Ser e do Amor entre os homens.

O Dragão simboliza aquele que devora, que “assimila” o outro, reduz o outro ao mesmo. É a vontade de poder, a necessidade que tem o eu de submeter o pensamento ou a vontade dos outros. Uma falta de segurança e de fundamento esconde-se por trás desta vontade de poder. Uma carência de ser que acreditamos preencher acumulando todos os tipos de “ter”: bens materiais e riquezas, mas também bens psíquicos e espirituais, experiências, saberes e poderes para sentir que existimos.

No Livro do Apocalipse, o Dragão traz em seu rastro os quatro Cavaleiros que semeiam a guerra, a fome e a morte. Eles são nossas quatro funções (razão, sentimento, sensação, intuição) pervertidas pela vontade de poder do Dragão, por este estado de ignorância que chamamos de “eu” e que quer ser “tão grande quanto o Self”.

Face aos quatro Cavaleiros conduzidos pelo Dragão (o ser ego-centrado) colocam-se os quatro Viventes, discípulos do Cordeiro (o ser teocentrado). São nossas quatro funções iluminadas pela calma e pela compaixão do Cordeiro, a força invencível do humilde amor, este estado de despertar ou de conhecimento que chamamos de “Self”.

Segundo o autor do Apocalipse, se for o “eu” quem construir a casa e a cidade, se for o “eu” que se opuser a outros “eu” e que, através da violência arrogar ter direitos sobre eles e tentar dominá-los de diversas maneiras, isso só poderá conduzir à edificação de Babilônia e ao seu desmoronamento que não tardará, pois o caos ali se encontra.

Se for o Self quem construir a casa e a cidade, o Self que não se opõe a outros Self, mas os acolhe em sua diferença, isso poderá conduzir à construção da Nova Jerusalém, “cidade da Paz”.

Seria interessante observarmos quais são as pedras desta construção e as diferentes qualidades de amor que elas simbolizam – talvez encontraremos

aí algumas chaves e matérias para nossa própria edificação e a edificação de um mundo e de um futuro possíveis.

Trata-se, antes de tudo, de entrarmos na visão de João, livrarmo-nos do antigo e nos voltarmos ao “Novo”. O Novo que não é a novidade no sentido trivial do termo, mas a imaginação criadora sempre nova, não apegada àquilo que é chamado a desaparecer. Para João, o homem novo é o *Anthropos* eterno; aquilo que ele constrói é a manifestação “Daquilo que É e Daquilo que Ama” nele:

Então vejo um novo céu e uma nova terra,  
pois o primeiro céu e a primeira terra desapareceram,  
e o mar não mais existe.

A cidade santa, a nova Jerusalém,  
eu a vejo descer dos céus, junto a Deus;  
ela se fez bela, como uma esposa ornamentada para seu esposo.

E ouço, vindo do trono, uma voz forte que diz:  
“Eis a morada de YHWH entre os homens.  
[...]”

Ela manifesta a glória Daquela que é o Ser que Ele é,  
Seu brilho lembra as pedras preciosas, a pedra de um jaspe cristalino.

Ela é uma muralha grande e alta que tem doze portas,  
E nas portas, doze anjos.  
Nomes estão inscritos: os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.

No oriente, três portas,  
No norte, três portas,  
No sul, três portas  
E no ocidente, três portas.

As muralhas da cidade repousam sobre doze fundações,  
cada uma carrega o nome de um dos doze apóstolos do Cordeiro.

Aquele que me fala carrega uma medida, uma cana de ouro,  
Para medir a cidade, suas portas e suas muralhas.

A cidade é quadrada: seu comprimento é igual à sua largura.  
Ele a mede com a cana, ela conta doze mil estádios,  
Comprimento, largura e altura são iguais.

Ele mede as muralhas: cento e quarenta côvados.  
O anjo utiliza uma medida humana.

Esta muralha é construída em jaspe,

A cidade é de ouro puro, semelhante ao puro cristal.

As fundações das muralhas da cidade  
são ornamentadas de todo tipo de pedras preciosas:

a primeira fundação é de jaspe,  
a segunda de safira,  
a terceira de calcedônia,  
a quarta de esmeralda.

A quinta de sardônica  
A sexta de sárdio,  
A sétima de crisólito,  
A oitava de berilo,  
A nona de topázio,  
A décima de crisópraso,  
A décima primeira de jacinto,  
A décima segunda de ametista.

As doze portas eram doze pérolas,  
Cada uma das portas é de uma única pérola;  
E o lugar da cidade é de ouro puro como um límpido cristal.

não há templo na cidade, pois seu templo  
é YHWH Aquele que É, em tudo e em todos  
e é o Cordeiro (Ap 21,1-3; 11-22).

Perceberemos que a Jerusalém celeste, o mundo por vir, aquele que podemos construir a partir do nosso ser profundo que podemos chamar de Self ou, como chama São João, “o Cordeiro”, “a força do humilde Amor”, o mundo novo (cosmos) repousa sobre doze assentos ou fundações.

Cada fundação repousa sobre a que a precede. O Livro do Apocalipse nos descreve assim um processo onde cada pedra simboliza uma qualidade particular do Amor que engendra uma nova qualidade: é através da imbricação dessas diferentes qualidades que o mundo novo é edificado: “visão de Paz” (Jerusalém).

Pensamos, evidentemente, em uma utopia (aquilo que ainda não existe em um lugar específico); trata-se de um exercício do corpo, do coração e do espírito pelo qual o Amor, divino e humano, pode fazer existir aquilo que ainda não existe.

Devemos começar pelo amor e pela aceitação de nós mesmos, reencontrar a confiança para nos tornarmos livres e não idólatras para conosco mesmos. Após termos cuidado de nós próprios desta maneira,

poderemos cuidar do outro, reconhecê-lo em sua alteridade, sua diferença, aceitá-lo, respeitá-lo, confiar nele e lhe ser fiel.

Cuidar de si e cuidar do outro já é cuidar do Ser, é reconhecer sua Presença em tudo e em todos, adorá-lo, invocá-lo, abrir todas nossas finitudes ao Infinito, nos abandonarmos a ele para participarmos da sua vida.

Podemos resumir da seguinte maneira este processo, colocando-o em ressonância com o simbolismo de cada uma das pedras e das fundações da Nova Jerusalém. Este simbolismo das pedras era bem conhecido dos antigos<sup>75</sup>. Hoje em dia os lapidários nos são pouco compreensíveis; para um contemporâneo, a ideia de uma “litofania”, manifestação do Ser e da luz em uma pedra, parece dificilmente concebível.

Esta experiência do Sagrado e do Santo na matéria é, sem dúvida, familiar para Yohanan, particularmente entre as pedras ditas preciosas, o diamante, por exemplo. Segundo antigas crenças, o diamante é um pedaço de carvão mergulhado nas profundezas da terra que teria recebido a visita de um raio de luz que o trabalhou e o transformou de dentro para fora. Mallarmé disse a Zola: “Sim, um diamante não passa de carvão ou carbono, mas ele é mais raro!”

Para Yohanan, é provável que a pedra preciosa simbolizasse a matéria humana visitada pela graça, o “coração de pedra” transformado em “coração de carne” pelo poder do Santo Espírito: uma imagem da encarnação. Se não houver esta transformação das “pedras vivas” que nós somos, não existe construção possível da Nova Jerusalém.

A partir destas doze pedras da Nova Jerusalém, poderíamos imaginar um jogo terapêutico capaz, se não de transfigurar, ao menos de melhorar nossos modos de relação conosco mesmos, com os outros e com a Fonte de tudo aquilo que vive e respira. Concretamente, nós poderíamos colocar em um saco ou em uma caixa, também feitos de matéria preciosa, essas doze pedras e, com os olhos fechados, tirar uma após alguns momentos de meditação. A pedra tirada seria a pedra a ser “trabalhada” durante um dia ou mais se quisermos colaborar na edificação de uma sociedade de paz: com consciência, segurando entre as mãos este fragmento do universo, criação de YHWH, o Ser que faz ser tudo aquilo que é, poderíamos evocar melhor, integrar a virtude e a qualidade de amor simbolizadas por esta pedra.

Mais do que uma prática mágica ou do que um jogo divertido, isto nos lembraria que “o mundo que virá” não se fará sem a nossa participação (nosso esforço) e sem nossa abertura à graça que é participação no Amor que “faz todas as coisas novas”. Cada pedra será para nós um “verbo encarnado”, uma luz que dura, uma palavra oculta na joia, uma *mitsvah*, ou seja, um exercício a ser vivido e praticado.

O vínculo entre a palavra que nos é dirigida e a pedra que supostamente contém esta palavra, pode nos parecer arbitrário (por que a ametista ao invés da safira?), no entanto, ele nos é transmitido pela tradição judaico-cristã. Cada pedra é como um nó de energia no vestido sem costuras da matéria, cada um desses nós é uma lembrança, anamnese do Amor que nos fundamenta e do Amor do qual somos capazes, se quisermos que Deus tenha “os pés sobre a terra” e que a Jerusalém do alto se encarne nas ruas estreitas e nos mercados por vezes explosivos da nossa História.

Doze assentos, doze fundações, doze pedras, doze palavras, três vezes quatro (3 x 4), transmitidas por Yohanan para que o caos se torne cosmos, para que *chronos*, “o tempo que devora” torne-se *kairos*, “o tempo favorável”, o Instante intemporal, parusia, pura presença.

Doze palavras para a Páscoa, a passagem da morte à vida, doze palavras de transfiguração e metamorfose para que Babilônia se torne Jerusalém:

#### *Cuidar de si:*

1. Jaspe            “Ame-se.”
2. Safira           “Ame-se como tu és.”
3.                    “Tem confiança em ti.”
- Calcedônia
4.                    “Desapega-te, não te compraza em ti mesmo, não te
- Esmeralda        preocupa contigo.”

#### *Cuidar do outro:*

5. Sardônica        “Ama o outro como a ti mesmo.”
6. Sárdio            “Ama o outro como ele é.”

7. Crisólito “Confia nele.”  
8. Berilo “Sê fiel ao outro como a ti mesmo.”

### *Cuidar do Ser:*

9. Topázio “Ama Deus como essência do teu ser e de todos os seres.”  
10. Crisópraso “Ama Deus (essência do teu ser e de todos os seres) por ele mesmo. Adora-o, que Seu Nome seja santificado.”  
11. Jacinto “Coloca tua confiança nele (a essência do teu ser e de todos os seres), que seja feita a sua vontade.”  
12. Ametista “Não faça obstáculo ao Amor; deixa Deus ser Deus em ti, venha a nós o Vosso reino.”

Essas doze palavras recapitulam sem dúvida todo o ensinamento do Cristo, a plenitude da sua oração e do seu Evangelho, as pedras sobre as quais ele quer edificar sua comunidade; elas são também o cumprimento da Torá, da Shari’a (a “lei” para os judeus e para os muçulmanos) e do Dharma (a “natureza” para os sábios do Oriente).

Alguns verão aqui mais do que “direitos dos homens”, eles verão “possibilidades” para o homem, a terra e a sociedade sobreviverem, os fundamentos de uma ética universal, se o universo em vias de destruição (Babilônia) decidir pelo seu renascimento. Teremos a impressão de que tudo foi suspenso devido a esta decisão ou este desejo de passar “do poder ao ato”.

O imperativo destas palavras não obriga ninguém, pois não poderemos jamais obrigar alguém a amar (o resultado seria exatamente o oposto), só podemos convidá-lo a esta felicidade, a esta realização compartilhada.

### **Cuidar de si**

#### *1. Jaspe – “Ama-te.”*

Se começarmos a edificação da Nova Jerusalém “por baixo”, é pelo amor por nós mesmos que devemos começar. Provavelmente, isso é o mais difícil, pois como amar a si mesmo se jamais fomos amados por um outro,

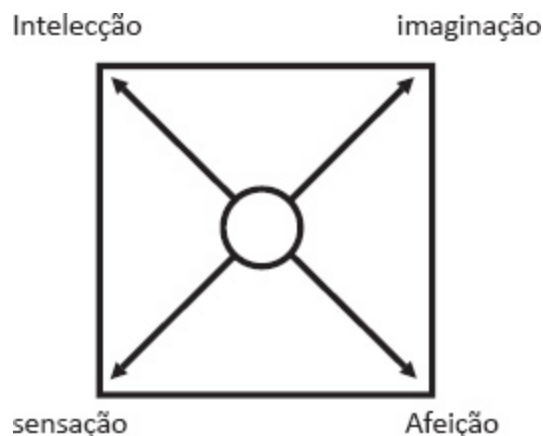
se fomos colocados no mundo como objeto do acaso, e não como sujeito do desejo? No entanto, nos é pedido para amarmos a nós mesmos se quisermos “amar o outro como a nós mesmos”. Babilônia é a cidade daqueles que não amam a si mesmos, pois pensar somente em si é não se amar, impor aos outros sua vontade e consumir mais que podemos digerir é não amar a si mesmo. Isso só pode nos adoecer ou nos tornar indesejáveis; infelizes de toda maneira.

Para amarmos a nós mesmos não seria necessário, primeiro, nos conhecermos a nós mesmos? Poderíamos, então, aguardar longo tempo, pois conhecer-se não é descobrir-se desconhecido e incognoscível? É sábio aquele que pede para se amar antes de se conhecer, já que aqueles que mais se conhecem são frequentemente aqueles que menos se amam, é difícil sermos lúcidos sobre nós mesmos sem nos desesperarmos.

Amar-se seria, então, conhecer-se em seus limites e reconhecer que somos pouco dignos de amor até percebermos que um Outro nos ama e que este Amor nos dá a vida.

Amar-se a si mesmo demanda uma grande humildade, sobretudo quando descobrimos que não somos aquele ou aquela que gostaríamos de ser ou que os outros (particularmente o pai e a mãe) gostariam que fôssemos. Amar-se a si mesmo supõe não termos ilusões sobre nós mesmos, tampouco complacência, mas nos vemos com benevolência.

Podemos imaginar cada uma destas pedras da Nova Jerusalém como a própria cidade e como o livro que “segura em sua mão aquele que descansa sobre o trono”. Este quadrado simboliza as quatro direções, os quatro elementos, as quatro funções... nas quais brilha todo o Amor (este deveria ser colocado no centro, como o Cordeiro).



Amar-se a si mesmo seria, então, reconhecer-se em um corpo limitado e mortal, capaz de sensação, de inteligência, de imaginação e de sofrimento. Não existe, evidentemente, nenhuma paixão neste amor, ele é antes uma atenção a si mesmo, uma observação daquilo que está aqui. Uma atenção àquilo que pensa de maneira mais ou menos clara em nós, àquilo que imagina, ou seja, aquilo que faz o Real estar presente mais como em imagens do que em conceitos. Uma atenção àquilo que nos emociona, nos afeta de uma maneira ou de outra, positiva ou negativamente. Uma atenção, enfim, àquilo que nossos sentidos percebem e interpretam como agradável ou desagradável.

Assim, amar-se a si mesmo, longe de todo narcisismo, egoísmo ou complacência, é um exercício de atenção a si próprio em toda lucidez e vigilância.

Ama-te, “a ti mesmo”, não pelo que os outros pensam de ti ou por aquilo que pensas de ti, mas por aquilo que observas de ti no exercício de tuas funções (intelecção, imaginação, sensação, afeição). Atenção paciente e sem julgamento que deveria conduzir a uma nova pedra ou a uma nova etapa na edificação de nós mesmos e da Nova Jerusalém.

## 2. Safira – “Ama-te como tu és.”

Amar-se a si mesmo e estar atento a si, ainda não é aceitar-se e amar-se como somos; no entanto, esta observação sem julgamento nos aproximamos deste estado. A dificuldade reside justamente neste não julgamento; nós não paramos de nos criticar, de nos julgar, de nos compararmos aos outros, para o pior ou para o melhor. O ser humano é o

único animal que não se aceita como ele é; nesta insatisfação, alguns verão aquilo que é “próprio” do ser humano e outros, aquilo que é “mal-próprio” ao homem, ou seu bem, sua nobreza, a “elevação” pela qual ele suplanta o animal.

Não se trata de nos considerarmos perfeitos como somos, mas perfectíveis a partir daquilo que somos. Só podemos desenvolver nossa inteligência a partir dos nossos limites; o mesmo vale para a imaginação, a afeição e a sensação.

Babilônia é a cidade onde reinam todas as inflações, cada um pretende conhecer aquilo que ele não conhece, vangloria-se de estudos que ele jamais fez, toma suas fantasias e suas projeções por imaginação criadora, suas reações emocionais por sentimentos, suas irritações por sensibilidade. Cada um gostaria de ser diferente do que é. Como pode alguém que não aceita a si mesmo, aceitar os outros como eles são?

Amar-se como somos não quer dizer nada mudar, mas tomar como ponto de partida da nossa evolução o ponto onde estamos, nem mais nem menos. “Nada em demasia” diziam os antigos gregos; para eles, a desmedida (*hybris*) era o pior dos demônios, ela torna impossível qualquer vida harmônica na cidade.

Mais uma vez, neste amor esclarecido por si mesmo, a humildade, um outro nome para a lucidez, parece ser “a pedra de toque”<sup>76</sup>.

### 3. Calcedônia – “Tenha confiança em ti.”

Nós sabemos que o paraíso perdido é a confiança perdida. Babilônia é a cidade onde reina a desconfiança, cada um desconfia do outro assim como ele desconfia de si mesmo.

Como confiar em si se ninguém jamais confiou? Aliás, como confiar em si quando sabemos que nossos sentidos nos enganam? (as distâncias, as cores etc.). Que o nosso mental nos mente? Que nossa imaginação nos ilude? Que nossos sentimentos abusam de nós?

Confiar em si não é ser presunçoso, é reconhecer aquilo que somos capazes dentro da aceitação dos nossos limites. Não confiar em nós mesmos para realizarmos aquilo que reconhecemos ser incapazes de fazer não é pusilanimidade, mas sabedoria. Por outro lado, não confiar em nós mesmos para realizarmos aquilo que somos capazes de fazer, e de fazer bem, é não

apenas ser pusilânime e pouco inclinado a arcar com suas responsabilidades, é ser covarde. Certo, isso é fácil de dizer, sem dúvida não devemos ignorar nenhuma das causas que inibem nossa ação e nos impedem de confiarmos em nós mesmos. Cada um tem memórias dolorosas a este respeito.

Para alguns, a confiança em si mesmo ou a justa estima por si mesmo será o fruto de uma longa (re)conquista ou de uma graça repentina quando percebemos, subitamente, que a própria vida confia em nós e nos dá o direito de sermos aquilo que somos, já que nós o somos. Não temos que pedir autorização para ser ao Ser que nos faz ser, ou seja, que confia em nosso desejo “para perseverarmos no ser”.

4. *Esmeralda* – “*Não te comprazem ti mesmo, não te preocupa contigo.*”

Quando nos amamos, quando nos aceitamos da maneira que somos e confiamos em nós, ficamos menos inclinados a nos preocuparmos conosco ou a nos comprazermos nesta ou naquela imagem, externa ou interna, positiva ou negativa, que temos de nós mesmos. Aquele que está bem consigo, em paz, não se preocupa mais com si mesmo, ele é um com aquilo que ele é e com aquilo que ele faz, ele é “simples”, ou seja, “sem dobrás”, sem voltar-se sobre si mesmo.

“Amar como a esmeralda é verde” disse Simone Weil, é amar-se como o sol, ele dá sua claridade tanto ao ouro quanto ao lixo e brilha sobre os bons e sobre os ruins (Mt 5,45<sup>77</sup>). Se o ser humano não se preocupar consigo mesmo, ele se tornará capaz de amar o outro por ele mesmo (e não para si, para preencher suas carências).

A pedra “bruta”, que se tornou preciosa pelo lento trabalho de transformação, tornou-se “cúbica”, capaz de harmonizar-se às outras pedras e de inserir-se em seu lugar no edifício comum.

O tema do amor por si mesmo pode incomodar alguns. Santo Agostinho disse que na origem das duas cidades (Babilônia e Jerusalém) há dois amores: o amor por si mesmo e o amor por Deus. Máximo o Confessor também falava da *philautia*, amor de si mesmo como fonte de todos os males. Aliás, Pascal retomará este tema. Haveria um bom e um mau amor por si mesmo? É possível haver um amor não egoísta, não interessado? Será

necessário aprendermos a “amarmo-nos como a um outro”, como um fragmento do universo que nos foi confiado, como um amigo ou um inimigo íntimo a ser respeitado, antes “de amarmos o outro como a si mesmo”?

São João nos diz que:

*“Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?”* (1Jo 4,20).

O importante não é amar? “Pois aquele que não ama, nem a si mesmo, nem aos outros, não conheceu Deus já que Deus é Amor”. Aquele que se ama de verdade (toda a questão é este “de verdade”) como ele poderia deixar de amar o outro como a si mesmo, e o Ser que os faz ser, um e outro?

Há apenas um Amor, pois há apenas uma Realidade. Falar de realidade física, psíquica ou espiritual, assim como falar de amor carnal, sentimental ou espiritual não quebra a unidade do Real; as realidades diversas manifestam um Único Real ao mesmo tempo transcendente e imanente a todas estas realidades. Os amores diversos manifestam um único Amor ao mesmo tempo transcendente e imanente a todas essas formas de amor.

Cada nível de realidade corresponde a uma qualidade de amor particular, talvez até mesmo um órgão particular ou uma “localização” física, ali onde o prazer, a felicidade ou a alegria de um tal amor (sexo, coração, espírito) seriam mais vividos.

A consciência do único Real e do Amor Um poderia nos libertar destas rivalidades e destes despedaçamentos entre diferentes níveis de realidades e diferentes qualidades de amor onde, por exemplo, podemos considerar o amor espiritual como “melhor” ou em oposição ao amor carnal; o amor de Deus preferível ao amor ao próximo e o amor ao próximo preferível ao amor por si mesmo. Trata-se, talvez, de preferirmos o Amor do Um, do único Real, quaisquer que sejam as formas nas quais ele se manifesta a nós ou nas quais nos é pedido e, por vezes, imposto, encontrá-lo.

Dizer que o Cristo está presente no céu e nos infernos é dizer que qualquer que seja o lugar ou as circunstâncias onde nos encontremos, é

possível encontrar o amor, assim como a Presença do Único Bem-Amado. Apenas o não amor, ou seja, a não atenção, a não presença àquilo que é, pode nos separar do Real.

Babilônia não é a cidade onde preferimos o amor por si mesmo ao amor pelos outros ou ao amor por Deus já que esses três amores são as manifestações do único Amor ou do “Cordeiro”, para utilizarmos a linguagem do Apocalipse. Babilônia é a cidade do não amor, onde não amamos nem a nós mesmos, nem Deus, nem os outros. É a cidade de todas as cobiças e de todos os consumos, sejam essas cobiças carnis, psíquicas ou espirituais.

É a cidade de todas as idolatrias; idolatrias e consumo de certos níveis de realidade erigidos como Absoluto, no esquecimento do único Real transcendente e imanente a todos estes níveis de realidade. Esta perda da “consciência de Ser” em todo lugar e que está sempre presente, é também a perda desta qualidade de amor que poderíamos chamar de contemplação ou gnose que é capaz de provar a Presença Una; que esta toque a carne, o coração ou o espírito, existe apenas um amor, ele brilha sobre tudo aquilo que existe, ouro ou lixo.

Cada pedra da Nova Jerusalém é inseparável de todas as outras – é o conjunto que forma o edifício. É o conjunto das qualidades de amor simbolizadas por estas pedras que dão testemunho do Único.

O Amante, a Amada, o Amor; ou: si mesmo, o outro, Deus – como eles poderiam estar separados? Os três são Um.

### **Cuidar do outro**

#### *5. Sardônica – “Ama o outro como a ti mesmo.”*

“O inferno sou eu” se não nos amamos; “o inferno são os outros” se eu não os amo; o inferno sou eu, é você, é o mundo, é Deus ou o diabo, é tudo aquilo que não amo. O inferno é não amar.

Temos a escolha entre o Inferno e o Aberto, o fechamento sobre si mesmo e a abertura ao outro. Ainda não encontramos melhor maneira de nos curarmos a nós mesmos ou nos curarmos de nós mesmos do que amar o outro.

O amor é abertura, entrada no aberto. Esta abertura pode ser a dos sentidos, do coração ou do intelecto; cada elemento do composto humano tem seus exercícios próprios para sair da sua própria objetivação ou da objetivação do outro, para que a graça do Dom circule na sua sempre nova novidade.

“*Amai-vos uns aos outros*”: este é o grande exercício proposto pelo Mestre e Senhor e ele acrescenta: “*como eu vos amei*”. Eis toda a questão, como Ele amou? Como ama Deus no homem? Como se dá “o Ser que é o que Ele é”?

“Até o final, até o extremo”, nos diz o Evangelho. Mas justamente, não há final, não existe fim para o amor. Para um ser finito, o que é amar infinitamente? Mas talvez devamos começar pelo início.

“Ama o outro como a ti mesmo” significa, dentre outras coisas, que não devemos fazer diferenciações, o outro é você, ele é o mesmo com a mesma vida de miséria e morte...; este doente é a tua vida ferida, pega-o nos braços e conhecerás tua própria dor. O outro é um outro você, outro que você, ele não é você, você não é ele e, no entanto, vocês respiram a mesma vida. Talvez vocês não tenham a mesma cor de pele, mas vocês dois são feitos de carne e sangue. Vocês podem não ter a mesma idade, mas vocês estão descobrindo o mesmo tempo e no final o que restará de um e de outro? Restarão justamente estes instantes compartilhados onde a vida se deu; ninguém jamais poderá lhes tomar esses instantes, pois eles transpuseram o muro do tempo, eles já ressuscitaram.

Amar o outro como a si mesmo – o que isto quer dizer concretamente? No mínimo, evitar criar obstáculos entre eu e você, não criar problemas e permanecer em um *a priori* de benevolência; nós somos diferentes, nós não estamos separados. Cada um é um semblante particular da Vida Una que nos liga, que nos diferencia para o melhor e para o pior. Só podemos viver juntos se escolhermos o melhor.

Foi escolhido o pior para Babilônia; a cidade tornou-se cada vez mais irrespirável, o outro é ali não apenas um estrangeiro, mas uma ameaça perpétua. Não nos reconhecemos mais no outro, conseqüentemente, somos forçados a fazer do outro um objeto, uma coisa. Babilônia, caso utilizemos a linguagem de Buber<sup>78</sup>, é a relação “eu – isto”.

Jerusalém é a relação “eu – tu” onde o outro jamais é considerado como uma coisa ou como uma energia impessoal; ele tem um semblante que me

observa e me é pedido para cuidar deste semblante se eu quiser que ele também cuide de mim e que ele não me trata como eu o tratei: como um rato, um “sub-homem”, uma carne para servir de bucha de canhão ou para ser enviada ao crematório.

#### 6. *Sárdio* – “*Ama o outro como ele é.*”

Não como você gostaria que ele fosse, ou seja, como você mesmo, sem ser um outro. Amar a alteridade do outro, aquilo que não se parece com você, aquilo que não é semelhante, pode ser fonte de grande alegria. “Canto tua diferença” diz o poeta. Se todos pensássemos a mesma coisa, não estaríamos mais pensando; se todas as flores do campo tivessem a mesma cor, como seriam pobres nossos buquês...

Amar o outro como ele é, é o critério para um amor são e adulto. Você não é a mulher (o homem) com a qual eu sempre sonhei, “você é aquela (aquele) que você é” e isto é infinitamente mais precioso do que todos meus sonhos. Isso supõe que tenhamos ultrapassado a idade dos sonhos ou do “ideal” e alcançado não apenas a idade da razão, mas também a idade do respeito que é um outro nome para o amor e por onde o amor está sempre começando. Sem este respeito pela alteridade do outro, qualquer que seja a intensidade de nossas pulsões e de nossas paixões, não há amor, há uma volta à relação “eu – isso”. O respeito é o respeito do surgimento do sujeito na matéria, o reconhecimento do Ser como semblante, o não esquecimento do Outro.

Babilônia é a cama de Procusto onde todos devem ter o mesmo tamanho, os mesmos desejos, os mesmos pensamentos – mídias e cadeias de televisão encarregam-se deste encadeamento e desta normalização. Babilônia é “clonai-vos uns aos outros!” só existe aquilo que se assemelha a nós, toda dissemelhança, tudo aquilo que é “demais” – grande, inteligente, vivo, pequeno, tolo, cansado – deve ser destruído. Suprimam e levem de volta ao tamanho comum tudo que é “demais”!

“Amai o outro como ele é” é o antídoto à toda forma de totalitarismo e nivelamento das consciências, é compartilhar nossas diferenças. Se isto não for o paraíso, é a nova Jerusalém, que se assemelha a ele: “Se eu difiro de você, longe de te diminuir, eu estou te enaltecendo e fazendo crescer”.

## 7. *Crisólito – “Confia nele.”*

Não é justo dizer que a psicologia visa curar e melhorar o ego enquanto a espiritualidade visa nos libertar do ego. Amar o ego, curá-lo e melhorá-lo, é conduzi-lo rumo ao outro, rumo à superação dele mesmo através da qual ele vai se realizar. Como observam os antigos, o retorno para si mesmo tem como objetivo uma saída de si mesmo, de um ênstase para um êxtase. “Estar centrado” e “estar aberto” é a condição para que o “Eu”, através do reconhecimento do você, torne-se um nós. O “nós” é a realização do “eu”, assim como a Trindade cristã é a realização do Um dos henoteísmos bíblicos e corânicos.

A espiritualidade cristã não destrói o ego, ela permite com que ele se realize e se cumpra, assim como a borboleta é a realização e o cumprimento da lagarta, ela faz com que a lagarta saia de si mesma, ela desdobra suas asas escondidas nos meandros do seu corpo rastejante, ela abre o ego a este voo aberto a um outro, seja a flor mais próxima ou o céu imenso.

Cada vez que saímos de nós mesmos, assim como em cada voo, seja para o homem, a borboleta ou o pássaro, chega um momento em que acreditamos estar apoiados no vazio, as fundações do ninho não estão mais ali, sentimos falta dos pontos de referência e do conhecido; é o momento da fé ou da confiança.

Entre os antigos, o sárdio simboliza este poder, ou melhor, esta graça onde podemos “fazer confiança” no outro. Como dizíamos a propósito da calcedônia, não podemos confiar no outro se não confiarmos em nós mesmos e não podemos confiar em nós mesmos se ninguém jamais confiou em nós. Se permanecermos em um nível psicológico, no nível do ego, é, de fato, difícil sair.

A confiança supõe uma passagem além do eu, este “além do eu” que é o paraíso perdido ou o reino por vir. É preciso, portanto, aceitar que o outro possa decepcionar nossa confiança, nos enganar de diversas maneiras – é o risco a correr. Mas quando o amor nos habita (ou seja, o Espírito Santo), não nos preocupamos com a possibilidade de vivermos este risco, estamos no próprio impulso da generosidade do coração e este impulso é criador. A confiança é, antes de tudo, criadora de consciência: se a pessoa em quem confiamos nos engana, ela não pode deixar de sabê-lo ou de senti-lo.

Em seguida, ela é criadora de força e responsabilidade: a pessoa em quem confiamos (a criança, por exemplo) sente-se investida de força e de

responsabilidade pela confiança que lhe é depositada e mesmo que ela falhe, ela tentará estar à altura. Mas a confiança também deve ser lúcida: não podemos pedir que alguém realize aquilo que está além das suas possibilidades ou competências, isso poderia conduzi-lo à inflação ou ao desespero diante do seu fracasso.

Devemos confiar no melhor do outro, em sua possibilidade de se aperfeiçoar, de ampliar incessantemente seus limites, mas sem tensão, sem exigências. A verdadeira confiança floresce naturalmente das profundezas do amor; em uma relação, quando não confiamos mais um no outro, a relação acabou enquanto relação de amor. Ela pode durar na ordem das contingências e das necessidades, mas ela perdeu sua leveza e sua liberdade.

Babilônia é o inferno da desconfiança, é o tempo da suspeita, cada um teme a traição ou a indiferença do outro. “Devemos desconfiar de tudo” – este é o contrário da prudência animada pelo amor. “É preciso ter consciência de tudo” e fazer confiança – esta é a via do coração que permanece no aberto, sem ilusão e sem medo. Confiar no outro conhecendo-o como ele é, é o mais belo presente que podemos lhe oferecer, isso pode permitir com que ele se erga e continue seu caminho.

Dizer que Deus “crê” no homem, que ele confia nele, é dizer que a vida nos ama como nós somos, ela nos considera dignos de viver, capazes de consciência e amor, capazes de não sermos complacentes com nossas ruínas e com elas edificar uma nova Jerusalém.

#### *8. Berilo – “Sede fiel ao outro como a ti mesmo.”*

Sem fidelidade, nada podemos construir, nem uma família, nem uma cidade. A fidelidade é própria do homem que se revela maior do que suas pulsões, seus pensamentos, seus desejos sempre mutáveis: ela inscreve a eternidade no tempo. Aquele que é fiel não é mais objeto das suas veleidades ou dos acontecimentos pulsionais ou emocionais (exteriores ou interiores) que o arrebatarem, ele permanece sujeito. Isto pode ser nobre, mas ainda não é amor.

A fidelidade é fundada nesta confiança amorosa que nós evocamos acima, confiança em si mesmo e no outro. Confiança na palavra dada, no projeto compartilhado para que ele seja conduzido a termo, seja uma

criança, uma casa ou toda uma obra em comum, a fidelidade recíproca daqueles que empreenderam esta “realização” facilita sua evolução e seu crescimento e talvez garanta um “final feliz”.

Mas de qual fidelidade estamos falando? Aos princípios? Aos sonhos? Às ideias preconcebidas? Às conveniências?

Todas essas fidelidades estão vazias de amor e não podem ser fecundas. As razões pelas quais permanecemos fiéis a uma pessoa nem sempre são as mesmas razões pelas quais a desposamos, pode ser medo de ficarmos sós ou medo de perdermos os bens que são providos pelo outro (bens materiais ou afetivos).

A verdadeira fidelidade é a fidelidade ao Amor, à Vida que nos é dada incessantemente, não se trata de sermos fiéis aos nossos erros, estaríamos enganando a verdade que se desvela a nós no instante. Assim, ser fiel é não mentir para si mesmo e não mentir para o outro, é se dar incessantemente a dádiva de ser verdadeiro, de ser aquilo que somos, e nossa verdade é por vezes nossa incerteza, nossa dificuldade em sermos fiéis. Confessá-lo, contar nossa fraqueza ao outro, é ser-lhe fiel até em sua infidelidade e isso só é possível no amor que confia no olhar do outro que não está ali para nos julgar, mas para nos compreender.

A fidelidade é um longo treinamento, uma grande alegria também, o poder de dizer não a muitos ao dizermos sim a um. É isso que nos estrutura e nos torna adultos.

O adolescente não pode escolher, esta impossibilidade de escolha leva à angústia. Um ser fiel aos seus compromissos está frequentemente em paz, é o preço e a recompensa do seu compromisso. Ser fiel a um (uma) infiel não é orgulho ou comprazer-se em uma assim chamada “boa consciência”, é fidelidade ao seu amor.

Que o nosso amor não seja ou não seja mais amado não o impede de amar. O fracasso de um amor não é o fracasso do amor. A vida continua, nada nem ninguém pode nos impedir de amar, a fidelidade a este amor chama-se liberdade.

Jerusalém é a cidade dos homens e das mulheres livres, livres para serem fiéis a sua palavra, seus compromissos, seu coração dado uma vez por todas, sem rancor, sem amargura. Uma felicidade passada pode ser o maior

obstáculo a uma felicidade presente. Só há fidelidade real a um Amor que esteja sempre e em todo lugar presente.

### **Cuidar do Ser**

9. *Topázio* – “*Ama a Deus como a essência do teu ser e de todos os seres.*”

Deus não é apenas a essência do Seu Ser, ele seria então outro que tudo, ele não seria o Real que se expressa e se encarna em todas as realidades. Se ele é sua essência, ele é também sua existência e aquilo que está além da tua existência e da sua essência, que chamarás não ser ou não existência. Não importa como o nomeie, é Ele. Só podemos imaginar o Real mesmo que este real seja ilusão, aliás, é realmente uma ilusão, pois não entramos nem saímos do Real – nele estamos desde sempre e para sempre. Nossa morte, nossa ausência, nossa recusa da realidade fazem parte do Real – nada é acrescentado, nada escapa dele, jamais acrescentamos algo ao Real e dele nada podemos tirar, nem nossas virtudes, nem nossos vícios acrescentam ou tiram nada de sua pureza. Nada saberia preencher ou esvaziar o espaço do céu, ele contém tudo, ele não é contido por nada; o mesmo acontece com o Real, que alguns chamarão YHWH, Alá, Abba ou algum outro Nome, ele tem todos os nomes e nenhum nome pode nomeá-lo.

Lembre-se que você é a Realidade, você não pode ser uma outra coisa, teu esquecimento da realidade ou tua recusa fazem parte da realidade. Lembre-se que você é Deus, você não pode ser outra coisa, teu esquecimento de Deus, ou tua recusa de Deus ainda são Deus. Sem Ele, nada é possível, “sem Ele, nada”.

Amar a Realidade, amar Deus, amar a natureza, amar o outro. Trata-se sempre do amor e este Amor é o verdadeiro Deus, o Amor é o Real presente que está além e em todas as realidades, o Amor é o verdadeiro Deus além e em toda representação de Deus.

O Amor é o Real presente além e em todas as manifestações naturais ou materiais.

O Amor é o Real além e em todos aqueles que nós encontramos, o outro não é “outro que Deus”, ele é “o outro de Deus”, uma outra manifestação dele mesmo.

O Amor é o Real presente além e em si mesmo, o Amor Transcendente e imanente, presente em tudo aquilo que vive e respira – animado e inanimado, visível e invisível.

Amar Deus é amar “tudo”, essencialmente e em profundidade.

Deus é a essência da Natureza (a “Natureza naturante”, dizia Spinoza) assim como a Natureza é a essência do homem (Natureza naturada, dizia ainda Spinoza). Em que lugar YHWH não está? Qual é o instante onde YHWH está ausente? Haveria um lugar fora da Realidade ou do Ser que faz ser tudo aquilo que é? Haveria um instante fora da Realidade, da Presença que torna todas as coisas presentes?

Da mesma maneira como a aranha tira a teia do seu próprio corpo, assim é a Criação, inseparável de Deus. A presença de Deus, a manifestação de Deus é inseparável dele, assim como a Realidade é inseparável do Real que ela encarna e manifesta. Deus é a única substância de todos os nomes, de todas as formas, de todas as atividades. Quando nós despertamos nossa consciência interior, nós percebemos que, semelhante à eletricidade que faz brilhar uma miríade de lâmpadas, a luz de YHWH, a luz do Real, encontra-se em tudo aquilo que existe.

O que eu deveria aceitar, diz o sábio, o que eu deveria recusar? Onde quer que eu pouse o meu olhar, há apenas Ele e este olhar é Ele. Ele é o alimento e aquele que oferece o alimento – Ele faz surgir o mundo e é Ele quem surge. O que não é Real, o que não é Ele? Onde procurá-lo? Ele está em toda parte. Quando encontrá-lo? Ele está sempre presente? Ele é Ele mesmo em você. Ele é a Natureza na natureza, ele é o Outro no outro que encontramos, ele é Deus no deus que veneramos.

Quando eu digo: “Deus não existe, Ele é”, ainda estou em uma consciência dualista. Agora eu diria: “A Realidade existe e não existe, ela é e ela não é”, realidade visível e realidade invisível, trata-se sempre da Realidade Una; manifestação visível, existente (*ek-sistente*), manifestação invisível, essencial, são o Único Real.

Se reconheço apenas sua dimensão manifestada, eu sou um idólatra do visível, se reconheço apenas sua dimensão não manifestada, eu sou um idólatra do invisível, não sou um adorador do Único Real, e é o Cristo, o Arquétipo da Síntese, que nos ensina esta adoração. Ele próprio é o visível do invisível, o invisível do visível, o Eterno no tempo, o tempo no Eterno, Deus no homem, o homem em Deus.

A este respeito, poderíamos reler todo o Apocalipse em uma perspectiva não dualista. Nesta perspectiva, o Real é ao mesmo tempo: YHWH e o Abismo,

O Ser e o não ser,

Presença de Deus e ausência de Deus,

Coincidência dos contrários – *coincidentia oppositorum*;

Na aceitação destes contrários e na passagem “além”, encontra-se a paz do coração.

A Realidade é ao mesmo tempo:

“Alguém” e “Shatan”

Self e ego,

Hipóstase e *prosopon*,

Pessoa e indivíduo,

Sujeito e não sujeito;

Na aceitação destas oposições e na passagem “além”, encontra-se a paz do coração.

A Realidade é ao mesmo tempo:

Mulher e prostituta,

Graça e comércio,

Gratuidade e sem preço;

Dado e vendido,

Terna e langorosa;

Na aceitação destas oposições e nesta passagem “além”, encontra-se a paz do coração.

A Realidade é ao mesmo tempo:

Criança e besta,

Pura e bruta,

Inocência e bestialidade,

Clareza e confusão;

Na aceitação destes opostos e na passagem “além”, encontra-se a paz do coração.

A Realidade é ao mesmo tempo:

Jerusalém e Babilônia,

Cidade santa, Cidade perversa,

Cidade celeste, Cidade terrestre,

Cidade humana, Cidade inumana,

Cidade paraíso, Cidade inferno

Cidade bem-aventurada, Cidade desventurada;

Na aceitação destes opostos e na passagem “além”, encontra-se a paz do coração.

Esta perspectiva não dualista pode ser chamada também de via do meio ou do terceiro incluso. A morada da consciência situa-se ou recentra-se naquilo que está “entre” os dois opostos; dentro e além – ela é aquilo que ao mesmo tempo unifica e diferencia, aquilo que dá ao Real sua variedade e seus contrastes, mas também sua Unidade e sua harmonia.

*10. Crisóstomo – “Ama Deus, a essência de teu ser e de todo ser, por ele mesmo. Adora-o, que Seu Nome seja santificado.”*

A adoração é a forma de amor que se abre no coração do homem a este “além”, que está ao mesmo tempo “além de tudo” e “presente em todo lugar e para sempre presente”.

É a abertura total do coração que não se detém em nenhuma representação, nenhum conceito ou nenhuma forma. A adoração expressa a liberdade para com o conhecido e o desconhecido do qual o homem é capaz – isto é amar Deus por Ele mesmo e não enquanto Deus, Criador, Pai, Senhor, mas enquanto Realidade além de todos os nomes.

A noção de santidade poderia evocar aquilo que Ele é no sentido de alteridade radical e incomparável. Todos os nomes conhecidos de Deus – infinito, intemporal, inefável, incriado – são termos comparativos, eles dizem aquilo que Deus não é: não finito, não temporal, não criado etc., mas não aquilo que Ele é. Santificar este Nome além de todo nome é respeitá-lo em sua alteridade e santidade, não compará-lo a nada, não fechar seu espírito e seu coração sobre nada de conhecido ou de cognoscível.

A adoração é o oposto da idolatria e da ideologia, ela situa a inteligência e o coração do homem no Aberto, ela o torna livre de tudo, mesmo do Deus concebido de maneira demasiado humana ou demasiado religiosa. É nesta “vacância” silenciosa que o Real “além de tudo” é santificado. Este ato de adoração é um ato político, revolucionário, ele afirma, na cidade, a presença de uma realidade que a transcende, de um Real que não se deixa fechar no espaço e no tempo, no Ser para a morte.

É por esta razão que em todas as sociedades, os adoradores e os “extáticos” são perseguidos, eles contestam o poder dos todo-poderosos, suas leis e seus modos de vida, eles lembram ao ser humano a presença de uma outra dimensão do Real, de uma outra Consciência, de um todo outro Amor. Eles dão testemunho do Santo, eles santificam e encarnam “o Nome sob todos os nomes”, eles escapam de todos os rótulos e de todas as tentativas de domínio.

### *11. Jacinto – “Confia nele – que seja feita a sua vontade.”*

Saber que Deus é, e que Ele está além de tudo, ainda não é confiar nele, ainda não é abandonar-se a Ele. Poderíamos pensar que há um longo caminho a percorrer entre “conhecer Deus” e “amar Deus” e, no entanto, não podemos conhecer Deus sem amá-lo, já que conhecer Deus é conhecer o Amor e só podemos conhecer o Amor amando. Confiar na Vida é relaxar todo seu corpo no movimento e no Sopro da Vida que se dá.

A confiança neste nível, assim como nos outros, quando falamos de confiar em si mesmo e confiar no outro, é novamente um exercício de descontração. Confiar no sol para que o nosso gelo derreta, que ele escorra como água viva, confiar ainda mais, para que um dia a água viva se evapore e “reencontre” seu céu.

Esta confiança no desconhecido, naquilo que nos tornaremos, também é aquilo que chamamos de fé. A fé, ou seja, a adesão corporal, afetiva, intelectual àquilo que é, àquilo que era, mas também àquilo que vem, àquilo que chega, ao Desconhecido que jamais se faz esperar já que ele está sempre presente, mas sempre incógnito, como aquele que caminha com os peregrinos de Emaús um dia após a Páscoa.

Apenas este ardor, esta “queimadura no coração” nos permite reconhecê-lo, em seguida vem aquilo que “queima a queimadura”. Não se trata sequer de nos abandonarmos ou de confiar, já que não há mais “eu” para se abandonar ou confiar.

Apenas permanece aquilo que era, que é, que virá.

Pode ser que sua vontade não se cumpra. Que onda pretenderia impor sua vontade ao oceano? Qual espuma insensata “quereria” voar para fora da sua onda? O livre-arbítrio nos foi dado para que a espuma cole livremente à sua onda e jamais se separe do Todo.

*12. Ametista – “Não faça obstáculo ao Amor, deixa Deus ser Deus em ti.”*

Que seja feita a sua vontade e deixar Deus ser Deus em nós mesmos, é a mesma coisa, é deixar que o Amor se faça, querer aquilo que ele quer, ser aquilo que ele é.

“Aquilo que tu és, Eu o sou, aquilo que fazes, eu o faço.”

Quando entramos nesta consciência, nossa pedra, nossa matéria tem a transparência da ametista. Ela tem a cor do seu sangue.

“Não sou mais eu quem vivo, é o Cristo que vive em mim.”

O que dizer depois disto?

É o Reino do Amor que vem através das formas finitas e limitadas que nós somos. Nós lhe dizíamos “vem”, o Espírito e a Esposa juntos... e “Eu” está ali desde sempre e para sempre. Sua presença aguarda este Instante onde nossos olhos se abrem àquilo que era, àquilo que é, àquilo que virá incessantemente; este instante onde o coração e a inteligência no Aberto não pedem mais sua abertura.

Tudo foi completado. Nada está terminado, o Amor continua em nós: “permanece e vai”, “de começo em começo rumo a começos que não têm

fim”.

Cuidar...



São João afirma que ele vê a nova Jerusalém “descer do alto”. Nós desenvolvemos o tema onde a nova Jerusalém se constrói a partir “de baixo” (conhecimento de si, aceitação, confiança em si, desapego de si mesmo, antes de reconhecer e amar o outro humano e o Outro Divino), aquilo que é a lógica de toda construção “natural”.

Construir a partir do alto uma vida nova e um mundo novo, isso supõe que:

A primeira pedra, a pedra fundamental, seja a ametista (12). Fazer a experiência do “Eu sou” (YHWH) em mim e eu “nele”. É o amor participação (aquilo que também chamamos de graça: a graça da nossa união e unidade com Deus).

Desta experiência decorre:

A confiança em Deus, o abandono do nosso ser a Seu Ser, da nossa vontade à sua vontade; jacinto (11).

Este abandono é também elevação e abertura do meu ser finito ao Ser infinito – adoração; crisópraso (10).

Reconhecimento da sua presença a cada instante, pois sem Ele, o Ser que me faz ser, eu não sou; topázio (9).

Este reconhecimento, esta adoração, este abandono, esta unidade na Presença “Daquele que é o Ser que Ele é”, esta consciência de ser “Eu sou” é consciência de ser “com” (Emanuel: “Deus conosco”); ela pode me libertar do medo e do julgamento e me tornar capaz de amar o outro como ele é com consciência.

Eu posso lhe ser fiel: berilo (8);

Posso confiar nele: crisólito (7);

Respeitá-lo: sárdio (6);

Reconhecê-lo em sua diferença, saborear e apreciar esta diferença: sardônica (5);

A consciência de ser “Eu sou” voltado para o Pai (*pros ton théon*) e “com” os outros no Amor, faz com que eu seja:

Leve e desapegado: esmeralda (4);

Confiante: calcedônia (3);

Humilde: safira (2);

Conhecer-me em meus limites sem me fechar neles: jaspe (1).

Posso agora, humilde, confiante e desapegado, abrir-me ao outro e cuidar dele, reconhecê-lo em seus limites, aceitá-los, respeitá-los, fazer-lhe confiança e ser fiel aos contratos que estabelecemos entre nós.

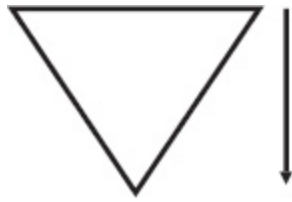
Nesta harmonia comigo mesmo e com o outro, eu acolho e reconheço a Presença do Ser, eu o adoro e eu me abandono a ele, tornando-me a cada dia um pouco mais “um” com ele na consciência de ser “Eu sou”; acontece então a Realização, o desvelamento: *Apocalypsis Iesou Christou*, a Revelação, o Apocalipse de Jesus Cristo, Ele em mim, eu nele.

Assim, junto ao movimento ascendente (imane) da construção da nova Jerusalém



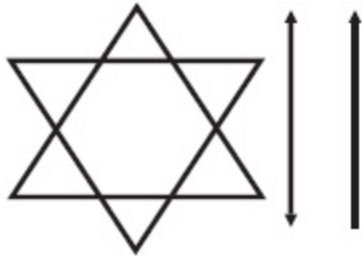
Pirâmide do eros,  
O humano voltado para Deus

Seria necessário lembrarmos o movimento descendente (transcendente) desta construção:



Pirâmide do ágape,  
O divino voltado para o humano

Sabendo (*gnosis*) que a síntese deste duplo movimento é a Realização que permite a vinda do “Anthropos” em tudo, em todos.



Pirâmide do terrestre e do celeste,  
ou selo de Salomão  
(*Shalom*, a Sabedoria e a Paz) *Yerou-Shalaim*

O Apocalipse de São João nos lembra que a construção de um mundo novo começa pelo pedido do Espírito Santo: “vem”!

É o Espírito Santo que nos faz descobrir a presença de Yeshua (YWHW conosco – Eu Sou). É nesta Presença que nós podemos viver todas as coisas novas à luz do Cordeiro (o coração, o amor) que ilumina e apazigua nossos quatro viventes ou quatro funções: a razão, a intuição, o sentimento, a sensação (homem alado, águia, leão, touro) e nos liberta do predomínio e do império do Dragão (Satã/*Shatan*, o ego deificado, a vontade de poder).

O Dragão opera através da perversão dessas quatro funções (cavaleiros branco, vermelho, negro e verde) que conduzem ao domínio, à guerra, à fome, à morte.

O mundo, como São João o via e como o vemos hoje em dia, caminha em direção à sua perda e seu aniquilamento (“*O que sobrará de ti, ó Babilônia a grande, a orgulhosa?*”).

O que sobrará de nós se não abrirmos nosso coração, nossa inteligência e todos nossos sentidos Àquele que em nós é maior do que nós, mais vivo, mais amoroso, mais inteligente, mais livre...?

Amém! “Vem Senhor Jesus”

Sim, eu venho

“Eu sou” está aqui, próximo no instante...

*O on, o èn, o erkomenos,*

Ele era, ele é, ele virá.

## As últimas palavras

Quando chegamos às últimas palavras do Apocalipse, talvez tremam nosso coração e nosso espírito; estas são as últimas palavras da Bíblia – será esta a última palavra de Deus? Será que o Espírito vai recapitular nesta página derradeira todo seu propósito? *Ipsissima vox* – como traduzi-la, interpretá-la, “sem nada acrescentar, sem nada omitir” (Ap 22,18-19) como a estrela radiosa da manhã; é o próprio Yeshua quem nos pede isso.

O Livro do Gênesis abre-se por este imperativo criador: “Seja!” e a luz, os astros, a terra e tudo aquilo que vive e respira, homem e mulher incluídos, com sua consciência e sua inconsciência, são.

Seja! Assim deveria o homem responder a esta palavra criadora: “Eu venho / Eu sou” ali está toda a sua obra, todo seu futuro, ele deve ser e tornar-se aquilo que ele é, vivente, consciente, amoroso, livre. Ele deve colocar sobre a terra o Ser que lhe é dado, o Ser que ele é. Realizar isto é a sua missão. Perceber que “Eu sou” está em tudo e em todos é a plenitude (*pleroma*) prometida.

O Livro do Apocalipse termina por um outro imperativo criador. Desta vez é o homem quem o pronuncia (ou mais exatamente, o “Sopro e a Noiva” nele (Ap 22,17)):

“Vem!”

Se a resposta do homem ao “Seja” primeiro demorou a chegar, serão necessárias toda a evolução e toda a história da humanidade para que um homem entre nós ouse dizer: “Eu sou / eu serei” sabendo que está ali o próprio Nome de Deus: “Ele era, Ele é e Ele virá”.

A resposta do Ser que é o que Ele é e daquele que o encarna em nosso espaço tempo não demora a vir:

“Sim, eu venho” (Ap 22,20) e mais precisamente: “Eu venho agora mesmo, agora, no instante” (*erkomai také*).

A mulher e o sopro respondem imediatamente ao anúncio desta vinda iminente por um novo:

“Amém, venha, Adon Yeshua.”

É desta maneira que acaba o Livro do Apocalipse e com ele toda a biblioteca hebraico-cristã, através deste diálogo amoroso que todos os apaixonados ou esposos podem reconhecer: “Venha! – Sim, eu venho”, e essas palavras são pronunciadas no sopro conjunto do enlace. Nas páginas precedentes não falávamos de bodas, as bodas do Cordeiro? Eis que chegamos ao momento em que se realiza a dupla concordância: do Ser na manifestação e da manifestação no Ser que ela manifesta.

“Eu em vós, vós em mim” disse Yeshua em seu Evangelho.

“Seja!” Eu sou/eu serei.

“Venha!” Eu venho/eu virei.

Esses dois imperativos criadores expressam o único mandamento que atravessa toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse:

“Desfrute”<sup>79</sup>.

Isso é pedido ao ser humano desde o início do mundo, desde o dia do seu nascimento:

Seja! “Desfrute do Ser que te faz ser, que te faz viver, pensar, amar...

Se tu vivesses o Dom de Deus! (ou: “Se tu conhecesses o Dom de Deus!<sup>80</sup> Conhecer no sentido bíblico do termo: fazer apenas um”).

“Eu quero desfrutar em ti” – estas palavras poderiam ser as de YHWH que interpela ao longo de todas as escrituras os seres humanos:

Por que não queres “vir” desfrutar de “Eu sou”?, ou seja, de ser Um com o Ser que Ele é.

Nós podemos dizer essas palavras, ousar o termo “desfrute”, “gozo”, que para alguns parecerá mal-aplicado ou difícil de digerir, mas não devemos nos confundir, não se trata de “gozar de algo ou de alguém” no sentido de possuir, de se apropriar, de reduzi-lo a um objeto de gozo, já que este tipo de comportamento é denunciado ao longo de toda a Bíblia e do Livro do Apocalipse como idolatria ou abominação das abominações, destinado ao desmoronamento e ao infortúnio. Não somos chamados a gozar ou desfrutar de um “objeto cobiçado”, seja ele de ordem material, carnal, psíquica, intelectual ou espiritual.

Fazer de uma ideia ou de um Deus um objeto de desejo, é sempre um ato de cobiça, um desfrute dependente de “algo”. No final, o Livro de João nos

pede para desfrutarmos não de um objeto, mas da graça, a graça que, justamente, não é nada de conhecido, nada de compreensível, a graça que é *no-thing*, “não uma coisa”.

A Mulher e o Sopro dizem:

“Vem/seja!”

Que aquele que quer (o desejo), diga: “vem!”

[...]

Que o homem de desejo receba a água da vida gratuitamente!

(Ap 22,18).

Basta querer, desejar a graça?

“Sim, Amém”, responde Yeshua no Livro de João.

“Ela está ali, ela vem em direção àqueles que a chamam”, ou seja, que se abrem à sua Presença. A intensidade do nosso chamado (e do nosso desejo) é o que amplia nossa abertura fundamental, nossa “capacidade de Deus”.

A graça está aqui, ela vem, mas o que é a graça, esta água de vida que corre em nossas veias e em tudo aquilo que vive e respira “gratuitamente”?

Ela não é nada daquilo que se possa “comprar ou vender”; o Apocalipse nos preveniu: não são os ricos, os poderosos, sua política e seu comércio que poderão se apropriar dela.

Ela também não é nada daquilo que se possa capturar, prender e compreender, nada de conhecido, nada de cognoscível.

“O que é isso (*man’hou*)?” temos vontade de dizer junto com os hebreus no deserto quando eles descobrem o “maná”<sup>81</sup>.

Descobriremos que aquilo que é desejado não é um “objeto”, de prazer ou gozo. Existiria um “gozo”, uma alegria sem objeto?

Não seria a Vida que experimenta a si mesma, a Consciência da própria Consciência, sem ideias, sem imagens, sem representações?

Não é o “Eu” que descobre o “Eu sou” no mais íntimo de si mesmo?

“Ele em mim, eu nele.”

Um único Eu sou?

Um sem confusão e sem separação.

Eu era – Eu sou – Eu virei:

Eu vim.

“Eu vim para que vós tenhais vida em abundância.”

“Eu vim para dar testemunho da Realidade”, nos diz ainda o Evangelho de João.

“Eu vim para que vós sejais Eu sou”<sup>82</sup>.

A graça da Presença está em todos, salvo naqueles que não “deixam vir” aquele que vem, que não deixam correr neles o rio, a fonte da vida.

É uma “boa-nova” (*evangelion* em grego). Todas as catástrofes anunciadas não nos impedem de saborear sua presença, caso tenhamos em nós este desejo, esta vontade que diz: “vem” ao Ser que está aqui, à vida que está aqui já que nós ainda estamos vivos e enquanto ainda estivermos vivos, nós poderemos celebrar, pois ela está aqui, no Instante. O Aleluia (*Hallelou – Yah*), que é o refrão de todos os cantos do Apocalipse, quer dizer: “Louvor ao Ser que está aqui, a YHWH o Presente, a vida que vem incessantemente em nós...”

Aleluia!

“Louvor, honra, glória ao humilde amor (o Cordeiro)!” Quem já compreendeu isto? E estas são as últimas palavras do Apocalipse e de toda a Bíblia.

A graça (*charis*) de Yeshua “Aquele que É Eu sou”, o *Kurios* – o *Adôn*, o Eterno vivente, o Ressuscitado; esta graça que é a sua presença real está “em tudo e em todos” (*meta panton*). Graça que não é “nada do Tudo cuja causa é ela”, ninguém escapará dela, não é uma ameaça (já há o suficiente), é uma bênção; não é a morte, é esta bênção que terá a última palavra.

Sim, tudo é absurdo, tudo é graça.

“Sim – vem!”

“*Hallelou Yah!*”

---

14. YHWH pronuncia-se: *Yod He Vav He*.

15. “Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.”
16. cf. Prólogo de São João.
17. LÉVINAS, E. *Autrement qu’être ou Au-delà de l’essence*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1974, p. 187.
18. *E a glória do Senhor repousou sobre o Monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; e ao sétimo dia chamou a Moisés do meio da nuvem.*
19. *E então verã vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória.*
20. *E desceu uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu filho amado; a ele ouvi.*
21. *E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos.*
22. *Então o Senhor apareceu na tenda, na coluna de nuvem; e a coluna de nuvem estava sobre a porta da tenda.*
23. Cf. LELOUP, J.-Y. *O Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes.
24. “Então alguns que tinham descido da Judeia ensinavam assim os irmãos: Se não vos circuncidardes conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos.”
25. “[...] elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, e Prócoro, e Nicanor, e Timão, e Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia” [N.T.].
26. Philon de Alexandria: filósofo judeu que viveu no século I da era cristã, educado na tradição grega e Flávio Josefo, historiador judeu que escreveu “A história dos hebreus” [N.T.].
27. “E Israel deteve-se em Sitim e o povo começou a prostituir-se com as filhas dos moabitas. Elas convidaram o povo aos sacrifícios dos seus deuses; e o povo comeu, e inclinou-se aos seus deuses. Juntando-se, pois, Israel a Baal-peor, a ira do Senhor se acendeu contra Israel” (Nm 25,1-3). “Eis que estas foram as que, por conselho de Balaão, deram ocasião aos filhos de Israel de transgredir contra o Senhor no caso de Peor; por isso houve aquela praga entre a congregação do Senhor” (Nm 31,16) [N.T.].
28. “E aconteceu que à tarde subiram codornizes, e cobriram o arraial; e pela manhã jazia o orvalho ao redor do arraial. E quando o orvalho se levantou, eis que sobre a face do deserto estava uma coisa miúda, redonda, miúda como a geada sobre a terra. E, vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? Porque não sabiam o que era. Disse-lhes pois Moisés: Este é o pão que o Senhor vos deu para comer.” “E chamou a casa de Israel o seu nome maná; e era como semente de coentro branco, e o seu sabor como bolos de mel” [N.T.].
29. “O que foi é o que será: o que acontece é o que há de acontecer. Não há nada de novo debaixo do sol” [N.T.].
30. “E sucedeu que (como se fora pouco andar nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate) ainda tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi e serviu a Baal, e o adorou” [N.T.].
31. Em grego, *phila* :amor e *delphia*: golfinhos.
32. Maria Madalena ou Miriam de Magdala [N.T.].
33. “Este é aquele que vem após mim, que é antes de mim, do qual eu não sou digno de desatar a correia da alparca. Estas coisas aconteceram em Betabara, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando. No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Este é aquele do qual eu disse: Após mim vem um homem que é antes de mim, porque foi primeiro do que eu” (Jo 1,27-30).
34. Henry Corbin (1903-1978), filósofo e teólogo francês, estudioso do islamismo, professor da Sorbonne (Paris) e da Universidade de Teerã. Introduziu o conceito do *mundus imaginalis* no pensamento contemporâneo [N.T.].
35. *O Evangelho de Maria, Miriam de Magdala*. Petrópolis: Vozes.

36. O Real é um dos nomes de Deus, ou seria Deus um dos nomes do Real?
37. *Pessah* em hebraico: “páscoa”, que quer literalmente dizer “passagem”.
38. Referência a Gn 4,5: “Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e ele ficou com o semblante abatido”.
39. Referência a Mt 17,2: “E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz”.
40. Cf. as igrejas românicas cuja pedra angular é exatamente um cordeiro.
41. LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*.
42. Cf. prólogo do Evangelho de João.
43. Compreendemos então que o cavaleiro que monta o cavalo branco não pode ser o Cristo. Este sairá sem dúvida vencedor como o Cordeiro, mas não com o desejo de vencer e de dominar do Dragão.
44. Donatien Alphonse François, Marquês de Sade (1740-1814); aristocrata francês, político revolucionário, filósofo e escritor, conhecido pela sua sexualidade libertina [N.T.].
45. Paul Henri Thiery, Barão de Holbach. Ateísta, determinista e materialista, Holbach era um oponente da monarquia absoluta, da religião do estado e dos privilégios feudais. Holbach tentou provar com a sua vida que se podia ser virtuoso e ateu. Para ele, o ateísmo é um pré-requisito para qualquer teoria ética válida. A Religião, para ele, é baseada em dogmas e rituais inúteis e sem sentido, donde a ética se deve basear na utilidade social e na cooperação humana.
46. Referência à obra *L’Histoire de Juliette ou les prospérités du vice* (A história de Juliette ou as prosperidades do vício) publicada pela primeira vez em 1797. Esse livro serve de contraponto ao seu livro anterior, *Justine ou les malheurs de la vertu* (Justine ou os infortúnios da virtude), em que Justine, devido à sua virtude, obtém apenas injustiças e repetidas sevícias; Juliette, pelo contrário é uma ninfomaniaca amoral, cujos atos lhe trazem sucesso e felicidade. A publicação dessas duas obras levaram ao encarceramento do autor, por ordem de Napoleão, durante os últimos treze anos de sua vida [N.T.].
47. Termo criado pelo filósofo Heráclito para o conceito de que uma grande força em uma direção gera uma força no sentido oposto. Foi reformulado por C.G. Jung para ser aplicado ao inconsciente quando em conflito com os desejos da mente consciente [N.T.].
48. Eclesiastes [N.T.]
49. Ez 7,1-9: *Depois veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: E tu, ó filho do homem, assim diz o Senhor Deus acerca da terra de Israel: Vem o fim, o fim vem sobre os quatro cantos da terra. Agora vem o fim sobre ti, e enviarei sobre ti a minha ira, e te julgarei conforme os teus caminhos, e trarei sobre ti todas as tuas abominações. E não te poupará o meu olho, nem terei piedade de ti, mas porei sobre ti os teus caminhos, e as tuas abominações estarão no meio de ti; e sabereis que eu sou o Senhor. Assim diz o Senhor Deus: Um mal, eis que um só mal vem. Vem o fim, o fim vem, despertou-se contra ti; eis que vem. O maná vem para ti, ó habitante da terra. Vem o tempo; chegado é o dia da turbacão, e não mais o somido de alegria dos montes. Agora depressa derramarei o meu furor sobre ti, e cumprirei a minha ira contra ti, e te julgarei conforme os teus caminhos, e porei sobre ti todas as tuas abominações. E não te poupará o meu olho, nem terei piedade de ti; conforme os teus caminhos, assim te punirei, e as tuas abominações estarão no meio de ti; e sabereis que eu, o Senhor, é que firo.*
50. Sf 2, 2-3: *Antes que o decreto produza o seu efeito, e o dia passe como a pragana; antes que venha sobre vós o furor da ira do Senhor, antes que venha sobre vós o dia da ira do Senhor. Buscai ao Senhor, vós todos os mansos da terra, que tendes posto por obra o seu juízo; buscai a justiça, buscai a mansidão; pode ser que sejais escondidos no dia da ira do Senhor.*
51. “Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante.”
52. “E Esaú odiou a Jacó por causa daquela bênção, com que seu pai o tinha abençoado; e Esaú disse no seu coração: Chegar-se-ão os dias de luto de meu pai; e matarei a Jacó meu irmão.”

53. “Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu secreto conselho não entre minha alma, com a sua congregação minha glória não se ajunte; porque no seu furor mataram homens, e na sua teima arrebatarem bois. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel.”
54. “O insensato desafoga toda sua ira, mas o sábio a domina e a recalca.”
55. “O paciente dá prova de bom-senso; quem se arrebatava rapidamente manifesta sua loucura.”
56. “O homem iracundo excita questões, mas o paciente apazigua as disputas.”
57. “E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.”
58. “Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.”
59. “Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.”
60. “Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?”
61. “Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim.”
62. Eles dirão, por exemplo, que “o Absinto” mencionado pelo Apocalipse e que envenena as águas é traduzido em russo pela palavra “Tchernobyl” (cf. Ap 8, 10-11). Também vimos algo semelhante na descrição da bomba atômica.
63. A redenção de todos, justos e injustos, que é uma espécie de “juízo do juízo” feito pela misericórdia.
64. “Para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou.”
65. “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.”
66. No original em francês: “il ne se laisse pas “faire” – literalmente, “ele não se deixa fazer”. “Laisser faire” é uma expressão idiomática que indica uma atitude que consiste em não intervir [N.T.].
67. Cf. BRÜTSCH, C. *La clarté de l’Apocalypse* (A claridade do Apocalipse). Genebra: Labor et Fidès, 1966.
68. BAUDRILLARD, J. (1929-2007). *L’Echange symbolique et la mort*. Paris: Gallimard, 1976.
69. HEIDEGGER, M. *L’Expression de la pensée*. Paris: Gallimard, 1966, p. 35 [Questions III] [Trad. de André Préau].
70. MADRI: Biblioteca Nacional, V.T. 14.2 folio 236, verso.
71. Cf. MALLASZ, G. *Diálogos com os anjos*. Petrópolis: Vozes.
72. Op. cit.
73. *Les dialogues tels que je les ai vécus*. Aubier, 1984, p. 67
74. Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimos, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei. E oito dias depois estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco. Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. E Tomé respondeu, e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram (Jo 20,24-29).

75. Com relação à interpretação simbólica das pedras da Nova Jerusalém, cf. Marbodine (1037-1125), Alberto o Grande (1193-1280), o lapidário de Mandeville (Viena 1862) e mais recentemente Raphael Payeur (*Pierre et initiation*. Pedras e iniciação). Québec, 1994.

76. Pedra de toque: aquilo que serve para reconhecermos o valor de uma pessoa ou de uma coisa. Na origem, fragmento de jaspe utilizado para testar o ouro ou a prata.

77. “*Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos.*”

78. Martin Buber (1878-1965), filósofo e pedagogo. Sua obra-prima foi o livro *Ich und Du* (*Eu e tu*), publicado em 1923. O conteúdo do livro é tanto filosófico quanto teológico, pois o “Tu” eterno e absoluto é Deus. O livro insiste sobre a alteridade – o sentido do outro como “pessoa” (não existe “eu” sem “tu”) – dimensão absolutamente essencial à toda vida humana [N.T.].

79. Cf. LACAN, M.A. *Dieu n’est pas un assureur*. Albin Michel, 2010.

80. Cf. Jo 4,10: “*Jesus respondeu, e disse-lhe: Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva*”.

81. Maná, *man’hou* em hebraico, quer dizer: “O que é?” “O que é isso?”

82. cf. “Ali onde é/está Eu sou, eu quero que vocês também sejam/estejam” (Jo 17,24).

## ANEXO

# Simbolismo de algumas cores e números no Apocalipse de João

### **Cores**

Branco: mundo da luz e da ressurreição.

Negro: infortúnio e tristeza.

Vermelho: violência, guerra.

Verde (esverdeado): morte, decomposição.

Púrpura, escarlate: excesso.

### **Números**

Um: excelência, unidade.

Três: tempo limitado, período restrito.

Quatro: universalidade.

Seis: imperfeição, daí 666, o número da Besta, remetendo ao homem do sexto dia, inacabado. Ele não consegue se abrir à transcendência e ao repouso do sétimo dia, mas permanece fechado na sua autossatisfação, em seu “ser para a morte” (daí a repetição do número seis).

Sete: perfeição, realização.

Doze: remete às doze tribos e simboliza o novo povo. Os cento e quarenta e quatro mil (doze vezes dozes vezes mil) simbolizam esta perfeição do povo eleito.

Mil: multidão inumerável.

Mil anos: remete, ou ao primeiro reino do *Mashiah* antes do desfecho final e da sua derrota, ou a uma relativização do tempo, segundo a expressão do Salmista: “Mil anos são a teus olhos como um dia” (Salmos 10,4).

No nosso mundo submetido a intensas perturbações, as predições “apocalípticas” estão na moda. No entanto, será que o mais célebre apocalipse, o de João, que os profetas do infortúnio adoram invocar, tem como objetivo alimentar nossas angústias e nossas fobias?

Para Jean-Yves Leloup, a revelação daquilo que acontece, daquilo que virá, pode ser vista sob diferentes luzes e o Apocalipse de João nos convida a um olhar nem resignado nem aterrorizado diante dos acontecimentos. Ele situa a realidade atual e futura do mundo à luz de Deus e à luz do Cordeiro, visão ao mesmo tempo de justiça e de misericórdia. Ao invés de fazer do Apocalipse o anúncio de uma destruição niilista, é possível ler através do seu rico simbolismo a “revelação” da Realidade última: tudo desmorona, salvo a Vida.

Através de uma tradução inédita e de abundantes comentários sobre este texto fundamental da espiritualidade universal, Jean-Yves Leloup, a quem já devemos uma notável tradução do Evangelho de João e dos evangelhos apócrifos de Tomé, Felipe e Maria, faz-nos pousar um outro olhar sobre o mundo presente e por vir.

# REFERÊNCIAS

- ARMOGATHE, J.-R. *L'Antéchrist à l'âge classique – Exégèse et politique*. Paris: Mille et une Nuits, 2005 [Les quarante piliers].
- BAUCKHAM, R. *La théologie de l'Apocalypse*. Paris: Cerf, 2006.
- \_\_\_\_\_. *The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation*. Edinburgo: T & T, 1993.
- BEHAEGHEL, J. *Apocalypse: une autre Genèse*. Grâce-Hollogne: Mols, 1997 [Collection Autres Regards].
- BIANCHI, E. *Le monde sauvé – Commentaire de l'Apocalypse de Jean*. Paris: Lethielleux, 2004.
- BREDIN, M. *Jesus, Revolutionary of Peace*. Carlisle: Paternoster, 2003.
- BUEKENS, A. & DUMORTIER, F. *Catastrophes ou revelations? – L'univers des Apocalypses*. Bruxelles: Lumen Vitae, 2007.
- CHAUVIN, D.; CUVILLIER, É.; GÉLINAS, Y.-D. & PRÉVOST, J.-P. *Lire l'Apocalypse*. Paris: Du Cerf [Cahiers Evangile, Service Biblique et Vie].
- COMBLIN, G.B. *Le Christ dans l'Apocalypse*. Paris: Desclée, 1965 [Bibliothèque de Théologie: théologie biblique 3/6].
- DANIÉLOU, A. *Le destin du monde d'après la tradition shivaïte*. Paris: Albin Michel, 1992 [Collection Espaces Libres].
- DELEBECQUE, É. *L'Apocalypse de Jean: introduction, traduction, annotations*. Paris: Mame, 1992.
- DELORME, J. & DONEGANI, I. *L'Apocalypse de Jean – Révélation pour le temps de la violence et du désir I*. Paris: Cerf, 2010, cap. 1-11.
- DERRIDA, J. *D'un ton apocalyptique adopté naguère en philosophie*. Paris: Galilée, 1983-2005.
- DUBOIS, M. *Méditer l'Apocalypse de Saint Jean*. Bibliothèques Nationales du Québec et du Canada, 4<sup>o</sup> trim./2002.
- DUPONT, J. *Les trois apocalypses synoptiques*. Paris: Cerf, 1985.
- ELLUL, J. *L'Apocalypse: architecture et mouvement*. Genebra: Labor et Fides, 2008.
- FROMAGET, M. *Le symbolisme des quatre vivants – Ézéchiél, Saint Jean et la tradition*. Paris: Du Félin, 1992.
- GROSJEAN, J. *Lecture de l'Apocalypse – Traduction nouvelle et commentée*. Paris: Gallimard, 1994.
- HELOU, C. *Apocalypse de Jésus-Christ*. Paris: Cariscript, 1997.
- KELLER, C.-A. *Tu m'as fait prophète – Le ministère prophétique dans l'Ancien Testament*. Aubonne: Du Moulin, 1989.

- LAUBIER, P. *Quand l'histoire a un sens – À la lumière de l'Apocalypse*. Paris: Salvator, 2009.
- MARTIN DE VIVIÉS, P. *Apocalypses et cosmologie du salut*. Paris: Cerf, 2002.
- PRIGENT, P. *L'Apocalypse de Saint Jean*. Edition revue et augmentée. Genebra: Labor et Fides, 2000 [Commentaire du Nouveau Testament, deuxième série, XIV].
- SCHÜSSLER FIORENZA, E. *The book of revelation: Justice and Judgement*. Filadélfia: Fortress Press, 1985.
- TRÉDÉ, M. *Kairos: l'à-propos et l'occasion (le mot et la notion, d'Homère à la fin du IV<sup>e</sup> siècle avant J.-C.)*. [s.l.]: Klincksieck, 1992.
- TRESMONTANT, C. [tradução e notas]. *L'apocalypse de Jean*. Paris: Oeil, 1984.
- YARBRO COLLINS, A. *Crisis and Catharsis: The Power of the Apocalypse*. Filadélfia: Westminster Press, 1984.